

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

IGREJA CATÓLICA E ADOLESCENTES URBANOS:

expectativas dos adolescentes em idade de confirmação da fé, em vista da construção de
um novo método de catequese crismal

PAULO FERNANDO DALLA-DÉA

DOUTORADO EM TEOLOGIA

Área de Concentração: Religião e Educação

São Leopoldo, abril de 06.

IGREJA CATÓLICA E ADOLESCENTES
URBANOS:

expectativas dos adolescentes em idade de confirmação da
fé, em vista da construção de um novo método de
catequese crismal

TESE DE DOUTORADO

por

PAULO FERNANDO DALLA-DÉA

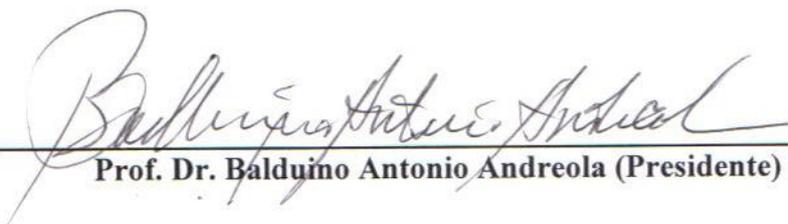
em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia

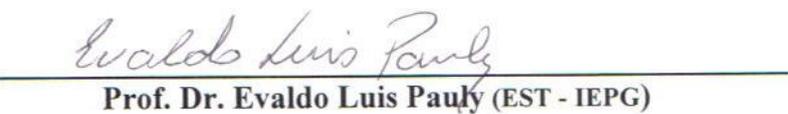
ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

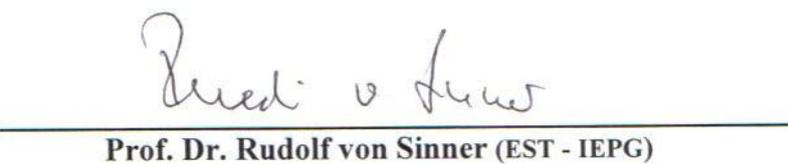
São Leopoldo, RS, Brasil.

abril de 06

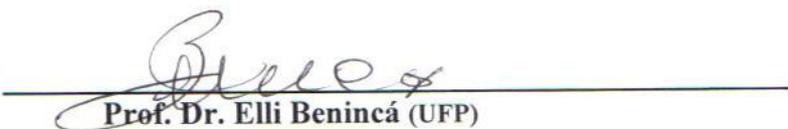
BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: 
Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola (Presidente)

2º Examinador: 
Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly (EST - IEPG)

3º Examinador: 
Prof. Dr. Rudolf von Sinner (EST - IEPG)

4º Examinador: 
Prof. Dr. Hilário Henrique Dick (UNISINOS)

5º Examinador: 
Prof. Dr. Elli Benincá (UFP)

DALLA-DÉA, Paulo Fernando. Adolescentes urbanos e igreja católica: expectativas dos adolescentes em idade de confirmação da fé, em vista da construção de um novo método de catequese crismal. *São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.*

SINOPSE

A presente tese trabalha com o problema da evasão dos adolescentes após a crisma. Em muitas comunidades a crisma tem sido o sacramento de despedida da Igreja. A partir de pesquisas teológico-bibliográficas e reflexões pastorais do pesquisador, a presente tese procura ouvir os adolescentes em dois níveis: os adolescentes que estão fora do engajamento eclesial, mostrando como eles vêem e querem que a Igreja trabalhe com eles, e adolescentes crismandos, comparando os resultados obtidos e propondo um método novo de catequese de crisma. O método novo atende às expectativas dos adolescentes, porque adiciona o lazer, a espiritualidade, a participação dos crismandos, uma leitura crítica da Bíblia, juntamente com um rompimento monitorado da família. E o faz através de uma ruptura monitorada com a religião transmitida pelos pais, ajudando o adolescente a amadurecer e fortalecer a sua fé, a fim de que permaneçam na Igreja Católica após a recepção do sacramento. Com a nova re-elaboração da fé a partir de um grupo de iguais e numa perspectiva mais crítica, os adolescentes têm chance de formar um grupo de jovens, engajando-se na comunidade eclesial. O método foi testado em uma paróquia da periferia de São Leopoldo e se mostrou eficiente, segundo depoimentos colhidos.

DALLA-DÉA, Paulo Fernando. Adolescentes urbanos e igreja católica: expectativas dos adolescentes em idade de confirmação da fé, em vista da construção de um novo método de catequese crismal. *São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.*

ABSTRACT

The present thesis deals with the problem of the evasion of the adolescents after the sacrament of confirmation. In many communities, the sacrament of confirmation has been the farewell sacrament of the Church. From theological-bibliographical research and pastorals reflections of the researcher, the present thesis looks for to hear the adolescents at two levels: the adolescents committed with ecclesial enrollment, showing how they see and want that kind of Church works to them; and catechesis' adolescents, comparing the gotten results and considering a new method of confirmation's catechesis. The new method takes care of to the expectations of the adolescents, because it adds the element leisure, the spirituality, the participations of the adolescents, a critical reading of the Bible, and it makes it through a monitored rupture of the religion transmitted by the parents, helping the adolescent to ripen and to fortify its faith, so that they remain in the Church Catholic after the reception of the sacrament. With the new rework of the faith from an equal's group and in a more critical perspective, the adolescents have possibility to form a group of young people, engaging themselves in the ecclesial community. The method was tested in a parish of the São Leopoldo's periphery and it has showed its efficiency, according to gathered depositions.

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	10
1. Quadro teórico.....	15
2. Procedimento Metodológico	17
3. Articulação lógica dos capítulos.....	18
4. Experiência pastoral do pesquisador.....	20
<i>Capítulo 1: Problemas de base na relação ICAR – adolescentes</i>	27
1.1. Confusão de linguagem e realidade	35
1.2. Opção pelos jovens e fundamentalismo pentecostal.....	42
1.3. Lógica da ruptura versus lógica da identificação.....	48
1.4. De uma oposição negativa (anarquismo) para uma oposição positiva (participação política).....	57
1.5. Bom-mocismo dos discursos eclesiais.....	62
1.6. Lógica linear para pessoas de pensamento não-linear	69
1.7. A hermenêutica do trabalho com adolescentes.....	71
<i>Capítulo 2: Conceitos básicos para o trabalho pastoral com adolescentes</i>	78
2.1. O conceito de inculturação.....	78
2.2. O adolecer da fé.....	88
2.3. A rebeldia adolescente	93
2.4. O método e a leitura bíblica	98
2.5. O discipulado de Cristo.....	106
2.6. Uma religião mais crítica.....	115
2.7. Um cristianismo humanizador.....	120
2.8. O sabor necessário.....	124
Resumindo.....	129
<i>Capítulo 3: Pesquisas com adolescentes fora do ambiente eclesial/eclesiástico</i>	132
3.1. A primeira pesquisa: adolescentes nas ruas.....	134
3.2. A segunda pesquisa: adolescentes em colégios	140
3.2. a) Qual a sua igreja? (igreja que participa?).....	141
3.2. b) Quais os pontos positivos da (sua) igreja?	144
ESPAÇO DE EXISTÊNCIA ECLESIAL	146
LITURGIAS E PREPARAÇÃO	146
IGREJAS E ORAÇÃO PESSOAL	148
LINGUAGEM LITÚRGICA E PARTICIPAÇÃO	149
MÚSICA E ADOLESCENTES	150
SOLIDARIEDADE COM OS POBRES	151
3.2. c) Quais os pontos negativos da sua igreja?	152
CLERO	152
ESTRUTURA GERAL DOS TEMPLOS	155
ESTRUTURA GERAL DA LITURGIA	156
PESSOAS	158
MORAL	159
CATEQUESE	161
3.2. d) O que você mudaria na sua igreja para que ela ficasse melhor?.....	162
ESTRUTURA GERAL DA IGREJA E DA COMUNIDADE	164
ESTRUTURA GERAL DA LITURGIA:	165
SERMÕES	168
CLERO	169

MORAL.....	170
CATEQUESE.....	171
ATIVIDADES.....	172
3. 2. e) A IGREJA É COMO.....	175
SÍMBOLOS ABSTRATOS E CONCRETOS.....	176
FAMÍLIA.....	179
EXISTENCIALISMO ADOLESCENTE.....	179
“PRA MIM IGREJA DEVIA ACABAR!”.....	180
AINDA O TEMPO.....	182
RECAPITULANDO.....	182
<i>Capítulo 4: Pesquisa com adolescentes da catequese de crisma.....</i>	<i>186</i>
4. 1. Critérios de pesquisa.....	186
4. 2. Elaboração dos questionários.....	191
4. 3. Questionário com adolescentes da catequese de crisma.....	193
4. 4. Os resultados da pesquisa.....	196
TABELA 1: NÚMERO DE JOVENS POR PARÓQUIA.....	196
TABELA 2: SEXO.....	198
TABELA 3: FAIXA ETÁRIA.....	199
TABELA 4: FAIXA DE RENDA.....	201
TABELA 5: PARTICIPAÇÃO DAS MISSAS.....	203
TABELA 6: PARTICIPAÇÃO EM OUTRAS REUNIÕES, EXCETO A CATEQUESE.....	204
TABELA 7: MOTIVOS DA PRESENÇA NA CATEQUESE DE CRISMA.....	205
TABELA 8: AS CELEBRAÇÕES DA COMUNIDADE.....	206
TABELA 9: ENVOLVIMENTO NAS CELEBRAÇÕES.....	207
TABELA 10: OS SERMÕES.....	208
TABELA 11: A MÚSICA NAS CELEBRAÇÕES.....	209
TABELA 12: O SERVIÇO SOCIAL DA COMUNIDADE.....	211
TABELA 13: A LIDERANÇA ECLESIASTICA.....	211
TABELA 14: A CATEQUESE EM SENTIDO GERAL.....	212
TABELA 15: CATEQUISTA.....	213
TABELA 16: DISCURSO OFICIAL SOBRE A SEXUALIDADE.....	214
TABELA 17: A IGREJA DOS SONHOS ADOLESCENTES.....	215
TABELA 18: REFORMAS NA INSTITUIÇÃO ECLESIAL.....	217
TABELA 19: CATEQUESE DE CRISMA – SENTIDO ESTRITO.....	218
TABELA 20: PÓS-CRISMA.....	219
TABELA 21: COMPROMISSO PESSOAL PÓS-CRISMA.....	221
4. 4. a. Adolescentes em livre expressão.....	223
GÊNERO DAS RESPOSTAS.....	223
GÊNERO E CONTEÚDO AS RESPOSTAS.....	225
ORIGEM E INTERESSE DOS ADOLESCENTES.....	226
4. 4. b) Um balanço do que foi achado.....	228
4.5. Defasagem entre as pesquisas fora do ambiente eclesial e a pesquisa com adolescentes da catequese.....	230
IDADE.....	234
PARTICIPAÇÃO NAS MISSAS.....	237
PARTICIPAÇÃO EM OUTRAS REUNIÕES FORA DA CATEQUESE.....	238
ENVOLVIMENTO CELEBRATIVO.....	239

SERMÕES.....	239
MÚSICA.....	241
SERVIÇO SOCIAL DA COMUNIDADE	242
LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA	242
GRUPO DE ESTUDO E GRUPO DE CONTROLE	243
<i>Capítulo 5: Buscas de novos caminhos.....</i>	<i>251</i>
5. 1. Experiências de construção de novo método.....	251
5. 1. a) Movimentos eclesiais.....	254
5. 1. b) Catequese de crisma da paróquia Santo Cura d’ Ars – Campinas – SP.....	255
5. 1. c) Dioceses de São Carlos – SP e Passo Fundo – RS.....	257
5. 1. d) Anglicanos	258
5. 1. e) Breves comentários.....	260
5. 2. Uma nova proposta de trabalho na catequese de crisma.....	262
5.2. a) <i>Modus operandi</i> : Retiros em vez de encontros.....	264
5.2. b) <i>Modus temporalis</i> : Periodicidade bimestral em vez de semanal	268
5.2. c) <i>Modus spatialis</i> : A ruptura controlada com o espaço da casa	270
5.2. d) <i>Modus discursivus</i> : O conteúdo deve aprofundar a vivência cristã	272
5.2. e) <i>Modus servientis</i> : O trabalho em grupo não deve ser tutelado	273
5.2. f) <i>Modus digestivus</i> : O alimento é uma forma de comprometimento dos pais.....	274
5.3. Esquemas de trabalhos dos retiros de crisma realizados em 2003-2004 na Par. Santo Inácio, S. Leopoldo – RS.	276
1º RETIRO DE PREPARAÇÃO PARA A CRISMA	278
2º RETIRO DE CRISMA.....	280
3º RETIRO DE CRISMA.....	282
4º RETIRO DE CRISMA.....	285
5º RETIRO DE CRISMA.....	288
5.4. Depoimentos sobre os retiros.....	290
<i>Capítulo 6: Concluindo sem finalizar</i>	<i>297</i>
<i>Apêndice 1: Transcrição das respostas qualitativas da pesquisa com adolescentes da catequese de crisma</i>	<i>305</i>
<i>Bibliografia final:</i>	<i>324</i>

Dedicatória

Dedico esta tese a todos os adolescentes que, mesmo não entendendo bem as razões e os motivos da Igreja, ainda assim não a abandonam e - num ato de corajosa revolta - continuam lutando para que ela se torne melhor.

Tenho visto poucos adolescentes destes, críticos da Igreja mas que - por alguma razão desconhecida ou pela Graça de Deus - não abandonaram a comunidade eclesial.

Espero que esta tese os ajude a perceber que o seu corajoso ato de rebeldia não foi em vão e que está nascendo um tempo em que se poderá multiplicar os adolescentes críticos e corajosos para que possam ensinar a Igreja que é preciso mudar para permanecer fiel ao que importa, o Reino de Deus.

Tenho encontrado pelo caminho alguns adolescentes assim, espero que não tenham se cansado e que possam continuar entusiasmando outros adolescentes para o Cristo e convertendo adultos para este trabalho de renovação da Igreja de Cristo.

INTRODUÇÃO

Adolescentes são pessoas em desenvolvimento e mudança. E uma das formas de desenvolvimento humano é a fé, aqui entendida segundo J. W. FOWLER. Por isso, a pesquisa de campo feita entre adolescentes de catequese crismal procurará sondar os conceitos e expectativas dos adolescentes com relação à Igreja Católica e à continuidade da sua permanência na Igreja após a catequese de crisma.

O problema enfrentado pela catequese crismal da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) é a continuidade destes adolescentes na comunidade após a recepção deste sacramento. Embora toda a literatura teológica fale da catequese crismal como sendo o sacramento da decisão e da maturidade na fé dos jovens, transformando-os em *sol dados de Cristo* na sociedade atual, o sacramento da crisma tem se tornado - na maioria das comunidades católicas - o sacramento da despedida de muitos jovens das fileiras eclesiais.

A presente tese quer investigar o problema e contribuir para estancar a sangria de novas lideranças representada na fuga de adolescentes das fileiras eclesiais.

A catequese crismal feita pelo método tradicional de encontros semanais não atinge os adolescentes porque não os engaja em um grupo, mas trabalha-os individualmente em uma

sala de aula, sem maiores interações e sem desenvolver compromisso comunitário ou social. Numa educação bancária e tradicional da fé, que não contribui para o engajamento destes na comunidade.

É preciso construir um novo método de trabalho que parta do individual da realidade em que vivem (capitalista e individualizante) para ir construindo um compromisso comunitário-social que os engaje na construção de uma Igreja profética, com relevância na sociedade atual.

O método proposto necessita romper com a realidade diária vivida pelos adolescentes e que possa dar oportunidades de pensar e agir de forma diferente, em que eles sejam também protagonistas do processo de crescimento de sua fé. Desta forma, se irão engajar os adolescentes em processo de confirmação de sua fé para a formação de novos grupos de jovens na Igreja.

O método deve ser testado a fim de examinar se ele engaja mais adolescentes do que o método tradicional de encontros semanais.

O foco do problema catequético da Igreja Católica deve ser os adolescentes urbanos. Eles devem ser sujeitos no processo de catequese e não objetos dele. É preciso ver as expectativas que eles têm ou que eles não têm e confrontar com uma nova proposta de catequese de crisma, que vise um engajamento nas comunidades eclesiais e nas paróquias, formando novos grupos de jovens a fim de renovar

as comunidades da ICAR e dar novas forças para a evangelização. Adolescentes urbanos têm um contexto diferente de adolescentes que foram criados e cresceram em meio rural. É preciso levar em conta a nova mentalidade desenvolvida neste contexto para trabalhar com eles. Esta realidade requer uma nova abordagem, com nova proposta de trabalho, segundo Luis Alberto GOMES DE SOUZA (2004), pesquisador do Centro de Estudos da Religião e Investigações Sociais - CERIS .

A pesquisa das expectativas dos adolescentes em processo de crisma vai ajudar a construir uma nova proposta de trabalho. De outra forma, seria apenas uma pesquisa de opinião para conhecimento do público em geral. Uma tese visa fazer ciência, resolvendo o problema pela forma mais racional e eficiente possível. Por isto, a pesquisa será apenas meio de construção de um novo método e de uma nova abordagem do problema, resolvendo o problema focado, que é o da evasão dos adolescentes crismados das fileiras eclesiais.

O problema do engajamento dos adolescentes é problema grave que deverá ser enfrentado. É preciso achar a chave da dificuldade atual para enfrentá-la com coragem e espírito científico, a fim de resolver o problema do não engajamento e da não permanência dos adolescentes nas comunidades eclesiais. Sem isto, a renovação das comunidades católicas não se fará e o futuro do catolicismo no Brasil passará por cenários incertos. E não se fará nenhum progresso com relação a dar espaço ao adolescente na Igreja. O

adolescente continuará sem ter cidadania eclesial reconhecida.

O método é importante na catequese que se usa para adolescentes. Com eles, o método infantil não pode mais ser usado, visto que rejeitam toda e qualquer redução de suas vidas e suas expectativas à infância, já que querem ser adultos e tentam se comportar assim. Usar o mesmo método das crianças para adolescentes tem-se mostrado improdutivo. Mesmo que eles não manifestem grande problema no início, suportando sem maiores problemas os encontros de catequese, ao final o resultado obtido será deixar tudo de lado para se desvencilhar da catequese infantil e da Igreja, que não lhes conseguiu ministrar algo melhor.

É um princípio básico que se deve falar a linguagem das pessoas com as quais se trabalha. A forma e o conteúdo não são irrelevantes. Adolescentes têm um pensamento muito acurado e uma sensibilidade bastante forte para sentir a defasagem entre o discurso usado pela catequese e o seu contexto de vida. Assim, se a catequese de crisma não disser algo relevante para o seu contexto vital, se não falar uma linguagem que eles entendam e se não usar um método adaptado a eles, será apenas tempo e esforço perdidos.

A temática da religião está em alta na atual sociedade pós-moderna. A própria prática religiosa se tornou, desde algum tempo, num "supermercado da fé", enriquecendo os prestadores de serviços individualizados e fragmentados de cura e pregação. Há público-alvo

diversificado no *marketing* da fé, onde tudo pode ser transformado em produto. O jovem e o adolescente são públicos-alvo de muitas destas manifestações religiosas. Eles têm problemas e expectativas distintas de outros grupos e precisam ser conhecidos, ouvidos e respeitados.

A ICAR tem sempre visto os adolescentes a partir de seu foco de pensamento (Teologia) e ação sobre eles (Prática Pastoral). Esta pesquisa visa olhar a Igreja Católica e sua ação *a partir da visão dos adolescentes sobre ela*, construindo a partir daí. A pesquisa procurará focar o avesso do pensamento oficial da igreja, vendo-a segundo os olhos, os conceitos e as necessidades deles.

Adolescentes sempre são vistos como população a ser evangelizada, sendo objetos de evangelização. Não sendo sujeitos, nem tendo direitos a ser protagonistas do próprio processo, a pesquisa vai procurar resgatar a voz e a palavra silenciada dos adolescentes.

Construir uma nova proposta de catequese crismal deve ajudar a sair do lamaçal em que muitos estão atolados, na prática pastoral de comunidades e paróquias. A catequese crismal tradicional de encontros semanais não engaja muitos adolescentes porque não os toma a sério como sujeitos e nem os ajuda a crescer na sua fé, fazendo-a mais crítica. A catequese tradicional de crisma está numa repetição dos conteúdos da catequese de primeira Eucaristia (DALLA-DÉA, 1999).

Mas a relevância deste estudo não é apenas institucional para a Igreja Católica Apostólica Romana, mas também para os adolescentes, que deverão ter método e conteúdo mais conformes à sua mentalidade e às suas necessidades, além de conseguirem um espaço maior e melhor para sua expressão de pensamento e para os seus encontros. O engajamento deles na comunidade eclesial abre um novo espaço de vivência e de manifestação próprias de sua subcultura.

1. Quadro teórico

A tese baseia-se especialmente na teoria de James W. FOWLER e seus estágios da fé. FOWLER baseou-se em estudos e conclusões de E. ERICKSON, J. PIAGET e L. KOHLBERG, além de seus próprios estudos e observações. FOWLER pôde mapear o desenvolvimento e os estágios da fé, identificando características comuns em cada estágio.

FOWLER trabalha o conceito de desenvolvimento da fé, mostrando que é obra de construção em etapas, sofrendo crises, recomposições e crescimento por toda a vida. Para que tal aconteça, a função mediadora da comunidade de vivência da fé (crença) é muito importante. O contato com as igrejas e com outras pessoas leva os adolescentes a formar um conceito da religião e de Deus, ajudando a passar ou a regredir de estágio de fé. Mapear qual o conceito que

os adolescentes têm de Deus, da religião e das igrejas¹ é importante para analisar a atuação pastoral e social das igrejas e a qualidade de sua presença entre os adolescentes. E, sobretudo, para perceber qual o efeito que isso está tendo na vida deles.

Mesmo tendo muita relevância acadêmico-teórica, a teoria de J. FOWLER não é suficiente para resolver o problema do engajamento dos adolescentes após a crisma. Ela não se presta a resolver os problemas práticos, sendo apenas uma classificação teórica bem elaborada do desenvolvimento do processo da fé². Mas se mostra bem limitada ao ser aplicada na resolução concreta de um problema complexo como este que tem várias facetas. Resoluções de problemas concretos humanos envolvem sempre caráter multidisciplinar global, que a teoria de FOWLER não tem a pretensão de cobrir. É preciso trabalhar com outras contribuições teóricas, conforme as necessidades da realidade prático-pastoral complexa que se tem em vista. O quadro de referência teórico de James FOWLER precisa ser completado com estas visões teóricas destes importantes teóricos para se poder olhar com acuidade para o problema em vista de sua solução de forma mais global.

¹ Embora se tenha dito *das igrejas* no plural, esta tese é sobre a ICAR. Outras teses e outros artigos científicos poderiam explorar o mesmo tema nas igrejas luterana, anglicana, etc. ter-se-ia um quadro mais plural e mais global da situação.

² Não se pode cair no academicismo de tentar reduzir a fé a um fenômeno puramente mensurável. Ela é dom de Deus, mas o seu desenvolvimento pode ser mensurável porque ela tem uma face que toca a vida da pessoa. É isto que se pode ver e sentir: é esta a parte que se pode fazer ciência.

Estarão elencados pensadores importantes para o contexto desta tese: Paulo SUESS, Paulo FREIRE, José COMBLIN, Dietrich BONHOEFFER, Jorge BORÁN, Rubem ALVES, Hilário DICK, Karl RAHNER, Andrés TORRES-QUEIRUGA fornecerão conceitos chaves e possibilidades de percepção do problema que irão ajudar na resolução do problema abordado.

2. Procedimento Metodológico

Nesta tese, vai-se trabalhar com a seguinte metodologia:

1. Pesquisa bibliográfica dos referenciais teóricos sobre o problema a ser trabalhado. O pesquisador parte das conclusões da monografia de mestrado para avançar na construção científica a ser feita neste texto.
2. Realização de pesquisas iniciais com adolescentes que estão nas ruas e praças para a percepção da problemática da linguagem e do atendimento das expectativas deles com relação à catequese de crisma e o seu relacionamento com a Igreja Católica Apostólica Romana.

3. Definição dos objetivos específicos e das perguntas do questionário a ser usado. Seleção de grupos de catequese e lugares relevantes para a aplicação dos questionários e tabulação dos resultados.
4. Comparação dos resultados das pesquisas iniciais com a pesquisa dos adolescentes em catequese.
5. Testagem da hipótese de trabalho com adolescentes de crisma em uma paróquia concreta da região metropolitana de Porto Alegre.
6. Redação das conclusões e da introdução.
7. Defesa para a banca de doutorado.

3. Articulação lógica dos capítulos

No primeiro capítulo abordar-se-á o problema da relação da Igreja Católica Apostólica Romana com os adolescentes pelo lado da prática pastoral, refletindo a partir da experiência prático-pastoral do pesquisador.

No segundo capítulo se refletirá através de conceitos teóricos e de pesquisas bibliográficas, feitas a partir das conclusões do pesquisador em sua monografia de mestrado (DALLA-DÉA, P. F., 1999) e das leituras e aprofundamentos teóricos para o doutorado.

No terceiro capítulo, se refletirá sobre as pesquisas feitas para sentir o problema. Como um Grupo de Controle, feito com o método de trabalho das ciências biológicas e sociais, foram pesquisados adolescentes que não estavam engajados nas fileiras eclesiais. Usou-se a abordagem de entrevistas rápidas, em metrô e ruas para se sentir a realidade dos adolescentes e a visão que eles têm da Igreja.

No quarto capítulo, se documentará a pesquisa com os adolescentes da catequese de crisma de paróquias de Porto Alegre e se comentará rapidamente os resultados.

No quinto capítulo se comparará os resultados das pesquisas anteriores, se verá as várias iniciativas para o problema apontado e se apresentará uma nova proposta de catequese de crisma, testada na Paróquia Santo Inácio, na periferia de São Leopoldo.

No último capítulo, olhar-se-á a caminhada feita, resumindo rapidamente o que foi visto e refletido e sintetizando em tópicos. Vendo-se o que é importante lembrar.

4. Experiência pastoral do pesquisador

Toda teoria tem um contexto e brota dele, referindo-se a ele e a ele servindo. Antes de começar a refletir e a registrar as reflexões e pesquisas feitas para que esta tese pudesse acontecer, gostaria de fazer uma pequena biografia intelectual e pastoral.

Nasci em uma cidadezinha do interior do estado de São Paulo, com 25.000 habitantes, em 1964. Embora os meus avós fossem agricultores, não tive mais do que esporádicas idas ao campo. Sempre fui muito ligado à leitura, as brincadeiras de rua e à televisão, que era um novo mundo que surgia. Enquanto eu crescia, a televisão se firmava. Quando adolescente, vivi o auge da danceteria e dos filmes de John Travolta.

Fui crismado aos 2 anos de idade, segundo a prática pastoral da época. Participava assiduamente da paróquia Divino Espírito Santo até que fiz a primeira comunhão, aos 9 anos. Então, sai da igreja e fiquei até os 16 anos fora da comunidade. Fui "reconquistado" pelo convite de um grupo de adultos que lia e interpretava a Bíblia nas casas. Daí, passei a entender melhor a Palavra de Deus, mesmo através das limitações de tempo, espaço e maturidade disponíveis a mim no momento.

Dei um passo e pedi para ser catequista de 1ª Eucaristia. Tinha, sem perceber, deixado de receber e passado a dar de minha fé. Precisei estudar, pedir ajuda e rezar muito, mas - no final de um ano - já tinha preparado a minha primeira turma de crianças para o sacramento da Eucaristia. No ano seguinte, fui ao seminário, porque queria dar mais de mim mesmo, sendo padre da igreja.

No seminário fui crescendo "*em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens*" (Lc. 2,52) como é de se esperar de uma pessoa em processo de crescimento/formação. Havia entrado em um seminário religioso e acabei saindo dele depois de dois anos e meio. Estava ainda imaturo na convivência comunitária.

Após um semestre de faculdade de Direito, voltei ao seminário para fazer o curso de filosofia. No Direito, participava de grupos de estudos da Pastoral Universitária. No seminário de filosofia (1985), fiz estágio em algumas comunidades e na Pastoral Catequética da diocese de São Carlos. Fui coordenador da Pastoral de Catequese e viajei por toda a diocese durante três anos, dando cursos de formação para catequistas.

Como padre (ordenação em 1992), continuei trabalhando na catequese das paróquias que trabalhei, sempre com o problema da evasão dos adolescentes de crisma. Percebi que - onde havia grupos de jovens atuantes - a evasão era bem menor. Eles se identificavam com outros adolescentes e jovens e permaneciam nas fileiras da comunidade, tornando-se pessoas ativas.

Isto aconteceu em Mineiros do Tietê (1992), em Novo Horizonte (1992), Ibitinga (1992), Matão e Américo Brasiliense (1996), Araraquara (1996) e Motuca (2000), só no estado de São Paulo. Também constatei isto em Acreúna, Paraúna, Turvelândia e São Luis de Montes Belos, todas cidades de Goiás, por onde passei alguns anos (1993-1996), numa experiência missionária. Também vi o mesmo fenômeno em Goiânia, embora de longe, porque lá não atuei diretamente em nenhuma paróquia.

Mas nas paróquias de Goiás, tentei uma solução diferente: em vez de fazer retiro logo antes da celebração do crisma, começamos fazendo retiro no início do ano. O fato produziu uma revolução na catequese de crisma. Os adolescentes passaram a ir para a igreja de forma nova: em vez de irem empurrados pelos pais e avós, iam porque queriam e ficam mais tempo na comunidade. Queriam mais atividades e grupos de discussão. A paróquia de São Benedito de Acreúna³ (GO), no ano de 1985, chegou a ter sete grupos de jovens, com participação massiva de adolescentes crismados e de adolescentes em processo de catequese crismal.

Os adolescentes cresceram em maturidade, em participação e em compromisso eclesial. Comecei a desconfiar que poderia ter pegado o "fio da meada" da solução. Fui estudar no ITEPAL (1996), na Colômbia, instituto teológico ligado à Conferência Episcopal Latino

³ Sudoeste de Goiás, região de plantação de soja para exportação e de gado de corte. A cidade tem cerca de 30.000 habitantes e é a maior numa área de 100 km.

Americana (CELAM) e comecei a gostar da reflexão acadêmica sobre a prática, nos moldes da Teologia da Libertação.

Após isto, voltei ao Brasil e fui fazer mestrado na UNIFAI, em São Paulo. Em conversas e reflexões com o Dr. Jorge Borán, fiz um projeto de estudo sobre a análise da proposta catequética dos manuais de catequese crismal. Descobri, ao final de dois anos, que os manuais de catequese crismal publicados naquele ano não tinham proposta concreta para os adolescentes que estão terminando a catequese de crisma.

Neste tempo, já tinha voltado minhas atenções teóricas e práticas para a Pastoral de Juventude, segundo as orientações e conversas com meu orientador J. Borán. Refletíamos que deveria haver um método que se preocupasse a fazer a ponte entre a catequese de crisma e a nucleação de novos grupos de jovens. Estava fora da minha diocese, agora morando em Campinas, estudando em São Paulo e sendo assessor da Pastoral da Juventude, Forania Nossa Senhora Aparecida. Também nesta época, via adolescentes querendo participar da igreja, mas a igreja sem projeto de trabalho e de engajamento com eles.

Com os catequistas da paróquia que trabalhava, aplicamos a metodologia de fazer retiros no início e no meio do ano, o que resultou em uma participação e num engajamento muito bons. Passamos a adotar o método de trabalho desde este ano (1997), o que resultou numa

participação maciça de adolescentes na paróquia⁴ e num aumento exponencial de lideranças. Encontros semanais aconteciam separados por comunidades e mensalmente havia um encontro de todas as comunidades. Duas vezes por ano, havia uma gincana, com a participação de crismandos inclusive na organização das regras. Os adolescentes de um ano, passaram a ser monitores de crisma no ano seguinte e a se despertar para grupos de teatro, liturgia, ação social e outras atividades eclesiais.

Após o mestrado, assumi uma paróquia por dois anos (2000-2002), a pedido do meu bispo. Era uma paróquia de 3.000 habitantes, com quatro assentamentos de reforma agrária, a matriz e uma capela rural. Tinha que me ocupar de toda a organização paroquial, porque eu era o primeiro pároco: desde a mobília da casa paroquial (ainda incompleta), passando pela organização financeira, pela organização pastoral e litúrgica, pela reforma do espaço sagrado (quase em perigo de ruir), etc. Passado este período, voltei à pesquisa acadêmica a fim de procurar a fundamentação teórica e prática do problema a ser enfrentado no doutorado (2002).

Esta tese é agora resultado de todo este processo, feito de tentativas práticas e de pesquisa teórica, num processo lento (1984 - 2002) mas contínuo e crescente. Não

⁴ Paróquia Santo Cura d'Ars, divisa entre Campinas e Valinhos. Periferia da cidade metropolitana, com moradores de classe média baixa e população de 80.000 habitantes e 15 comunidades, na época. O Pároco era o Pe. Pedro Piacente, diocesano.

me baseei em hipóteses de trabalho fora da realidade que eu trabalhei.

Os fatos, com conotações e matizes diferentes, me diziam que era preciso que eu - como agente pastoral e como pesquisador científico me perguntasse seriamente sobre a possibilidade de resolver o problema do engajamento dos adolescentes na Igreja. Já que a estrutura eclesial da Igreja do Brasil não tinha isto claro e que os manuais de catequese de crisma não davam nenhuma pista, era preciso ir desenvolvendo a teoria a partir da prática, assim como havia aprendido com o Dr. Jorge Borán.

Foi vendo com clareza a minha própria história e confrontando com as pesquisas acadêmicas e com as sondagens que ia fazendo ao longo do doutorado que fui percebendo o que seria necessário para fazer ciência. Resolvi testar o método e achei a oportunidade na paróquia Santo Inácio. Uma paróquia também de periferia e com muitos problemas, especialmente de participação de adolescentes. Quando já havia assentado intelectualmente a pesquisa, fiz a proposta para um grupo de catequistas. Como não esperava que isto fosse fazer parte integrante da tese (como depois se mostrou necessário) pouco documentei a respeito, só o fazendo *a posteriori*, o que sem dúvida acabou se tornando uma limitação. Uma documentação mais pormenorizada mostraria bem melhor a diferença que este método faz nas pessoas a curto prazo e na comunidade a médio prazo. E na Igreja como um todo, a longo prazo.

Ficou um pouco longa a minha biografia. Sem este contexto, a teoria corre o risco de se tornar apenas jogo de cena para a apresentação de uma proposta que parece apenas ser mais uma. Não é mais uma, é uma proposta que tem o mérito de ser relevante para o que se propõe. Mas deixo ao leitor que julgue por si mesmo, quando acabar de ler esta tese. Afinal, a autonomia de ação e de pensamento do discípulo de Cristo é requerida nos tempos atuais como exigência básica de pertinência na relação Igreja - sociedade.

Capítulo 1: Problemas de base na relação ICAR – adolescentes

A piada dos morceguinhos⁵, tão propalada nos meios eclesiais, apenas mostra a fenomenologia do problema de relacionamento entre a Igreja (instituição eclesiástica) e os adolescentes urbanos. Os adolescentes só estão esperando a oportunidade de serem crismados (sic!). Isso é o que diz

⁵ Três padres estão conversando entre si sobre o problema dos morcegos que atrapalham a suas comunidades na celebração da missa. O primeiro diz:

- Não sei mais o que fazer, já tentei de tudo: luz no forro, contratação de pessoal especializado para a eliminação dessas pragas, já andei até atirando neles, mas só consegui quebrar as telhas da igreja...
- Também não sei mais o que fazer. Já tentamos de tudo! Diz o segundo, desconsolado.

O terceiro padre, entrando na conversa, diz:

- Como vocês são ingênuos! Eu já resolvi isso lá na minha comunidade. Um dia desses, coloquei túnica e estola, chamei todos os morceguinhos. Batizei e crismei a todos. Eles foram embora e não mais me atormentaram...

a piada, *di scurso i nformal e forma de expressão da opinião de muitos* na igreja.

O pesquisador, pela sua experiência pastoral já relatada na introdução, constata que a crisma será a cerimônia de despedida de muitos⁶. Mas por que isso *tem que ser* assim? Ou melhor, por que *é* assim? A piada mostra o seu lado cômico ao saltar da lógica dos morcegos para a lógica humana, justamente quando mostra o seu lado perverso. Adolescentes também *atrapalham* as celebrações eclesiais? Qual o relacionamento do clero (pelo menos parte dele) com os adolescentes? O que se poderia fazer para melhorar a prática da Igreja Católica a fim de evitar a evasão dos adolescentes de suas fileiras eclesiais?⁷

O clero, embora seja um conceito plural e coletivo, não é uniforme. Não se pode iludir que o clero seja um conceito sólido e sem rachaduras; muito pelo contrário: no conceito cabem os mais diversos tipos de padres (e pastores). Há uma gama muito grande de tipos, personalidades, opções teológicas e políticas envolvidas

⁶A CNBB fez um estudo sobre o tema, mas não o publicou, ficando apenas no âmbito interno. O Centro Catequético Diocesano da Diocese de Osasco, em seu *Livro da Crisma* (pág. 3-6) fala da pesquisa e das motivações dos adolescentes para fazer a crisma. Na página 4, diz que são 70% os que acabam a preparação de crisma (ou seja: são crismados), mas não diz nada sobre o índice de perseverança *pós-crisma*.

⁷ No relatório do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais - órgão ligada à CNBB) mostra que, nas regiões metropolitanas do Brasil, a percentagem entre não-católicos é maior do que entre católicos entre 18 a 25 anos. (DE SOUZA & FERNANDES, 2002, p. 36-37). O estudo não fala especificamente dos adolescentes, mas aponta uma tendência de que quanto mais jovem, menor é o número de católicos na população pesquisada.

por debaixo do coletivo *clero*. E essa não é uma posição contemporânea surgida a partir do Concílio Vaticano II. Já muito antes havia tipos diferentes e diferentes posições teológicas no clero, se bem que a partir do Concílio isso ficou bem mais explícito por causa da liberdade de expressão e ação que o Concílio Vaticano II proporcionou na Igreja.

Também não se pode falar de adolescentes ou jovens (conceitos diferentes) a partir de um conceito coletivo sem questionamento. Não há um *tipo padrão* de adolescente ou de jovem. Apenas a mídia eletrônica tem esse tipo padrão para efeito de vendas de produtos.

Jovens de classe média ou alta não têm os mesmos sonhos, comportamentos ou perspectivas de vida do que jovens de classe baixa ou pobre. Pode-se estar na mesma faixa de idade, mas as condições materiais de vida são diferentes, resultando em padrões muito distintos. E não é só isso: mesmo jovens de mesma faixa etária e classe social formam *tribos*⁸ diferentes, segundo muitas outras variantes.

⁸ Significado dado pelo dicionário Aurélio eletrônico, consultado pela internet (<http://www.uol.com.br/aurelio>, 24/03/2003.):

“Tribu. [Do lat. tribu.] S. f. 1. Cada uma das partes em que se dividiam algumas nações ou povos antigos, ger. com um território e algum tipo de chefia, e com atribuição de um ancestral comum. 2. Restr. Cada uma das doze subdivisões do povo hebreu, descendentes, segundo os relatos bíblicos, dos doze filhos do patriarca Jacó (Israel) e que ocuparam Canaã (atual região da Palestina), provavelmente na segunda metade do 2º milênio a.C. 3. Restr. Nos primórdios da antiga Roma, cada uma das três divisões políticas dos cidadãos patrícios: Ramnes, Titii e Luceres. [Tb. designa cada uma das 30 (posteriormente, 35) divisões, ou cúrias, dos cidadãos plebeus.] 4. Qualquer povo, ger. não-letrado, unido quanto ao território, língua, cultura e instituições sociais: tribos indígenas; terras e tribos exóticas. [Este emprego não antropológico

Mas essa já é uma discussão da antropologia urbana e que ultrapassa o limite desta pesquisa.

Ao falar de moda masculina, Glória KALIL (1998, p. 23) faz em seu livro a distinção entre tribos urbanas⁹,

do termo é muitas vezes criticado, por trazer conotação pejorativa, que reflete concepções que associam o povo designado por tribo a um suposto estágio "primitivo" ou de "barbárie".] 5. *Pop. Agrupamento de indivíduos ligados por vínculos rudimentares ou não formalizados, mas que têm ou cultivam certas afinidades ou características comuns: tribos urbanas.* 6. Joc. Grupo numeroso e unido; família muito

grande: Veio à festa com toda a sua tribo. 7. Anál. Mat. Subconjunto não vazio das partes de um conjunto, estável sobre complementação e uniões enumeráveis entre seus elementos. 8. Antrop. Grupo social (ou, nos esquemas neo-evolucionistas, estágio intermediário entre o bando (q. v.) e o cacicado (q. v.) caracterizado por relativa coesão territorial e homogeneidade lingüística e cultural, com pequeno desenvolvimento da autoridade central e da organização política, e que pode incluir (ger. segundo critérios genealógicos) famílias, bandos, subgrupos ou comunidades em estreita interação econômica, religiosa e social. [O termo, pouco preciso, foi aplicado sem rigor a grupos muito diferentes entre si quanto à organização social, sendo atualmente evitado pelos antropólogos (principalmente em contextos mais distantes dos estudos funcionalistas de povos africanos); no entanto, sociedades ou grupos anteriormente chamados tribos continuam muitas vezes a ser qualificados como "tribais".] 9. Bot. Zool. Categoria taxonômica inferior a subfamília. Tribo boreliana. Anál. Mat. 1. A que é gerada pelo conjunto das partes abertas de um espaço."

Nesta tese, adota-se a significação de n.º 5, que está em negrito.

⁹ A classificação de Glória KALIL (1998) fica assim tipificada:

Clássicos: conservadores (*corretos não se arriscam, faltando-lhes personalidade*); temperados (*charme, personalidade, refinamento e estilo clássico*); peruas (*loucos por grifes caras, jóias e perfumes fortes*);

Sem-moda: internautas (*nerds vestidos de qualquer jeito na frente dos computadores*); intelectuais (*pensam em tudo, menos no jeito de vestir e aparentar*); desarrumados (*sempre amarfanhados*); jeans & camiseta (*eternos surfistas e naturalistas*);

Modernos: urbano-sofisticados (*têm personalidade provocantes, mas com sofisticação*); noturnos - investem em um visual agressivo, usando couro, sintéticos, cabelos compridos e outros itens (*clubbers,*

baseada em conceitos e autores da história (Boris FAUSTO), filosofia (Marilena CHAUI) e da etnologia (Sylvia C. NOVAES).

A discussão das tribos urbanas seria um desvio do foco principal. Contudo, não pode deixar de ser registrada aqui. Há muitos antropólogos urbanos estudando as tribos urbanas de jovens, sua constituição, comportamento e relacionamento com a sociedade (MAFFESOLI, 2000).

Infelizmente, não há estudo científico com relação ao clero, que seria bastante ilustrativo para se perceber as variantes, as limitações e as possibilidades das tribos clericais e dos agentes de pastoral. Nesta tese, dá-se por conhecidos os diversos modelos de igreja possível, discussão bem assentada em Eclesiologia. Portanto, aqui não será o lugar para se fazer uma classificação dos modelos de igreja possíveis e existentes na pastoral. Esta é uma discussão fora do assunto principal.

ravers, technos, punks, roqueiros e superstars); streets - adotam valores que vêm das ruas, expressando valores do passado e do momento (brechós, esportistas radicais, metaleiros, grunges, office-boys);

Étnicos: blacks - visual transmite compromisso ideológico com postura crítica ao *status quo* (rastafaris, timbaleiros, rappers e funkeiros).

Esta é uma descrição fiel da realidade brasileira. Ela não é completa, porque só descreve uma classificação segundo o visual externo masculino. Falta toda uma classificação e descrição das tribos femininas. Essa descrição da consultora de moda foi acrescentada no texto apenas para ilustrar o quanto complexo pode ser uma classificação de tribos urbanas.

Roberto DAUNIS (2000, p. 89-90), diferentemente de KALIL, traça apenas cinco tipos de grupos possíveis (numa tipologia bem mais simples e acadêmica):

- Kids: mais jovens (mais ou menos 14 anos); mais ingênuos politicamente; otimistas com relação à vida; menos críticos com a sociedade e mais dependentes dos pais;
- Críticos leais: classe média, alguns trabalham e estudam (40%); pessimista com relação ao futuro e críticos com a sociedade e seus problemas; sentem-se integrados e tendem a se integrar em organizações de esquerda;
- Tradicionais: politicamente bem informados; idade média de 20 anos; confiam em políticos e apóiam os partidos mais conservadores; participam mais da vida de instituições como igrejas e ONGs; tem menor contraste de percepção da vida com os pais;
- Convencionais: jovens trabalhadores (média de 21/22 anos), com formação mais simples (poucos são estudantes universitários); vivem do seu trabalho, conservando-se longe da política e sentem-se pouco integrados ao mundo adulto;
- (Ainda) não integrados: são alunos de escolas ou que estão se preparando para o trabalho

profissional; não têm o otimismo ingênuo dos *kids*, mesmo não achando o seu lugar no mundo adulto; são pessimistas diante do futuro e desinteressados pela política. Estão numa fase de transição.

Esse estudo de DAUNIS é incompleto e referente à sociedade européia, já que os dados são de uma pesquisa na Alemanha (Shell, "Juventude 97"). Embora isso, não se pode esquecer que a subcultura juvenil hoje é um fenômeno capitalista e globalizado. Pelo menos, enquanto falamos de globalização ocidental. Aqui não se refere às sociedades orientais ou islâmicas, que temos poucos dados e não se regem pela mesma lógica que conhecemos. Nem estão no âmbito da pesquisa em questão.

A religião é ela mesma, uma parte da visão de mundo assumida (CASTELLS, 2000). E gera tribos, segundo a visão de mundo que ela manifesta ou que ela recria. Os fundamentalismos estão aí na sociedade atual para provar que força a religião assume no contexto diário das pessoas. Ela pode não só gerar tribos, mas ser motora de contextos de geração de forças criativas de união ou de guerra.

Segundo nos ensina J. FOWLER (1992, p. 130s), o adolescente tem ainda uma fé sintético-convencional, que ainda assume as principais posturas e comportamentos dos membros de seu grupo social, sem fazer uma crítica a este grupo social. É a fé de estágio 3, que ainda é levada pela família e pelos de seu grupo social. Esta fé tem ainda valores tácitos, assumidos de forma implícita e sem ser

ainda pessoal, pois não passou pela crítica que faz com que a fé seja assim assumida. É por este veio que o adolescente pode ser atraído ou repellido pela religião, que pode ser fator de coerência e de integração de forças para o indivíduo que está adolecendo ou fator de fanatismo para ele. De nenhuma forma a sociedade fica desligada do resultado desta mistura química entre religião e adolescência. O resultado poderá ser positivo ou negativo, mas não será indiferente para a sociedade e para o grupo.

BORÁN (1994) faz uma distinção entre fé recebida e fé assumida. A fé recebida é a fé tradicional vinda da família ou aprendida da catequese e deve ser encarada como um passo natural na evolução de uma fé adulta, que só se dá com uma avaliação crítica da primeira¹⁰. Mas é preciso que se dê

¹⁰ Seguindo a linha de raciocínio de BORÁN, a catequese de crisma deveria ser uma revisão crítica da catequese de infantil? Aqui já se passa para outras questões, que só serão bem percebidas e tratadas mais para adiante. Por enquanto, se pode notar que há problemas sérios para se fazer esta passagem. A Pastoral de Catequese da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) não enfrentou ainda de vez o problema, só passando por ele de forma tangencial. A Pastoral de Catequese está agora empenhada em aprofundar estudos e práticas na Catequese com Adultos, dando maior prioridade a uma evangelização explícita e suprimindo as falhas evangelizadoras de séculos no país. Mas isto ainda não toca os adolescentes da pesquisa em curso. Muito pelo contrário, optar pela catequese com adultos tem duas possibilidades de leitura:

- dá-se por certo que a catequese com adolescentes está boa e funcionando ou
- dá-se por certo de que a catequese com adolescentes é apenas uma extensão em anos da catequese de crianças.

Nenhuma das afirmações pode ser comprovada na prática pastoral ou é verdadeira por si. A experiência prática deste pesquisador permite dizer que a catequese com adolescentes não funciona bem, tendo-se em vista que poucos adolescentes descobrem um lugar para sua identidade religiosa dentro da comunidade eclesial católica. E também permite notar que a catequese com adolescentes não pode ser pensada como

este passo através de uma crise. Segundo FOWLER (1992, p. 72-73), este passo não é um processo automático. A catequese de crisma tem a oportunidade de trabalhar com este dado, podendo ou não fazer um trabalho crítico com os adolescentes que têm em suas mãos. Um bom trabalho será o de aprofundar a catequese de primeira eucaristia, de forma a fazer uma revisão crítica do conteúdo e das formas da fé, a fim de que o adolescente possa usar criativamente a sua fé em sua vida. Passar de uma fé recebida para uma fé assumida deveria ser o desejável para todo aquele que vai se crismar.

1.1. Confusão de linguagem e realidade

Confundir adolescente com criança e jovem com adolescente são erros graves, de base conceitual e pessoal. Não há adolescente que não se importe com isso. Quando a confusão é para cima, não há tanto problema: o adolescente quer logo passar por jovem e o jovem por adulto. Mas - na maioria das vezes - a confusão é para baixo, o que transmite a impressão de um sentimento de rejeição e de desvalorização da pessoa, mesmo quando feita de forma involuntária.

extensão da catequese de crianças, visto que precisa ser uma revisão crítica desta.

Já foi demonstrado (DALLA-DÉA, 1999) que esta confusão conceitual não é nova, mas vem evoluindo de forma positiva nos documentos da ICAR. Desde o Concílio Vaticano II, os adolescentes - que antes eram confundidos com crianças grandes - agora têm o seu lugar nos documentos eclesiais oficiais. E são distinguidos dos jovens e das crianças, ocupando lugar próprio.

O grande problema colocado pela confusão conceitual é que ela reflete uma *preocupação quase nula com relação à participação e valorização dos adolescentes e jovens na igreja*. Embora se tenha um *discurso* que valoriza o adolescente e o jovem, isso *de fato* não acontece. O que se tem é um caso célebre de *dupla mensagem*: adolescentes e jovens só são chamados à participação, em muitas comunidades, para *realizar o planejado* (festas, serviços de mesa, de limpeza, mutirões, etc.), mas não são chamados na *hora do planejamento* nem na *hora de ser beneficiado* pelo serviço comunitário realizado.

A confusão só reflete isso: *a pouca importância dada aos adolescentes e às suas opiniões*. Embora fale de *sensus fidelium* nos documentos do Vaticano II, as suas implicações não são respeitadas ou pensadas com a seriedade devida. Uma das críticas mais contundentes de Leonardo BOFF (1982, p. 58-69) à ICAR foi justamente esta: ela não tem uma opinião pública que reflita o *sensus fidelium* do Povo de Deus. Isso exige duas coisas: *circulação de informação e de opiniões dentro da comunidade eclesial e escuta* (no sentido de escutar e de levar avante) *da opinião pública dos membros*.

Aqui isso é bastante agudo. Se *alguns* membros da hierarquia ainda escutam *alguns* membros do laicato, estes mesmos membros da hierarquia não escutam os adolescentes e os jovens, visto que não têm nem dinheiro, nem experiência. Além de ser um governo monárquico, a ICAR se caracteriza pela sua *plutocracia gerontocrática*. É um governo que ouve poucas pessoas, especialmente mais abastados e mais velhos. Adolescentes não são vistos como membros, mas como *fiéis*, a quem apenas cabe obedecer e servir. Algo como *cidadãos de segunda classe* ou *incapazes*¹¹, prontos a ser tutelados.

A confusão e o desleixo da linguagem é apenas a ponta do *iceberg*. Não é à-toa que muitas vezes os adolescentes não querem participar de serviços e festas eclesiais. Se a participação é exigida, a contrapartida de participação e de resultados é descartada, salvo honrosas exceções. Estas afirmações só podem ser comprovadas na prática, já que não há nenhum documento afirmando isto. As afirmações feitas aqui supõem a prática eclesial do pesquisador e suas observações feitas em anos de pastorado e de reflexão teórica, conforme já foi visto na introdução.

Na via contrária, a Exortação Apostólica *Christi fideiis Laici* dá um salto de qualidade quando afirma que os jovens devem ser mais do que protagonistas de sua evangelização: devem ser interlocutores da Igreja

¹¹ O Dicionário Aurélio (<http://www.uol.com.br/aurelio/index>, 01/05/2004) traz: "Incapaz. [Do lat. tard. *incapace*.] Adj. 2 g. 1. Que não é capaz. 2. Impossibilitado; inabilitado. 3. Inábil, ignorante. [Superl. abs. sint.: *incapacíssimo*.] 4. Jur. Que não tem capacidade legal; inábil. [Diz-se daquele a quem a lei priva de certos direitos ou exclui de certas funções.] • S. 2 g. 5. Pessoa incapaz."

(Christifidelis Laici nº 46). A frase do número 46 da Exortação (*"a Igreja tem tantas coisas a dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja"*) soa melancólica, mas desafiadora. O que será que a Igreja tem a dizer aos jovens? A mensagem do Cristo, seus valores, o sentido que ele dá à vida? E o que os jovens têm a dizer e ensinar à Igreja? Sua alegria, sua fé na vida, seu método de trabalho descontraído, seu entusiasmo e sua paixão pelo humano? A Exortação deixa isso em aberto, como a dizer implicitamente que há ainda um longo caminho a ser percorrido. O que parece ser verdade.

O fato do Papa João Paulo II reconhecer que a Igreja precisa aprender com os jovens é de um valor fenomenal para a realidade da Igreja. Nela há grupos e pessoas que vêem os jovens com desconfiança e preconceito. Para esses grupos, o jovem é quase um rebelde sem causa, que precisa ser vigiado, tutelado. Sempre tratado como alguém que não é sujeito. Quase uma criança crescida, que não sabe bem o que faz e o que pensa.

No texto pontifício, os jovens ganharam estatuto de cidadania eclesial. Com direito a serem levados a sério como interlocutores da Igreja. Isso é um avanço significativo na qualidade e no método de trabalho pastoral. Mas nada acontece de modo automático: o documento e os seus conceitos ainda devem ser não só recebidos, mas absorvidos, digeridos e integrados no corpo eclesial.

Isso tudo leva tempo: anos ou décadas, para ser assimilado e digerido pela ICAR. Até sair dos documentos e

entrar na realidade do cotidiano eclesial, demora muito. Enquanto isso não chega a ser verdade, já é um avanço o fato do documento mudar de posição e reconhecer a juventude como grupo que pode ensinar à Igreja, numa via de mão dupla. Isso possibilita levar a sério o que eles falam nas avaliações e nos planejamentos eclesiais. *Agora há uma nova e séria motivação teológica e pastoral, que pode e deve ser cobrada pelos adolescentes e pelos jovens nas comunidades eclesiais a favor deles.*

Mas cuidado. Alguém poderia ficar muito entusiasmado e confundir a teoria com a prática. Mesmo sendo um pronunciamento do Papa, não se pode esquecer que ele é ainda discurso de cúpula e para se tornar prática na base ainda vai requerer muita luta e cobrança do lado mais fraco: é preciso que os adolescentes se armem dessa ferramenta ideológica para exigir os seus direitos eclesiais de participação efetiva.

Há ainda um outro ponto a se tratar nesta confusão entre linguagem e realidade. É sobre as práticas pastorais da ICAR.

Com raras exceções, a ICAR não recorre a métodos de medição sociológicos ou mesmo a um sistema de metas e resultados gerenciais. Isso possibilita que todo o trabalho pastoral fique desarticulado e confuso, cheio de boas intenções mais do que de bons resultados. Os agentes de pastoral, membros da hierarquia ou do laicato, mais trabalham resolvendo ações reativas (problemas) nas comunidades do que planejando a ação e o trabalho concreto.

Práticas reativas tomam a maior parte do tempo do que as práticas ativas e possibilitam pouco ou nenhum avanço.

Há institutos de pesquisa e de avaliação da CNBB, como o CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) e o ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião), mas estes institutos apenas possibilitam a investigação de trabalho e pesquisa populacional ou de âmbito nacional. Não há uma tradição de se medir, investigar e avaliar resultados nos trabalhos pastorais e eclesiais nas paróquias. O que relega todo o trabalho ao campo puramente empírico e ao nível do acerto e erro.

Sem um método de trabalho, com concentração de poder na hierarquia e sem parâmetro claro de metas e resultados, um agente de pastoral vai se focalizar apenas no processo e esquecer que *o processo é para gerar resultados*. Assim, a maioria vai se contentar em reunir as pessoas e não se preocupar em medir se as metas foram ou não atingidas. Deste modo, a ação pastoral vai se desenrolar em ações pela ação. Reunir-se por reunir-se, sem resultados práticos. Sacramentar por sacramentar, sem medir os avanços alcançados ou não.

Juntando-se isso à confusão de conceitos já mencionada, o resultado vai ser uma grande *mistificação*. O discurso concreto e de resultados acabará fatalmente substituído por um discurso mistificador da realidade.

É assim com o conceito *família* e é assim com a participação da *juventude*.

Há alguém no planeta terra que não seja membro de uma família? Família é um conceito tão amplo que envolve pai, mãe, filhos, netos, avós, bisnetos, animais de estimação e tantos outros que se confundem com o termo humanidade. Dizer num discurso eclesiástico: *é preciso trabalhar mais com as famílias!* Também pode ser trocado para *é preciso trabalhar mais com as pessoas (com os humanos)!* Pois, se qualquer pessoa no planeta Terra é membro de uma família (uma criança de 3 meses, um monge budista de 80 anos e um cientista celibatário de 35 anos, passando pelo Papa...) essa frase não tem sentido algum. Mas serve para justificar *qualquer ação* que se faça na pastoral, invocando-se a necessidade de trabalhar com as famílias. Desta forma, não é preciso ver metas, medir resultados ou fazer mais qualquer coisa, visto que o discurso mistificador serve de justificativa para tudo o que se faça.

Com juventude também é assim. Dizer que se tem jovem (ou jovens) na comunidade é a mesma coisa. Sempre se terá algum jovem e algum adolescente participando na igreja, trazido ou não pelos pais. Mas será que isso justifica a falta de espaço de reunião, de medição de número de pessoas, de falta de ação para aglutinar e de falta de proposta de trabalho com os adolescentes e jovens?

Essa confusão de linguagem e realidade pode justificar um imobilismo de ação e uma falta de criticidade no discurso e na prática pastoral. Sem um discurso

mistificador, a prática teria que se modificar para melhor e ter que apresentar metas e resultados. O excesso de dependência entre Teologia e Filosofia (especialmente a filosofia escolástica) e a sua perduração por séculos, fizeram com que a Teologia Prática fosse sempre deixada de lado, como uma disciplina menor no universo teológico. Isto não ajuda a melhorar a prática pastoral e a torná-la mais objetiva.

Tudo isto só ajuda a confundir linguagem e realidade, tornando o campo pastoral extremamente nebuloso e cheio de melindres pessoais.

1.2. Opção pelos jovens e fundamentalismo pentecostal

Desde Puebla, a ICAR assumiu o *discurso* de opção pelos pobres. Alguns membros dela também assumiram a *prática* desta opção. Vale notar que o discurso foi assumido oficialmente depois que vários grupos eclesiais já tinham assumido a prática dele. O cume deste processo se deu na assembléia de *Puebla de los Angeles*, no México, em 1979. Após este processo, começou um refluxo do discurso e da prática desta opção. No Brasil, nos últimos anos, está havendo um refluxo do discurso e da prática da opção pelos pobres em muitos lugares, assumido no pontificado de João

Paulo II. Contudo, não se pode dizer que a TdL acabou ou que a opção pelos pobres está morta, segundo LIBÂNIO (2004).

Juntamente com a opção pelos pobres, foi assumida a opção pelos jovens (PUEBLA, 1979, nº. 1186-1187). Como discurso e como prática. O Marco Referencial da PJ no Brasil (2004, p. 18) já alerta para a possibilidade de haver uma dicotomia entre opção afetiva e opção efetiva:

É certo que os jovens moram no coração da Igreja, mas o perigo que se corre é que seja, apenas, uma opção afetiva e não efetiva.

Fazendo esta dicotomia, pode-se afirmar uma coisa e realizar outra. O que parece acontecer em muitos lugares. A Pastoral da Juventude (PJ) têm assumido os jovens como opção preferencial como discurso e ação. Já desde antes da declaração de PUEBLA, mas a partir dela, a PJ lançou-se com convicção para o trabalho de nucleação com grupos de jovens, nas periferias e nos grandes centros. Entretanto a PJ, tão ciosa de seu discurso intelectualizado e de sua prática política comprometida, não consegue alcançar mais do que alguns jovens. Poucos para o universo dos adolescentes e jovens católicos. Não há um estudo sistemático e estatístico dessa realidade, mas a prática pastoral do pesquisador com jovens e adolescentes mostra a veracidade da afirmação. Assim, são poucas as comunidades em que existe uma PJ organizada. E - nas que existe -

pequena é a percentagem de participação dos adolescentes e jovens na PJ¹².

A PJ tem se primado por tentar manter as duas opções de Puebla juntas: têm feito uma opção pelos *jovens pobres*. Isso pode ser visto no discurso e na prática pastoral da PJ.

Alguns membros da ICAR, especialmente leigos de movimentos de espiritualidade neopentecostal, *assumiram* essa opção (*os jovens*) como forma de não assumir a opção pelos pobres. Esta parece ser a prática da Renovação Carismática Católica (RCC). Ou seja: assumem-se os jovens *para não se assumir* os pobres. Quase como uma espécie de escolha secundária ou *mal menor*. Assim sendo, a opção pelos jovens está sendo vivida como oposição à opção pelos pobres.

Muitos dos jovens assumidos pela RCC têm perfil e/ou discurso de classe média. Na periferia das cidades, quase não há grupos da RCC: os pentecostais são os que alcançam a juventude por lá. A RCC e a sua Secretaria Marcos (encarregada da juventude) apenas se instalam nas sedes das paróquias ou nas capelas de bairros mais tradicionais. Isso mereceria um estudo mais detalhado, sociológica e teologicamente, que ultrapassa nosso texto.

¹² Alguns adolescentes reclamam que as reuniões ou são mal-organizadas ou são demasiadamente políticas. Contudo, esse não é um dado confiável, precisando ser mais bem pesquisado pelo CERIS ou outra instituição.

O problema é que a RCC hoje está repleta de adolescentes e jovens em suas fileiras (LIRIO, 2004, p. 12). São jovens e adolescentes que não têm autonomia (eles querem?) para decidir, *já que as decisões importantes são tomadas pelos adultos do grupo*. Os que decidem são jovens adultos, recém-casados ou solteiros convictos (Idem, p. 16). São, na maioria das vezes, pessoas com um discurso bem clerical.

Aqui há um problema epistemológico: *apenas os que não optaram pelos jovens – como primeira opção – são aqueles que têm maior sucesso entre eles?* Qual o segredo disso? A opção pelos pobres e pelos jovens, como a PJ vem fazendo há anos, tem se tornado uma dificuldade no trabalho com os jovens e adolescentes? Ou seria reflexo de algum ranço intelectualista, impedindo uma popularização da PJ entre os adolescentes? Ou um efeito secundário do refluxo da opção pelos pobres? Ou ainda um efeito subliminar do consumismo que impregna a mídia eletrônica, atingindo os padrões de pensamento adolescente e fazendo com que eles se afastem de um discurso mais politizado como é o discurso da PJ?

Nada disto pode ser afirmado agora, mas pode-se constatar uma dificuldade no trabalho pastoral com jovens e adolescentes.

O que se deve notar é que um discurso mais politizado/crítico é próprio de um estágio de nº. 4, como nos ensina J. FOWLER (1992). E os adolescentes em sua maioria estão no nível 3 (em alguns casos no nível 2: fé mítico-literal). Uma pessoa de estágio anterior não entende

os argumentos e o raciocínio do estágio seguinte, mas argumentos de estágios anteriores são entendidos pelos que estão em números acima.

A RCC trabalha com fé de número 2 (mítico-litera) que pode ser entendida por adolescentes de nível 3; enquanto que a PJ trabalha os seus discursos com articulações lógico-científicas próprias de estágio nº. 4 que não conseguem ser entendidas por adolescentes de nível 3.¹³

Com um discurso de sucesso e de fé mítico litera, a RCC se desenvolve como grupo, mas não possibilita o desenvolvimento da autonomia, desenvolvendo uma dependência dos leigos (adolescentes, jovens ou adultos) à hierarquia eclesiástica. É a heteronomia tão criticada por Paul TILLICH, em *Teologia Sistemática* (p. 127-129), aliada ao conformismo da vida diária de *A Coragem de Ser* (p. 87). A vida coletiva destas comunidades carismáticas aproxima-se muito do coletivismo, que é uma forma radical de se perder a individualidade, tão temida por parte dos adolescentes, que estão enfrentando problemas sérios na sua identidade social e grupal.

¹³ Não há aqui, espaço para uma análise minuciosa do discurso da PJ e da RCC, mas isto pode estar influenciando no êxito de uma pastoral entre os adolescentes e afetando o sucesso da opção pelos jovens pobres. A inteligibilidade do discurso pode estar afetando a opção pelos pobres feita pela ICAR e assumida como compromisso de fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo.

O coletivismo pode atrair os adolescentes, já que um grupo com regras claras e precisas é uma das características da adolescência, como nos ensina Daniel BECKER (1994, p. 25). No caso da RCC, é um grupo que encarna um ideal de vida supostamente na contramão do capitalismo midiático, o que torna a vida comunitária um ideal de vida em si atraente, já que - segundo o mestre PIAGET (1976, p. 260) - o ideal de vida e o plano de reformas são das características básicas do pensamento adolescente.

É um tempo de declínio do individualismo nas sociedades de massas e de formação de tribos (MAFFESOLLI, 2000) não importam quais sejam. Tribos dão identidade e os adolescentes estão precisamente nesta crise: ajuntar-se a outros adolescentes ajuda a diminuir o medo e a insegurança, mesmo que para isto o fundamentalismo seja uma espécie de solução (DREHER, 2002).

A opção pelos jovens sem a devida opção pelos pobres acaba dando numa prática fundamentalista e politicamente conformista, porém arrebatadora de multidões. Mesmo fazendo estragos na autonomia de muitos.

1.3. Lógica da ruptura versus lógica da identificação

Todo adolescente¹⁴ precisa viver o seu período como uma espécie de transição entre a vida e o corpo de criança e a vida e o corpo de adulto. (ZECKER, 1995, p. 237) Isso gera uma fissura, que não é física, mas é psicológica. Por isso que os psicólogos e outros especialistas, falam sempre de que adolescência é um período de luto (BECKER, 1994).

Para que o adolescente cresça é preciso que ele responda à pergunta *QUEM SOU EU?* Bem ou mal, ele precisa responder a essa pergunta e para isso, ele recorre a dois expedientes básicos: afastamento das figuras materna e paterna e integração num grupo de amigos da mesma faixa de idade. Quase que, para descolar de seus pais, ele precisa apoiar-se em alguém. Como num grande castelo de cartas, onde cada carta apóia-se nas outras para manter o equilíbrio, que é frágil (DALLA-DÉA, 1999, p. 31).

É a partir de uma *lógica da ruptura* que o adolescente constrói a sua nova identidade. *Ele precisa da ruptura e da crise para adol escer (amadurecer) plenamente.* Caso contrário, será sempre meio criança e meio adulto. Um

¹⁴ Neste texto o pesquisador trabalha com a síndrome normal e não com as patologias da adolescência.

adulto amplamente dependente¹⁵ é sempre um caso patológico a ser tratado¹⁶.

Ruptura e autonomia parecem palavrões nos discursos eclesiásticos¹⁷, onde o resumo da ópera sempre diz: *obedeça, meu filho, que você vai entrar no céu. Fique eternamente dependente de alguém que lhe seja superior, que tudo irá bem!* Obedecer (depende de, submeter-se a) é a virtude mais geral para muitos grupos religiosos, especialmente quando falamos dos discursos oficiais da ICAR¹⁸. Podemos até dizer que o problema não está na ICAR,

¹⁵ Fala-se de uma dependência de atitudes, porque - de alguma forma - sempre depende-se dos outros e a liberdade pessoal nunca é total, mas relativa e limitada às relações pessoais e sociais.

¹⁶ Aqui há um problema: o prolongamento da adolescência para cada vez mais tarde não configuraria uma espécie de SÍNDROME DE PETER PAN? Onde o adolescente - ajudado por adultos - se recusaria a crescer, assumindo a própria vida com suas responsabilidades inerentes?

¹⁷ O grande mito de Lúcifer (que vem dos evangelhos apócrifos e da escolástica) diz justamente isso: o maior, mais inteligente e belo dos anjos é que se revoltou contra Deus, querendo sair de sua dependência. O primeiro pecado (não o de Adão) é, então o da desobediência, fundada na soberba de ser como Deus. O nome Miguel não significa *Quem é como Deus?* Eis uma pergunta para contrapor ao orgulho de Lúcifer. Santo Anselmo (*Cur Deus Homo?* 2003.) faz toda uma teologia sobre o pecado da revolta de Lúcifer e de Adão e a necessidade de pagamento dessa dívida por Jesus Cristo, de forma cruenta. Depois da revolução causada por Lutero e pela Reforma, ruptura e autonomia ficaram identificadas no "subconsciente coletivo católico". A perda dolorosa causada pela separação de grande parte da Igreja da Alemanha (e de outros povos) ainda ecoa em mentes católicas. Autonomia "cheira" à cisma e à perda de pessoas, bens e instituições. O discurso de Santo Anselmo se potencializa e toma maior espaço na ICAR.

¹⁸ O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (nº. 397-401) trabalha com a mesma teologia de Santo Anselmo sobre a autoridade divina. O pecado do homem consiste no pecado de desobediência (rebelião) à ordem estabelecida por Deus. Satanás é citado como um anjo desobediente (Idem, nº 413). Além disto, é preciso notar os silêncios do texto: não há nenhuma referência à democracia, autonomia ou algo assim no Índice Temático do fim do livro. Contudo, quando fala de autoridade (Idem, nº. 1887-1904) ainda diz que toda autoridade vem de Deus. O

mas na *lógica da identificação usada pelos grupos religiosos*, também fora dos muros da ICAR. Grupos religiosos, ao trabalhar com adolescentes, tentam *levar o adolescente para a igreja ou levar a igreja para o adolescente*. Ou induzem o adolescente a freqüentar a igreja através de pressão (dos pais, do clero ou de obrigações morais). Ou tentam ir ao encontro do adolescente, falando uma linguagem mais moderna, mas ainda com a lógica da identificação, mesmo que seja apenas para favorecer o discurso de proteção, tão presente depois de 11 de setembro de 2001 (data do célebre e triste atentado terrorista em Nova York) ¹⁹.

É preciso sair da *lógica da identificação com a igreja* e passar para um discurso de não-identificação com a igreja, mas com a pessoa do Cristo, visto como uma espécie de rebelde em relação às instituições de seu tempo.

texto sobre a autoridade cita, em nota de rodapé, o texto de 1Pd 2,13-17: "*Todo homem se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. De modo que aquele que se revolta contra a autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus. E os que se opõem atrairão sobre si a condenação.*" Esta é a base de muitos documentos eclesiais. Este tipo de raciocínio não consegue convencer um adolescente, mas é mais convincente para uma criança.

¹⁹ Acrescente-se aqui que a segunda proposta já representa um avanço com relação à primeira, porque vislumbra já uma preocupação em modernizar o discurso, mesmo sem ainda atualizar a prática. O problema é que sofre da mesma estrutura mental. Tentam *identificar* (unir, colar, rejuntar) o adolescente com o corpo eclesial (igreja), justamente no momento que o que ele quer é se *separar* dela, assim como de sua família. Não dá certo, ou a identificação é provisória, apenas funcionando pelo tempo da catequese de crisma, por exemplo. Enquanto for preciso freqüentar a igreja para ser crismado, satisfazendo o desejo dos pais e da igreja para o futuro (casamento eclesiástico ou outras formalidades), ele irá e fará o mínimo necessário. Isso, se aceitar participar do jogo. Os que não aceitam já se rebelaram e estão em outra fase.

*Identificar o adolescente com o Cristo e não com a igreja*²⁰ é o trabalho mais duro e mais necessário a ser feito. A igreja é vista como *parte da família* (FRAAS, 1997, p. 29), da qual o adolescente quer se separar. O pai e o padre falam, na maioria das vezes, o mesmo linguajar da obediência. Não é ingenuamente que os adolescentes chamam de sermão a pregação do padre/pastor e a bronca do pai em casa.

O adolescente que se identifica com o Cristo, formará um grupo com os seus pares, virando uma espécie de missionário informal²¹. Ele está na fase de formar grupos, quaisquer que sejam, desde que tenham estrutura horizontal. *Esse grupo formado é já a igreja*, que ele não identifica mais como sendo uma parte da família, mas uma parte de seus pares. A igreja vem como consequência segunda de uma identificação primeira com o Cristo.

Dietrich BONHOEFFER fala disto em *Di sci pul ado*. A ruptura epistemológica de que BONHOEFFER fala se dá aí: uma

²⁰ Aqui precisamos fazer uma distinção entre igreja-instituição (recebida dos pais) e igreja-comunidade (formada por um grupo de iguais). A segunda forma de ser igreja é perfeitamente aceita e bem-quista pelos adolescentes, porque é eletiva: o adolescente sente o grupo como sendo seu, porque ele escolheu assim. Contudo, a primeira forma está mais onipresente: na escola, nas missas obrigatórias do domingo, nas salas, nos horários e no ensino confirmatório, etc. É este tipo de igreja-instituição-obrigação que o adolescente rejeita. Ela é a mesma recebida de seus pais e é contra ela que se projeta a sua rebeldia, materializada em não-presença e não-participação.

²¹ Está aqui uma "explicação" para a atividade missionária (às vezes, fundamentalista) do adolescente, que leva outros para grupos e igrejas que ele se identifica. O fundamentalismo poderia ser atribuído a vários fatores: inexperiência, manipulação dos adultos, falta de visão mais ampla, etc. Mas isto não é assunto para este texto.

graça preciosa é necessária (ou uma conversão) para que o adolescente, rompendo com a religião dos pais²², crie a sua própria forma de ser cristão. E quanto mais diferente da forma de seus pais, mais atraente para os adolescentes porque têm um caráter de rebeldia consentida (e contida). Adolescentes gostam de se opor, mas sem se arriscar muito. Seria esse o grande trunfo da RCC? Parecer ser novo (ou mesmo rebelde), sem de fato sê-lo? A resposta necessita de maior investigação, mas aqui já abrimos algum caminho ao apontar uma nova lógica, que é preciso levar em consideração.

Há um equívoco na lógica católica, que induz ao erro. Os documentos eclesiais, incluindo os que versam sobre catequese, todos falam de uma *catequese contínua* (ou de *continuidade da catequese*), que é sempre entendida como uma catequese que deve não ter rupturas, na pedagogia ou na idade. Não deve haver saltos, mas continuidade ininterrupta.

Uma tomada de consciência cada vez maior de que a catequese é um processo dinâmico, gradual e permanente de educação na fé. (Puebla nº. 984)

É preciso, também, para a solidez da educação da fé e para edificar personalidades e comunidades cristãs maduras, coerentes, que o conteúdo da Catequese seja unitário, orgânico e integral. (Catequese Renovada nº. 94)

²² John WESTERHOFF (BORÁN, 1994, p. 198) contribuiu ao teorizar sobre as etapas da fé, distinguindo entre religião recebida (dos pais) e religião assumida (de si mesmo).

Uma outra leitura dos mesmos textos poderia falar de uma catequese orgânica e integral, *não de uma catequese sem saltos. O atual processo integral de formação de personalidade por que passam os adolescentes é marcado por uma ruptura necessária.* A adolescência é um período de luto (BECKER, 1994, p. 63.):

- pela identidade infantil perdida,
- pelo corpo de criança que perdeu;
- pelos pais da infância.

A adolescência em si é uma ruptura. É preciso levar em conta o processo antropológico pelo qual passa a pessoa nessa idade até se tornar adulto. É preciso estar por dentro do processo de ruptura adolescente e trabalhar em vista disso. O adolescente *precisa* se afastar da opinião dos pais para saber quem ele é. *É uma ruptura necessária e controlada.*

A catequese de crisma incide em cheio na fase da adolescência das pessoas em desenvolvimento. É a *lógica da ruptura* que perpassa a cabeça dos nossos adolescentes²³. E a Igreja está trabalhando com a lógica da continuidade²⁴.

²³ A adolescência, iniciada com o fator biológico, é sempre uma dupla ruptura: com o passado que já não mais existe e com o futuro, que ainda não chegou. Por isso, o adolescente sente-se sempre um pouco marginalizado no mundo das crianças e dos adultos, tendendo a se

A vida não se desenrola sem rupturas, mas elas fazem parte da vida. É um elemento que podemos considerar como antropológico. E isso é ainda mais verdadeiro no caso dos adolescentes: a ruptura que eles têm é necessária. Esta é a lógica da ruptura. Ela faz parte de um processo normal de desenvolvimento humano. Para uma correta compreensão da catequese, temos que assumir a ruptura como parte dela.

Muitos ainda tratam a catequese de crisma com sendo uma *super primeira eucaristia*²⁵, querendo aprofundar os conteúdos da catequese de primeira eucaristia. Não se pode trabalhar assim: uma catequese orgânica e integral (Catequese Renovada, 94) deve-se respeitar a *organicidade* do processo integral do adolecer humano.

Está se trabalhando errado por excesso de idealização. Considere-se que a ruptura para a identificação é necessária para o adolescente. Como fazer

agrupar para superar o medo, as dúvidas e a se sentir apoiado, mesmo que seja em outro adolescente com os mesmos problemas e dúvidas.

²⁴ Sobre a lógica da continuidade e a lógica da ruptura: pode-se chamar de *lógica da continuidade* a necessidade de se trabalhar as coisas, os métodos e os assuntos em contínua progressão como se a vida fosse um processo sem rupturas e saltos. Muitos pensam basicamente assim, e quem sabe isso seja verdade para um número muito reduzido de pessoas. Mas não é verdade para grande número de viventes neste século. Acidentes, viagens e necessidades várias (desde alimentação, estudo e trabalho) levam as pessoas a parar, a romper com coisas, pessoas e situações. E a optar por outras coisas, outras pessoas e outras situações que lhes sejam mais convenientes, mais cômodas ou mais possíveis. Por lógica da continuidade, pode-se entender a maneira de ver de pessoas que gostariam que os adolescentes permanecessem nos gostos, situações e atitudes infantis.

²⁵ É sintomático que - em muitos lugares - os melhores catequistas de primeira eucaristia sejam "promovidos" a catequistas de crisma, após algum tempo.

que esta ruptura seja usada a favor da evangelização²⁶ e não contra ela? Os adolescentes não são a - religiosos: são religiosos do seu modo, porque não se consegue apresentar uma forma melhor de vivência religiosa²⁷. Já que a Igreja não consegue falar a eles de forma inteligível, eles constroem o seu próprio discurso religioso²⁸.

Para terminar este ponto: um método catequético²⁹ novo deverá incluir a ruptura com métodos e conteúdos para podermos fazer que os adolescentes se vinculem novamente a Jesus Cristo e por ele à sua Igreja³⁰. Atualmente, faz-se o contrário: vincular o adolescente à Igreja para chegá-los a Jesus Cristo. A tentativa de muitos é levá-los para a missa para que conheçam a Cristo. Só depois de se identificarem

²⁶ Dando catequese todas as semanas (continuidade) para aprofundar os conteúdos que demos na Primeira Eucaristia (continuidade) a fim de que participem de missas para adultos (continuidade) ou de crianças (continuidade). Para tal, continua-se trabalhando com manuais de catequese (continuidade) e mostrando o valor da liturgia (continuidade).

²⁷ Ou os adolescentes entram em *movimentos religiosos de conversão* (ruptura com o passado) ou então, constroem sua religião através de bandas de rock, grupos de hip-hop, ou qualquer outra coisa. Uma religião secularizada, bem ao gosto da cultura capitalista pós-moderna.

²⁸ Há inúmeros estudos sobre a vivência da religião no mundo contemporâneo. A UNISINOS publicou um estudo sobre a religiosidade do jovem universitário, que pode dar algumas pistas para a nossa área de atuação. O texto foi publicado nos CADERNOS IHU (Ano 1, n 1 - 2003) sobre o título de O imaginário religioso do estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

²⁹ A discussão voltará a este ponto mais para frente, quando da construção de um novo método de trabalho.

³⁰ O sucesso da Renovação Carismática Católica e dos grupos pentecostais não-católicos com os adolescentes se baseia nisso: trabalham com a ruptura com o passado e com a religião dos pais.

com Cristo, é que virão à comunidade de fé, que tem como expressão máxima de fé, a Eucaristia.

BORÁN reconhece que os movimentos de encontro da década de 1970, já trabalhavam a juventude de forma muito melhor do que estamos fazendo agora, pelo menos no que tange à nucleação de novos grupos³¹ entre indiferentes. Estes movimentos se preocupavam mais em *identificar o jovem com o Cristo, para só depois trazê-lo à Igreja*. Esta é a abordagem correta, do ponto de vista prático e do teórico: *a Igreja é a comunidade dos discípulos de Jesus Cristo Ressuscitado e não uma instituição que guarda a sua mensagem*. É mais correto falar da Igreja como *grupo de discípulos em viagem* (Emaús, Atos dos Apóstolos) do que a identificá-la com um *banco*, que tem um *cofre*, por mais seguro e dourado que ele seja. Para isto, é preciso uma grande mudança de perspectiva hermenêutica.

³¹ É claro que ele via - e ainda vê - sérias limitações a estes movimentos de encontro. Mas não podemos deixar de registrar que eles deram muito fruto que ainda permanecesse em cristãos já maduros hoje. (BORÁN, 1994, p. 191).

1.4. De uma oposição negativa (anarquismo) para uma oposição positiva (participação política)

Um primeiro passo é saber trabalhar com a lógica da ruptura e com um discurso revolucionário. Um outro passo é trabalhar a oposição negativa, fruto da idealização lógica do adolescente. INHELDER & PIAGET (1976, p. 255) nos ensinam:

... o adolescente não procura apenas adaptar seu eu ao ambiente social, mas também adaptar o ambiente social a seu eu. (...) Para falar mais concretamente, o egocentrismo característico da adolescência se manifesta por uma espécie de messianismo de tal tipo que as teorias através das quais representa ao mundo estão centradas na atividade reformadora que se sente chamado a desempenhar no futuro.

A idealização do mundo e das pessoas é ainda bem grande. Não é mais a mesma do mundo infantil, mas na adolescência, a lógica abstrata desenvolvida ainda não encontrou o chão da experiência e ainda argumenta por hipóteses e realidade lógica. É um mundo ainda muito virtual: confunde-se a capacidade de raciocínio com a capacidade de realização, ainda segundo PIAGET (1990).

O adolescente, pelo contrário, graças à sua personalidade nascente, coloca-se em plano de igualdade com os mais velhos, mas sente-se outro, diferente deles pela vida nova que se agita em si. E então, como é natural, quer ultrapassá-los e espantá-los, ao mesmo tempo em que quer transformar o mundo. É por isso que os planos de vida dos adolescentes são ao mesmo tempo cheios de sentimentos generosos, de projetos altruístas ou de fervor místico, e inquietantes de megalomania e de egocentrismo consciente. (p. 97)

As sociedades de adolescentes são, principalmente, sociedades de discussão: entre dois amigos íntimos, ou em pequenos cenáculos, o mundo é reconstruído em comum, cada qual se perde em discursos sem fim de combate ao mundo real. (p. 100)

Nestes dois parágrafos, PIAGET mostra bem como o mundo do adolescente tem ainda muitos vãos intelectuais. Tem ainda um plano muito virtual (sociedades de discussão) e ainda está pouco plantado na realidade. Pelo menos no que tange aos adolescentes mais novos. À medida que vai crescendo tende a ir amadurecendo, ou seja, ir diminuindo a idealização da realidade no confronto direto com ela. Assim, vai se tornando adulto, aos poucos. Ainda citando INHELDER & PIAGET (1976):

É ao empreender uma tarefa efetiva que o adolescente se torna adulto e o reformador idealista se transforma em realizador. Em outras palavras, é o trabalho que permite que o pensamento ameaçado de formalismo se volte para o real. (p. 257)

Este, contudo é um processo que se dá aos saltos: o cérebro do adolescente amadurece de forma não-linear e progressiva, de forma contínua porém abrupta.

Deve-se fazer uma diferenciação entre oposição negativa e oposição criativa: a primeira é aquela oposição *em virtude da destruição de uma coisa, acontecimento ou pessoa*. Toda pessoa tem isso dentro de si, mas ela é vazia de significado e tende a mostrar sua utilidade na aniquilação de obstáculos e situações que vão contra a vida do sujeito. Esta oposição é caótica no tiroteio que

promove, sem ter um alvo em mira, podendo causar estragos pelo número de balas perdidas que gera. A segunda é aquela que se tem *em vista uma nova construção ou ordem de coisas*. E que deve ser geratriz de novos rumos e comportamentos em vista da destruição do antigo e da edificação do novo que se quer implantados.

“Existe o governo? Sou contra! E se não existe, sou contra também!” Esse é o discurso do espanhol anarquista e que se parece ao de muitos adolescentes. É claro que isso é uma caricatura, mas ilustra bem a posição de muitos: são contra a igreja sem ser a favor de nada. Mas uma oposição realmente criativa e ponderada é própria de um adulto e não de um adolescente, porque exige um grau de realismo que o adolescente ainda não tem. Contudo, estas críticas - mesmo que feitas de forma caótica e meio cruel - são a base da escala de valores pessoais que irá norteá-lo pelo resto da vida (INHELDER & PIAGET, 1976, p. 260). É uma face difícil, mas saudável do desenvolvimento da personalidade.

Quando se é apenas contra e não a favor de algo, temos o típico *“rebel de sem causa”*. Alguns mesmo podem não ter religião, nos casos mais agudos. Esses ainda não foram atingidos pela igreja-comunidade ou o foram demais pela mídia massiva capitalista, distorcendo e caricaturando a religião e os seus membros. Ou ainda estão apenas exercendo a sua rebeldia identificadora contra os pais, que são religiosos.

Pio XII, desde o seu tempo, já sabia que o melhor apóstolo para um jovem é outro jovem³². Para se vencer esse fenômeno é preciso um esforço de evangelização inteligente. Não adianta adultos em geral falar, aconselhar e orientar os jovens, incluindo os mais rebeldes, a praticar a religião, a ir à missa ou outros conselhos que tais.

Segundo Pio XII, *um adolescente só é alcançado por outro adolescente ou jovem. Alguém até 24 ou 25 anos, que é quando se sai da faculdade, casa-se ou começa uma vida de adulto. Até essa data, consegue-se fazer a passagem, mesmo para os adolescentes mais rebeldes.*

Um jovem de 25 anos ainda consegue ter a rebeldia contida de posições idealistas e é isso que cativa os mais "desgarrados" e com menos idade. É uma questão de *liderança ideológica*. E só alguém mais velho que não lhe faça o papel de pai poderá conseguir essa confiança necessária para a liderança. E servir de *outro significativo* (FOWLER, 1992, p. 71, 131-132, 146-147). *Ser confidente*³³ e não pai, para orientar um adolescente que esteja nesta fase mais aguda de crítica generalizada costuma produzir muito mais resultado.

32 Veja-se a nota nº 12 da *APOSTOLICAM ACTUOSITATEM*, nos documentos do Concílio Vaticano II.

33 O adolescente precisa de alguém que lhe seja significativo, sem que faça as vezes de seus pais, para lhe conduzir ao amadurecimento e fazer com ele a passagem do estágio 3 para o 4. Segundo FOWLER (1992, p. 131-132) até mesmo Deus pode servir como outro significativo, em algumas situações. É através de um outro significativo que o adolescente consegue se trabalhar cognitivamente e sentimentalmente rumo a um amadurecimento gradual.

A experiência pastoral (já descrita na introdução) deste pesquisador vê que a Renovação Carismática Católica (RCC) tem uma postura mais tradicional ideologicamente (mais conformista), mas tem uma acolhida e uma orientação personalizada exemplar, sendo feita por muitos pares adolescentes. O seu método de trabalho se dá no acompanhamento de pequenos grupos, a que se chama de *pastoreio*. O pastoreio é um método simples: um jovem ou adolescente com algum tempo de caminhada orienta outros com menos tempo de caminhada, durante e depois das reuniões. É quase uma espécie de apadrinhamento. Há sempre reuniões de oração e formação periódicas com os *pastores* para se resolver os problemas concretos e ir direcionando para soluções. Exercem a função de outros significativos que FOWLER (1992, p. 131-132) recomenda para o estágio três, especialmente em processos de conversão.

Orientação, aconselhamento e amparo concreto (*poi mēni co*) para adolescentes em todas as fases, especialmente para os mais rebeldes: níveis que a pastoral tradicional da igreja não conseguiu atingir. Não é só um problema de método, mas de epistemologia pastoral: trabalhar a massa é diferente de trabalhar e acolher as pessoas (Clodovis BOFF, 1994). *Alguém só se considera membro de um grupo quando é valorizado no varejo e não no atacado*. Para tal, é preciso construir um método novo que possa ajudar o adolescente a ser valorizado, ajudado e acompanhado por outros mais velhos que eles, mas que não lhes façam as funções de pais.

1.5. Bom-mocismo dos discursos eclesiásticos

Se o adolescente precisa romper com algo para se identificar com outra coisa, então precisamos *apresentar o Cristo com o nível de conflito com a família que ele realmente tinha*. Não há um só texto nos sinóticos que mostre uma relação harmônica entre Jesus (adolescente ou jovem-adulto) e sua família. Jesus não era um "*bom garoto*" como muitos gostam de enfatizar. Muito pelo contrário, há a exigência de *abandonar pai, mãe e irmão* para ser discípulo de Jesus. (Mc 3,20-35; 10,28-31; Mt 12,46-50; Lc 2,41-52; 8,19-21; 9,61-62; 14,25-27.)

Muitos apenas falam da submissão a que Lucas se refere num único texto, após o conflito de Jesus aos 12 anos. Nesse texto lucano, vê-se Jesus em conflito com os fariseus ("*...sentado em meio aos mestres...*" - o que denota uma atitude de igualdade) e com sua família, a quem recrimina (tendo em vista a vontade do Pai). Mas isto não é falado. Apenas é sempre enfatizado o aspecto da submissão do texto.

Para ser discípulo de Jesus é necessário ser alguém que não questiona ou que aceita passivamente a posição de inferioridade causada por uma infância estendida além do tempo. *Segundo estes termos, para ser discípulo de Jesus é necessário ser um adulto que se comporta como criança:*

*alguém que é eternamente dependente*³⁴. É disto que fogem: ser cristão assim equivale a ser eternamente dependente de algo externo. É perder a própria autonomia.

Por isto, precisa-se restaurar um discurso em que ser discípulo de Jesus seja uma espécie de revolta contra algo. Só assim eles terão motivos para se identificar ainda dentro da comunidade eclesial³⁵. Os mesmos adolescentes que precisam ter uma ruptura de passagem de uma fé recebida (vivência religiosa dos pais) para uma fé assumida (vivência religiosa própria) precisam ter espaço e linguagem para se rebelarem, continuando com Cristo (BORÁN, 1994, p. 198-200).

Muitos argumentam que os jovens não querem mais nada. Este é um discurso ideológico justificador de gerações passadas. Adolescentes são mais pragmáticos e mudam o que

³⁴ Alguns teólogos tratam a questão da fé como dependência de Deus, como é o caso de F. SCHLEIERMACHER. Mas não é essa a discussão, que fugiria completamente ao sentido deste texto.

³⁵ Dietrich BONHOEFFER tem razão quanto ao discipulado: enquanto a pessoa não se sentir pessoalmente engajada e desafiada não será possível haver vida cristã autêntica. A sua solução é a solução pietista, que está dando certo no mundo atual, especialmente em relação aos jovens. A RCC adotou - há tempo - este expediente de evangelização advinda da noção bonhoeffiana de graça preciosa. (BONHOEFFER, D. - Discipulado, p. 11)

Hoje, parece que temos duas igrejas dentro da igreja católica: a igreja de fé tradicional - que exalta o passado (de forma idealizada) e não acredita nos jovens e a igreja convertida-revivalista: que só pensa no futuro e não acredita em nada que tenha mais do que 20 anos de existência. É preciso que as comunidades engajadas (Comunidades Eclesiais de Base - CEBs), os novos Movimentos Sociais e ONGs entrem na luta para se reproduzir a partir do novo engajamento dos jovens, sobretudo na mediação da catequese de crisma, atualmente relegada a segundo plano, mas fundamental na reciclagem e na renovação de lideranças.

acham preciso, engajando-se em novas causas e não nas mesmas de décadas passadas. Mas para isso, eles devem sonhar com um mundo possível, onde a *comensalidade* da proposta de Jesus não seja apenas uma miragem, mas uma sadia revolta contra *este mundo*, que deve ser substituído por um *mundo outro* e não um outro mundo.

A posição oficial da ICAR tem dificuldade em suportar um discurso que seja revolucionário ou contestatório. Qualquer sinal nesta direção cheira a perigo grosso. Haja vista toda a briga do Vaticano com a Teologia da Libertação (TdL) por causa do livro do Leonardo BOFF, *Igreja Carisma e Poder*.

Isso não se dá só nas instâncias oficiais, mas também está enraizado no "*inconsciente coletivo eclesial*": muitos pequenos grupos e muitas pequenas lideranças têm aversão a qualquer tendência revolucionária. Parece que bom catolicismo é catolicismo conservador³⁶, mantenedor do *status quo*. E é para isso mesmo que pessoas com algum poder de mando têm interesse na religião: ela servirá para amansar, sossegar, sujeitar e tornar as pessoas boazinhas. É só ver *para que* diretores de escola, diretores de presídio e agentes penitenciários, prefeitos e juizes gostam da presença de pastores e agentes de pastoral nestes ambientes. Com o discurso religioso, amansa-se a "fera humana" que existe em cada um, que brota com mais força

³⁶ Entenda-se conservador como diferente de tradicional. O tradicional explora e se mantém fiel à Tradição recebida e questiona os costumes vigentes pelo viés Tradição. O conservador apenas quer conservar por conservar os costumes recebidos.

nestes lugares. Karl MARX tinha razão em partes: se a religião não for o ópio do povo, ela não será bem quista por muitos, especialmente muitos dirigentes.

O discurso bom-mocista é sempre incentivado e acaba por cativar sempre as mesmas pessoas. Normalmente, jovens que fazem da comunidade eclesial uma espécie de *família estendida* onde o pai será sempre a autoridade e a mãe será sempre a afetividade simbólica de nossas liturgias. Assim, o "fiel" não correrá o perigo de crescer na fé, porque terá sempre quem lhe diga claramente o que e quando fazer, através das normas, usos e costumes católicos.

Esse discurso bom-mocista, além de reforçar a dependência com relação à igreja e os seus ritos, contribui para eternizar um comportamento infantilizado e heterônomo. Este discurso parece ser um sub-produto da catequese tradicional e bancária tão criticada por Paulo Freire em seus livros. Uma educação (ou catequese) tradicional tende a domesticar o educando/crismando para uma obediência em todos os sentidos e níveis sociais.³⁷

Qualquer tipo de adolescente que esteja com problemas de relacionamento na família tenderá a descartar

³⁷ Nas reflexões finais da pesquisa sobre a catequese da crisma (KLEIN, O. J., 2003, p. 104) D. Ercílio Simon, bispo de Passo Fundo - RS, reconhece:

"Findo o tempo especial de preparação para o sacramento do Crisma, nada mais pedimos ao jovem além que se comporte bem e vá à missa aos domingos. O máximo que pedimos a alguns é que leiam para o público alguma leitura bíblica. Na verdade, eles precisam de muito mais. Precisamos desenvolver nossa criatividade."

este tipo de discurso reforçador da estrutura familiar tradicional, exemplar e arquetípica, porque não resolve o problema e dá razão sempre aos adultos. Assim procedendo, se irá sempre trabalhar com os adolescentes mais imaturos, que não conseguiram fazer a síntese pessoal com a negação da família. Permanecerá uma percentagem bem pequena de adolescentes que aceita ser passivo e que tenderá a sê-lo em outras circunstâncias da vida. O adolescente questionador e um pouco rebelde não é rejeitado, mas se auto-exclui através do tipo de discurso que a ICAR faz³⁸. O fato é bom para a instituição eclesial, que continua se achando sincera e jogando o problema para os adolescentes. "Eles é que não querem nada com a Igreja!" Assim, o algoz se transforma em vítima.

Enquanto não gerarmos discursos que favoreçam a autonomia de pensar e agir por conta próprias, vai continuar difícil trabalhar bem com adolescentes. É de uma questão epistemológica que estamos falando. Não é possível trabalhar com adolescentes que querem autonomia com discurso e prática para crianças³⁹.

³⁸ Não é à-toa que as bandas de rock catalisam os adolescentes que se dizem revoltados e contestadores. Esse tipo de violência simbólica que usam (roupas, acessórios, pinturas corporais, altura de som, etc) é apenas um tipo de violência ritualizada e aceita pela sociedade, que a controla e a usa para vender. O discurso anticapitalista é revertido a favor do próprio capitalismo, fetichizado em mercadorias e objetos. É uma revolta bastante controlada que a sociedade permite porque não tem maiores conseqüências no contexto geral.

³⁹ Fica-se admirado ao se fazer análise de discurso na igreja, tal é o número e a profundidade do *bom-mocí smo* dos discursos eclesiais. Não se fala de Jesus como alguém que teve problemas de relacionamento com seus pais (Lc 2,41-52), ou que teve oposição de seus familiares,

Nas pregações e nas imagens das igrejas não se afirma que Jesus é um homem pobre, trabalhador braçal e que desestabiliza o poder religioso e político por suas posições concretas e suas contestações bíblicas. Tudo parece afirmar que Jesus é um extraterrestre que baixou aqui já pronto e acabado, com discurso decorado e roteiro de uma peça de teatro⁴⁰. Fica-se com a impressão de que este Jesus de pele loira, olhos azuis e cara de alienado, que se vê na simbólica burguesa⁴¹, só faz ajudar a dormir.

que o consideravam um idealista radical e queriam declará-lo louco (Mc 3,20-35; Mt 12,46-49 e Lc 8,19-20). Não se mostra a contestação de Jesus aos políticos e aos chefes religiosos e políticos da época (Mc 3, 1-7; Mc 12,13-17), nem o desmascaramento religioso e ideológico de Jesus expulsando os cambistas do Templo (Mt 21, 12-17).

⁴⁰ O pesquisador se permite aqui dar um exemplo. Num dia de agosto de 2002, visitei um grupo de jovens (PJESC - Colégio Santa Catarina, Novo Hamburgo - RS), numa reunião dirigida por três adolescentes. Antes de começar, eles me chamaram à parte e me pediram um texto sobre Jesus e a sua família (esse era o tema da reunião). Expliquei rapidamente que todos os textos em que apareciam Jesus e sua família resultavam em conflito (aberto ou velado) e teci alguns comentários sobre o fato de Jesus ser alguém que pensava a partir de sua experiência pessoal, mesmo quando em conflito com sua família. Em seguida, dei-lhes o texto de Lucas 2, 41-52 (Jesus entre os doutores). A reunião começou com uns 15 adolescentes (de 12 a 19 anos), mais eu (38 anos). Foi feito uma mensagem e uma Ave Maria. Depois foi lido o texto de Lucas. Então um dos dirigentes (17 anos) comentou sobre o v. 51: "... desceu e lhes foi submisso". Isso deu gancho para todo um comentário sobre a submissão necessária aos pais, em um tom bastante moralizante. E esse foi o único comentário bíblico feito naquela reunião. O comentário do dirigente resultou num grande calar de bocas e num discurso onde obedecer era o resumo de tudo. Para complementar, uma outra dirigente (16 anos) contou fatos de sua vida pessoal, onde os pequenos conflitos com os seus pais agora foram superados pela obediência a eles e um comportamento exemplar de filha servil. No discurso da garota, não valeu a pena nenhum movimento feito para a sua autonomia: ficar dependente ainda era bem melhor. Tenho ainda as anotações em minha agenda pessoal.

⁴¹ Há tentativas muito boas de uma simbólica mais engajada por parte de muitos artistas e comunidades, quase todos ligados à Teologia da Libertação.

Se mesmo muitos adultos mais críticos não agüentam esta pregação desencarnada e alienante das igrejas, ela atingiria adolescentes e jovens? Por isso, ninguém fique espantado se muitos adolescentes e jovens preferem ir a danceterias e a festas: é mais movimentado e menos sonolento. Para dormir, é melhor ficar em casa.

TILLICH (1987, p. 77-79, 127-128, 648-650 e passim) faz toda uma argumentação teológica, muito pertinente para o nosso caso, sobre autonomia, heteronomia e teonomia. Define heteronomia como *"a autoridade reivindicada ou exercida por um ser finito em nome do infinito"* (1987,p. 127). E chega a dizer que a igreja

está sujeita a uma tentação quase irresistível: a de se tornar heterônoma e de suprimir a crítica autônoma, provocando exatamente por estes métodos, reações autônomas. Estas em geral são tão fortes a ponto de provocar o secularismo não só da cultura, mas também da própria igreja. (Idem, p. 128)

O discurso do bom-moço é o discurso da heteronomia para um ser que está na fase em que precisa se afirmar autonomamente para crescer como gente.

1.6. Lógica linear para pessoas de pensamento não-linear

A ICAR não tem conseguido perceber a dificuldade de um adolescente em entender e aceitar esse tipo de raciocínio linear e não-contraditório. A mente pós-moderna do adolescente consegue aceitar bem a contradição no próprio pensamento e na vida, coisa que a lógica eclesial não consegue por ser demais baseada na lógica aristotélico-tomista.

Lutero e o Vaticano II integraram a contradição do pecado na realidade humana e da igreja. Hegel introduziu, pela antítese, a contradição no pensamento filosófico. Está na hora de a Igreja aceitar uma lógica menos aristotélica e começar a integrar a contradição à sua própria realidade.

O professor Newton da Costa⁴², eminente catedrático brasileiro, formulou uma nova lógica⁴³ que trabalha com o

⁴² "Costa, Newton da (1929-), lógico e matemático brasileiro. Nasceu em Curitiba, Paraná. Seu nome completo é Newton Carneiro Afonso da Costa. Em 1963, assumiu a cátedra de Análise Matemática e Análise Superior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, onde defendeu tese sobre os sistemas formais inconsistentes. Criou uma nova lógica que admite contradições: a lógica paraconsistente, que teve repercussão internacional. A partir dessa época organizou uma pequena equipe de estudiosos nesse campo da lógica, da qual se tornou uma autoridade internacional. Atualmente, é professor de Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência na Universidade de São Paulo (USP). Com cerca de 200 trabalhos publicados sobre lógica, teoria da ciência e fundamentos da física, Newton da Costa é o único brasileiro membro do Instituto Internacional de Filosofia de Paris. Publicou: *Introdução aos Fundamentos da Matemática* (1974); *Ensaio sobre os Fundamentos da Lógica* (1980); *Mostrì Divini – Fenomenologia e Logica Della Metamorfosi* (1991); *Lógica Indutiva e Probabilidade* (1993); *Sistemas Formais Inconsistentes* (1995); *O Conhecimento Científico* (1997) e *Logiques Classiques et Non Classiques* (1997)."- CD-ROM *Enciclopédia Microsoft Encarta 2000*. Verbete Costa, Newton da

conceito de quase-verdade. Esta lógica paraconsistente está mais dentro da epistemologia adolescente do que a

⁴³ “Lógica paraconsistente, noção segundo a qual a lógica admite contradições. Foi introduzida pelo filósofo e matemático brasileiro Newton da Costa. A necessidade da ciência de trabalhar com a contradição surgiu do interesse em estudar temas complexos, como por exemplo os tratados pela mecânica quântica. Desde a década de 1930, supunha-se que a lógica clássica não podia ser aplicada à mecânica quântica. A partir das lógicas não-clássicas, em especial os paradoxos na lógica e/ou na matemática, surgiu o conceito de lógica paraconsistente, formulado em 1963. Na realidade, esse conceito nasceu da idéia de Georg Cantor, que dizia que a essência da matemática está na sua liberdade. Muitos dos paradoxos surgidos no início do século XX, em geral foram eliminados com a manutenção da lógica tradicional e com a introdução de restrições nos postulados da teoria dos conjuntos. Se a matemática fosse absolutamente livre, como supunha Cantor, em vez de introduzir restrições aos postulados da teoria dos conjuntos poderíamos mudar a lógica e, desse modo, reconstituir a matemática clássica inteira. Para melhor entender o que é a lógica paraconsistente, convém recordar que a lógica é o estudo dos processos pelos quais determinadas sentenças ou proposições podem ser deduzidas de outras. Desde a época de Aristóteles, um dos princípios da lógica é o da não-contradição. Essa idéia estabelece a impossibilidade de que uma sentença qualquer e sua negação sejam ambas verdadeiras. A lógica clássica não admite contradições. No entanto, à medida que os diferentes campos da ciência evoluem e se tornam mais complexos, as contradições aparecem. Na física, as partículas elementares em determinadas circunstâncias não se comportam como matéria, mas como ondas. Sob certos aspectos, elas são e não são partículas. Tal dificuldade pode ser ultrapassada, como em geral fazem os físicos, tentando eliminar a contradição e manter a lógica clássica. No entanto, se o pesquisador quiser tratar diretamente o problema, sem desvios teóricos, torna-se necessário o emprego de uma lógica não-convencional, que aceite as contradições. A lógica paraconsistente foi idealizada para tratar desses problemas. A idéia de trabalhar com a contradição atraiu para a lógica paraconsistente pesquisadores de várias áreas do conhecimento, inclusive psicanalistas que reconhecem no trabalho a formalização da idéia de contradição que, segundo Freud, existiria no próprio plano do inconsciente (*ver Psicanálise*). Na informática, os especialistas já desenvolveram sistemas para processar dados contraditórios. No campo da teoria da ciência, surgiu o conceito de “quase-verdade”, uma variante da verdade pragmática. Consideremos o caso da mecânica clássica newtoniana, em relação à relatividade einsteiniana: a primeira não se aplica aos corpos que se deslocam em velocidades muito altas, próximas à da luz, ao contrário do que ocorre em determinados domínios, como na engenharia civil, onde a mecânica newtoniana é estritamente verdadeira. Ela é, portanto, quase-verdadeira para um determinado setor. Assim também pode ocorrer com a teoria da luz ondulatória e corpuscular. Ambas são quase-verdade para certos aspectos da teoria da luz. - CD-ROM *Enciclopédia Microsoft Encarta 2000*. Verbete Lógica Paraconsistente.

lógica clássica. Incluir a contradição como quase-verdade, ou verdade provisória, está mais de acordo com o processo de evolução pessoal e intelectual do adolescente.

1.7. A hermenêutica do trabalho com adolescentes

No documento da IV Conferência do Episcopado Latino Americano, realizada em *Puebla de Los Angeles*, México, fez-se uma opção preferencial pelos pobres e pelos jovens (PUEBLA, 1979, n.º. 1186-1187). Longe de resolver o problema, isso só fez reconhecer a dificuldade existente há tantas décadas e até hoje não resolvida. Basta ver a dificuldade que as paróquias têm em assumir a Pastoral da Juventude em seu seio. Não só da parte do clero existe resistência, mas também de muitos leigos. Não que não existam adolescentes e jovens nas igrejas e comunidades eclesiais, mas a maioria mais aceita está em grupos de jovens que não têm ligação com a pastoral da juventude: grupos de movimentos e de espiritualidade. Jovens "bem comportados" que se deixam conduzir por adultos que têm *mais experiência e que são jovens há tantos anos*⁴⁴.

⁴⁴ Esse tipo de tutela adulta ainda não chegou a assumir o princípio esboçado por Pio XII e assumida pela *APOSTOLICAM ACTUOSITATEM* n.º. 12, anos mais tarde.

A opção pelos jovens não foi bem assumida pela igreja, embora no discurso a idealização da realidade exista, mesmo como justificativa para a fuga que se seguiu. Ver-se-á apenas algumas das razões que são fundantes para a realidade que se segue.

Historicamente, a ICAR não consegue trabalhar bem com adolescentes. O que falta para a ICAR é *ter proposta e ter método de trabalho* (DALLA-DEA, 1999). É fácil dizer para os adolescentes no último dia de encontro da catequese de crisma: *"agora vocês serão soldados de Cristo e devem continuar a se reunir e a dar testemunho de sua fé!"* Uma frase desta significa o quê? Pode-se perguntar:

- O que significa ser *soldado de Cristo*? Alguém está em guerra? Temos arruaças na igreja ou na sociedade? Contra quem lutaremos?
- *Continuar a se reunir* quando? Onde? Por quê? Com quem? Para que? Com que método?
- *O que é dar testemunho da fé no mundo de hoje?*

Qualquer das perguntas acima daria muito trabalho para ser respondida, caso fosse levada a sério. A pergunta sobre os soldados de Cristo, teria que ser respondida pela Teologia Bíblica e pela Teologia da Missão; a pergunta sobre as reuniões teria que ser respondida com a ajuda da Teologia Prática; a pergunta sobre o testemunho da fé no

mundo contemporâneo tanto causa furor na Teologia Sistemática, como na pastoral, como na moral e na espiritualidade. Pode-se perceber que esta frase, falada num contexto tão rápido, sem encaminhamentos e sem propostas só pode gerar uma mistificação, tendo como única finalidade *proteger a instituição de críticas e responsabilidades*. Quem não vier mais não poderá acusar a ICAR de nada. Assim, inverte-se o discurso e quem não quer nada é o adolescente. E a consciência de muitos fica acalmada e justificada.

Mas a realidade mostra claramente que os adolescentes estão cada vez mais místicos e preocupados em assuntos religiosos. Assim como toda a sociedade deste século XXI, a religião nunca esteve tão em moda. Discute-se hoje se tanto se fala de religião porque a espiritualidade verdadeira está em falta ou porque isto consista em um interesse da mídia e da indústria cultural, como forma do capitalismo fagocitar qualquer oposição e aproveitar qualquer possibilidade de lucro (AMARAL, 2003, p. 103). Mas basta ligar-se na *mídia* para se defrontar com assuntos religiosos, a favor ou contra.

Há quem defenda que o capitalismo mesmo é uma religião idolátrica própria (LÖWY, 18/09/2005). Segundo esta posição, a religião não estaria em alta: ela seria apenas uma manifestação idolátrica do capitalismo. E a posição tão destacada que ela hoje ocupa na mídia internacional, seria um auto-reflexo do próprio capitalismo visto pelo espelho das lentes das câmeras. Esta é outra discussão, interessante mas pertinente para outra tese. O

fato é que toda esta exposição de assuntos religiosos na mídia eletrônica internacional influencia grandemente os adolescentes. Religião hoje é assunto para longas discussões, dos mais diversos ângulos.

Para se compreender melhor o que se passa na cabeça dos adolescentes, é necessário um diálogo entre a Teologia Prática e das outras ciências. TILLICH, e outros com ele, advogam uma postura em que a Teologia Prática seria uma espécie de teoria técnica, onde as suas partes são aplicadas à vida da Igreja (TILLICH, 1987, p. 36). O pesquisador discordando dessa opinião vê que a Teologia Prático-Pastoral, além de ajudar a Igreja a resolver os seus problemas práticos é mais do que uma aplicação da teoria teológica e mais do que ponte de ligação da teologia eclesiástica com o real. Só por isso, já deveria ser encarada a sério. Mas a Teologia Prática coloca problemas novos para a Teologia Sistemática e para a Bíblica, ajudando-as a responder a perguntas que as pessoas do seu tempo se fazem e delimitando o campo das respostas.

TILLICH diz:

A revelação responde perguntas que foram levantadas e sempre serão levantadas, pois essas perguntas somos 'nós' mesmos. O homem é a pergunta que ele formula a respeito de si mesmo. (...) Ser humano significa formular as perguntas sobre o próprio ser, e viver sob o impacto das respostas dadas a elas." (*Teologia sistemática*, p. 56)

E 'estar na terra' não só significa ter defeitos pessoais. Significa também estar condicionado historicamente. A tentativa dos teólogos neo-ortodoxos de evitar esta marca da finitude é um sintoma daquela arrogância religiosa, contra a qual estes mesmos teólogos estão lutando. (Idem, p. 51)

Para isso, é preciso mais do que ser enciclopédico, ter as respostas prontas ou ter cartas na manga. *Levar a sério, valorizar a opinião e os problemas do seu tempo, escutando, reelaborando-os, dando respostas novas e válidas para os problemas que se põem.* A Teologia é somente possível a partir da reflexão hermenêutica da realidade e a partir da fé (Clodovis BOFF, 1978, 408 p).

Toda Teologia é um esforço de inculturação do Evangelho de Jesus, o Cristo, no tempo e no espaço para a comunidade de fé reunida na memória de Jesus e nas conseqüências para o Reino. A Teologia Prática tem uma função bastante importante: ela não é só a ponte entre teoria teológica e realidade eclesial, mas é *motor que faz com que toda a Teologia ande e não fique estacionada.*

A Teologia da Libertação (TdL) já deu bons frutos nestes anos de caminhada na América Latina e no mundo. De onde brotou a água limpa da TdL, também brotou a Teologia Feminista, a Teologia Negra, a Teologia Gay, etc. Agora está na hora de pensar uma Teologia que integre a pessoa humana em processo de crescimento. Uma Teologia feita para e por adolescentes. (DALLA-DEA, 2003, p. 921-929.) A Teologia tem se primado em teorizar sobre Jesus, como se ele já tivesse se encarnado pronto e acabado. É preciso uma *Teologia do processo encarnatório* de Jesus. E isso parece exigir um estudo mais aprofundado em perspectiva sistemática, construindo uma nova hermenêutica para tal. Este é um campo novo e ainda virgem.

Esta hermenêutica vai se beneficiar de conceitos e trilhas já traçadas pelas teologias de contexto (feminista, negra, gay, etc.). E também deve se beneficiar de novas descobertas nos evangelhos apócrifos. Apesar dos evangelhos apócrifos fantasiarem sobre a vida de Jesus, há neles um Jesus que errava para aprender. Coisa bem humana, digna mesmo de Deus.

A construção de uma nova hermenêutica que considere a Teologia segundo as idades e as etapas da vida humana não será objeto desta tese de doutorado. Mas fica aqui apontada a sua necessidade⁴⁵. O problema a ser enfrentado que é *a falta de diálogo eficaz entre a fé cristã vivida hoje e a realidade da subcultura juvenil no universo capitalista. Qual a relação da Teologia com o problema que estamos refletindo?*

Nas próximas páginas, vai se fazer um sobrevôo teológico, numa leitura bem panorâmica da Teologia e de seus autores. O que interessa aqui é o problema a ser resolvido e não uma leitura abrangente do pensamento de cada autor citado. O uso que se faz aqui é instrumental. Os autores serão lidos *enquanto ajudam a refletir sobre o problema a ser enfrentado*. Nem de longe vai se fazer uma leitura exaustiva do pensamento teórico de cada um. O escopo deste próximo capítulo não é mostrar erudição teológica, mas trabalhar com os conceitos que se precisa

⁴⁵ Para um projeto de pós-doutorado, esta seria uma possibilidade perfeita de investigação e de diálogo acadêmico-científico.

para fazer um trabalho eficaz com adolescentes no âmbito da fé e da prática pastoral.

Capítulo 2: Conceitos básicos para o trabalho pastoral com adolescentes

2.1. O conceito de inculturação

SUESS após definir o termo cultura, analisando os diversos níveis de interpretação deste termo, define o termo *cul tura* como sendo:

um conjunto de saber, de valores e comportamentos de uma visão coerente do mundo e do cosmos, articulado com esperanças religiosas e/ou profanas.⁴⁶ (p. 404)

⁴⁶ "un conjunto de saber, de valores y comportamientos, de una visión coherente del mundo y del cosmos, articulada con esperanzas religiosas y/o profanas."

Ela é o conjunto da expressão vital de um povo. Mais do que algo plástico, cultura é tudo o que é feito e produzido por um grupo específico. É a própria expressão vital do grupo vivente.

A palavra inculturação é definida como sendo uma:

encarnação da vida e da mensagem cristã em uma área cultural concreta, de forma que esta experiência não só chegue a expressar-se com os elementos próprios da cultura em questão (o que não passaria de ser uma adaptação superficial), mas que se converte em princípio inspirador, normativo e unificado que transforme e recree essa cultura, dando assim uma nova criação.⁴⁷ (Idem, p. 393)

Inculturação é uma atitude. Motor gerador de novas transformações culturais a partir de dentro da própria cultura, agora fermentada pelo evangelho cristão.

SUESS também define pressupostos e exigências de um trabalho de inculturação. Como pressupostos precisamos sempre ter em mente que *para evangelizar é básico trabalhar com uma visão positiva da cultura do outro para acercar-se dele e para inculturar é necessário assumir a cultura do outro como sendo sua.* Ao "missionário" cabe a tarefa de ser ponte e não muro de separação. E a função de sustentar a travessia própria e a dos outros. Para tal, será preciso

⁴⁷ Encarnación de la vida y del mensaje cristiano en una área cultural concreta, de forma que esta experiencia no solamente llegue a expresarse con los elementos propios de la cultura en cuestión (lo que no pasaría de ser una adaptación superficial), sino que se convierta en el principio inspirador, normativo y unificado que transforme y recree esa cultura, dando así origen a una nueva creación.

uma *kenosis* pessoal e dolorosa. Uma outra exigência do processo é a solidariedade que deve acompanhar o processo.

Assim como a opção pelos pobres exige que se repartam os bens, a inculturação exige sobretudo que a Igreja reparta a palavra, o espaço e o poder simbólico⁴⁸ (Idem, p. 421)

Querer fazer um processo de inculturação sem repartir a palavra se torna impossível porque é contraditório. A inculturação só se dá a partir de dentro, como motor de transformação. Mas para chegar a este processo, se faz mister de alguns passos de aproximação, com respeito positivo à cultura do outro e de solidariedade, assumindo para redimir. Sem um necessário *mergulho cultural na lógica vital do outro* não se inicia um processo de inculturação.

Para a realização de uma necessária evangelização dos adolescentes também será preciso um mergulho cultural profundo, respeitando os desejos e as angústias desta fase da vida.

Com o aumento do nível de vida, as pessoas agora *têm tempo de serem adolescentes*⁴⁹. Quanto mais as pessoas

⁴⁸ "Lo mismo que la opción de los pobres exige que se compartan los bienes, también la inculturación le exige sobre todo a la Iglesia que comparta la palabra, el espacio e el poder simbólico."

⁴⁹ É já lugar comum falar de alongamento da adolescência entre a classe média e alta. Só se pode falar nisso a partir de uma melhor condição de vida e saúde das sociedades atuais. O presente texto retirado do jornal O GLOBO (edição eletrônica) ilustra bem o problema gerado pelo aumento de expectativa de vida na sociedade brasileira: <http://www.oglobo.com.br/arquivo/delas/19980604/delas991.htm>. Veja o seguinte texto publicado no CD-ROM Almanaque Abril 2003:

melhoram de vida, a adolescência alonga-se mais pelo aumento da expectativa de vida. Há algumas gerações atrás, com as condições de vida muito mais duras, as pessoas "pulavam a adolescência", queimavam esta etapa, inclusive morrendo mais cedo. Assim, o trabalho de evangelização se constituía de apenas duas fases: as crianças e os adultos. Às crianças, davam-se histórias bíblicas e hábitos a serem aprendidos. Aos adultos, davam-se sermões racionais e liturgias. A coerção social realizava o que tudo mais não tinha adiantado.

Com a diminuição da coerção social, o desaparecimento do monopólio religioso exercido pela Igreja Católica e a diminuição do prestígio social do clero como fonte de autoridade na mesma proporção em que aumenta o poder das mais diversas mídias, este método não tem dado mais resultado. Some-se a isto o aparecimento social da adolescência e teremos uma crise da evangelização e da catequese. O método antigo já há muito não produz o seu resultado.

A Igreja não conseguirá nenhum resultado satisfatório e relevante enquanto não encarar seriamente o desafio de

"BRASIL 2000/DEZEMBRO/ ECONOMIA. EXPECTATIVA DE VIDA - Brasileiro vive em média 68,4 anos em 1999. Em 1º/12, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulga que a expectativa de vida do brasileiro passa para 68,4 anos no ano de 1999, um aumento de 0,3% em relação ao ano anterior (68,1 anos). Esse crescimento mostra o envelhecimento da população, pois, enquanto em 1999 os brasileiros com mais de 60 anos representam 8% da população, esse percentual era de 4% na década de 40."

fazer o processo de inculturação com os adolescentes urbanos⁵⁰.

Se a inculturação é um longo e doloroso processo, como nos ensina SUESS, será preciso ao menos iniciar o processo com aproximações solidárias e abertas nas culturas adolescentes das mais diversas tribos. Para tal, não basta apenas cantar músicas animadas e bater palmas. É preciso mais do que isto: dar voz e vez aos novos membros das comunidades cristãs. Eles querem espaço de vida e participação, como as pesquisas preliminares já apontaram (DALLA-DÉA, 2003). E como Paulo SUESS também diz:

Um espaço próprio para que a África, para louvar a Deus, possa dançar; para que a América Latina possa cantar, para que a África possa meditar, para que a Europa possa raciocinar. A unidade da Igreja não exige que todos dance com a mesma flauta ou rezem com as mesmas fórmulas ou raciocinem com o rosário cartesiano.⁵¹ (p. 422)

⁵⁰ Em todas as classes sociais. A adolescência hoje não se atém apenas aos filhos da classe alta. Se bem que aí a adolescência demora mais tempo, espichando-se. Mas a adolescência hoje é considerada uma subcultura na sociedade ocidental e capitalista.

⁵¹ “Un espacio propio para que África, para alabar a Dios, pueda danzar; para que América Latina pueda cantar, para que Asia pueda meditar, para que Europa pueda raciocinar. La unidad de la Iglesia no exige que todos bailen con la misma flauta o recen con las mismas fórmulas o raciocinen con el rosario cartesiano.”

É preciso que os adolescentes tenham um espaço de uma pequena rebeldia e de questionamento. Um espaço seu para que eles possam viver o evangelho de Cristo do seu jeito e inspirados por eles. Nada mais contraproducente do que querer que os adolescentes sejam crianças ou que sejam adultos. Eles não são nem um nem outro: sentem-se estranhos em ambos os mundos. É necessário que eles tenham um espaço seu para construir um mundo com Cristo, mesmo que seja contraditório e fugaz. Só assim, a ICAR terá a cara da adolescência.

Não há notícias sobre uma tentativa concreta de inculturação do evangelho no mundo da subcultura adolescente. Mas será preciso tentar. Para tal, o conhecimento e o mergulho nas tribos urbanas será fundamental. Sem isso, não haverá aproximação possível. Nem para começar o trabalho mais fundamental.

Mas há um problema aí: é preciso de um trabalho de inculturação em cada tribo urbana. Não há uma inculturação genérica. Será preciso fazer um trabalho para cada tribo, num trabalho de grande esforço evangelizador. E não haverá missionário com formação suficiente em Teologia e pedagogia, porque o tempo trabalha contra o missionário. Quanto mais ele se prepara, mais velho ele fica e mais distante dos problemas e da sensibilidade adolescente.

Por isso, um trabalho de aproximação cultural só será possível *coordenado* por teólogos e missionários, mas *realizado* por adolescentes. Além das dificuldades que a inculturação como processo já enfrenta por si, *esta*

inculturação do evangelho de Cristo enfrenta ainda esta: o tempo. O tempo corre, diziam os latinos. E nada mais implacável do que o tempo. Por isso, esse processo só será possível feito de forma absolutamente desclericalizada e laical.

É bem verdade que estamos falando de uma inculturação que será feita a partir de paradigmas ocidentais, o que facilita muito o trabalho. Mas o fato de ter que ser feita simultaneamente em diversas subculturas urbanas é um fator complicador da mais alta estirpe. Se a ICAR já tem dificuldade em realizar uma coisa por vez, imagine a dificuldade imensa de realizar um trabalho desta categoria, coordenando diversas variantes do mesmo problema essencial, que é a adolescência.

Muitos irão objetar sobre a falta de necessidade de um trabalho assim grande. Ou mesmo da necessária e perigosa fragmentação do tecido eclesial. A ICAR - desde os tempos da Reforma - teme a sua fragmentação como fator desagregador e diminuidor. Mas pelas pesquisas que o CERIS anda fazendo a quase uma década, em parceria com o IBGE e universidades, pode-se ver que a população católica vêm diminuindo através de uma diversificação do campo religioso. E a mesma população vem, gradativamente se elitizando.

O último Censo do IBGE aponta que entre 1990 e 2000 o Brasil reduziu a sua população católica em 11,9%, num total de 1,32% ao ano (ALMANAQUE ABRIL, verbete religião). É muita coisa. Se ninguém fizer nada e esta sangria

continuar, em breve a população católica acabará por diminuir significativamente sem uma gota de sangue ou cisma declarado, como ocorreram na História da Igreja com as heresias, guerras e separações decorrentes do movimento reformador. Não precisará nenhum Lutero, Calvino ou Henrique VIII para convencer as pessoas de que será melhor estar numa igreja que tenha um mínimo de sintonia com a sensibilidade humana atual e como pensamento urbano de hoje.

Contudo, estas reflexões breves e necessárias não são novidades na ICAR. Ao longo de toda a sua história a Igreja teve momentos de inculturação evangelizadora e momentos de involução centralizadora para conservar o poder. Sempre houve e haverá tentativas de colocar o evangelho na vida e na cultura do povo sofredor. Para tal, se pode invocar:

- a escrita do *DE CATECHIZANDIS RUDIBUS*, de Santo Agostinho (AGOSTINHO, 1973, p.126), já mostrava a preocupação da Igreja de Cartago pela evangelização proveitosa dos adultos africanos;
- a preocupação colocada em documentos dos Padres Conciliares do Vaticano II (COMPENDIO DO VATICANO II, 1993) e continuada por Paulo VI (*EVANGELII NUNTIANDI*, 1995);
- os documentos latino-americanos de Medellín, Puebla e Santo Domingo que apontam para o caminho

da evangelização inculturada, sendo que Santo Domingo cita o termo como já consolidado;

- as homilias de D. Oscar ROMERO (<http://www.servicioskoinonia.org/romero/homilias/indice.htm>, 14/09/2005) e o trabalho pastoral de D. Pedro Casaldáliga, junto aos índios e aos pobres da América Latina;
- a preocupação de tantos pastores e leigos atuais no Brasil e nas Américas (STRAGLIOTTO, 2002).

Sempre na história da Igreja houve pessoas e grupos preocupados pela eficácia de uma evangelização que atingisse o âmago da humanidade. Porém isso nunca foi ponto pacífico. Nenhum período de tentativa de evangelização *inculturada* ("adaptada" dizia-se antigamente) foi pacífica. Agostinho mesmo se envolveu em muitas polêmicas teológicas e práticas. O Concílio Vaticano II até hoje não é consenso na Igreja, a *EVANGELII NUNTIANDI* e o documento de Santo Domingo foram convenientemente "esquecidos" por muitos. O caminho da inculturação arrisca ser o caminho mais produtivo e o mais perseguido.

Há um memorando que Orestes STRAGLIOTTO escreveu ao Bispo de Novo Hamburgo, meses antes de morrer, em que dá para sentir o estado de espírito de um pastor preocupado com a evangelização inculturada de seu povo em uma paróquia de periferia:

Trabalhando com o povo RELIGIOSO, mas não EVANGELIZADO, comecei entender o que é realmente EVANGELIZAR! Hoje eu sei que o povo, sobretudo pobre, tem SEDE DE DEUS e que nós, ministros de Deus não sabemos como saciar a fome e a sede de Deus de nosso povo! Ai eu descubro que as Igrejas “NEOPENTECOSTAIS” de forma quase sempre errada e equivocada, conseguem satisfazer parte da fome e sede de Deus que nosso povo tem!!! (STRAGLIOTTO, 2002, p. 1)

Eu faço parte de uma Igreja que dá muita importância à ESTRUTURA, ao PODER, aos RITOS e às REGRAS e não sabe como saciar a fome e a sede de Deus que o POVO TEM!! Faço parte de uma Igreja que dá pouca importância à PALAVRA DE DEUS (“DEI VERBUM” é o documento central do Concílio), e se preocupa muito mais com regras, os títulos, os cargos, com o dinheiro e com as igrejas bonitas, com grandes manifestações (importantes mas insuficientes) e com vigiar se o direito canônico é ou não arranhado pela Evangelização, Catequese, Liturgia, pelas Obras de Caridade, etc. Dá a impressão de que Jesus nos disse: “Cuidem de observar as 613 Leis de Moisés ou da Tradição” em vez de dizer: “IDE PELO MUNDO TODO E FAZEI DE TODOS, MEUS DISCÍPULOS. (Idem, p. 2)

A citação manteve o estilo das maiúsculas do texto original, não constituindo nenhuma ênfase por parte do pesquisador.

2.2. O adolescer da fé

James FOWLER é um teórico que consegue unir teoria do desenvolvimento e fé. Muitos autores falam da fé como se ela fosse apenas uma realidade já dada pronta por Deus ao homem. Uma realidade estática. L. KOHLBERG, em suas pesquisas mostra que também o conceito de moralidade é adquirido evolutivamente pela pessoa, enquanto cresce e amadurece. KOHLBERG usava o instrumental teórico desenvolvido por PIAGET, o mesmo usado por FOWLER. Caminhando na mesma linha destes dois teóricos, teoriza sobre a fé e o seu desenvolvimento na pessoa humana.

Antes de falar sobre FOWLER e sua teoria, é preciso registrar a crítica de Carol GILLIGAN: os dois só pesquisaram garotos e teorizaram com se o desenvolvimento humano e afetivo-moral delas fossem iguais, o que não se prova (<http://www.bioetica.ufrgs.br/modcuid.htm>, 14/09/2005). A moralidade das mulheres *se desenvolve de forma diferente* e isto gerou uma gama nova de reflexões a que chamamos de *ética do cuidado*. As novas considerações de gênero deram uma nova luz sobre a reflexão de desenvolvimento humano em etapas.

Segundo FOWLER, por volta dos 14 a 20 anos (época da catequese confirmatória), o adolescente está no estágio da fé sintético-convencional, sendo o resumo das opiniões e posições de sua comunidade. Nesta época, a opinião de *outros significativos* é muito importante e a experiência ampliada *fora da família* também. Por isto, a importância de

testemunhos de vida e opinião e a experiência de pousar fora, através de retiros, cursos, acampamentos, etc. Pode ser um fator bastante interessante na *assunção de perspectiva*, colaborando para uma nova forma de encarar a religião cristã: a *vivência em grupo dos ideais de Cristo*.

FOWLER (1992) mostra que para se passar de um estágio a outro, no sentido de crescer e ascender, é necessário que se possa sair de casa, no sentido emocional ou mesmo físico.

Primeiro, o jovem deve deixar o seu lar emocionalmente – e talvez fisicamente – e defrontar-se com experiência de valores conflitivos em um contexto de moratória. Segundo, o jovem adulto, (...) deve ter dado dois passos que, tipicamente, a condição de estudante não exige: a experiência de *responsabilidade constante pelo bem-estar de outros* e a experiência de fazer e conviver com opções morais irreversíveis, que são marcas da experiência moral pessoal do adulto. (Estágios da fé, p. 77)

Freqüentemente, a experiência de 'sair de casa' – em sentido emocional ou físico, ou em ambos – precipita o tipo de avaliação do próprio eu, do *background* e dos valores orientadores para a vida que dá origem à transição de estágio a esta altura. (Idem, p. 147)

É através da experiência de *sair de casa* que o adolescente passa do estágio 2 (fé mítico-literal) para o 3 (fé sintético-convencional). Por isto, é de se esperar que o adolescente ainda entre na catequese no estágio 2, podendo ou não estar em transição para o estágio 3.

Com a catequese de crisma ou sem ela, o adolescente tende a ir até o estágio 3, com o passar dos anos:

No estágio 3, fé sintético-convencional, a experiência de mundo amplia-se além da família. (...) O estágio 3, tipicamente, surge e adquire ascendência durante a adolescência, mas para muitos adultos, torna-se um lugar permanente de equilíbrio. ... está agudamente sintonizado com as expectativas e julgamentos de outros significativos e ainda não possui uma percepção suficientemente segura de sua própria identidade e julgamento autônomo para construir e manter uma perspectiva independente.(...) Diferenças de ponto de vista em relação a outras pessoas são experimentadas como diferenças de 'tipo' de pessoa. (Idem, p. 146)

É aqui que entra o trabalho da catequese: se ela proporcionar ao adolescente que ele possa crescer de estágio, ele sairá dela mais maduro e mais humano. Será alguém melhor, porque pôde crescer com a oportunidade de estar com Cristo e com os seus irmãos de fé. Se a catequese não proporcionar crescimento ao adolescente, ele acabará a catequese e será crismado com o mesmo nível de fé que tinha no início do processo. Será a mesma pessoa, com a mesma fé mítico-literal e irá amadurecer em outro contexto, deixando a fé e a participação da igreja de lado. Ou pior, de fora.

Para um trabalho com adolescentes, é preciso que a fé se desenvolva, passando por crises e reconfiguração, incluindo a pessoa de Deus.

Quando Deus é um outro significativo nesta miscelânea – e o divino é sempre, em potencial, aquilo que James Cone chamou de 'Outro Decisivo' -, o comprometimento com Deus e a auto-imagem correlata podem exercer um poderoso efeito ordenador sobre a identidade e a perspectiva de valores do adolescente. (Idem, p. 132)

É preciso unir várias coisas para que o adolescente possa criar condições para amadurecer a sua fé: aliar à experiência de sair de casa (de forma monitorada); unir-se a uma sociedade de discussão entre pares da mesma idade; reconfigurar a experiência e a idéia de Deus, a fim de que ele possa exercer a sua influência ordenadora sobre as forças da personalidade adolescente.

Proporcionar experiências de fé, de encontro e de reflexão prática sobre a vida deveria ser um dos objetivos da catequese de crisma a fim de engajar o adolescente na comunidade.

Pela via prática, este pesquisador tem notado que - a partir do momento que se faz um retiro de um dia com os crismandos - o clima melhora e o interesse deles pela catequese, seus conteúdos e dinâmica também. Por causa disto, este pesquisador tem recomendado às comunidades que querem trabalhar melhor com adolescentes no período da catequese de crisma, que se inicie o ano com um grande retiro, colocando junto todas as "turmas" da catequese crismal. A experiência mostra que - a partir daí - a catequese dá um salto para melhor.

Também a experiência dos movimentos de encontro confirma a teoria de FOWLER, mostrando que aqueles que participam de retiros de espiritualidade têm uma experiência integradora muito forte em suas forças psíquicas e espirituais, passando a perceber a vida de outra maneira, bem mais positiva e ativa. Os retiros de espiritualidade têm conseguido isto: integrar as forças de

um indivíduo de forma que ele passa a participar de maneira ativa, na Igreja e na sociedade.

Ainda nesta linha de raciocínio, BORÁN tem apostado muito de sua teoria e de sua prática de PJ em retiros para a formação de lideranças (CDL - Curso de Liderança).

O problema a ser gerenciado é que não se pode ser e agir como pais destes adolescentes a serem trabalhados. Eles precisam de "*outros significativos*" e não de segundos pais.

Nem deveria ser este um objetivo a ser alcançado por estes encontros. Adolescentes precisam de pessoas que os escutem e possam servir de ideal de pensamento e de ação. Adultos que queiram fazer as vezes de pais, tendem a ser autoritários e a não gerar participação e discussão. Para o amadurecimento deles o ideal seria que houvesse jovens mais velhos entre eles, que fossem lideranças e que pudessem valorizar a experiência deles.

Encontros e retiros proporcionam uma maneira monitorada de sair de casa, sem causar grandes traumas e possibilitando um crescimento da personalidade e da fé, segundo FOWLER. É preciso aproveitar estas possibilidades teóricas e práticas na catequese crismal. Será uma grande ajuda para os adolescentes e para seus pais, sem contar que a Igreja não ficará de fora.

2.3. A rebeldia adolescente

Paulo FREIRE é um dos grandes pedagogos do Brasil. Reconhecido internacionalmente, foi um teórico que possibilitou toda uma corrente de pensamento, que hoje está dando frutos na caminhada pedagógica brasileira e mundial. Para os estudos a que nos propomos, há um conceito fundamental dele que seria preciso usar mais. É o da *leitura de mundo*. Não basta alguém saber ler, escrever e contar. É preciso que ele possa também ler a realidade presente. Para tal, é preciso saber ler (ver), interpretar a realidade, fazendo as interligações entre os fatos (julgar) e fazer algo para mudá-los (agir).

Leitura de mundo corresponde à leitura crítica da realidade. Para tal, é preciso ter certa distância da própria realidade a ser observada.

Segundo FREIRE, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler se vai dando na experiência existencial. Primeiro, a "leitura" do mundo do pequeno mundo em que se move; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, é a leitura da "palavra-mundo".

Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto em cuja percepção experimenta e, quando mais o faz, mais aumenta a capacidade de perceber se encarna numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão

vai aprendendo no seu trato com eles, na sua relação com seus irmãos mais velhos e com seus pais.

A leitura do mundo é sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente. Esse movimento dinâmico é um dos aspectos centrais do processo de alfabetização.

A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Assim as palavras do povo, vêm *através* da leitura do mundo. Depois volta ao povo, inseridos no que se chama de codificações, que são representações da realidade. O ato de ler implica na percepção crítica, interpretação e reescrita do lido.

É claro que toda pessoa, de alguma forma, lê o mundo que a cerca. FREIRE inaugurou o método sistemático para desenvolver e melhorar a leitura crítica do mundo, saindo da leitura ingênua e espontânea⁵². E é este ato de ler e reler o mundo que se precisa fazer durante o processo de catequese de confirmação. Reler a realidade é preciso, para que o adolescente possa ver a realidade com os olhos de Jesus sobre o mundo. Para tal, é preciso apresentar o projeto de reino que Jesus inaugura e compará-lo com a

⁵² A leitura (crítica) de mundo não é perseguida pela educação bancária. A educação escolástico-tradicional é ainda praticada em muitas catequeses de primeira Eucaristia. Esta discussão sai um pouco do foco desta tese, apenas fica aqui mencionada para se saber que não é uma discussão desconhecida e sem conseqüências para o dia-a-dia de nossa catequese. Os textos do Instituto Paulo Freire são muito oportunos aqui de forma a pensar melhor a nossa catequese. (<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/principal.jsp>)

proposta da atual sociedade de consumo e de informação. Sem esta nova ótica, não se ganha os adolescentes para um discipulado verdadeiro.

Superar a "rebeldia" adolescente não se consegue com discurso bom-mocista, mas mostrando onde a rebeldia de Jesus se insere na crítica e na modificação do mundo atual. A visão crítica da sociedade e a leitura bíblica engajada são necessárias para fidelidade da catequese ao Projeto de Jesus, e para afastar aquele preconceito de que Igreja é igual a uma visão conservadora e fechada de sociedade. A Teologia da Libertação está aí para comprovar que visão religiosa de mundo não equivale à visão conservadora dele.

Adolescentes têm que ser valorizados em sua "rebeldia" contida e no seu idealismo de mudar o mundo. Sem isto, se está ensinando às novas gerações que o Evangelho de Jesus era apenas para ontem e não tem nada a ver com a realidade de hoje. Então, para quê Evangelho? Para que religião? Se ela não tem nada a nos dizer, então pode ir a um museu e ficar lá.

Ensinar a ler o mundo com os olhos de Jesus é fundamental para uma catequese que quer formar discípulos do Mestre. *É preciso mudar a ótica: não se podem formar católicos na crisma, mas cristãos.* Discutir temas da atualidade e confrontá-los com as soluções paradigmáticas e inspiradoras do evangelho é fundamental. Não se deve fugir a temas polêmicos e sensíveis à realidade dos adolescentes em desenvolvimento da personalidade.

A catequese de crisma só será autêntica e produzirá eficácia quando for uma leitura séria da realidade de forma democrática e sensível aos temas dos adolescentes. Isto se pode afirmar a partir dos escritos de Paulo FREIRE, nosso grande pedagogo. Portanto, de nada adianta começar a catequese reforçando a catequese de primeira Eucaristia, tomando orações e reatualizando conceitos antigos.

É preciso primeiro ver o mundo a partir de olhos críticos. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, também no âmbito da fé. A leitura do mundo deve preceder a leitura da Palavra de Deus. O método ver-julgar-agir da antiga Ação Católica ajuda muito neste caminho para a catequese de crisma. E está na mesma linha de raciocínio de Paulo FREIRE. Ele deveria ser usado nos encontros de catequese crismal a fim de possibilitar discussão e circulação da palavra dos adolescentes, valorizando a sua experiência e entrando no mundo de suas idéias e valores. O método tradicional da catequese crismal é o da aula clássica, que não proporciona nenhum interesse entre os crismandos e não atinge os seus valores, nem considera a leitura de mundo que eles já fizeram. O método tradicional de aulas clássicas deveria ser abandonado em benefício de um crescimento em qualidade da catequese e dos adolescentes.

Outro conceito fundamental de FREIRE é *pedagogia da autonomia*. Para uma autêntica pedagogia da autonomia não é necessário suprimir a rebeldia adolescente, mas canalizá-la. Sem autonomia, o adulto será sempre criança. Não irá crescer. É só a partir da autonomia que se pode dizer que

alguém é verdadeiramente adulto. E é para isto que a pedagogia deve trabalhar: construir um caminho que leve a pessoa para o crescimento total do ser humano.

Se na catequese do sacramento da confirmação se afirma que a finalidade de se receber o sacramento é se tornar *soldado de Cristo*, então é preciso crescer. Só um adulto pode ser soldado e ir para guerras. Crianças, inválidos e deficientes devem ser defendidos e protegidos.

Se a catequese de confirmação quer ser verdadeira, deve desenvolver o espírito crítico também com relação à vivência do cristianismo, pois esta atitude é própria de um adulto. Sem autonomia, não é possível uma catequese boa de confirmação. Mesmo tendo recebido o sacramento da confirmação, o crismado ainda estará na fase infantil de sua fé. É isto que se vê hoje em muito adultos, ainda crianças em questões de fé, de moral e de testemunho cristão na sociedade. Sem autonomia não há nem verdadeiro laicato, mas massa de manobra em assuntos de fé.

Pelos conceitos básicos de leitura de mundo e de uma autêntica pedagogia da autonomia, Paulo FREIRE nos ajuda a pensar conceitos básicos no trabalho pastoral e catequético com adolescentes. Sem este respaldo teórico-crítico-prático a catequese irá apenas ser uma aula a mais. Com conteúdo a ser decorado ou "aprendido" para "se passar" e receber o sacramento da crisma. Será apenas o exercício de uma educação bancária, dicotomizando a vida e a prática.

2.4. O método e a leitura bíblica

George BORÁN e Hilário DICK são teóricos, padres religiosos e trabalham assessorando a PJ. Não têm apenas lastro acadêmico, mas muito tempo de assessoria e de convivência com os jovens pejoteiros (= participantes da Pastoral da Juventude).

BORÁN (1994, p. 147) chega a admitir que os movimentos de espiritualidade, com os seus retiros e encontros de final de semana, tinham mais sucesso com a massa da juventude do que a PJ de hoje, que acabou ficando mais elitizada. Também reconhece o trabalho ecumênico de alguns movimentos. BORÁN vê alguns pontos positivos dos movimentos de espiritualidade, adotando uma postura aberta e não-preconceituosa. Vê importância na espiritualidade, no modelo querigmático, na organização eficiente e no gerenciamento de recursos financeiros, na independência face ao clero, num ponto de vista menos intelectual no contato com Jesus e sua proposta, na mobilização dos jovens e na possibilidade de jovens palestrarem e darem testemunhos para outros jovens de mesma idade, exercendo fascínio psicológico positivo (1994, p. 145-147). Se isto é certo e deveria ser aproveitado, o certo é que isto deveria ser mais bem desenvolvido.

A limitação de BORÁN é que ele não levou isso mais a sério para o contexto da crisma, a fim de fazer a ponte de passagem com a PJ e melhorar o método e o conteúdo da catequese crismal, já que não é o seu foco de trabalho e de pesquisa. Mas ele se preocupa seriamente em como fazer a passagem entre a catequese de crisma e a PJ. Contudo, BORÁN não pegou o veio da reflexão para aprofundar. O fato é que retiros e encontros são tão populares aos jovens por que:

- desenvolvem um espaço de autonomia (estão longe de casa e dos pais);
- são uma alternativa de lazer/turismo barata e segura (quando os encontros são fora da cidade);
- produzem conhecimento de novas pessoas, amizades e namoros;
- possibilitam o aprofundamento de conteúdos bíblicos e espirituais de forma leve e não acad
- são a oportunidade de uma aprendizagem não-formal e mais criativa.

BORÁN trabalha bem os retiros (conteúdo e método) com seu CDL (Curso de Dinâmica para Líderes). O CDL é a sua melhor contribuição para a pastoral da Igreja do Brasil. Nele, junta o conteúdo da PJ e o método antigo dos movimentos, fazendo uma síntese que tem muita possibilidade

para se tornar bastante frutífera na prática pastoral. Pela experiência pastoral de trabalho com BORÁN, o pesquisador pode afirmar que os jovens têm uma alegria de participar do primeiro CDL e que ficam esperando ansiosamente pelo segundo encontro. E são eles que acabam por incentivar outros jovens a fazer o CDL. Assim, tornam-se "*apóstolos de outros jovens*", como queriam o Papa Pio XII e o Concílio Vaticano II (APOSTOLICAM ACTUOSITATEM, 12).

Para a atuação e incorporação dos adolescentes crismandos, é preciso retiros e encontros de mais de um dia. Como método, são necessários para a formação de uma história comum entre os crismandos. Eles têm que se sentir um grupo coeso, com história, amizades, namoros e desencontros comuns. Só assim se cria "pertencimento" a algo ou a algum grupo. *Igreja é um grupo de discípulos de Cristo, advogando um projeto comum de advento do Reino de Deus.*

Sem isso, cria-se uma classe de alunos, onde cada adolescente se refere a seu professor, em uma interação individual e não grupal.

O recurso de utilização de retiros e reuniões de mais de um dia é excelente, pois vai ao encontro da necessidade psicológica do adolescente: vida em grupo. Também o rompimento causado pela ausência temporária dos pais induz à autonomia relativa, dado importante para o crescimento da responsabilidade, da personalidade e da auto-imagem.

Há ainda a vantagem de não se jogar fora experiências que deram certo, simplesmente por preconceito. Adolescente gosta de acampamento de férias justamente pelas vantagens e necessidades relatadas anteriormente. Retiros de carnaval também são bastante populares entre os adolescentes pelos mesmos motivos. Assim, aproveitar o método e ir ao encontro de anseios e necessidades dos adolescentes só será um passo para o êxito de uma catequese de crisma renovada.

Não se pode iludir, o método de confecção de retiros precisa ser bem elaborado e dá trabalho. Por isso, *esta é uma opção que precisa ser feita em toda a paróquia ou por toda uma região de trabalho pastoral*. Ou então se terá problemas, uma vez que é mais fácil para quem não quer entrar em nenhum compromisso (e para alguns catequistas) fazer aulas semanais e esquecer os retiros.

Para a confecção de retiros, será preciso que os catequistas de crisma integrem uma equipe que funcione com divisão real de responsabilidades, discussão aberta e sincera dos problemas e soluções. Sem isto, o retiro poderá ser apenas um momento de doutrinação impositiva por parte de alguns e não se tornar um salto de qualidade metodológica.

Ainda seguindo a linha de raciocínio de BORÁN, não se pode esquecer que uma equipe é bem diferente de um grupo. A diferença entre grupo e equipe por ser vista entre um grupo de tradutores (onde cada um faz a sua parte e deixa as outras para serem executadas por outros, sem a necessária visão do todo) e um time de futebol (onde todos jogam

visando o gol, assumindo posições suas e cobrindo falhas de outros, num esquema tático que requer visão global do espaço e do movimento do jogo). Um time de futebol é uma equipe onde se tem a visão e a consciência do todo e do objetivo. Um grupo, onde cada um só faz a sua parte, não se caracteriza por ser um time. Para os retiros, é preciso de uma equipe de preparação, composta de catequistas e de membros da PJ.

Mas não basta apenas fazer retiros. Retiros são métodos e métodos podem servir para o progresso ou para o regresso de um grupo. O movimento do Cursilho de Cristandade foi muito criticado porque - no contexto do regime autoritário da ditadura militar e do AI-5 - serviu para a doutrinação político-positivista, em muitos casos. Entretanto, o movimento se renovou e hoje o Cursilho trabalha com o método ver-julgar-agir. O que só comprova a tese de que o método é o mesmo (encontros de fins-de-semana), mas o conteúdo mudou.

Só o método não basta, é preciso também ver o conteúdo. Para o método a ser usado, BORÁN e FOWLER concordam no essencial: retiros e encontros para se pousar fora são uma oportunidade única para os adolescentes, tendo em vista um crescimento na qualidade da catequese e dos próprios adolescentes. Além de serem populares entre eles, são uma forma de criar um grupo de pares etários com uma história em comum, que pode servir de gancho para a formação futura de um novo grupo de jovens, após a recepção do sacramento da crisma.

Se BORÀN nos ajudou com a sua metodologia; Hilário DICK pode nos ajudar no tocante ao conteúdo. Padre jesuíta, DICK trabalha com assessoria de jovens há décadas. A premissa básica de DICK é que:

os jovens gostam de Jesus. Talvez não gostem muito do que falamos dEle, porque há falas que O tornam muito etéreo ou concreto demais. Para muitos jovens, Jesus é assunto particular que é preciso conservar no mistério. (VVAA - *Jesus de Nazaré, profeta da liberdade e da esperança*, p. 334)

Depois, vendo a caminhada histórica das décadas recentes (a partir da década de 1960), pode-se notar que os "jovens nunca estiveram nem tão longe de Jesus" (Idem, p. 336), o que pode ser provado pela imensa procura atual de jovens que querem conhecer melhor a *Leitura Orante da Bíblia* e se conhecer melhor através de retiros espirituais.

DICK também considera algumas passagens bíblicas, para sair do lugar-comum de que a Bíblia fala pouco do jovem, ou o faz de forma estereotipada⁵³. E diz de que a

53 Sab. 4,7 aponta para um ideal de sábio que é jovem. Mc 16,5 identifica o anjo da ressurreição a um jovem. Lc 15, 11-32 fala de um jovem que se arrepende e se levanta, voltando atrás e erguendo a cabeça frente à sua vida. Lc 2,41-52 fala de respostas de Jesus adolescente frente a doutores, o que equivale a falar de uma autonomia de Jesus, já em fase de desenvolvimento. Este texto também mostra um certo nível de conflito com seus pais. Mc 5,21-43 fala de duas curas: de uma mulher que sofria de hemorragia e de uma jovem que não quer enfrentar a vida e por isto é dada por morta, articulando as duas curas. A jovem tinha 12 anos: idade de iniciar a vida adulta e de tomar para si um casamento, seguindo dos costumes da época... Lc 7,11-17 faz uma leitura da ressurreição do filho da viúva de Naim. Segundo o costume, só podia tocar num esquire, um profeta ou um louco. Ao ressuscitar o jovem, Jesus se afirma como profeta no meio do povo, lembrando 1 Rs 17,17-24(Elias) e 2Rs 4,8-37 (Eliseu). No episódio, Jesus não só ressuscita, mas incorpora o jovem na sociedade de seu tempo. Não basta viver, mas criar relações para que a vida se desenvolva. Mc 14,3 nos lembra que foi uma jovem que ungiu Jesus antes de sua morte.

palavra que Jesus não cansa de repetir é "levante-se" (Idem, p. 347), nos lembrando de que um jovem precisa viver de cabeça erguida, com esperança.

Ao lado de sua exigência, ao lado de seu radicalismo em querer que se abrace a felicidade da vida, há o aspecto romântico e místico de Jesus sabendo ler – atrás de uma juventude morta – os sinais da vida plena que os jovens sonham e dos quais o jovem não deixa de ser um sacramento. (p. 348-349)

Afirma também que é preciso que o jovem esteja de pé e com a cabeça levantada. De que é preciso se libertar das manipulações do mundo adulto e começar a pensar, discernir e agir por si próprios.

Estamos vivendo em uma autêntica indústria cultural, que transforma toda notícia em diversão e toda diversão em notícia. Sem saber-se qual o limite e a fronteira entre um e outro, o expectador se vê perplexo e se transforma cada vez mais em um indivíduo, quando deveria se desenvolver em uma pessoa. Uma leitura bíblica e teológica suficiente e eficaz deveria considerar a possibilidade de ajudar o adolescente e o jovem a se desenvolverem rumo a uma autonomia conquistada e não fazer um discurso "bom-mocista" endereçado para a obediência e a passividade.

O capítulo "*Leitura popular da Bíblia sob óptica juvenil*" deverá ainda ser escrito com mais profundidade exegética, hermenêutica e teológica, mas não cabe aqui, no

esforço científico que estamos fazendo agora. Ele se insere na leitura de gênero como afinidade e de início, até que possa se falar solidamente de uma *leitura etária* do texto bíblico. Esta leitura ainda não existe, mas precisa ser criada, a valorização da terceira idade, da criança, do adolescente e do jovem exigem uma postura que não seja tão *adultocêntrica*, se é que se pode falar assim. Fica aqui a necessidade de uma linha teológica de estudo e de pesquisa sobre o assunto.

Outra linha em que será preciso inaugurar uma reflexão bem séria sobre o assunto é uma Teologia Etária ou das Idades. Maior do que uma Teologia do Jovem (DICK, 1997) já rascunhada por DICK, ela precisa compreender o processo encarnatório de Jesus em sua totalidade: do seio de Maria à morte e ressurreição.

A hermenêutica e a epistemologia usadas deverão seguir pelos mesmos rumos da Teologia de Gênero e pela Teologia Negra. Uma reflexão sistemática em Teologia Etária precisa incluir uma reflexão sistemática sobre a criança, uma sobre o adolescente/jovem, sobre o adulto e outra sobre o envelhecimento. Aqui se tem muito material para pesquisar, para discutir e toda uma fronteira para desenvolver, em vista a uma compreensão mais dinâmica da Antropologia. Será preciso caminhar muito até se chegar a uma Teologia das Idades Humanas ou uma Teologia Etária. O nome ainda não é definitivo, mas a intuição da necessidade é bem clara.

O desafio principal será deixar as primeiras etapas (crianças, adolescentes e jovens) serem protagonistas do processo, já que não têm preparação e instrumental teológico suficientemente maduro para tal. Mas para isto se faz necessário o auxílio e a assessoria do teólogo profissional, já que fazer Teologia é possível para todos, sistematizá-la é um pouco mais exigente. (Clodovis BOFF, 1984)

2.5. O discipulado de Cristo

Teólogo brilhante, D. BONHOEFFER é mártir da fé e essa posição ética assumida conscientemente se reflete na escrita de sua teologia. Deixou poucas obras completas, sendo que algumas como a sua *Ética* foram publicadas *post-mortem*, mesmo não estando acabadas. Também nas obras *post-mortem* estão incluídas suas cartas de prisão e outras cartas, onde se misturam reflexões teológicas e problemas do dia-a-dia da prisão.

D. BONHOEFFER parece iniciar a sua reflexão a partir de onde MARX, NIETZSCHE e FREUD pararam as suas. A partir desses autores, o mundo perdeu a necessidade de se basear na religião para se sustentar para qualquer coisa. O mundo perdeu o seu envolvimento místico-mitológico, causado pela atmosfera religiosa que ainda o envolvia. Em vez de adotar uma posição apologética defendendo a Teologia e a igreja da emancipação do mundo, BONHOEFFER parece assumir essa posição como pressuposta e base para dar um salto de qualidade teológica. Sua teologia a partir do mundo emancipado se desenvolveu posteriormente nos autores da teologia da secularização (COX, 1968). Pode-se afirmar que foi a teologia da secularização que acabou dando base teórica para a TdL. (COX, 1968) Aqui vemos o ponto de apoio longínquo de onde podemos retirar alguma base de afinidade entre BONHOEFFER e a TdL brasileira (CORBIC, 2004 e HAMMES, dez. 1991).

BONHOEFFER ajuda a entender a *lógica de ação do adolescente*⁵⁴. Conceitos como mundo emancipado, discipulado e graça (barata e preciosa) ajudam a perceber melhor o que se passa na cabeça dos adolescentes em vista da realidade eclesial. Um olhar mais de perto pode ser esclarecedor.

⁵⁴ Este pesquisador crê que *epistemologia do adolescente* seria melhor, mas esta é uma categoria muito grande para o que se precisa. Lógica da ação parece mais concreta e menos arriscada, sendo mais próxima da inteligência da realidade percebida pelos adolescentes.

1.a. Mundo emancipado

BONHOEFFER não teve tempo de sistematizar o seu pensamento e de poder desenvolvê-lo, tendo sido morto antes do final da Segunda Guerra Mundial pela sua participação no complô contra Hitler.

Mas ao falar de mundo emancipado, o autor trabalha com um conceito novo, em termos de sistematização. Desde a Idade Média, o mundo vem se emancipando da tutela da Igreja e de Deus, deixando de ser dependente e indo no rumo de uma vida própria sem tutela. O evangelho não diz mais muita coisa para muitas pessoas. A palavra oficial da(s) Igreja(s) também. Embora a ICAR tenha a pretensão de manifestar a sua posição doutrinal sobre os mais diversos assuntos da sociedade contemporânea, o que significa isto em relação aos simples membros de suas comunidades e para as pessoas que nem tem fé em Jesus Cristo, mas que vivem na mesma sociedade em que a Igreja quer dar "palpites" sobre legislação e sobre outras ações sociais?

O mundo não deixou de ser judaico-cristão, mas - desde a Idade Média - vem se desvencilhando da tutela da Igreja e BONHOEFFER sabe disto.

Este conceito, embora seja cunhado no século XX, não é novo. Já FEUERBACH, FREUD, MARX, NIETZSCHE trabalhavam com este conceito implícito em suas teses. É do mérito de Dietrich BONHOEFFER a sua sistematização.

O pesquisador tende a inclinar-se para a afirmação de que este conceito explica em muito a "ânsia" que se tem hoje - em muitos ambientes e pessoas - por se tornar independente. Isto, aliado ao individualismo e à competição promovidas e propagandeada pelo capitalismo pós-moderno, dá a devida sensação de que é melhor não ser dependente, especialmente da Igreja.

Os adolescentes e jovens estão muito sujeitos a este tipo de influência: em parte pela própria situação psicológica de luto da vida infantil e em parte pela situação capitalista pós-moderna em que estão submergidos. Os adolescentes e jovens vivem isto de forma mais aguda. Eles precisam de um processo de falta de tutela para crescer e se afirmar como novas pessoas, com identidade e personalidades próprias.

Para a ICAR, acostumada durante séculos a tutelar consciências, livros, tendências teológicas e até a confecção de leis (através de acordos políticos e outros expedientes) é difícil reconhecer que a sociedade civil cresceu e que não necessita mais da tutela da Igreja. A Igreja ainda têm função em um mundo emancipado? Muitos dizem que não e pregam a morte da Igreja.

Este pesquisador tende a crer que a possibilidade que a ICAR tem é de fazer parceria com a sociedade civil, que não pode ser confundida com o conceito de mundo de muitas

passagens do Novo Testamento. Mundo⁵⁵ usado por muitos no NT está no sentido de oposição ao projeto de Deus. A ICAR precisa evangelizar a partir de conceitos mais novos e menos antigos, se quiser evangelizar os jovens e adolescentes. Parceria é um conceito bem melhor, que não envolve tutela e que está mais em sintonia com o mundo emancipado de BONHOEFFER e do contexto pós-moderno e capitalista que o Ocidente está inserido.

Em *Ética*, obra incompleta, BONHOEFFER (2001, p. 36) chega a falar de uma involução possível, onde os valores que se emanciparam do mundo - em situações de perigo, como é o caso de guerra. A igreja pode ser - e em muitas ocasiões o foi no período de ditadura militar no Brasil, anos mais tarde - a única possibilidade de valores como razão, direito, cultura, humanidade existirem. Mas em situações de progresso econômico e de liberdades políticas - em situações normais - as condições sociais tendem a manter estes valores sem a tutela da sociedade. E - nestas condições - a Igreja precisa estar atenta para negociar com a sociedade parcerias de atuação, de forma que a sociedade

⁵⁵ "A palavra tem várias significações: O *universo*, ou *cosmo* (Sl 24,1). A idéia que os escritores bíblicos tinham do mundo era a dos homens de seu tempo. Concebiam-no como uma casa com três divisões: uma gruta o *Xeol* ; um rés-do-chão - a *terra firme*, morada do homem, colocada sobre o grande abismo (1Sm 2,8; 1Cr 16,30; Sl 24,2; Jó 38,4), apoiada em quatro colunas (1Sm 2,8; Is 24,18; 40,21; Jr 31,37; Mq 6,2; Sl 18,16; Jó 9,6), e coberta pela abóbada do firmamento (Gn 1,14-18) no qual Deus dependurou as estrelas (Gn 1,16; Js 10,12s; Eclo 46,4) e sobre o qual havia um mar de águas doces (Gn 7,11; 8,2; Is 24,18; Ml 3,10); um primeiro andar - o *céu*, a morada de Deus. O judaísmo distingue o mundo presente, sujeito à corrupção, ao pecado (Is 13,11-13; Jo 14,27; 1Cor 1,20s), e o mundo vindouro que corresponde ao reino de Deus (Jo 13,1; 16,28; 1Cor 6,2). *Mundo* é também tudo que se opõe a Deus e a Cristo (Jo 1,10; Ef 2,2). Deus, porém, ama o mundo e enviou seu Filho para salvar a todos que nele crerem (Jo 3,16)." - CD-ROM BIBLIA SAGRADA VOZES, verbete mundo.

civil e a Igreja trabalhem em situações contra a pobreza e a favor das pessoas.

Num mundo emancipado da tutela eclesial, a Igreja tem que atuar não como mãe, mas como parceira, como irmã ou amiga mais velha. O Papa João Paulo II chega a dizer, na sua encíclica *CRISTIFIDELIS LAICI* n°. 46 em que os jovens devem ser "interlocutores da Igreja". Este é um conceito muito próximo ao de parceira, porque supõe que as pessoas que estão dialogando têm o mesmo valor. O papa João Paulo II chegou aqui muito perto de BONHOEFFER.

1.b. Graça barata e graça preciosa

A distinção no conceito graça não existe na teologia católica, não no sentido que BONHOEFFER dá a ele. Esta distinção entre graça barata e graça preciosa é bastante útil para a Teologia Prática.

A graça barata é inimiga mortal de nossa Igreja. (...) é graça como inesgotável tesouro da Igreja, distribuído diariamente com mãos prontas, sem pensar e sem limites; a graça sem preço e sem custo. (...) A graça barata é, por isso, uma negação da Palavra de Deus, negação da encarnação do Verbo de Deus. Graça barata significa justificação dos pecados, e não do pecador. Como a graça tudo faz sozinha, tudo pode permanecer como dantes. (*Discipulado*, p. 9)

A graça preciosa é o Evangelho que se há de procurar sempre de novo, o dom pelo qual se tem que orar, a porta à qual se tem que bater. Essa graça é preciosa porque chama ao discipulado de Jesus Cristo; é preciosa por custar a vida ao homem, e é graça por, assim, lhe dar a vida; é preciosa por condenar o pecado, e é graça por justificar o pecador. (*Idem*, p. 10)

Com a expansão do cristianismo e a secularização crescente da Igreja, a consciência dessa graça preciosa perdeu-se gradualmente. O mundo estava cristianizado, a graça passara a ser propriedade comum de um mundo cristão. Tinha-se tornado barata. (*Idem*, p. 11)

A graça barata se aproxima bastante do conceito de *ex opere operato* pelo qual a teologia católica pós-tridentina justificou a sacramentalização sem a correspondente instrução da fé.

A graça, mesmo continuando graça, deve gerar algum tipo de compromisso no cristão. Como proposta de Deus, ela deve gerar uma resposta humana ou então estará sendo banalizada. A graça deve gerar uma conversão: mudança de atitude e seguimento de Jesus Cristo.

E essa graça que gera conversão e seguimento, só o faz através de uma ruptura epistemológica básica: a conversão deve ser tão completa que não deve deixar espaço para que o cristão sirva-se diretamente da realidade. Cristo, como mediador do céu e da terra, na teologia bonhoefferiana é elevado a ponto de contato com a realidade da vida biológica e das relações humanas.

Com sua encarnação, Cristo colocou-se entre mim e as relações com o mundo. Já não posso recuar: ele está de permeio. Privou àquele que foi chamado, da relação imediata com tais circunstâncias. Ele quer ser o mediador e tudo há que se processar através dele. Não se coloca apenas entre mim e Deus, mas está igualmente entre mim e o mundo, entre mim e os outros homens e coisas. Ele é o Mediador, e isso não somente entre Deus e os homens, mas também entre homem e homem, entre o homem e a realidade. – *Idem*, p. 50

Desde Jesus, já não existem para os seus discípulos quaisquer relações imediatas naturais, históricas ou empíricas. (...) não há qualquer relação imediata entre as almas. Cristo é Mediador, e somente através dele é que há caminho para o próximo. (*Idem*, p. 51-52)

Todos entram sozinhos no discipulado, mas ninguém fica sozinho nele. Aquele que ousa tornar-se solitário, confiante na Palavra, recebe a comunhão da Igreja. (*Idem*, p. 54)

No final das bem-aventuranças surge a questão: ainda haveria um lugar no mundo para uma Igreja deste tipo? Ficou evidente que para ela há somente um lugar, o lugar no qual se encontra o mais humilhado, o mais tentado, o mais manso dentre os homens, a cruz do Calvário. A Igreja dos bem-aventurados é a Igreja do Crucificado. (*Idem*, p. 63)

É uma ruptura epistemológica que se produz. Agora, o discípulo só pode olhar para a realidade – a partir da graça de Deus e da comunhão com os irmãos – através dos óculos de Cristo ressuscitado. A realidade não está mais nua, mas coberta com o véu da ressurreição. É a partir daí que se pode falar das relações com a realidade e com o próximo.

Esta é uma ruptura interessante, que se pode perceber também na teologia e no linguajar dos crentes neopentecostais: só a partir de Cristo e sob sua ótica se pode ver. Não se deve esquecer que o movimento neopentecostal se caracteriza pela participação massiva de jovens em suas fileiras. Isso se pode explicar a partir

desse conceito teológico que já foi apropriado pelo movimento carismático/neopentecostal.

O adolescente está em época de luto, segundo os teóricos da adolescência. Adolescentes estão perdendo o corpo e o conceito paterno da infância, precisando romper com a família para se tornar um adulto. A ruptura epistemológica de BONHOEFFER vem ao encontro para quem está vivendo a realidade da ruptura com a família, acelerando o processo e dando nova visão do mundo, diferente daquela que se tinha na infância.

1.c. Discipulado

Este é um conceito importante na leitura de BONHOEFFER, visto que ele até escreveu todo um livro sobre o assunto. BONHOEFFER consegue perceber a força de atração que encerra o discipulado de Jesus. É isso que atrai o adolescente em muitas ocasiões para o esporte e tantas outras coisas: é o desafio a quem se atira na aventura de ser discípulo de Cristo. A religião que se apresenta para muitos de nossos adolescentes é morta de movimento e de ação. Não tem o elemento surpresa nem desafia ninguém a nada, já avisava LIBÂNIO, confirmando BONHOEFFER (*A igreja na cidade*, p. 11 - 43).

Criar situações de perigo vigiado: os adolescentes devem se sentir desafiados no exercício da fé. A catequese - ao dar importância demasiada ao conteúdo doutrinário e esquecer o discipulado - presta à Igreja um engano: porque ensina sem engajar, sem vincular o adolescente e o jovem à pessoa de Jesus Cristo. Ao ser catequético, sem ser querigmático, o catequista pensa que está fazendo algo de bom, quando está apenas impedindo que o adolescente tenha em Cristo uma figura de ideal humano. Que ele tenha Jesus, o Cristo, como o seu motivador interno de ações e de vida. É a partir disto que se pode trabalhar melhor a pessoa e a vida do adolescente. Uma parte do sucesso dos pentecostais e carismáticos entre os adolescentes e jovens reside nisto: trabalha-se bem a questão do discipulado, pois é ele que faz com que a fé não seja algo externo, mas seja assumida como sua. E isto não é pouco: transforma-o em pessoa-motor, deixando de ser pessoa-vagão.

2.6. Uma religião mais crítica

José COMBLIN é uma figura de destaque nos meios intelectuais brasileiros. Embora tenha nascido na Bélgica, mora e trabalha no Brasil há anos. E fez grande parte de sua caminhada intelectual entre nós. Em *A vocação para a liberdade*, livro de 1999, ele nos dá algumas chaves de leitura importantes para o problema que nos deparamos com relação à evangelização do adolescente e do jovem.

COMBLIN confirma a tese do bom-mocismo de muitos discursos eclesiásticos e vai muito mais além a sua análise: chega mesmo a afirmar que a organização-instituição ICAR teme a liberdade⁵⁶. Assim, a ICAR vai formando para a submissão.

Isso pode ajudar a compreender porque só ficam nas igrejas aqueles jovens que a identificam com suas casas, no sentido positivo. Identificar a instituição eclesial como continuação de suas casas ajuda a manter o mesmo padrão. Os adolescentes que ainda não se emanciparam (e os que não querem fazê-lo ou não o conseguem) tendem a continuar e permanecer no convívio eclesial. Assim, a pessoa dependente continua e reforça a sua dependência, justificando-se, no ambiente e através do discurso eclesial.

Por um processo de "círculo vicioso" o discurso atrai dependentes que reforçam o discurso da dependência. Isso tem como conseqüência o auto-engano em que se incorre na instituição eclesial: os membros das igrejas tendem a aplicar sempre mais a mesma fórmula (que não dá certo) e a reclamar que os *"adolescentes e jovens não querem nada com a igreja!"* Esta afirmação não têm nada de científica, apenas manifesta a cegueira a que muitos se expõem no trabalho com jovens e adolescentes.

Ao invés, o adolescente que luta ou está conseguindo desenvolver um processo de auto-afirmação e liberdade, vai

⁵⁶ "O sistema católico não é sensível à liberdade. No todo, a liberdade é sentida como ameaça à estrutura da Igreja católica." - p. 14.

fugir da instituição eclesial, já que o discurso da obediência somente atrai aos ainda submissos e os que tem medo da liberdade. Há muitos que temem voar e, por isso, preferem a segurança do chão. A fábula da águia e da galinha (BOFF, Leonardo - *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 2004) ilustra bem a postura.

Há ainda mais. Neste tempo de auto-afirmação do adolescente, aparece a escola, veiculando a sua ideologia iluminista (antiga, mais ainda em vigor) de que a ciência é a solução de quase todos os problemas (sic!).

As ciências humanas são – em grande parte – ideológicas. De modo particular refletem muitas vezes os esforços que o cientista faz para se libertar da religião da infância. Custa libertar-se do infantilismo religioso. A maioria dos cientistas tem da religião apenas uma concepção infantil que lhes foi dada quando eram crianças. A ciência associa-se à fase de emancipação da adolescência e da juventude e, por isso, traz o reflexo da crise pessoal de dessacralização. (COMBLIN, J. – *Vocação para a liberdade*, p. 254.)

A escola de ensino médio quer ser a divulgadora da ciência entre os adolescentes que se preparam para o mundo da Ciência, que está no Terceiro Grau⁵⁷. Assim, ele se transforma muitas vezes em concorrente da Igreja, apresentada como obscurantista pela ideologia iluminista

⁵⁷ É a escola de Ensino Médio que faz a ponte entre o ensino fundamental e a Universidade, lugar da Ciência, das Artes e da História. A Universidade é o depositário de toda a cultura da sociedade de seu tempo. E a Escola de Ensino Médio tem a finalidade de ser uma grande divulgadora dela, contribuindo para que os adolescentes possam se preparar para entrar no mundo do universo do conhecimento científico.

que ainda campeia em muitos livros e conversas informais. Exatamente na época da catequese de crisma. Destarte, algumas dioceses tendem a diminuir a idade de catequese de confirmação para trabalhar com adolescentes mais jovens, quase crianças ainda. Assim, tangencia-se o problema sem resolvê-lo⁵⁸.

A formação para a liberdade pode ser um eficiente meio para a evangelização de adolescentes (FREIRE, P. - *Pedagogia da autonomia*, p. 117-122). Uma religião mais crítica e mais acolhedora dos problemas pessoais e sociais das pessoas poderia mesmo ajudar a superar este clima de decepção. Isto aparece no relatório da segunda pesquisa, documentado mais para frente desta tese⁵⁹.

Uma das grandes reivindicações dos adolescentes sobre a ICAR é a participação deles nos sermões e em temas de discussão. Também reivindicam espaço para reuniões e encontros. O que eles estão querendo que não seja uma cidadania eclesial mais efetiva? O discurso sobre a liberdade de COMBLIN desemboca neste: é preciso ter formas mais efetivas de cidadania eclesial e não deixar toda a ação ativa para o clero, relegando ao laicato uma mera decoração passiva e circunscrita à atividade litúrgica coadjuvante do presbítero.

⁵⁸ Vai-se voltar ao tema quando da análise da idade dos adolescentes entrevistados em Porto Alegre. (capítulo 3)

⁵⁹ O relatório consistiu na sistematização de entrevistas no Colégio Santa Catarina, em Novo Hamburgo - RS.

Somente havendo níveis diferentes de decisão é que os leigos podem participar. (Idem, p. 299)

O sistema gregoriano leva a pensar que tudo o que é pedido pelo povo é fruto de relaxamento e de incredulidade. (Idem, p. 301)

Estas citações de COMBLIN já nos dão grande ajuda, mesmo não se tratando amplamente do tema da liberdade.

Enquanto a ICAR não incentivar a liberdade e a autonomia em seu meio, será bastante difícil para o jovem continuar no seio da Igreja. Acabarão ficando apenas os jovens que não conseguiram ainda ou não querem ser autônomos: continuar na dependência é bem cômodo.

A PJ é um grande meio de incentivo à liberdade e autonomia do jovem. Por isto mesmo, tão combatida e substituída por movimentos de juventude controlados por adultos. Movimentos *para* jovens tendem a manter a dominação e a manipulação do adulto sobre o jovem, apenas de forma mais branda e alegre. Mas eles não são protagonistas do processo.

2.7. Um cristianismo humanizador

Um dos problemas que se tem de enfrentar é a imagem de Deus. As famílias e a catequese nem sempre transmitem uma imagem de *Deus como o Pai de Jesus*. Nem sempre são fiéis à revelação bíblica. Muitas vezes, podemos dizer que são mais fiéis aos conceitos da filosofia helenista. Assim, temos uma imagem de Deus que precisa ser restaurada no seu original. E aqui o trabalho de restauro será bastante difícil, visto que a obra que se vê hoje é fruto de constantes repinturas e alterações que não deixam o original vir facilmente à tona. Para isto, o teólogo galego TORRES-QUEIRUGA em seu livro *Fim do cristianismo pré-moderno* dá valiosas contribuições para entender o problema⁶⁰.

Quando Jesus revelou a figura paterna de Deus, antes visto como Pai do povo de Israel e agora entendido também como Pai de cada pessoa, lutando a seu lado, mostrou uma face totalmente desconhecida de Javé. Deus não está nas nuvens, mas trabalhando para que o seu reinado aconteça entre nós ("Pai... venha a nós o vosso Reino..."). Deus luta conosco⁶¹, seus filhos por um mundo que se transforme em jardim. Onde a protologia do Gênesis se junte à

⁶⁰ "Herança religiosa judia, mentalidade política romano-helenística, estilo feudal medieval e ainda influência absolutista do *Ancien Régime*: tudo deixou sua marca." (p. 249)

⁶¹ "Muito pelo contrário, luta a nosso lado contra ela (a injustiça) e nos sustenta contra a esperança de que, uma vez rompidos os limites da história, acabará por vencê-la, resgatando todas as vítimas." (p. 248)

escatologia do Apocalipse, já agora, embora ainda não seja totalmente possível.

Mas em nossa transmissão cultural-familiar, para muitas famílias a imagem de Deus que é transmitida é uma imagem do *Deus dos filósofos*, se é que podemos chamar assim: *um Deus distante, que vigia e castiga as crianças desobedientes ao arranjo político terrestre*. Alguém que não quer a rebelião⁶² e que está comprometido com o *status quo* ocidental, visto *como modo de viver cristão*. Ora, assim procedendo, teremos um problema bastante grave de desvirtuação de Javé, que é o Pai de Jesus. Embora esta imagem seja bastante conveniente para a educação de filhos pequenos, pois "sossega" filhos desobedientes e os mantém dominados, ela desvirtua a imagem bíblica de Deus, causando posteriormente ateísmo.

Seguindo ainda TORRES-QUEIRUGA, há um costume arraigado na Igreja que é a *demonização de toda crítica* (2003, p. 250-251). Costume vindo da Idade Média e que acabou gerando uma Igreja monolítica e empobrecida em sua vida interna: um Deus distante, vigilante e punidor só pode gerar uma Igreja idem. Uma Igreja onde tudo já está dado e definido estaticamente para a eternidade (sobre a multiplicidade da mudança da história). Um Deus distante só

⁶² Santo Anselmo (1033-1109) já falava disto em *Cur Deus Homo?* O livro foi recentemente publicado pela Editora Novo Século e está citado na bibliografia final.

pode gerar uma Igreja sem valorização da participação democrática do laicato⁶³.

Mudando o paradigma cultural, muda-se também a posição eclesial que lhe corresponde. O problema é que se está em novo paradigma, mas o peso institucional e histórico da ICAR não possibilita a mudar a eclesiologia correspondente.

Cada vez mais a pergunta colocada pelo teólogo alemão Karl RAHNER (1978) "*por que sou cristão hoje?*" faz mais sentido. Enquanto não se puder responder com sinceridade de coração e mente a esta pergunta; enquanto a resposta for apenas "*porque nasci cristão*", não se pode fazer mais nada no mundo atual. Será uma influência negativa, caso exista. O cristianismo corre o risco de ser descartável ou de ser indesejável. E não se está falando de profetismo, mas de absoluta falta de pertinência teológico-cristã.

A pergunta sobre o porquê ser cristão faz sentido mais fortemente na adolescência, quando é preciso jogar muita coisa de criança fora e ficar apenas com comportamentos e ideais que possibilitem crescer em vista a se transformar em adulto. É aí que está a crise: *se o adolescente não consegue responder satisfatoriamente para si porque ele é cristão ou porque ele vai à igreja, então ele precisa sair fora deste círculo*. E não é catequese tradicional que irá segurá-lo. Ou se responde à pergunta ou

⁶³ Vai-se voltar ao tema da participação quando se relatar as pesquisas de sondagem.

se abandona o cristianismo e fica-se apenas com alguns comportamentos ditos cristãos, mas que na verdade podem ser bastante duvidosos. Já COMBLIN nos alertava disto:

Uma vez perdida a liberdade, o que sobra é cultural. Daí a enorme preocupação com o cultural por parte da Igreja católica e do clero. Muitos acham que o caminho correto da evangelização é entrar nas culturas. Este é o caminho do êxito, da propaganda e do proselitismo eficaz, mas não da evangelização. (A vocação para a liberdade, p. 280)

COMBLIN, TORRES-QUEIRUGA e RAHNER concordam no fundamental: ou se faz um trabalho individualizado de mudança de imagem de Deus e de pertinência teológica do cristianismo, ou então se vai perder os adolescentes e jovens. É a este trabalho individualizado que podemos chamar de evangelização⁶⁴.

Um trabalho absolutamente individualizado deve causar dificuldades, mas um trabalho que proporcione criar laços em pequenos grupos de amizade e de acompanhamento é imprescindível. Um trabalho com adolescentes precisa ser

⁶⁴ A Teologia da Libertação fazia um trabalho bem feito, na época do regime militar brasileiro e um pouco depois. Através dos movimentos sociais e das CEBs, os adolescentes e jovens aprendiam a ser autônomos, através da crítica e da oposição ao autoritarismo do regime político-econômico brasileiro. Tanto é assim, que vemos muitos dos antigos membros das comunidades eclesiais em postos de liderança e destaque hoje, sem ter perdido a fé no cristianismo. Há muitos líderes de ontem que ainda são líderes de hoje, continuando a ser cristãos. A oposição ao regime dava ensejo à mudança de mentalidade prática e teórica sobre a imagem de Deus. Eram as comunidades cristãs (= igreja) que se opunha ao regime autoritário, reformulando de uma vez só a imagem de Deus e a pertinência do cristianismo na sociedade. E este era um trabalho individualizado (até pela necessidade de segredo da oposição): tinha algo de discipulado.

mais do que uma aula tradicional de uma hora ou duas por semana, onde as pessoas não criam laços e nem tem compromisso algum com o outro que está ao seu lado, seja ele catequista ou catequizando.

É preciso um trabalho onde pessoas sejam líderes de grupos pequenos para acompanhamento, resolução de dúvidas pessoais e vivenciais e outros encaminhamentos comunitários. Para tal, precisa-se de alguém que seja mais do que um catequista, mas que possa apadrinhar a fé do crismando, levando-o a crescer. Ou se precisa de padrinhos que sejam também catequistas de adolescentes. Um processo assim, é possível com uma equipe de trabalho formada por catequistas, pais e padrinhos, em alguma sintonia e mútuo apoio. Para que isto aconteça é mister sair da situação básica de uma catequese tradicional e cunhar um novo método de catequese. Vai se tratar disto no capítulo cinco, durante a proposição de um novo método de trabalho para catequese de crisma.

2.8. O sabor necessário

Rubem ALVES tem sido um dos grandes pensadores brasileiros. Com doutorado em Teologia nos Estados Unidos, sobressai-se também nos campos da Pedagogia, da Filosofia,

da Psicanálise e - atualmente - nos contos infantis. Professor aposentado da UNICAMP, é articulista fecundo e cronista dos bons. Atualmente tem muitos livros impressos, em todas as áreas citadas. Seu pensamento é bastante livre, sendo pouco sistematizado. Mas ALVES tem inspirações profundas e bastante brilhantes, que nos poderão ajudar.

Ficou clássico o texto que publicou na Revista de Educação sobre a Escola da Ponte⁶⁵, de Portugal. O texto fala de uma escola em que alunos e professores aprendem juntos em uma equipe educativa, onde os grupos são abandonados em vista de times de estudo.

Nesta escola, as crianças e os professores pesquisam livremente, aprendendo o que se precisa de forma prazerosa, livre e profunda. Os professores apenas são facilitadores de conhecimento e de ação educativa, dando o caminho das pedras, fazendo o mapa das pesquisas e ajudando o aluno a construir o próprio conhecimento. O saber tem sabor de coisa gostosa. Popularizada por Rubem Alves (*Internet*, 03/09/2005), a expressão acabou ficando no imaginário de muitos educadores: *como educar de forma a que o ensinamento seja saboreado? Como fazer um saber que tenha sabor?* Esta pergunta não nos fica muito longe. Receio mesmo que ela é fundamental para o nosso empreendimento com confirmação com adolescentes.

⁶⁵ ALVES, Rubem - *A escola da ponte*. Disponível na Internet: http://www.revistaeducacao.com.br/r_alves.php, 25/04/2004.

E só resta-nos uma alternativa: respeitar o padrão alimentar das pessoas que vão se alimentar. Enfiar comida "goela abaixo" pode alimentar, mas não contribui para que a alimentação seja prazerosa. A partir de uma prática de educação libertadora, deixar que os adolescentes possam ter mais protagonismo no próprio processo catequético só vai favorecer a todos. Não quer dizer que eles deverão opinar e decidir sobre tudo, mas que devem estar representados e escolher muitas coisas. Se for preciso respeitar os "gostos culinário-teológicos" dos jovens, então deverá se democratizar o método e os conteúdos catequéticos para uma evangelização eficaz.

ALVES⁶⁶ têm dois artigos extremamente interessantes denominados *Aos mestres, com carinho... (1 e 2)*, onde conta numa parábola, o problema da alimentação em um reino qualquer. Nesta parábola, conta as aventuras e desventuras de um rei que queria acertar a alimentação do reino, contratando cozinheiros "científicos" de direita e de esquerda: o resultado foi um desastre. O mundo foi ficando cada vez mais chato e a comida, sem sabor. No fim, acaba contratando um cozinheiro à moda antiga, artista do sabor. Se for verdade que existe uma ciência da educação, é verdade também que existe uma arte do ensino e da aprendizagem. E, sem ela, a vida fica muito mais insossa. Sem emoção e sem testemunho vital, não haverá nenhuma pedagogia que faça gostar de certos alimentos ou de certas teologias. Ainda na metáfora da alimentação, a comida

⁶⁶ ALVES, Rubem - *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*, p. 29-39.

indiana é mormente à base de vegetais e é bem saborosa. O segredo está no tempero e no modo de confecção...

Sem um tempero gostoso e que leve em conta o gosto culinário dos adolescentes é difícil trabalhar com eles. Músicas, poesias, dinâmicas, teatros, coreografias e outras manifestações artísticas devem ser trabalhados a fim de dar *sabor e gosto* ao conteúdo. Deste modo, o elemento surpresa será uma realidade palpável.

Mas não se consegue isto fazendo catequese de forma individual: é preciso ser uma equipe de catequistas que trabalhem de forma coordenada e harmônica para que se possa fazer um trabalho eficaz e criativo. O tempero do adolescente é o grupo: é ele que dá o sabor que falta. Uma catequese que não seja grupal - pelos catequistas e pelos crismandos - será sempre insossa para eles. Assim, se tornará realidade o dito na *CHISTI FIDELIS LAICIS*, que preconiza uma santidade em equipe. E, embora o DIRETÓRIO GERAL PARA A CATEQUESE (emanado na década de 90, pela Congregação para o Clero) trate sempre a figura do (a) catequista - falando individualmente - enquanto não se mudar isso para os adolescentes e não se tiver uma equipe de catequese de confirmação que pense e aja em time, não se terá uma catequese com mais sabor. Assim, para que isto aconteça será preciso:

- formar um time com jovens oriundos da PJ, com maior visão do que os adolescentes e ainda uma idade e sensibilidade próxima a eles;

- que tenha representação e participação dos próprios crismandos;
- que integre momentos de reflexão, beleza e participação na catequese confirmatória;
- que haja em momentos-chaves, em forma de retiros e acampamentos, de forma a romper com a caminhada do dia-a-dia e a integrar os adolescentes com momentos significativos com Cristo.

A questão do sabor não é de somenos importância. Qualquer comida fica boa com um bom tempero; qualquer catequese fica boa com uma dinâmica e uma interação grupal a favor. É preciso gostar de fazer o prato para se gostar de se saboreá-lo: numa linguagem menos poética, diz-se que é preciso ter uma equipe boa e animada, que aja como time e que esteja engajada em realizar uma boa catequese com os crismandos para que se possa realizar encontros bons, com interação grupal suficiente para gerar uma sinergia de trabalho conjunto entre jovens catequistas e adolescentes catequizandos. Sem que uns sejam os atores e outros os espectadores do processo. ALVES nos ensina que numa cozinha, é preciso gostar de fazer e de comer para se produzir pratos saborosos para todos. E isto não pode ser negligenciado.

Resumindo

Um resumo das teses principais assumidas até aqui:

- É preciso mergulhar no mundo dos jovens para evangelizá-los. Isto se chama, em linguagem teológica, incul turação;
- É preciso levar em conta que todo adolescente está em processo de desenvol vimento e de formação, vendo-os como seres inacabados que são (se todo ser humano é inacabado, então o adolescente é inacabado ao quadrado), sem exigir deles posturas adultas, pois eles não o são;
- Trabalhar com adolescentes não é suprimi r a rebel di a possível nesta fase, mas suscitá-la e canalizá-la para coisas mais produtivas e de acordo com o projeto de Jesus;
- Para tal, é preciso ter um método específico que considere o adolescente em grupo e longe de suas famílias, sem reproduzir o espaço familiar, mas induzindo-os a criar um espaço próprio e ter uma leitura bíblica adequada a este processo, sem características adultocêntricas;

- No mundo atual, é preciso considerar que a sociedade humana é um grupo emancipado da religião (capaz de andar por conta própria, sem recorrer à *hipótese Deus* a todo o momento para explicar o funcionamento do universo) e que é preciso agir nela a partir da formação de autênticos discípulos de Cristo (coisa que só se faz de forma individual, gradual e progressiva, rompendo-se com a *lógica da dominação* e assumindo uma *lógica da partilha e da comensalidade*);
- Mesmo a Igreja é chamada a se repensar e se autocriticar, sendo uma religião mais crítica e mais purificada de fatores externos ao projeto de Jesus - não um luxo - mas uma necessidade de credibilidade para o atual testemunho cristão no mundo;
- Não basta a religião ser mais crítica, mas para ser fiel ao projeto de Jesus, será mister ser geradora de atitudes e práticas que gerem a vida abundante prometida pelo evangelho de João;
- O testemunho cristão só será efetivo na atual sociedade se responder à pergunta de base: por que sou cristão? Cada catequista de crisma precisa responder isto para si, antes de começar o seu trabalho de catequese com adolescentes e ajudá-los a responder esta pergunta básica;

- Enfim, será preciso juntar tudo isto com um sabor bem gostoso. A catequese não pode ter gosto de remédio, mas tem que ser palatável como fruta fresca e madura. Contudo, não pode deixar de ser catequese.

Capítulo 3: Pesquisas com adolescentes fora do ambiente eclesial/eclesiástico

Se quiser se fazer uma tese considerando as expectativas e opinião dos adolescentes de crisma faz-se necessário seguir o método científico, em dois aspectos. Primeiro, sondagens iniciais possibilitam conhecer melhor a subcultura que se está trabalhando a fim de não se errar o alvo da pesquisa, desperdiçando forças. Depois, pesquisas de sondagem podem ser de grande utilidade para servir como grupo de controle da pesquisa principal. Nestes dois aspectos, segue-se a orientação de LEVIN & FOX (*Estatística para ciências humanas*, 2004).

Para documentar o que se fez, o pesquisador transcreve as duas pesquisas iniciais que foram usadas para ajustar a sintonia do trabalho e que serão usadas como ponto de comparação e medição da pesquisa principal, uma

vez que tem o mesmo público-alvo e a mesma região metropolitana como foco. Apenas o tempo e a forma são diferentes.

Adolescentes fora do ambiente eclesial/eclesiástico - como o é uma igreja ou um ambiente de catequese - tendem a estar mais livres para responder e ter menos inibição para manifestar suas opiniões de forma sincera, porque não estão atrelados ao medo de desagradar o catequista ou o padre da paróquia, podendo danificar o relacionamento ou até com medo de comprometer a sua catequese.

Ao mesmo tempo, procurar adolescentes que possam responder às perguntas nas ruas é dar vez e voz para que os que não foram crismados (porque a Igreja não os atingiu) possam falar e demonstrar as razões pelas quais não quiseram sê-lo ou não se importam em ser confirmados na fé. Este é um bom medidor de temperatura para o trabalho pastoral da ICAR com os adolescentes. Estas pesquisas iniciais já vão mostrando como está o esforço e a eficácia da ICAR em atingir adolescentes católicos no grande centro urbano que é a região metropolitana de Porto Alegre.

3.1. A primeira pesquisa: adolescentes nas ruas

Primeiro fez-se uma abordagem sem foco preciso e sem público alvo determinado, sondando portas de colégios, metrô e *shopping centers* da grande Porto Alegre. Foram entrevistados 55 adolescentes escolhidos a esmo no pouco tempo que é possível entrevistar alguém nestes lugares de fluxo. Para começar a entender a problemática, perguntou-se por algumas coisas básicas:

- Idade (sexo)?
- Qual a sua igreja (denominação religiosa)?
- O que gosta na sua igreja?
- O que não gosta em sua igreja?

Os resultados desta primeira pesquisa feita foram apresentados no 1º Salão de Pesquisa da EST e um artigo foi publicado posteriormente na *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)* com o título: BRINCANDO DE CABRA CEGA: AS IGREJAS CRISTÃS E O SEU RELACIONAMENTO COM OS ADOLESCENTES URBANOS (DALLA-DÉA, 2003). Como este artigo é parte da pesquisa global, mas teve publicação separada, optou-se por citar algumas informações importantes, que foram evoluindo depois pelas leituras feitas e pelas pesquisas posteriores.

A primeira pesquisa foi feita no dia 30 de setembro de 2002, no Metrô de São Leopoldo a Porto Alegre (estações UNISINOS, RODOVIÁRIA, AEROPORTO E CANOAS) e NOVO SHOPPING de Novo Hamburgo, e 03 de outubro de 2002 no Metrô Aeroporto de Porto Alegre. Foram entrevistadas 55 adolescentes nestes dois dias com abordagem livre e rápida, como acontece nestes locais de passagem. Foram entrevistados adolescentes (homens e mulheres) de 13 a 21 anos.

As condições de abordagem deviam ser breves e rápidas, por causa da movimentação das pessoas. Pôde-se abordar adolescentes de todos os tipos e de todas as tribos. No entanto, esta primeira pesquisa serviu para testar o roteiro da entrevista e ir sentindo o público-alvo.

Pode-se perceber algumas coisas, que acabaram sendo publicadas:

- O grupo dos católicos (praticantes ou não) é o grupo mais crítico com relação à sua igreja. Entre os evangélicos, pentecostais clássicos, neopentecostais e espíritas, os adolescentes tendem a não dizer nada de negativo com relação à igreja. Isto pode manifestar duas coisas: ou vontade de encobrir os defeitos de suas igrejas ou perfeita sintonia entre estas igrejas e os adolescentes que delas participam. Não foi possível se chegar a uma conclusão neste quesito, já que o foco principal era a ICAR.

- Sobre a parte positiva, os entrevistados disseram que a igreja é o *caminho certo*, leva a *amizades verdadeiras através dos grupos*, gerando *união e fé entre as pessoas* e aumentando a *força e a esperança*. Também foram elogiados o trabalho social feito e a promoção de passeios. Alguém elogiou o espiritismo por fazer a ponte entre fé e ciência.
- O ponto mais criticado entre os entrevistados foi mesmo o *sermão* dos padres e a *linguagem usada*, na liturgia e fora dela.
- Sobre a liturgia, muitos criticaram o tipo e o pouco número de cantos na igreja.
- Em terceiro lugar, foi muito criticado o *tempo e a obrigação da catequese*. Também se criticou muito a ICAR sobre a sua *moral sexual proibitiva* e "antiga", *pouco moderna*.
- Alguns criticaram o *celibato do clero* (reflexo dos escândalos internacionais e nacionais de pedofilia reportados naquele ano).
- Apontou-se a *riqueza da ICAR*, que deve ser dividida.
- Vendo pelo lado da sugestão de mudança, muitos adolescentes colocariam músicas mais alegres e modificariam a liturgia, fazendo falar de problemas atuais. Chegou-se a dizer que a igreja precisa ser *mais interativa*. Alguns disseram ser preciso mudar o celibato do clero para se modificar o modo da igreja encarar as coisas. Outros disseram que é

preciso trabalhar mais com os jovens e acabar com muito pedido de dinheiro (dízimo e coletas), necessitando até que a igreja divida os seus bens entre os pobres. Apenas um reclamou que sua igreja (Assembléia de Deus) é mal localizada, precisando ter templos nos centros das cidades.

Como se pode ver por essa exposição, os adolescentes *têm opinião sobre a igreja*. Apenas não têm tido a oportunidade de expressá-la, ou porque não sistematizam isso ou porque não têm quem os escute e transmita. É impressionante notar a reação de surpresa de uns e a de alegria de outros. Surpresa por ser inquirido sobre este tema e alegria por ser percebido como membro da igreja.

Esta é uma pesquisa mais qualitativa do que quantitativa e registrou-se isto no *DIÁRIO DE CAMPO*, onde se anotou circunstâncias e impressões. Não se teve a pretensão de fazer uma pesquisa de opinião, mas sondar a imagem da igreja que aparece no pensamento deles.

Adolescentes são membros *quase invisíveis* nas comunidades eclesiais (QUAPPER & SOLANO, 2003). Muito se fala sobre as crianças e sobre os jovens (pensados a partir de 20 anos para cima, normalmente em idade universitária). Adolescentes existem em todas as comunidades, mas ninguém os questiona, ouve suas opiniões ou tem um trabalho específico que não seja o atendimento sacramental. O adolescente é objeto da igreja, não membro dela.

A partir destas primeiras constatações fenomenológicas, possibilitadas pelo método de abordagem antropológica de pesquisa (BRANDÃO, 2000 e DENCKER & DA VIÁ, 2002), começou-se a refletir sobre os temas da

autonomia na Igreja, sobre a necessidade de uma nova antropologia para trabalhar com adolescentes (uma antropologia que permita falar em termos de erros e acertos para membros não adultos das comunidades eclesiais) e da necessidade de uma nova abordagem na cristologia (que permita ver os erros de Jesus no seu crescimento, o que foi chamado de *Teologia do processo encarnatório*⁶⁷).

Percebeu-se que a *ausência dos adolescentes nas comunidades após o ensino confirmatório* é o problema maior enfrentado pela ICAR. Falta suprida em parte pela presença de alguns adolescentes mais abafados pela família, enquanto o são. No momento que eles tomam para si as rédeas de sua própria vida, a comunidade fica para trás da grande maioria deles. A autonomia do adolescente trabalha contra a sua participação eclesial (FRAAS, 1997, p. 29)

Assim, percebeu-se como relevante no trabalho com adolescentes:

- *A religião como parte do universo familiar da criança e não vice-versa;*
- *Que a não-consideração da lógica de pensamento ou a simbólica adolescente implica que a igreja passa a ser irrelevante para eles, já que precisam se rebelar contra o (ou desligar do) seu contexto familiar para descobrir sua própria identidade.*

Quando foi discutida a questão da autonomia do adolescente e outros problemas (capítulo 1), as

⁶⁷ Este assunto já foi citado no Capítulo 1, itens 1.1.g) Hermenêutica do trabalho com adolescentes e 1.2.d) Cristianismo humanizador.

considerações sobre o assunto tiveram como base a pesquisa teórica feita a partir das descobertas e considerações que vieram das entrevistas com os adolescentes. Desta forma, o capítulo 1 está duplamente alicerçado: na teoria e na prática. Prática refletida cientificamente e teoria checada praticamente. Só se pode fazer ciência assim, confrontando-se os dois. Teoria sem prática corre o risco de ser ideologia ou devaneio. Prática sem teoria é empirismo, no pior sentido do termo. Roberto GOMES (2001), pensador brasileiro nos lembra que para fazer ciência:

Eis o que é preciso cuidar: um pensamento deve ter *validade*, não necessariamente *vigência*, pois esta costuma lhe ser conferida a partir do momento em que começa a morrer. (p. 71)

Validade se dá a partir da confrontação entre a teoria e a prática, que se está construindo aqui.

3.2. A segunda pesquisa: adolescentes em colégios

O pesquisador entrevistou 291 adolescentes do ensino médio do COLÉGIO SANTA CATARINA⁶⁸, em Novo Hamburgo - RS.

A entrevista como tal constitui-se de uma conversa informal (30 minutos por grupo), orientada por algumas perguntas básicas:

- Qual a igreja que participa?
- Quais os pontos positivos da (sua) igreja?
- Quais os pontos negativos da (sua) igreja?

⁶⁸ O Colégio Santa Catarina é uma instituição confessional católica que possui instrução desde o maternal até o ensino médio, com um total de 1.800 alunos, atualmente. O colégio é freqüentado por alunos de classe média, visto que é uma instituição particular. Atinge alunos de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Estância Velha e Portão. Trabalhou-se com grupos de 5 a 6 adolescentes por entrevista. As entrevistas se estenderam por diversos dias do primeiro semestre de 2003, porque foi preciso contar com a colaboração da diretoria do colégio, dos alunos e dos professores. Foram entrevistados alunos do Ensino Médio (Ensino Médio e Magistério) somente, de 1^a a 4^a série. Adolescentes da faixa etária entre 16 e 20 anos.

- O que você mudaria na igreja para que ela ficasse melhor?
- Complete a seguinte frase: A IGREJA É COMO...

A preocupação não foi em pesquisar religiões, mas igrejas específicas (divisões) dentro do cristianismo ocidental. Procurou-se deixar os adolescentes à vontade, sem influenciar ou orientar respostas, para que tivessem liberdade e espontaneidade ao responder, enquanto anotava num caderno de rascunho, os dados principais da entrevista. Chamou-se este caderno de DIÁRIO DE CAMPO 2, que se tem como prova das entrevistas feitas. Acabou-se adotando o método de trabalho etnográfico de entrevista participante, dos antropólogos (BRANDÃO, 2000).

Feitas estas considerações iniciais, pode-se passar aos resultados parciais das entrevistas.

3. 2. a) Qual a sua igreja? (igreja que participa?)

Mais do que medir a participação empírica dos adolescentes em cada igreja (preocupação institucional) procurou-se aferir a participação dos adolescentes em cada denominação (preocupação sociológico-demográfica).

Num universo de 291 (100 %) entrevistas encontrou-se: 212 católicos (72,85 %); 52 luteranos (17,86 %); 8

espíritas (2,74 %); 6 batistas (2,06 %); 4 sem definição (1,37 %); 3 adventistas (1,03 %); 1 anglicano (0,34 %); 1 Sara Nossa Terra (0,34 %); 1 Comunidade Shalom (0,34 %); 1 Aliança Bíblica (0,34 %); 1 Cristo é Vida (0,34%); 1 ateu (0,34 %). Por estes resultados, pôde-se ver que *a grande maioria dos adolescentes têm alguma referência religiosa em sua vida* (só 4 sem definição e 1 ateu), embora não participem muito das suas comunidades de fé. Muitos disseram que vão pouco às suas igrejas. Mas esta não era a preocupação principal do projeto.

A frase tão surrada entre os adultos: "*os jovens não querem nada com igreja!*", reflete um preconceito da parte de quem fala do que uma realidade empírica. Os adolescentes entrevistados não se mostravam hostis à entrevista e nem ao tema.

Pode-se comparar os resultados do IBGE com os que se encontrou na Escola Santa Catarina. A tabela abaixo mostra os resultados do IBGE e os resultados do pesquisador:

Religião / Doutrina	%	Santa Catarina	%
Católica Apostólica Romana	73,60	Católicos Romanos	72,85
Evangélicas de missão	15,41	Evangélicas de missão	21,29
Evangélicas de origem pentecostal	10,58	Evangélicas de origem pentecostal	1,36
Espírita	1,38	Espíritas	2,74
Espiritualista	0,02		
Umbanda	0,25		
Candomblé	0,08		
Judaica	0,06		
Budismo	0,14		
Outras Religiões Orientais	0,11		
Islâmica	0,01		
Hinduista	0,00		
Tradições Esotéricas	0,04		
Tradições Indígenas	0,01		
Outras religiosidades	1,17		
Sem religião	7,26	Ateu	0,34
Não determinada	0,23	Sem definição	1,37

fontes: Censo Demográfico do Brasil – IBGE

(http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/primeiros_resultados amostra/brasil/pdf/tabela_1_1_2.pdf)

Note-se que a influência pentecostal assume um *uni verso* pequeno ainda no Sul do país. Os dados do IBGE são globais para todo o Brasil. As igrejas evangélicas mais tradicionais ainda dominam o *uni verso* religioso no estado. O que dá uma figura diferenciada do resto do país. Portanto, não se pode tomar estas conclusões para todo o

país, já que o aspecto regional tem influência grande nos dados da pesquisa.

3. 2. b) Quais os pontos positivos da (sua) igreja?

Aqui não se pode trabalhar com dados tão precisos como na pergunta anterior. Só é possível mapear o caminho, já que as perguntas são abertas e suscitadoras de respostas bem amplas. Mas o pesquisador foi anotando os resumos das falas, já que a gravação de tudo se tornou impossível pela extensão e pela qualidade do que era gravado. Não se deve esquecer que o método etnográfico da pesquisa participante (BRANDÃO, 2000) baseia a cientificidade das afirmações seguintes.

Mapeando-se as falas elogiosas às igrejas teremos:

- 24 falas sobre grupos (incluindo retiros e passeios);
- 16 falas sobre celebrações especiais (Natal, Páscoa, Ramos, Mães, etc.);
- 14 sobre aprender algo na pregação e/ ou liturgia;

- 14 sobre gostar da igreja como lugar vazio (para oração e meditação);
- 11 sobre músicas;
- 10 sobre bandas de músicas existentes na igreja;
- 10 sobre a recepção da comunhão (na missa ou ceia);
- 9 sobre decoração (arte e vestes) na igreja;
- 9 sobre solidariedade com os pobres;
- 8 sobre participação de opinião em temas e discussões;
- 8 sobre homilia participada;
- 8 sobre missas especiais para jovens e crianças.

Não adianta contabilizar os temas, não vão dar 100% dos resultados, já que a pesquisa, neste ponto, se transforma em qualitativa e alguns grupos têm mais de uma fala sobre o mesmo tema. Também é preciso juntar alguns temas para se entender melhor os dados. Ir-se-á fazendo isto nos parágrafos seguintes:

Espaço de existência eclesial

Em primeiro plano, a citação-elogio é sobre a existência de grupos de jovens nas comunidades, incluindo passeios, retiros e outras atividades que eles geram. Os entrevistados parecem estar cansados de ser tratados de forma massificada. Gostam de se reunir para conversar e trocar opiniões, ir a lugares juntos e ter uma história de vida comum. Isso é muito relevante para o adolescente: uns se apóiam nos outros, como num castelo de cartas, visto que eles não são mais crianças e nem adultos, tampouco. A citação de grupos, passeios e retiros como o mais positivo das igrejas revela a necessidade e o desejo dos jovens de ter espaços de reunião e de reflexão, mas ainda revela a necessidade de ter um espaço jovem de vivência religiosa. O mestre PIAGET já nos disse que a sociedade deles é uma sociedade de discussão (1990, p. 100).

Liturgias e preparação

Os entrevistados não têm gosto pelas celebrações dominicais normais das comunidades. Gostam de freqüentar as celebrações eclesiais em dias especiais (Páscoa, Natal, Ramos, Dia das Mães, etc.). Qual o motivo disto?

Perguntados espontaneamente sobre isso, respondiam que eram dias "melhores", "mais legais", onde "há teatro e é mais bonito o canto e a homilia". Não seria porque nestes dias prepara-se melhor a liturgia e se programa uma participação melhor e maior das comunidades? A se levar a sério a fala destes jovens, há de se pensar a preparação das celebrações.

Por outro caminho vai quem diz que gosta da celebração quando consegue aprender alguma coisa para a sua vida/ semana. Este é um problema de linguagem. Quem vai a uma celebração quer se sentir tocado de alguma forma; questionado em sua vida e empurrado para frente. Sempre que se disse sobre *aprender algo* estava se falando em sermões.

Sermões clássicos e de palavreado difícil são de difícil inteligência para adolescentes pouco experimentados nos gêneros literários, com pouco vocabulário e muita gíria. Além disso, os exemplos são poucos e muitas vezes tirados da vida dos santos ou de problemas familiares adultos: coisa que não atinge o adolescente porque está fora do seu círculo vital de relacionamento. *Endereçar mais os sermões* seria uma solução mais plausível para os entrevistados. O grande pregador luso-brasileiro Antonio VIEIRA ainda tem muito a ensinar aos pregadores atuais.

Igrejas e oração pessoal

Os entrevistados gostam de orar na igreja vazia e elogiam a decoração de muitas delas. Também gostam, sobretudo, do momento da comunhão.

A beleza está na mente de todos os adolescentes: belos são os comerciais, os shoppings, as músicas, as roupas (LIBÂNIO, 1996, p. 11-43). Mesmo em se falando de *um padrão classe-média de massificação midiática*. Para ser atraente tem que ser belo. E isso os entrevistados elogiam nas igrejas católicas: são decoradas e belas. E ficam abertas para a oração pessoal, quando estão vazias.

O que está em jogo é a possibilidade de se encontrar consigo mesmo e com Deus, numa oração espontânea, mediada pela estética visual, que possibilita um momento de interioridade. Na comunhão, isso também é possível: o sujeito se recolhe e faz sua oração, ensimesmado e desligado da assembléia que canta, já que o canto é também uma experiência estética. Tem-se possibilidade de um momento pessoal de encontro com Deus, num ritual extremamente grupal, como é a missa católica. *Esse momento abre um espaço para o individual e os seus problemas*. Assim como a igreja vazia. O ritual litúrgico aparece para os adolescentes com massificado. Algo tão grupal ("com respostas decoradas") que não os atinge. Eles estão muito voltados para os próprios problemas da transição de idade,

sexualidade, família e etc. Quando surge espaço para a oração pessoal/individual⁶⁹, eles gostam.

Linguagem litúrgica e participação

Aparece também nas falas a necessidade de missas especiais para jovens e adolescentes, incluindo a participação em temas e discussões pela assembléia. Eles querem participação, como já foi relatado por TORRES-QUEIRUGA (item 2.7). Numa igreja de organização interna monárquica como o é a Igreja Católica Romana isso é bem difícil.

Participação já foi uma bandeira empunhada por alas menos conservadoras das comunidades, surgidas das CEBs e do documento de Puebla (1979). Agora parece estar esquecida no atual cenário eclesial. Mas os adolescentes entrevistados não esqueceram o tema. Querem opinar e dar a sua palavra.

⁶⁹ Sobre a comunhão: é o momento onde se anda até o altar e se volta. É um momento de relaxamento da atitude corporal. Neste momento, se quebra a monotonia de estar em pé e parado. Adolescentes não gostam de ficar em pé parados: numa danceteria se fica horas em pé, mas dançando, andando, etc. Em pé e parado é uma atitude repulsiva para o adolescente que está acostumado ao conforto da sociedade atual.

Música e adolescentes

Somente em sexto lugar é se fala em música para atrair os adolescentes para a igreja.

Música é importante, mas não é o principal, numa pastoral endereçada a adolescentes. Antes de músicas, os entrevistados exigem participação e espaço eclesial. Querem ser levados *a sério*. Os adolescentes entrevistados fazem coro a Roberto GOMES (2001), aplicando a sua crítica da intelectualidade tupiniquim a ICAR, mostrando que não querem uma Igreja Ornamental.

O triunfo do homem *sério* é atingido quando se chega à completa ritualização. Quando já não importa o *dito*, mas a maneira de dizer dentro de padrões previamente consagrados. (...) Parece evidente que a Filosofia brasileira só existirá a partir do momento que vier a ser, como a piada, uma investigação do avesso da *seriedade* vigente. (p. 16)

No intelectual brasileiro que discursa, triunfa o *sério* – expressão de uma classe privilegiada diante da multidão analfabeta. No homem *sério*, triunfa a Razão Ornamental. (p. 17)

Sérios são estudos maçantes que cheiram à Europa. Assim, apesar dos traços de emancipação de uma inteligência nacional que podemos encontrar no modernismo, os praticantes da Filosofia continuaram, e continuam, como no verso de Manuel Bandeira “macaqueando a sintaxe lusíada”. (p. 98)

O que os entrevistados querem é serem levados a sério em suas necessidades orantes, não uma liturgia séria. Querem uma igreja que suje as mãos e se comprometa com eles. Que não fique “macaqueando” homilias e problemas de outros lugares e idades. Liturgia bonita, mas

excessivamente desligada de seus problemas e de sua vida. Exigem participação que não seja meramente litúrgica e/ou ornamental, mas uma igreja que os escute, antes de os por para cantar e bater palmas.

Solidariedade com os pobres

Fala-se também de solidariedade com os pobres e necessitados. Os adolescentes entrevistados elogiaram a Igreja e as suas comunidades no que se referia ao trabalho social e caritativo desenvolvido. Alguns fizeram ressalvas a certo tipo de assistencialismo muito comum entre as comunidades; mas muitos disseram que esse trabalho é necessário e oportuno. Atividades sociais não envolvem sermões e liturgia romana, permitindo participação⁷⁰ interativa de todos.

Perguntados sobre isso, muitos responderam que gostam deste tipo de atividade eclesial. Esta é uma ótima oportunidade para muitas comunidades paroquiais se renovarem, formando grupos para as necessidades de nossos

⁷⁰ Participação é um assunto que foi apontado por TORRES-QUEIRUGA. Ver nota 56.

pobres. Palavra, eucaristia e caridade sempre foi o tripé da Igreja. Uma comunidade centrada apenas na Palavra e na eucaristia (ou deficitária no aspecto da caridade) é uma comunidade em que a Igreja ainda está incompleta. Mas ainda há muitas comunidades apenas de culto e de auto-reprodução (liturgia e catequese). Elas perdem uma boa oportunidade de engajamento dos adolescentes.

3. 2. c) Quais os pontos negativos da sua igreja?

Os próximos parágrafos agrupam as respostas negativas, interpretando sumariamente as falas dos adolescentes entrevistados sobre elas. A ordem de aparição dos assuntos se faz pela ordem de incidência das críticas, das mais recorrentes para as menos recorrentes.

Clero

Entre os entrevistados, critica-se especialmente o clero católico por:

Sermões muito longos	17
Sermões com assuntos desconectados da realidade	10
Discurso excessivamente focado em dinheiro e dízimo	8
Sermões sem emoção (“ <i>fala-se sem parecer crer</i> ”)	4
Rispidez no tratamento pessoal	3
Celibato	2
Pedofilia	1
Avisos longos e monótonos	1

Como pessoa coletiva o padre é muito criticado pelos adolescentes em questão. Ele é a personificação dos defeitos da igreja e até mesmo a personificação da Igreja, segundo FOWLER (1992, p. 202), falando do estágio 3, autoridades são muito criticadas pelos adolescentes, justamente porque eles estão num processo de amadurecimento normal da personalidade. Esta é uma crítica ainda difusa, sem muito foco.

Em segundo lugar, vem o tempo do sermão. *Tempo* é uma categoria crucial no atual contexto. Albert Einstein percebeu que tempo e velocidade se relacionam. Em um contexto em que o assunto não interessa (porque desconectado de assuntos relevantes para os ouvintes) e em que se pode só ouvir, qualquer tempo é muito tempo. Cativar a atenção se faz pelo conteúdo e pela forma de abordar o assunto. Já Antonio VIEIRA ensinava que é preciso que o pregador se esforce por se fazer entender pelo auditório:

Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo. (Sermão da Sexagésima)

Eis aqui por que muitos pregadores não fazem fruto; porque pregam o alheio, e não o seu: *Semen suum*. O pregar é entrar em batalha com os vícios; e armas alheias, ainda que sejam as de Aquiles, a ninguém deram vitória. Quando David saiu a campo com o gigante, ofereceu-lhe Saul as suas armas, mas ele não as quis aceitar. Com armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja David. As armas de Saul só servem a Saul, e as de David a David; e mais aproveita um cajado e uma funda própria, que a espada e a lança alheia. Pregador que peleja com as armas alheias, não hajais medo que derrube gigante. (Idem)

Deve pregar o seu, como diz VIEIRA: ou seja, deve pregar a *partir de sua ciência* e de *sua realidade*. Lutar com as suas armas contra os seus inimigos. Não é à-toa que VIEIRA dá o exemplo de Davi contra Golias. A crítica de nossos adolescentes baseia-se na crítica de VIEIRA: pregadores desconectados da realidade de seus ouvintes não conseguirão atingir um grupo tão específico como o é o de adolescentes.

O estereótipo de que *religião dá dinheiro*, só se confirma num discurso muito focado em arrecadação monetária de algumas igrejas. Muitas comunidades sofrem de falta de dinheiro, mas se precisa rever *como fazer este discurso* e *para que tipo de assembléia*. Os adolescentes entrevistados mostraram-se bastante motivados negativamente com este tipo de assunto.

Estrutura geral dos templos

Bancos desconfortáveis	5
Imagens de santos ⁷¹	5
Igreja lotada (sem lugar para sentar)	3
Sem ventilação adequada	1
Sem estacionamento	1
Volume do som alto	1
Igrejas fechadas durante o dia	1

Acostumados a serem bem tratados como clientes e a ter conforto numa sociedade que o valoriza cada vez mais, os adolescentes entrevistados tendiam a ver a igreja como uma *agência de serviços religiosos* e não uma comunidade em que se vive e faz parte. Esta é uma visão a partir de fora.

Para o clero que sempre se senta em uma cadeira mais confortável e que fica como agente ativo do sermão a percepção é outra. Em se estando mais confortável, reza-se melhor⁷².

⁷¹ Sobre imagens de santos, somente os evangélicos mais pentecostais falaram sobre isso. Entre os evangélicos tradicionais este assunto nem apareceu.

⁷² Aqui se fala de uma assembléia de oração. Não se refere a perseguições ou sofrimentos quaisquer que sejam. Em ambiente de perseguição ou situações que causem sofrimentos (quaisquer que sejam) teremos outras inflexões que a psicologia da religião estuda.

Alguns se mostraram preocupados com a igreja fechada durante o dia. Mesmo sem gostar de liturgias formais, o contato pessoal com o divino não é descartado.

Falou-se de igrejas lotadas e sem bancos para sentar. É uma crítica que reflete um comportamento de quem vem à igreja apenas em dias especiais (Natal, Páscoa, Crisma, etc.), quando a superlotação é inevitável.

Estrutura geral da liturgia

Ritualismo	22
Posições corporais	21
Monotonia	19
Tempo de celebração	15
Folheto	11
Falta alegria/energia	6
Pouca participação	6
Linguagem das orações	4
Horários	3
Leituras	3

A liturgia é sempre a vitrine de apresentação dos produtos. E o campeão de reclamações tem sido o ritualismo

das liturgias (22 respostas). Ritualismo manifesto também em orações decoradas (5) e na leitura sem mais de folhetos de liturgia dominical (11).

O folheto de missa virou o grande missal e têm um poder autoritativo em algumas comunidades paroquiais. A falta de espontaneidade e a frieza de orações, gestos e acolhida em nossas comunidades tem sido um desafio para liturgistas e todos os que querem algo melhor em matéria de culto. Aumentar a alegria e a energia celebrativa (6) é básico para se trabalhar com os entrevistados.

Senta, levanta, ajoelha são posições corporais muito recorrentes na liturgia católica romana. E corpo é sempre um problema para o adolescente, que ainda está em fase de mudança corporal. Este elemento aparece na pesquisa, em forma de insatisfação com as posições corporais da oração coletiva.

Com a pouca participação (6) que a assembléia tem no ritual da missa, a falta de energia e alegria é visível (6) em muitas assembléias litúrgicas. A monotonia é consequência disso (19), aparecendo mais como consequência do que como causa, mas figurando em terceiro lugar no índice das reclamações. Alguns diziam: "*missa me dá sono*". Num ambiente monótono e sem estímulos, qualquer celebração é sentida como *tempo demasiado* longo (15 respostas).

Pessoas

Grupos são elitistas	6
Hipocrisia	7
Preconceitos e estereótipos	11

Além do padre, criticado como pessoa corporativo-simbólica da instituição, também outras pessoas foram citadas nas entrevistas. As pessoas que freqüentam as igrejas são criticadas especialmente por seu *comportamento não-condizente entre o falar e o agir*. Essa não é a mesma crítica que dirigem aos pais? Aqui a Igreja é associada inconscientemente à família. E sofre as conseqüências disto. (FRAAS, 1997, p. 29)

Quando os grupos eclesiais são elitistas (6), não deixam entrar gente nova. A fala dos entrevistados mostra o desejo de fazer parte destes grupos. Criticando o que consideram uma hipocrisia (7), reivindicam espaço eclesial de participação. Estereótipos (11) só fazem aumentar as dificuldades dos entrevistados, reforçando o pré-conceito de que "jovem não quer saber de igreja!". Os entrevistados reclamam de *dupla mensagem*⁷³ da parte dos membros adultos

⁷³ A dupla mensagem consiste em dizer uma coisa quando o sentimento (ou a vontade) é o oposto. Trata-se de um processo até um pouco difícil de ser percebido por quem o utiliza. Mas nunca é de todo inofensivo. Se uma garota vive dizendo ao namorado que gostaria de visitar certo ponto turístico ou ver um determinado filme, mas se mostra chateada quando ele concretiza seu pedido, ela emitiu uma dupla mensagem. Ele ficará sem saber o que fazer. Ela havia dito uma coisa, mas demonstrou sentir (ou querer) o contrário. Como isto não foi expresso por

das comunidades. A crítica dirigida a pessoas da igreja é *a crítica dirigida a seus pais e avós*. A crítica é menos endereçada à Igreja com tal e mais ao grupo de adultos de forma generalizada, visto de fora por parte de quem quer entrar nele e está com medo ou não está sendo aceito, sentindo-se deslocado.

Moral

Ter normas para tudo	9
Confissão auricular	2
Obrigação dominical	1

Uma outra fonte de reclamações é a chamada moral católica, aparecendo o sentimento difuso de que a Igreja *“tem norma para tudo”* e refletindo o uso doméstico da religião, para a domesticação de comportamentos indesejados.

palavras, ele é que se sentirá culpado por ter feito algo que ela não queria e nem saberá o que foi.

A dupla mensagem é um processo inconsciente, em geral. Corrói o relacionamento de um casal (ou grupo) de uma forma bastante sutil. É destrutivo e mata aos poucos a alegria da relação. Basicamente, o processo deriva do hábito que uma pessoa tem de mentir para si mesma. A sinceridade no relacionamento (pessoal e grupal) pressupõe a ausência de duplas mensagens.

Durante as entrevistas, um adolescente disse: "É preciso acreditar mais na decisão pessoal". O casuísmo que floresceu na ICAR, parte do princípio de que as pessoas não são boas o suficiente para reger a própria vida através de atos responsáveis e adultos. Esta é uma posição que infantiliza e adolescentes querem ser olhados como adultos⁷⁴.

Jesus trabalha com a necessidade de deixar que as pessoas escutem a sua pregação, reflitam por si mesmas e possam tomar decisões em seguimento às conclusões que chegaram. Isto, os adolescentes entrevistados parecem ter intuído e reivindicam posição mais aberta para a Igreja na relação com seus fiéis.

⁷⁴ Jesus não agia assim. Se ele falava em parábolas era para que, pensando, as pessoas tomassem as próprias decisões, depois de chegar às próprias conclusões. Jesus não parte do princípio de que quem o escuta é ruim ou é mal intencionado. Muito pelo contrário, as brigas com os fariseus (além de refletir as brigas das comunidades de discípulos do final do século I com o Concílio de Jâmnia) mostra um Jesus que reclama da má interpretação gerada por um grupo de pessoas que tem as suas respostas prontas e que não admite revisá-las, mesmo causando prejuízo às pessoas. As brigas de Jesus com os fariseus de seu tempo são um conflito exagerado, visto por discípulos de Jesus que estão em conflito com os fariseus que restaram após a queda de Jerusalém. Não se devem exagerar estes relatos. Jesus, pelo contrário tem vários discípulos seus que são fariseus e que o seguem. (Cfr. *Introdução ao evangelho de s. mateus* - In: CD-ROM Bíblia Sagrada, 1996.) A forma de ensino de Jesus (pregação popular, ensino da Torá aos simples, pregação itinerante, etc.) reflete uma preocupação bem comum entre os fariseus de seu tempo: a popularização da Lei para que o povo pudesse ser mais fiel. (MESTERS, 1976).

Catequese

A catequese ficou um pouco negligenciada, não sendo citada em muitas conversas. E apareceu apenas em algumas entrevistas.

Tempo grande demais	3
Catequistas mal-preparadas	2
Crisma sem participação	2
Conteúdo fraco	1

A reclamação sobre idade precoce é sobre crianças de 1ª Eucaristia, normalmente iniciada entre 8 anos de idade e concluída com 10. E, aos 12 ou 13, faz-se a catequese de crisma e um ano e meio depois, recebe-se a confirmação, segundo a prática pastoral da Diocese de Novo Hamburgo, grande Porto Alegre - RS. Os entrevistados disseram seria melhor que se fizesse tudo junto na época da crisma, visto que muito da catequese crismal se constitui em repetir o conteúdo da catequese de 1ª Eucaristia. Segundo os entrevistados, fazer cedo demais a catequese e precisar refazer ou é perda de tempo ou é desconfiar da inteligência dos catequizando⁷⁵.

⁷⁵ Veja-se, mais tarde, sobre a idade da catequese crismal da pesquisa feita em Porto Alegre, no ano de 2005. Pode-se notar a idade

Sobre o tempo de duração, apareceu a mesma crítica. É muito tempo desperdiçado em aulas teóricas, quando se poderia fazer melhor em menos tempo, de forma mais eficaz.

Outra coisa que conta, é o que se diz sobre a crisma: é tudo um pacote pronto e que deve ser engolido sem mais. Não há participação, nem graduações, nem discussão ou ainda adaptação. É tudo ou nada.

Avaliando as críticas feitas pelos entrevistados, o que prevalece é a impressão de que a Igreja, mais atrapalha do que ajuda, na visão deles. Mesmo assim, muitos adolescentes entrevistados diziam que iam à igreja, periodicamente.

3. 2. d) O que você mudaria na sua igreja para que ela ficasse melhor?

FOWLER (1992) ensina que o adolescente encontra-se no estágio 3 (fé sintético-convencional) e ainda não consegue ultrapassar os limites do grupo. Ainda tem uma fé muito intra-sistêmica. A sua fé pode ser considerada como um resumo bem feito da fé do grupo. Não há ainda uma diferenciação auto-escolhida de valores e lócus de

prematura dos adolescentes da catequese de crisma da maioria deles e a falta de crítica e/ou posição em muitas das respostas.

autoridade. Isso se dará no estágio 4 (fé individuativo-reflexiva), que vai se iniciar após os 20 anos⁷⁶ e vai se prolongar por cinco a sete anos. Antes disso, adolescentes costumam estar no estágio 3 (FOWLER, 1992, p. 154).

Os adolescentes entrevistados tinham dificuldades em pensar diferente do que viam. Segundo FOWLER, a incapacidade de ver diferente, além da visão do grupo é bem típica desta fase 3 (fé sintético-convencional). O adolescente, embora tenha a visão do que pode estar errado, ainda não compreende bem o que pode ser o certo ou como fazê-lo. Teriam que ter entrado na crise de crescimento rumo à fase 4, iniciando o processo rumo a uma fé adulta e tendo já aparecido um *ego executivo* (FOWLER, 1992, p. 152). Estas dificuldades estarão presentes nos resultados a seguir.

⁷⁶ O estágio 4 só se inicia após a pessoa sair de casa, fato provocado pelo casamento, pela mudança por causa da faculdade ou pelo trabalho ou por todos eles juntos. (FOWLER, 1992, p. 153-154)

Estrutura geral da igreja e da comunidade

Bancos mais confortáveis	8
Arte mais moderna	7
Concurso de bandas	7
Retirar folheto de missa	6
Horários mais tarde	4
Diminuir o enfoque nas reformas	3
Diminuir a ostentação em templos	2
Retirar imagens de santos	1
Fazer concertos de órgão	1
Proporcionar mais conforto para o fiel	1
Instalação de banheiros	1
Instalação de bebedouros	1
TOTAL	42

Aqui se está diante da reclamação de que a igreja não se preocupa muito com o *conforto e o bem-estar do seu fiel*, por isso os bancos foram os que vieram em primeiro lugar (juntamente com os 3 itens finais da tabela). O fiel é visto como *cliente de serviços religiosos*.

Também aparece a preocupação com uma linguagem que atinja o adolescente, através da arte (arte mais moderna⁷⁷ e retirar santos) e de promoção de eventos culturais. O que está implícito é que a igreja precisa ter mais do que missa. Esta resposta lembra a crítica de um adolescente a

⁷⁷ Alguém sugeriu até grafitismo nas paredes. Bem típico de adolescentes urbanos!

BORÁN: *“A igreja só tem missa e isso é muito chato! A Igreja não me diz nada”*, (BORÁN, 1994, p.76).

Há também uma crítica velada a rituais, quando toca na questão do folheto de missa.

A crítica à ostentação de certas comunidades, através de seus templos. *“A igreja precisa ter mais a cara do seu povo”*, disse um adolescente em uma das entrevistas. Isso é uma crítica a excessiva europeização de nossas igrejas e cultos.

Ao mesmo tempo em que aparece a necessidade de pensar um conforto maior para o fiel, aparece também a crítica sobre as reformas feitas nas igrejas de nossas comunidades. *A preocupação com as pessoas substituindo as pessoas, é que está sendo criticada pelos adolescentes. “As construções foram feitas para os fiéis e não vice-versa”*, seria um bom resumo da posição dos entrevistados.

Estrutura geral da liturgia:

Missas mais alegres	17
Missas por faixas etárias ou temáticas	15
Mais cantos nas celebrações	12
Mudar a linguagem	11
Mais envolvimento da assembléia	9

Diminuir tempo de celebração	8
Fazer teatros nas missas	5
Bandas de música	4
Mudar o ritual	4
Tirar o senta-levanta-ajoelha das celebrações	3
Tirar as crianças da celebração	1
Mudar as vestes litúrgicas	1
TOTAL	95

O que se quer, sobretudo, é a sintonia com a linguagem gestual e lingüística atual. Os adolescentes sentem como sendo algo muito diferente de seu mundo, no pensamento e na expressão. Eles querem que a liturgia os toque.

É preciso entender e ser prático. Por isso, a sugestão de teatros nas missas. A visualização é algo hoje muito de acordo com a cultura midiática atual. Eles querem se ver na liturgia da Igreja. Ao reivindicar teatros e apresentações, eles estão pedindo mais do que espaço: uma espécie de protagonismo é aqui requisitada⁷⁸.

⁷⁸ Protagonismo assistido, nos dois sentidos da palavra (orientado e espetacularizado). Segundo o Dicionário Houaiss, protagonismo é: “adjetivo e substantivo de dois gêneros 1Rubrica: história do teatro. diz-se de ou o personagem mais importante do teatro grego clássico, em torno do qual se constrói toda a trama Obs.: cf. *deuteragonista* e *tritagonista* 2Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: história do teatro. que ou aquele que representava esse papel (diz-se de ator) 3Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: cinema, literatura, teatro, televisão. principal personagem de uma peça de teatro, de um livro, de um filme, uma telenovela etc. 4Derivação: sentido figurado. indivíduo que tem papel de destaque num acontecimento. Ex.: <sem querer, foi p. de um drama> <foi acusado de p. de um dos crimes que mais chocaram a opinião pública>. Dicionário Eletrônico Houaiss. Verbetes protagonista.

As crianças não foram deixadas de lado, visto que uma "escolinha de Jesus" deveria ser implantada. Pela expressão "escolinha d Jesus" entenda-se retirar as crianças menores da celebração por uma equipe que possa brincar, cantar e ensinar histórias bíblicas, enquanto decorre a celebração. Nisto está embutida uma justa preocupação e um pouco de segregação. Adolescentes não querem ficar com pais ou irmãos menores, enquanto estão juntos. Querem celebrações onde eles estejam entre seus pares.

Na relação com os companheiros, a ausência do elemento de respeito unilateral faz com que o adolescente se encontre com os demais como igual entre iguais. Esta experiência constitui o ambiente social que faz o jogo de cooperação, constrói regras básicas do consenso mútuo e desenvolve a autonomia.(...) Na relação adulto-adolescente este meio é difícil de alcançar, sobretudo com as crianças menores, porque naturalmente está implícito o respeito unilateral. (...) para o adolescente é muito mais útil participar da formulação das regras do que recebê-las já prontas dos adultos e ter que submeter-se a elas. (DUSKA e WHELAN, 1994, p. 25-26).

Quando se fala em senta-levanta-ajoelha se está falando de um tipo de gesticulação medieval que não diz nada para o adolescente de hoje. Para eles, é preciso uma gesticulação adequada também por parte do ritual⁷⁹.

Um adolescente entrevistado sugeriu que "é preciso sair detrás da mesa do altar para celebrar melhor." O entrevistado mostra que é preciso sair da atitude defensiva de se esconder detrás da mesa da celebração. O altar é de

⁷⁹ Com alguma boa vontade, não se conseguiria diminuir o número de alterações entre sentar e levantar na liturgia?

alguma maneira um palco e requer um *desempenho celebrativo* que incentive a interação entre o presidente, a assembléia e o mistério celebrado. Sair de uma atitude defensivo-celebrativo para uma atitude ativa e promotora de participação orante na assembléia. Isso os adolescentes entrevistados perceberam bem.

Mais espontaneidade no modo de celebrar e diminuir a influência do ritual, é o que reivindicam. A formalização das celebrações é o que mais se critica.

Sermões

Para muitos, esse é o momento mais crítico das celebrações. Aqui as sugestões são apenas 3:

Temas atualizados	12
Interatividade dos sermões	10
Colocar testemunhos de vida	1

Temas bonitos e escolhidos são usados em muitas igrejas, mas não tocam o dia-a-dia dos adolescentes entrevistados. Quem quer ser relevante para eles tem que ter uma preocupação redobrada para não tirar o pé da realidade e ficar pregando acima dela. Eles têm muito mais

problemas não resolvidos do que os adultos da comunidade. Testemunhos de vida e interatividade nos sermões são formas de concretizar os assuntos e atualizá-los, para que tenham pertinência entre os adolescentes.

Clero

A queixa contra o clero assume aqui ares bem mais positivos e concretos do que os sermões.

Abolição da obrigação de celibato	13
Ordenar padres mais novos	6
Possibilitar decisões mais participativas	3
Prestar contas para a comunidade	3
Mudar formação do clero	2
Maior preocupação com os pobres	2
Ordenação de mulheres	1
Total	30

"Queremos padres mais próximos de nós!". Isso parece ser um resumo bem fiel desta tabela acima.

Ordenar padres mais novos e mudar a formação do clero está em vista de uma nova sensibilidade (e sintonia) com a realidade atual. Cobrar prestação de contas monetárias e decisões mais participativas é um jeito de pedir uma igreja menos monárquica e mais democrática.

Moral

Segundo os adolescentes pesquisados, a moral católica também precisa de revisão. E entre os pontos apontados estão:

Respeitar mais as diferenças	5
Mudar a obrigação dominical	4
Exigência de ser crismado para se casar	1
Abertura para problemas atuais	1
Apoio a casamentos gays	1

Muitos dos pesquisados dizem que as comunidades têm muito preconceito dentro delas: julga-se pelo visual e não pelo interior. Assim, não se respeitam as diferenças, mas se estereotipam e catalogam as pessoas, excluindo-as. Gays, *clubbers*, roqueiros e pessoas diferentes em geral costumam ser discriminados e não acolhidos com suas diferenças e valores. Busca-se uma uniformidade de pessoas e pensamento. Adolescentes em estágio 3 tendem a perceber a diferença entre pessoas como diferenças de "tipo" de pessoas, segundo FOWLER (1992, p. 146). Mas querem que se respeitem estes "tipos".

A obrigação de presença dominical nas igrejas não é bem vista entre os entrevistados. E, ainda segundo as entrevistas, a exigência de ser crismado para se casar dá motivo a uma distorção: *por que fazer tanto tempo de catequese de 1ª Eucaristia e de crisma, se depois é*

possível fazer tudo junto em uma semana de catequese para adultos?

Catequese

Fazer catequese mais intensiva	8
Juntar a catequese de 1ª comunhão e crisma	6
Deixar para fazer catequese mais tarde	4
Fazer uma catequese mais interativa	2

Sugestões para melhorar a catequese se tornaram fonte de algum avanço significativo.

Uma catequese que deixasse a *iniciação da fé* para mais tarde poderia ser mais bem compreendida num esquema do RITO DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS. Onde Batismo, Crisma e Eucaristia têm uma mesma dinâmica e uma unidade essencial⁸⁰.

Os entrevistados reclamam muito da forma que é dada a catequese. É aceitar tudo ou rejeitar tudo, sem questionamentos. Eles querem algo mais: querem uma

⁸⁰ Não se pode esquecer que uma prática eclesial baseada em batismo de crianças e catequese de crianças tem como pressuposto que a sociedade e os pais vão fazer uma parceria para a educação e crescimento da fé da criança. Ora, isso já não é mais verdade há séculos na Europa, e não é mais verdade há décadas, no Brasil urbano. Com algumas exceções.

catequese interativa. Algo que eles tenham participação e imprimam o seu rosto.

As sugestões de se fazer uma catequese mais intensiva reforça a proposta de se fazer encontros intensivos como retiros e encontros de mais de um dia. Isto foi um encontro da teoria com a prática. Os itens 1.2.b), 1.2.d) e 1.2.e. convergem neste pormenor. FOWLER, BORÁN E BONHOEFFER tendem a deixar espaço em suas teorias a que se trabalhe com retiros de crisma, amadurecendo de forma metódica e controlada os adolescentes que precisam de um estímulo externo e que provoquem alguma ruptura com a vida e com os seus pais. Esta proposta parece integrar todas as sugestões dos adolescentes entrevistados com relação a um outro modo de dar catequese de crisma. Voltar-se-á a este ponto mais para adiante, quando será colocada uma nova proposta concreta de trabalho com crismandos.

Atividades

Deixou-se este item para o fim porque não apresenta um foco específico, mas o movimento e a atividade lúdica é que dão coerência a este ponto.

Ter mais grupos de jovens	6
Fazer mais retiros de final de semana	5
Ter mais ação social	4
Visitar mais os doentes nas casas	3
Ter mais ensinamentos bíblicos	1

Os jovens querem movimento/atividade. Espaço de participação (grupo de jovens) e retiros possibilitariam uma *inércia a favor*, dando espaço e possibilitando integração dos adolescentes entre seus pares. Isso permite uma maior aproximação entre a Igreja-instituição e os adolescentes.

Aproveitar a sensibilidade natural dos adolescentes para visitarem doentes e ter mais ação social pode ser uma saída para uma articulação melhor entre a Igreja e eles. Ainda mais em se tratando de sugestão deles mesmos.

Como resumir tudo isso? O que dá a impressão, ao se ler tantas sugestões é que se pode sempre contar com os adolescentes para detectar e sugerir situações de mudanças. *A Igreja precisa muito deles, para apontar onde mudar.* Por ser força de mudança, alguns adultos tendem a ver adolescentes com preconceito, justamente no que eles têm de melhor: sua inquietude.

Leonardo BOFF (1982, p. 58-80) critica explicitamente o catolicismo romano como não tendo conseguido escutar o

*sensus*⁸¹ *fidelium* (sensibilidade dos fiéis). Por medo ou por desprezo, a ICAR na sua hierarquia-centro-de-decisão tem muita dificuldade em integrar as críticas feitas, assumindo, revisando-se e modificando para melhor.

A hierarquia católica parece desconfiar *l'ab initio* dos seus fiéis, quando deveria escutá-los mais, como vimos com COMBLIN (1998, p. 301).

Ao luto da família, do corpo de criança, dos pais que concebiam na infância como super-heróis, os adolescentes ainda têm que enfrentar o luto de uma igreja que não lhes deu parâmetros para enfrentar os problemas que os aflige. Uma catequese infantil não ajuda a enfrentar os problemas que se colocam no mundo de hoje. A catequese tradicional era boa num contexto de gente analfabeta e de contexto rural. A cidade pós-moderna e a escolarização colocam outros problemas, exigindo mais da fé e da catequese eclesial.

⁸¹ Segundo o DICIONÁRIO AURÉLIO SÉCULO XXI (http://www.uol.com.br/aurelio/index_result.html?stype=k&verbete=senso):

sensus. [Do lat. *sensu*.] S. m. 1. Faculdade de apreciar, de julgar, entendimento: "O capitão-mor, que tinha aliás o senso claro e reto, para não dar-se ao trabalho de meditar, incumbia o seu ajudante dessa ocupação secundária" (José de Alencar, O Sertanejo, p. 119) 2. Juízo, tino, siso, discricção, circunspeção: "Desconfio que estou ficando louco... / Tanta coisa me passa na cabeça, / Que se senso me resta é já bem pouco." (Marcelo Gama, Via-Sacra e Outros Poemas, p. 44.) 3. Faculdade de sentir ou apreciar; sentido: Tem senso artístico; Tem o senso da medida. 4. P. us. Sentido (15). 5. Filos. V. *sentido* (16). [Cf. *censo*.] *Senso* comum. 1. Conjunto de opiniões e modos de sentir que, por serem impostos pela tradição aos indivíduos de uma determinada época, local ou grupo social, são ger. aceitos de modo acrítico como verdades e comportamentos próprios da natureza humana. *Senso* moral. Filos. 1. Faculdade de reconhecer intuitiva e infalivelmente o bem e o mal, sobretudo nos fatos concretos. Bom *senso*. Filos. 1. Faculdade de discernir entre o verdadeiro e o falso. [Cf. *senso* comum.] 2. Aplicação correta da razão para julgar ou raciocinar em cada caso particular da vida. 3. Capacidade de julgar e de resolver problemas conforme o *senso* comum.

3. 2. e) A IGREJA É COMO...

Descobrir o que está por detrás do pensamento dos adolescentes entrevistados possibilitará perceber a estrutura mental do raciocínio e a coluna dorsal do pensamento dos adolescentes entrevistados. Por isso, no final da entrevistas pediu-se para completar a frase acima com a imagem que primeiro viesse à mente.

Ajudando a checar o grau de sinceridade e o tipo de associação mental que os adolescentes fazem com relação à igreja, resultou em algumas respostas curiosas, além de outras previsíveis. Como não se terá espaço para analisar todas as respostas, fica registrado o tipo mínimo de associação que os adolescentes fazem ao se falar de igreja⁸².

⁸² Atrás do conceito positivo ou negativo de algo, alguém adere ou rejeita uma idéia. Coloca ou retira algo da vida. Compra ou descarta algo ou alguém. Toma uma decisão. O processo de decisão e de agregação a algo ou alguém envolve mais do que a simples adesão intelectual, passando também pela adesão afetiva. Em 27/03/2003, Richard TOMKINS escreveu no *New York Times* um artigo intitulado "Unilateralismo trará prejuízos para empresas americanas?", onde perguntava quais as conseqüências negativas para as finanças de empresas americanas a associação da Guerra do Iraque com o antiamericanismo(<https://www.fte.com.br/forumfte/print.php?sid=94,15/10/2005>).

Mapeamento de tipos	Número	Porcentagem
Símbolos não-materiais	46	15,80
Casa	61	20,96
Lugar para/ lugar onde	51	17,52
Respostas negativas	35	12,02
Ambiente familiar	23	7,90
Lugares diversos	30	10,30
Atitudes pessoais	17	5,84
Símbolos materiais	13	4,46
Tempo/momento	04	1,37
Santuário	02	0,68
Sem resposta	8	2,74
Total das entrevistas	291	100%

Símbolos abstratos e concretos

O maior índice individual (15,8%) foi obtido com relação a associações da Igreja com símbolos abstratos (não-materiais), tais como: *Deus, presença de Deus, luz, oração, refúgio, aconchego, confraternização, etc.* Embora estas coisas possam se relacionar a eventos concretos e sensações, são expressões abstratas de conceitos. Está se trabalhando num nível racional-lógico muito forte, com pouca ou nenhuma referência à vida concreta e cotidiana. Isto poderia refletir um afastamento relacional dos entrevistados em uma base cotidiana ou mesmo em uma catequese que não possibilita participação. Igreja parece

ser coisa mais de cabeça do que de vida. Como nos ensina INHELDER & PIAGET (1976, p. 253) estão num nível de abstração bastante grande.

As repostas ligadas a casas, lugares, santuários e lugares diversos totalizaram 144 (49,48% das repostas). O que pode ser facilmente percebido pelo pensamento concreto de quem ainda está saindo da infância e desenvolvendo pensamento mais abstrato (INHELDER & PIAGET, 1976, p. 253). A maioria destas repostas tem conceito positivo em vista da Igreja-prédio. Reflexo da simbolização infantil, muitos responderam que a Igreja-prédio é um lugar para pensar, para refletir. Os entrevistados estão associando o prédio da Igreja a uma espécie de "quartinho de pensar". O que reflete ainda a idealização sem foco do adolescente em fase de mudança.

A associação a Igreja-prédio ficava mais recorrente quando a maioria do grupo ia pouco à igreja. Em grupos que eram mais ativos na participação (independentes de ser católicos, protestantes ou pentecostais), a tendência era associar a comunidade eclesial às pessoas e grupos.

Poucas repostas associam a igreja a outros lugares, tais como: praça com bancos, campos de futebol vazios, teatros, hospitais, cemitério, mar, escola, bosque, posto de gasolina e outros. São símbolos concretos. A maioria tem sentimentos bastante neutros. E quanto mais rica é a imagem concreta, menos negativa ela se manifesta. Parece estar mais para a uma elaboração de símbolos urbanos, que pouco ou nada tem a ver com a imagem infantil do quartinho

de pensar. Essas imagens concretas se caracterizam pela utilidade mais do que pela inatividade. Nelas, igreja parece estar mais associada à sua finalidade do que à sua essência.

Contudo, estas imagens concretas mostram um contexto de objetos parados e inertes. Não se falou em carro, metrô, caminho, ou coisa ligada a movimento. O elemento que parece ligar tudo isso é a falta de movimento ou o repouso dos objetos em curso.

A posição de Jesus sempre foi de discipulado no caminho de convivência com ele. Os discípulos se formaram viajando, refletindo e convivendo com Jesus. A Teologia da Libertação (e outras teologias também) colocou o tema do discipulado para a espiritualidade de hoje, no contexto latino-americano. Em nenhum momento isso aparece aqui refletido. O que mostra que a simbologia mais tradicional está na mentalidade deste grupo de adolescentes. Não vêem nenhuma relação entre Igreja e discipulado. Ou seja: a relação que os marca em suas mentes é uma *relação não-ativa, sem vida e não questionadora*. É isso que parece caracterizar este grupo. Uma relação inerte e não vital⁸³.

⁸³ Isso seria o reflexo do contexto eclesial (diocese de Novo Hamburgo e suas paróquias) ou seria reflexo de um tipo de catequese (ou contexto eclesial) mais tradicional e menos questionador? Não se pode afirmar isto a partir daqui (as conclusões seriam muito maiores do que as premissas), mas seria bastante interessante uma pesquisa feita só a partir de imagens de fundo associadas à Igreja. Não representa um grupo grande (5,15 %), mas seria de se perceber qual é o processo eclesial que leva a pessoa a associar coisas mortas com comunidades eclesiais cristãs.

Família

Respostas muito ligadas à vida familiar (minha casa, casa de meus amigos, casa de parente, meu lar, etc.), perfizeram 7,9% das respostas. *Em todos estes casos não se constatou uma só resposta negativa.* O que permite pensar que a ligação *família + igreja* ainda é vantajosa para a igreja. Os que encaram a igreja como sendo uma extensão do seu lar ainda têm a igreja como uma coisa importante.

Num contexto pós-moderno e descristianizado, apostar numa continuidade a partir de um ambiente familiar tem se mostrado pouco producente. A não ser que se queira ficar com apenas nicho de trabalho pastoral, que é os filhos daqueles que participam muito da comunidade eclesial.

Existencialismo adolescente

Muitas foram as respostas ligadas a atitudes pessoais (5,84%), endereçadas a responder sobre a igreja com atitudes pessoais (*"ela é como eu quero que seja"*, *"ela é*

como as pessoas a vêem", "modo de encarar o mundo", "como a imagem do povo", etc.). Aqui parece ter algum avanço em qualidade, mais do que em quantidade. Os entrevistados parecem estar passando por um processo de síntese pessoal, onde a atitude é mais valorizada. Isso seria uma das características do estágio 4 da fé, segundo FOWLER (1992, p. 148-155). Ou estão na crise de transição para ele. Estas respostas mais personalizantes e criativas mostram uma atitude de afastamento e de defesa da igreja⁸⁴. Uma igreja que tem defeitos, mas que não é toda má. Começa aqui a se esboçar uma atitude crítica, mas não de todo negativa. Crítica positiva. Atitude de valorização com certa distância.

"Pra mim Igreja devia acabar!"

Respostas francamente negativas não foram poucas (12,02 %). São de atitudes hostis à Igreja. Encaram a Igreja como prisão, coisa chata, perda de tempo, grupo de velhos, organização manipuladora, fuga dos problemas, coisa triste, etc. Entregam-se à mesma atitude de intelectuais como MARX, FREUD, FEUERBACH, NIETZSCHE, Roberto ROMANO, movimentos anarquistas, etc. Estes entrevistados estavam mais empenhados em acusar, sem mesmo saber ou provar. É a atitude hostil que vai por estas respostas. E é um grupo

⁸⁴ O que não fica certo é se a atitude é sobre a igreja-comunidade ou sobre a igreja-instituição ou igreja-lugar.

maior do que os que se associam a Igreja a ambiente familiar. Um discurso *bom-mocista* não parece ter chance de convencer nenhum deles. Este ponto já foi tratado no item 1.5).

O IBGE tem demonstrado que o número de pessoas sem-religião tem aumentado consideravelmente na população brasileira, desde o final da década de 1980. Coincidentemente, desde o cerco da Teologia da Libertação na América Latina. E desde o aumento da influência da Renovação Carismática (RCC) na hierarquia da ICAR. Também desde o aumento considerável de cristãos neopentecostais e pentecostais no Brasil.

Uma religião que se preocupa apenas com liturgias, transformando-as em *shows* midiáticos de aeróbica *gospel*, mas que não tem incidência no social, mas não ajuda este tipo de adolescente que tem um pensamento crítico apurado. Para eles, é preciso apresentar um cristianismo ético, de acordo com suas expectativas.

Para estes adolescentes, é difícil até fazer a abordagem sobre o assunto a ser pesquisado. A atitude se configura como repulsa logo de início. Somente quando se supera esta resistência inicial é que se pode conseguir algo com a pessoa em questão.

Ainda o tempo

Alguns abordaram a questão do tempo (1,37%). Para estes, a Igreja parece se resumir a uma passagem, a uma reunião, e menos a um lugar. Têm o conceito mais fluído em questão de Igreja. Não se pode saber se isto é bom ou ruim, nem a quais conseqüências isto poderia nos levar em matéria de trabalho.

Recapitulando

Como resumir tudo isto? A pesquisa dá o que pensar, sobretudo, se for compará-la com as tantas outras feitas sobre o catolicismo brasileiro (CERIS) e sobre as religiões no Censo 2000 (IBGE). O campo religioso está se reconfigurando, tendo como base a tendência de sair da religião transmitida e ir para a base da vivência religiosa de escolha pessoal. Os adolescentes querem participação e espaço para falar e opinar sobre temas que acham importantes.

É preciso, entre os adolescentes, uma Igreja que se faça um com eles. Precisa-se de uma Igreja que se inculture e se faça povo. No linguajar de alguns teólogos, é preciso de uma *ecl esi ogênese*: uma igreja que se faça povo, assuma

os seus rostos e as suas agruras. Com os adultos e com os adolescentes.

Para tal, é preciso sair da encruzilhada em que a ICAR se encontra no Brasil: eclesial agora é só o que é absolutamente hierárquico, como antes do Concílio Vaticano II. Vejam-se na televisão os programas católicos: são uma espécie de sacristia transmitida.

Contudo, os jovens continuam querendo projetos de vida que promovam a cidadania e a solidariedade (engrossada agora por um discurso mais laicizado, menos religioso e mais ecumênico). Eles estão lá para ajudar. Querem estar lá, por a mão na massa e ter vez e voz. Mesmo errando.

O problema está no fato de que a ICAR não tem um projeto concreto e atrativo que possa absorver os adolescentes em suas fileiras. (DALLA-DÉA, 1999, p. 185)

Para isso, seria preciso que o discurso de solidariedade e participação se efetivasse em projetos concretos de ação. Mas, para sair da letargia que se encontra a ICAR no Brasil atual, seria preciso mais do que simples discurso. Seria preciso ação. É isso que os adolescentes entrevistados estão reivindicando.

O que é questionado aqui não é a existência de Deus ou o valor da religião. Mas a finalidade das igrejas nas

sociedades atuais. Eles parecem se perguntar: *Para que serve a igreja na sociedade de hoje?*⁸⁵

Os adolescentes entrevistados apontam para uma fragilidade da ICAR que é a de ter ficado grande demais e agora não estar agüentando levar o próprio peso. A solução a isto já está esboçada: a perda de grande parte de seu rebanho nominal irá aliviar o peso institucional, segundo os dados do IBGE, no Censo 2000 (www.ibge.br/censo , 15/10/2005).

Não basta colocar musiquetas alegres e usar gírias num discurso pretensamente jovem. É preciso uma pastoral que dê espaço, participação e leve um discurso crítico evangélico para algum lugar. Eles estão pedindo propostas de trabalho, mas não propostas prontas. Que sejam elaboradas por eles, numa igreja e numa ação que os leve a sério.

Muitos dos entrevistados já perceberam que não tem futuro numa igreja parada. Não se pode admirar que muitos a tenham abandonado, optando por outras formas de vivência de fé; outros a deixaram de lado e outros ainda tenham ficado. São poucos, mas existem. Mas estes que ficaram têm algo mais original para dizer?

⁸⁵ A tendência atual parece ser de responder esta pergunta com a inércia pastoral. Assim, a Igreja serviria para se manter viva, enquanto instituição e enquanto grupos. Um organismo que só consegue se manter vivo, sem expandir-se, está em fase de decadência e de morte espontânea.

A pesquisa reunida aqui trabalhou com adolescentes de colégios, gente sem maior participação eclesial, em ambiente nada eclesiástico. Mesmo dirigido por religiosas, um colégio não é uma igreja ou uma sala de catequese. O próximo capítulo vai se caracterizar pela pesquisa da opinião dos adolescentes que fazem a catequese de crisma, em ambiente eclesial/eclesiástico. Precisam-se ver quais as propostas e avanços que eles propõem para a confecção de um método novo de catequese de crisma. Se eles concordam com as conclusões a que se chegou até aqui ou se têm outras propostas.

Capítulo 4: Pesquisa com adolescentes da catequese de crisma

4. 1. Critérios de pesquisa

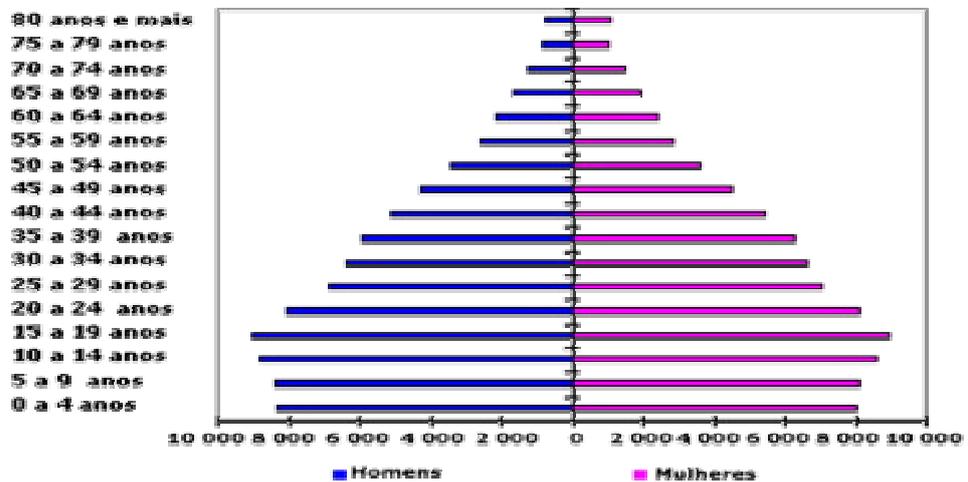
Segundo o Censo do IBGE (www.ibge.br, 01/05/2005), a população brasileira no ano de 2000 era de 169.799.170 habitantes (hab.) e do Rio Grande do Sul, 10.187.798 hab, sendo que Porto Alegre tinha 1.360.590 hab. Consultando-se o *site* do IBGE, fica-se sabendo que a população total de 14 a 24 anos é de 37.642.161 habitantes, ou seja, 22,16 % da população total brasileira. Contudo o que nos importa mesmo é a população de 13 a 19 anos (os assim chamados de *teenagers*). Esta população soma 24.962.059 habitantes ou 16,27% da população brasileira.

População residente de 5 anos ou mais						
2000						
Sexo	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Homem	75.249.089	5.698.487	20.845.712	32.215.178	11.271.058	5.218.654
Mulher	78.174.353	5.559.454	21.835.512	33.884.772	11.619.119	5.275.496
Situação						
Urbana	125.193.139	7.941.469	29.683.232	59.923.651	18.526.982	9.117.805
Rural	28.230.303	3.316.472	12.997.992	6.176.299	4.363.195	1.376.345
Idade						
5 a 9 anos	16.542.327	1.598.978	5.132.313	6.330.781	2.319.114	1.161.141
5 anos	3.445.580	335.414	1.073.304	1.314.709	480.144	242.009
6 anos	3.320.105	328.308	1.022.383	1.271.906	462.719	234.789
7 anos	3.300.664	321.303	1.026.940	1.262.379	457.232	232.810
8 anos	3.245.677	315.557	1.022.680	1.229.919	451.426	226.095
9 anos	3.230.301	298.396	987.006	1.251.868	467.593	225.438
10 anos ou mais	136.881.115	9.658.963	37.548.911	59.769.169	20.571.063	9.333.009
10 a 14 anos	17.348.067	1.560.349	5.549.925	6.684.660	2.374.787	1.178.346
10 anos	3.367.200	317.693	1.050.275	1.299.153	469.997	230.082
11 anos	3.433.809	308.298	1.091.132	1.323.511	476.413	234.455
12 anos	3.524.814	314.984	1.136.394	1.357.615	478.579	237.242
13 anos	3.461.413	306.569	1.122.451	1.331.971	465.876	234.546
14 anos	3.560.831	312.805	1.149.673	1.372.410	483.922	242.021
15 anos ou mais	119.533.048	8.098.614	31.998.986	53.084.509	18.196.276	8.154.663
15 a 19 anos	17.939.815	1.524.484	5.571.708	7.155.091	2.451.895	1.236.637
15 anos	3.521.881	315.909	1.140.899	1.355.363	472.629	237.081
16 anos	3.497.668	304.659	1.105.300	1.371.179	478.362	238.168
17 anos	3.682.950	308.888	1.143.770	1.466.065	510.267	253.960
18 anos	3.751.494	311.836	1.140.764	1.520.190	516.855	261.849
19 anos	3.485.822	283.192	1.040.975	1.442.294	473.782	245.579
20 a 24 anos	16.141.515	1.299.652	4.627.950	6.824.937	2.205.892	1.183.084
25 a 29 anos	13.849.665	1.059.121	3.683.604	6.053.155	2.004.534	1.049.251
30 a 34 anos	13.028.944	906.854	3.353.930	5.786.292	2.010.157	971.711
35 a 39 anos	12.261.529	781.988	3.022.910	5.598.759	1.982.807	875.065
40 a 44 anos	10.546.694	638.330	2.490.163	4.981.306	1.720.167	716.728
45 a 49 anos	8.721.541	503.516	2.060.071	4.140.354	1.445.966	571.634
50 a 54 anos	7.062.601	380.141	1.755.497	3.314.466	1.167.885	444.612
55 a 59 anos	5.444.715	297.457	1.412.296	2.497.261	901.625	336.076
60 a 64 anos	4.600.929	237.776	1.229.605	2.117.769	743.343	272.436
65 a 69 anos	3.581.106	178.253	923.753	1.694.691	588.041	196.368
70 a 74 anos	2.742.302	125.510	743.631	1.299.974	437.812	135.375
75 a 79 anos	1.779.587	79.436	523.017	817.671	276.033	83.430
80 anos ou mais	1.832.105	86.096	600.851	802.783	260.119	82.256

Fonte: Censo Demográfico

Fonte: IBGE – Censo 2000: www.ibge.gov.br

Uma representação gráfica do percentual envolvido pode ser bastante ilustrativa.



Fonte: IBGE (www.ibge.gov.br)

A faixa de 15 a 19 anos é maior, devido a uma bolha demográfica alguns anos atrás. Assim, as faixas de 10 a 14 e de 15 a 19 anos representam algum aumento de natalidade, que atualmente está pressionando escolas e outros programas sociais do país.

Uma vez que se sabe que 16,27% da população está na faixa etária de 13 a 19 anos, a cidade de Porto Alegre (1.360.590 habitantes) possui uma população de 221.368 adolescentes. Se retirarmos a percentagem católica no Rio Grande do Sul (ainda segundo as taxas do IBGE), que é de 76,64%, chegaremos a um número de 169.656 adolescentes, que é o público alvo da cidade de Porto Alegre. Esta população é maior do que a população total de muitas cidades do Rio

Grande do Sul, tornando inviável trabalhar com um público-alvo tão grande.

Nem todos os adolescentes que são o público-alvo desta pesquisa serão confirmados na fé, recebendo a catequese preparatória e o sacramento da confirmação, no final do processo. Então, como fazer? Não se pode proceder com uma estatística real de quantos adolescentes católicos serão confirmados, pois ela não existe. *A abordagem por amostragem populacional fica inviabilizada.* Optou-se pela abordagem geográfica, focando a região metropolitana de Porto Alegre. Desta forma, trabalhou-se com a distribuição de questionários por regiões, distribuindo as paróquias da região metropolitana de Porto Alegre. Os questionários foram distribuídos em paróquias católico-romanas de Porto Alegre que aceitaram fazer parte da pesquisa, no primeiro semestre de 2005. Abaixo, estão elencadas as paróquias que fizeram parte da pesquisa desta tese:

- Santa Luzia - Bairro Cavalhada, pároco: Mons. Alfredo Hoffmann, 16/04/2005, 20 crismandos;
- Santuário Santa Rita de Cássia - Bairro Guarujá, pároco: Adilson Ap. da Silva, 23/04/2005, 30 crismandos;
- Nossa Senhora da Misericórdia - Bairro Restinga, pároco: Tranqüilo Manfrói, 27, 28, 30/04/2005, crismandos 113;

- Nossa Senhora das Graças - Bairro Tristeza, pároco: Jaime J. Caspari, 30/04/2005, crismandos 30;
- Santa Teresa de Jesus - Vila Cruzeiro, pároco: Henrique Jessoaldo, 14/05/2005, 40 crismandos
- Santo Antonio do Partenon - Bairro Partenon, pároco: Frei Carlos Rockenbach, OFMCap, 19/05/2005, crismandos 31;

O total dos questionários distribuídos foi em 214 pessoas, sendo que voltaram 196 questionários, uma defasagem da ordem de 8,42%. A diferença se explica por causa dos questionários que foram devolvidos em branco. Alguns adolescentes se recusaram a responder e entregaram em branco, mesmo após o pesquisador ter se explicado e explicado a importância da pesquisa. Eles somaram 8 questionários, o que perfaz um total de 204 respostas e 95,32%. No total há ainda uma defasagem de 4,67%. Esta taxa se explica pelo número de faltas normal dos crismandos aos encontros, não comprometendo a pesquisa feita.

Os critérios usados acima, foram obtidos a partir das orientações de DENCKER & DA VIÁ (2002) e de LEVIN & FOX (2004), uma vez que CERVO & BERVIAN (1996) não satisfazia a necessidade metodológica que era requerida para este trabalho.

4. 2. Elaboração dos questionários

Após ter se definido a população alvo (os adolescentes da catequese de crisma de Porto Alegre) e a metodologia (abordagem geográfica de paróquias), o passo seguinte foi a elaboração dos questionários em si. Respostas muito abertas foram abandonadas, visto ser impossível para se tabular os dados *a posteriori*. Por outro lado, uma abordagem simples demais significaria pouco avanço na pesquisa e se revelaria estéril em possibilidades de interpretação. Por isso, optou-se por usar os temas e assuntos que apareceram nas entrevistas do primeiro semestre de 2002, no Colégio Santa Catarina, em Novo Hamburgo-RS, região metropolitana de Porto Alegre (DALLA-DÉA, 2003b).

Isto possibilitou uma continuidade entre os temas que já apareceram nas entrevistas e o questionário, orientando sem amarrar o processo.

Resolveu-se perguntar e dar uma nota de 1 a 5 em cada questão abordada (1 = péssimo; 2 = ruim; 3 = regular; 4 = bom; 5 = ótimo). Isso vai nos possibilitar um maior nível de liberdade de expressão, sem comprometer a tabulação dos dados.

Além dos temas presentes nas pesquisas anteriores, optou-se por perguntar algo sobre o futuro próximo dos adolescentes em processo de confirmação da fé. Tendo-se em vista a possibilidade ou não do engajamento destes adolescentes na sua comunidade eclesial católica em outros grupos e ou pastorais.

Também se optou por perguntar sobre o que eles gostariam que houvesse depois da catequese de crisma, em vista de um posterior atendimento das necessidades religiosas e eclesiais destes adolescentes.

Como a pesquisa é *quantitativa e qualitativa*, envolvendo uma pesquisa ente as paróquias de Porto Alegre com os adolescentes em processo de confirmação da fé, introduziu-se uma pergunta sobre a (o) catequista, outra sobre a catequese em geral, outra ainda para o ajuizamento da veracidade e sinceridade das respostas. Como se podem notar, as respostas das perguntas de número 4, 5, 16, 17, 18 e 19 foram acrescidas de uma linha em branco para o caso de uma resposta diferente daquelas pré-formatadas. Ainda foram acrescentadas algumas linhas no final para a livre expressão do pensamento dos adolescentes.

4. 3. Questionário com adolescentes da catequese de crisma

1. Sou: homem mulher

2. Tenho: 13 14 15 16 17 18 19 20 anos

3. Somando todos que trabalham em casa, a renda familiar é de:

- 0 salários (= R\$ 0,00)
- 1 a 2 salários (entre R\$ 260,00 e \$ 520,00)
- 2 a 3 salários (entre R\$ 521,00 e \$ 780,00)
- 3 a 5 salários (entre R\$ 781,00 e \$ 1.300,00)
- 5 a 10 salários (entre R\$ 1.301,00 e \$ 2.600,00)
- 10 a 15 salários (entre R\$ 2.601,00 e \$ 3.900,00)
- mais de 15 salários (mais de R\$ 3.901,00)
- não sei

4. Participo das missas:

- 1 vez por mês 2 vezes por mês
- 3 vezes ao mês toda semana
- nunca vou
- só vou em ocasiões especiais (Natal, Páscoa, Casamentos, Batizados, etc.)
- Outro: _____

5. Vou a reuniões (FORA A CATEQUESE):

- 1 vez por mês 2 vezes por mês
- 3 vezes ao mês toda semana
- nunca vou só em ocasiões especiais
- Outro: _____

6. Vens à catequese:

- por que quero
- por que meus pais (avós) mandam
- por que quero me casar na Igreja
- para passar o tempo
- para encontrar com meus amigos(as)
- não sei
- Outra: _____

7. Que nota tu darias para a missa (ou culto)?

- 0 1 2 3 4 5

8. A missa (ou culto) te envolve?

- 0 1 2 3 4 5

9. Que nota darias para o sermão?

0 1 2 3 4 5

10. Que nota darias para a música?

0 1 2 3 4 5

11. Que nota darias para o serviço aos pobres?

0 1 2 3 4 5

12. Que nota darias para o padre/diácono?

0 1 2 3 4 5

13. Que nota darias para a catequese?

0 1 2 3 4 5

14. Que nota darias para a(o) catequista?

0 1 2 3 4 5

15. Que nota darias para o discurso sobre namoro e sexualidade?

0 1 2 3 4 5

16. Gostarias que a Igreja:

tivesse mais atividades

tivesse mais grupos de jovens

tivesse mais serviço com os pobres

tivesse orações e cultos mais adaptados a jovens e adolescentes

tivesse mais ensinios bíblicos

outras: _____

17. Gostarias que a Igreja melhorasse:

as orações

a linguagem

a música

a arte/ decoração

o envolvimento nas celebrações/orações

a estrutura física (conforto para quem frequenta)

a missa/culto

o relacionamento dos padres/diáconos com o povo

escutasse mais as pessoas

os sermões do padre/pastor

tomasse decisões mais participativas

outra: _____

18. A catequese de crisma:

está boa assim

está uma droga

- deveria melhorar o método
- deveria melhorar o conteúdo
- deveria ter mais participação de todos
- Outra: _____

19. O que deveria ter depois da crisma?

- uma banda de música cristã
- uma missa para os jovens
- um grupo de jovens
- passeios
- retiros
- nada
- não sei
- Outra: _____

20. Depois que acabar a catequese

- não quero mais saber
- só vou ficar vindo nas missas
- pretendo continuar em um grupo de jovens
- quero fazer alguma coisa mais, mas não sei ainda
- ainda não pensei em nada

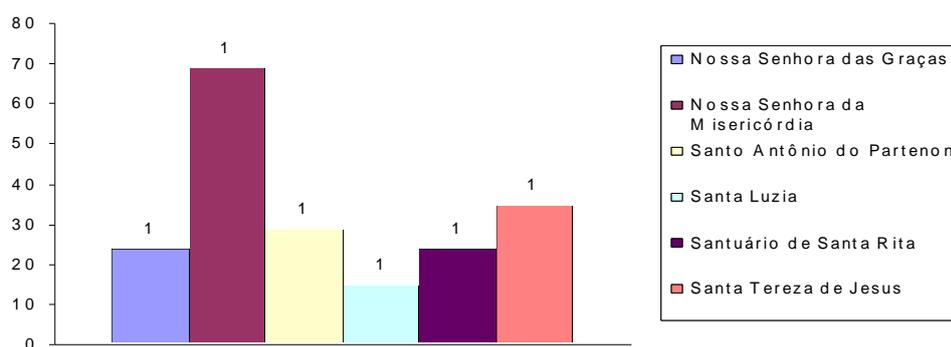
Escreva aqui o que você quiser sobre a Igreja:

4. 4. Os resultados da pesquisa

Como resultado das visitas às paróquias, recolheu-se 196 questionários respondidos pelos adolescentes da cidade de Porto Alegre. O pesquisador optou por ir comentando os resultados, enquanto faz-se a ponte com as pesquisas teórico-bibliográficas. Abaixo, estão os resultados e comentários, com as tabelas ilustrativas.

Tabela 1: Número de jovens por paróquia

Paróquias	Frequência	Percentagem (%)
Nossa Senhora das Graças	24	12,24
Nossa Senhora da Misericórdia	69	35,20
Santo Antônio do Partenon	29	14,80
Santa Luzia	15	7,65
Santuário de Santa Rita	24	12,24
Santa Tereza de Jesus	35	17,86
Total	196	100,00

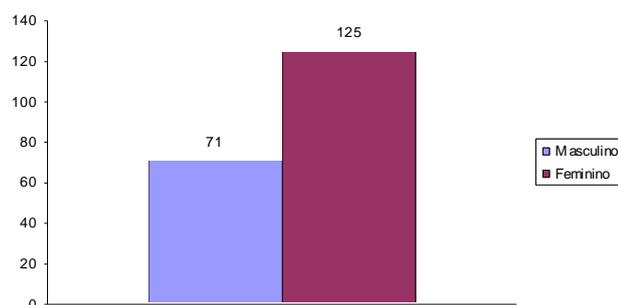


A participação dos jovens na pesquisa se deu de forma desigual, como acontece na realidade. As paróquias são diferentes e tem contextos diferentes, com maior ou menor participação de adolescentes na catequese de crisma. A participação medida pelos questionários dá um peso maior à paróquia Nossa Senhora da Misericórdia (bairro Restinga), vindo depois a paróquia Santa Teresa de Jesus (Vila Cruzeiro), a Santo Antonio do Partenon (bairro Partenon), depois o Santuário Santa Rita (bairro Guarujá) e a paróquia Nossa Senhora das Graças (bairro Tristeza), ficando a Santa Luzia (bairro Cavalhada) por último no número de adolescentes.

O fato de ter mais adolescentes, dá um peso maior de uma paróquia sobre a outra, mas este fator não compromete a pesquisa.

Tabela 2: Sexo

Sexo	Frequência	Porcentagem (%)
Feminino	125	63,78
Masculino	71	36,22
Total	196	100,00



Pelos dados acima, número de mulheres é maior do que o de homens (uma diferença de 27,56%). A diferença é muito grande. A catequese de crisma, neste contexto, tem um perfil eminentemente feminino. O senso comum do povo brasileiro diz que "religiao é coisa para mulheres". O fato do dado acima estar confirmado o senso comum mostra que a catequese praticada tende a ser a catequese conservadora, não tradicional.

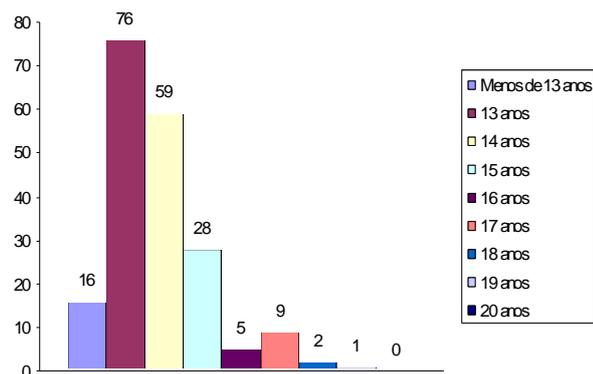
Tradicional (que vem do latim *tradi tio*) tende à raiz (= *radi tio*), admitindo o questionamento que ajuda a voltar às raízes (= ou às fontes) originais, enquanto o *conservador* tende apenas a conservar o que já está assentado após tantos anos e tantos desvios do objetivo inicial. O questionamento, embora sendo bom, tende a não ser suportado por mentalidades conservadoras. Estas mentalidades tendem a se refugiar sempre nas pastorais e movimentos mais conservadores das comunidades de fé.

Porém, é preciso maior análise e uma pesquisa só sobre o tema para clarear este assunto da maior

participação de mulheres nas fileiras eclesiais, o que passa em muito do propósito desta tese. A diferença entre garotos e garotas é marcante e dá pistas para uma boa leitura de gênero deste ambiente eclesial.

Tabela 3: Faixa Etária

Faixa Etária	Freqüência	Porcentagem (%)
Menos de 13 anos	16	8,16
13 anos	76	38,78
14 anos	59	30,10
15 anos	28	14,29
16 anos	5	2,55
17 anos	9	4,59
18 anos	2	1,02
19 anos	1	0,51
20 anos	0	0,00
Total	196	100,00



O pico de idade está entre 13 a 14 anos (68,88%), diminuindo em muito para os 15 anos (14,29%) e ainda mais em outras idades superiores. Dos 13 aos 14 anos, os catequizandos estão na 8ª série ou no 1º ano de Ensino Médio. No ensino médio, os adolescentes revisam todo o seu conteúdo científico e lingüístico com maior profundidade, mas as bases do pensamento científico são dadas até a conclusão do ensino fundamental. Isto poderia levar à

inferência de que a catequese tem dificuldade de dialogar com um conteúdo científico posto em bases mais sólidas?⁸⁶

Cruzando-se com os dados da questão anterior, tem-se um número maior de garotas em idade anterior ao Ensino Médio (13-14 anos: 86 garotas ou 43,88%) do que garotos em Ensino Médio (13-14 anos: 10 garotos ou 5,1%). O contrário também é verdadeiro: há mais garotos que não fizeram ainda o Ensino Médio (13-14 anos: 48 ou 24,5%) do que garotas (13-14 anos: 18 ou 9,2%) no Ensino Médio. Num universo de 196 respostas, temos 135 que não fizeram o Ensino Médio (ou 68,87%) e 45 (ou 22,95%) que estão na idade do Ensino Médio.

A diferença é gritante, mostrando que o peso maior da catequese de Porto Alegre tem se dirigido aos adolescentes mais novos, que estão enfrentando os problemas relacionados aos seus hormônios e primeiros contatos amorosos. O que torna o trabalho das catequistas e do pároco mais fácil, mas com menos incidência pessoal na vida deles, porque não trabalha questões pertinentes à vida de fé e incidências históricas ou deixa de lado as críticas do cinema e da

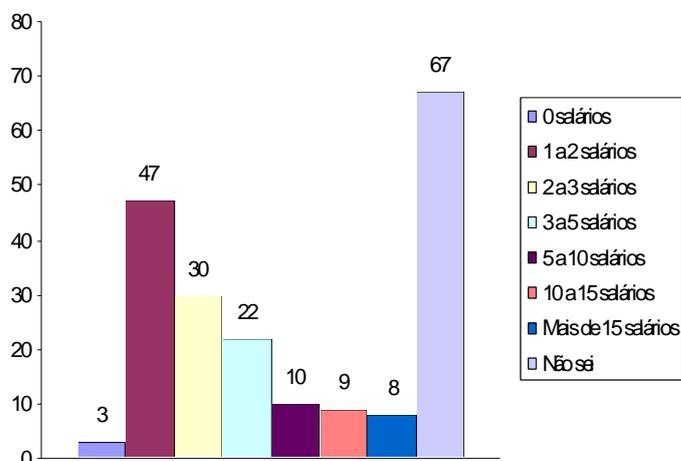
⁸⁶ É leviano afirmar isto assim, mas se este dado for comparado com as características do estágio da fé n.º 3 (sintético-convencional) e ao que foi dito na questão anterior, pode-se suspeitar que a catequese das comunidades estudadas ainda tem dificuldades para dialogar com bases científicas mais sólidas, porque exigiria da parte das catequistas, uma fé mais aparelhada e mais fundamentada. Catequistas que trabalham com adolescentes com idade mais avançada tendem a enfrentar mais questionamentos sobre questões de fé? Esta seria uma das dificuldades de se trabalhar com adolescentes? Esta seria uma pesquisa bastante interessante sobre o tema.

literatura, que são prelúdios do currículo escolar em preparação para a vida acadêmica universitária.

Pelo pico de idade (13 a 14 anos) quando os alunos entram no Ensino Médio, muitos já passaram pela catequese de crisma e não têm mais condições para expor as dúvidas e trabalhá-las com o seu (sua) catequista.

Tabela 4: Faixa de Renda

Faixa de Renda	Freqüência	Porcentagem (%)
0 salários	3	1,53
1 a 2 salários	47	23,98
2 a 3 salários	30	15,31
3 a 5 salários	22	11,22
5 a 10 salários	10	5,10
10 a 15 salários	9	4,59
Mais de 15 salários	8	4,08
Não sei	67	34,18
Total	196	100,00



Descartada a resposta não sei (que pode ser interpretada como “*não tenho participação na confecção e elaboração do orçamento familiar*”, fato coerente com a idade dos adolescentes pesquisados), o pico das respostas fica mesmo entre 1 a 3 salários mínimos mensais. O que é o mais grosso da população, representando 66,8% da população

brasileira, segundo os dados do IBGE (http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm, 04/10/2005).

TRABALHO

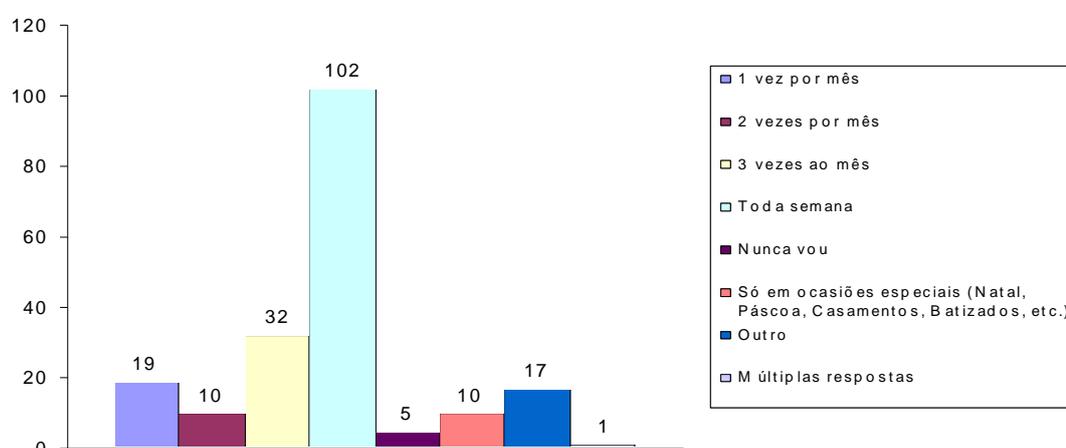
Pessoas de 10 ou mais anos de idade, ocupadas, por classe de rendimento de trabalho	2001	2002	2003
Até 1/2 salário mínimo	7,8	9,5	10,0
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	16,3	17,6	17,8
Mais de 1 a 2 salários mínimos	26,0	26,3	26,0
Mais de 2 a 3 salários mínimos	12,9	12,3	13,0
Mais de 3 a 5 salários mínimos	11,0	10,0	10,2
Mais de 5 a 10 salários mínimos	7,9	7,2	6,1
Mais de 10 a 20 salários mínimos	3,5	2,9	2,8
Mais de 20 salários mínimos	1,6	1,3	1,3
sem rendimento	11,6	11,7	11,5
sem declaração	1,4	1,2	1,4

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.
Nota: Estimativas revistas de 2001 a 2003

Ainda a ICAR em Porto Alegre está focando o seu trabalho de catequese na maioria da população, que ganhe de 1 a 3 salários mínimos, não tendo se transformado ainda numa igreja de elite.

Tabela 5: Participação das missas

Participação das Missas	Frequência	Porcentagem (%)
1 vez por mês	19	9,69
2 vezes por mês	10	5,10
3 vezes ao mês	32	16,33
Toda semana	102	52,04
Nunca vou	5	2,55
Só em ocasiões especiais (Natal, Páscoa, Casamentos, Batizados, etc.)	10	5,10
Outro	17	8,67
Múltiplas respostas	1	0,51
Total	196	100,00



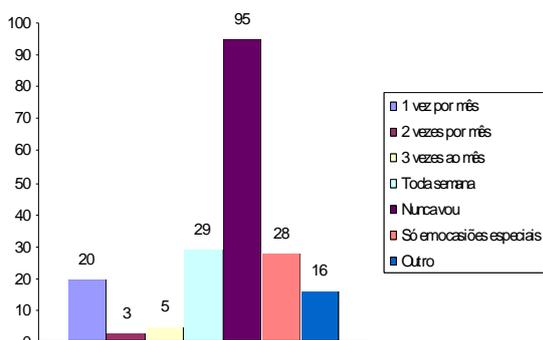
O pico das respostas situa-se entre toda semana e 3 vezes por mês, somando-se as duas respostas, temos um índice de 68,37%. São adolescentes que (pelos motivos que tiverem) são participantes da ICAR.

Comparando-se estas respostas com as respostas das entrevistas do Colégio Santa Catarina, vai-se ver que houve um súbito aumento de participação nas missas. Os adolescentes do Colégio não participavam das missas, enquanto que os adolescentes da crisma participam sempre. A diferença é brutal e isto mostra que estamos trabalhando

com grupos diferentes de adolescentes. Isto é bom porque temos um grupo de controle, sobre o grupo de experimento. O grupo de controle é o grupo do Colégio Santa Catarina, região metropolitana de Porto Alegre, enquanto o grupo de experimento é o grupo de adolescentes na catequese.

Tabela 6: Participação em outras reuniões, exceto a catequese

Participação das Reuniões	Freqüência	Porcentagem (%)
1 vez por mês	20	10,20
2 vezes por mês	3	1,53
3 vezes ao mês	5	2,55
Toda semana	29	14,80
Nunca vou	95	48,47
Só em ocasiões especiais	28	14,29
Outro	16	8,16
Total	196	100,00

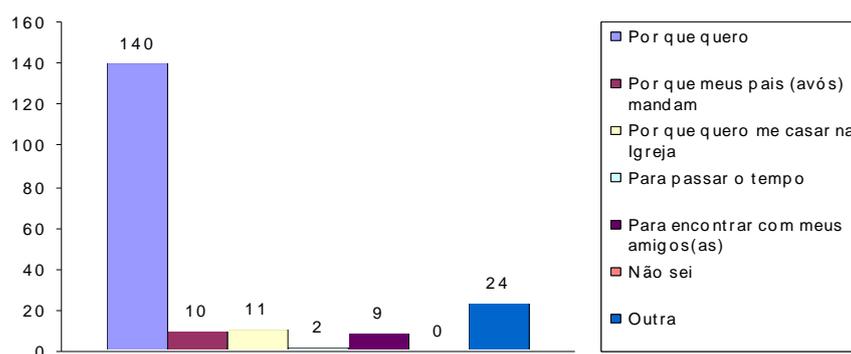


A maioria dos adolescentes pesquisados só vão para a catequese e a missa da comunidade. A maior parte, não é engajada em nenhuma pastoral ou movimento de espiritualidade.

Somando-se as respostas de "1 a 3 vezes por mês", mais a resposta "toda semana" (que configuram certo engajamento eclesial, não medido qualitativamente nesta pesquisa), temos apenas 29,08%. Um total bem menor daqueles que responderam "nunca vou" (48,47%).

Tabela 7: Motivos da presença na catequese de crisma

Participação da Catequese	Frequência	(%)
Por que quero	140	71,43
Por que meus pais (avós) mandam	10	5,10
Por que quero me casar na Igreja	11	5,61
Para passar o tempo	2	1,02
Para encontrar com meus amigos (as)	9	4,59
Não sei	0	0,00
Outra	24	12,24
Total	196	100,00



A maioria dos questionários (71,43%) aponta para a vontade pessoal como motivadora para estar na catequese de crisma. O que é bem coerente do que está sendo dito até aqui. Na idade em que estão, não tem ainda grandes

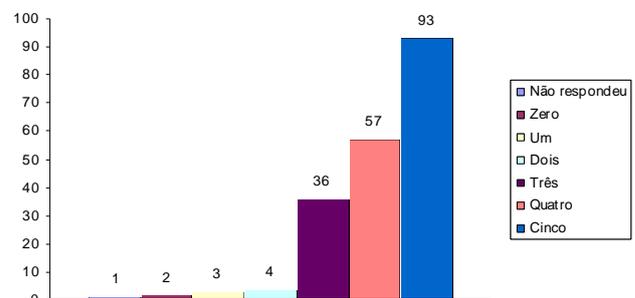
problemas de relacionamento com a família e nem com a Igreja.

Se forem juntadas as respostas "para passar o tempo" e "para me encontrar com meus amigos" ($1,02 + 4,59 = 5,61\%$) o resultado é igual às "porque meus pais/avós mandam" e "para me casar na igreja".

A resposta "outra" mereceria um esclarecimento maior, mas não foram dados maiores detalhes nos questionários. Apenas os adolescentes se limitaram a assinalar a questão.

Tabela 8: As celebrações da comunidade

Notas	Freqüên- cia	Percentagem (%)
Não respondeu	1	0,51
Zero	2	1,02
Um	3	1,53
Dois	4	2,04
Três	36	18,37
Quatro	57	29,08
Cinco	93	47,45
Total	196	100,00

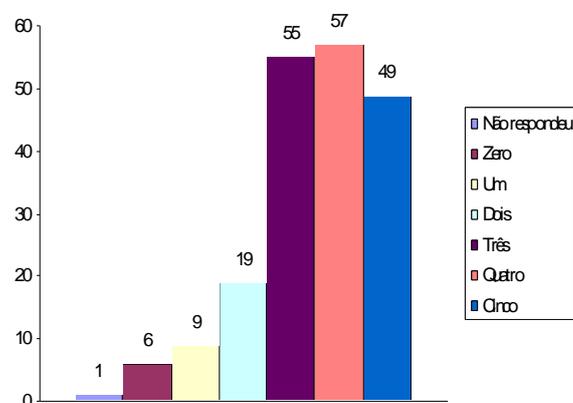


Ao variar de 4 a 5 a nota para a celebração comunitária da fé, tem-se uma tendência a se considerar as celebrações boas. Respostas 4 e 5 somadas dão 76,53% de avaliações positivas.

Respostas entre 1 a 3 e não respondeu, avaliações negativas, dão 23,47% de resultado. O que pode dizer que a crítica deles está ainda em baixa.

Tabela 9: Envolvimento nas celebrações

Notas	Frequência	Porcentagem (%)
Não respondeu	1	0,51
Zero	6	3,06
Um	9	4,59
Dois	19	9,69
Três	55	28,06
Quatro	57	29,08
Cinco	49	25,00
Total	196	100,00

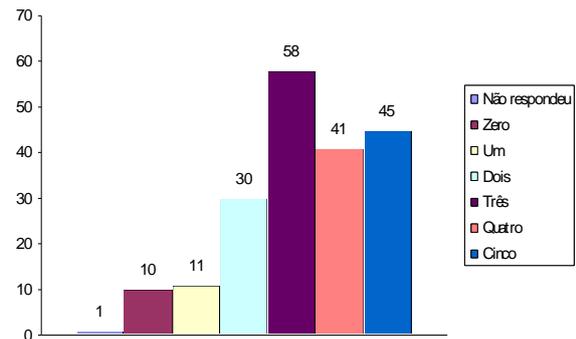


Envolvimento celebrativo também é um assunto que a ICAR de Porto Alegre ainda consegue criar para os seus adolescentes. A nota varia também entre 3 e 5, marcando uma tendência positiva (82% das respostas). Este é um índice bem alto.

Como eles declararam que participam na maioria das celebrações mensais, na resposta anterior, podem opinar com maior acerto, não sendo "usuários acidentais dos serviços eclesiais".

Tabela 10: Os sermões

Notas	Frequência	Porcentagem (%)
Não respondeu	1	0,51
Zero	10	5,10
Um	11	5,61
Dois	30	15,31
Três	58	29,59
Quatro	41	20,92
Cinco	45	22,96
Total	196	100,00

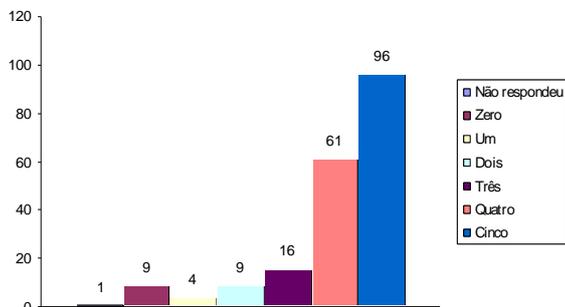


A grande porcentagem de respostas 3 marca uma tendência maior de crítica. Somando-se as notas 1 a 3 o resultado é de 55,61%. O que caracteriza um problema para os adolescentes que responderam o questionário. Até aqui, o clima vinha quase sem nenhuma crítica.

Não se pode esquecer, que as respostas 4 e 5 somam 42,88% de respostas positivas, que é ainda um número alto.

Tabela 11: A música nas celebrações

Notas	Frequência	Porcentagem (%)
Não respondeu	1	0,51
Zero	9	4,59
Um	4	2,04
Dois	9	4,59
Três	16	8,16
Quatro	61	31,12
Cinco	96	48,98
Total	196	100,00



A música não parece ser o foco do problema apontado pelos pesquisados. A tendência é de estar em dia com o "gosto" pós-moderno deles.

A ICAR evoluiu musicalmente muito e deixou de usar apenas órgão de tubos ou o harmônio antes do Concílio e passou a adotar ritmos e melodias mais atuais. Fruto da renovação conciliar, isto parece ajudar a renovar e atualizar mentalidades, segundo a mentalidade reinante na *Sacrossanctum Concilium*, nº 120:

O órgão de tubos ocupa lugar de destaque na Igreja latina, como instrumento musical tradicional, cujo som dá um brilho particular às cerimônias da Igreja e ajuda a mente a se elevar a Deus. Os demais instrumentos, de acordo com a autoridade territorial competente, segundo as normas dos artigos 22, § 2, 37 e 40, e com seu consentimento, podem ser admitidos, desde que adaptados à dignidade do templo e contribuam, de fato, para a edificação dos fiéis.

E também na *Sacrossanctum Concilium* n° 48:

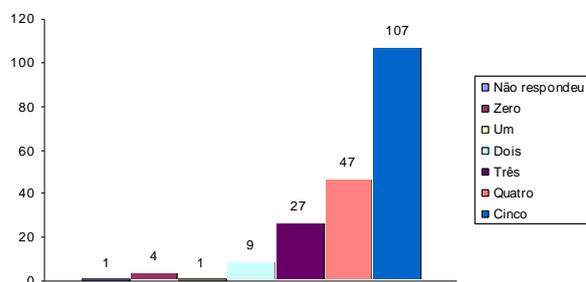
A Igreja procura fazer com que os fiéis estejam presentes a este mistério, não como estranhos ou simples espectadores, mas como participantes conscientes, piedosos e ativos. Devem entender o que se passa, instruir-se com a palavra de Deus e alimentar-se da mesa do corpo do Senhor.

Esta é uma tendência não só para os jovens, mas para todas as celebrações da ICAR, sendo que a pesquisa aponta a opinião dos entrevistados, podendo conferir o trabalho litúrgico que se está sendo feito em Porto Alegre, avaliando-se como positivo.

A opinião positiva dos entrevistados aponta para o resultado de um trabalho global feito na música das celebrações da ICAR, focado a partir de um ponto-de-vista delicado, que é o relacionamento com uma faixa de idade bem sensível.

Tabela 12: O serviço social da comunidade

Notas	Frequência	Porcentagem (%)
Não respondeu	1	0,51
Zero	4	2,04
Um	1	0,51
Dois	9	4,59
Três	27	13,78
Quatro	47	23,98
Cinco	107	54,59
Total	196	100,00

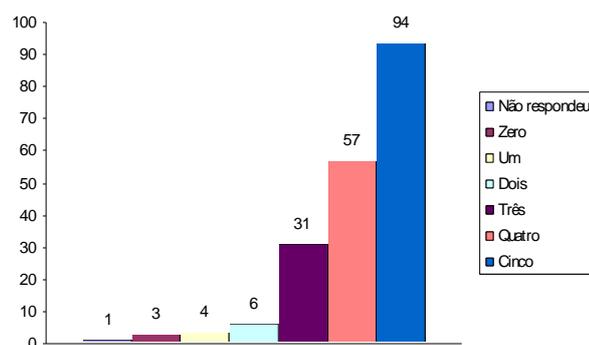


A avaliação positiva impressiona: 78,57% responderam com notas entre 4 e 5. E apenas 20,92%, com notas entre 0 a 3. Isto parece mostrar que os crismandos em questão têm conceito bastante bom com relação ao serviço aos pobres. A impressão de que a ICAR é "burguesa" e descomprometida com os pobres, não faz parte da maioria dos crismandos de Porto Alegre.

A opinião deles diz mais sobre a visão que os crismandos têm sobre o trabalho da ICAR do que sobre a Igreja propriamente dita. Ao menos ela é positiva, não dificultando o relacionamento.

Tabela 13: A liderança eclesial

Notas	Frequência	Porcentagem (%)
Não respondeu	1	0,51
Zero	3	1,53
Um	4	2,04
Dois	6	3,06
Três	31	15,82
Quatro	57	29,08
Cinco	94	47,96
Total	196	100,00

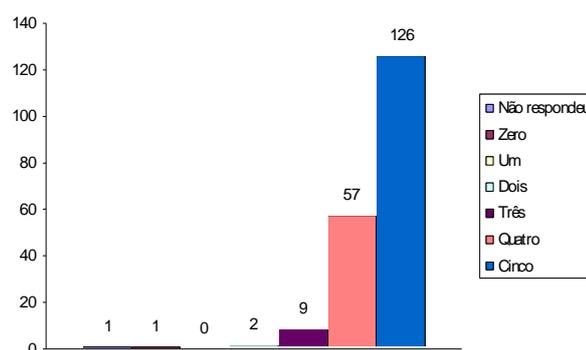


Os adolescentes pesquisados têm uma tendência a avaliar positivamente a liderança eclesial de sua comunidade, o que é fator bastante positivo. Aqui, está se vendo que a liderança exercida é olhada como positiva, o que deve refletir a imagem que a maioria dos paroquianos têm de sua liderança eclesial. No estágio 3, eles são o resumo mais sintético de uma comunidade (FOWLER, p. 135-139). Pelos adolescentes, podemos encarar como a comunidade vê e fala de sua liderança, como um termômetro.

Respostas negativas (0 a 2) dão apenas 6,63%, enquanto as de tendência positiva (3 a 5) somam 92,86%. Contudo, parece ser alto o número de respostas 3: 15,82%. A resposta 3 se caracteriza por ser positiva, mas ter restrições. Isto poderia configurar alguma desconfiança ou crítica por parte dos adolescentes pesquisados para com os seus líderes? A resposta não aponta, mas pode deixar alguma sombra sobre o que foi respondido.

Tabela 14: A catequese em sentido geral

Notas	Freqüência	Porcentagem (%)
Não respondeu	1	0,51
Zero	1	0,51
Um	0	0,00
Dois	2	1,02
Três	9	4,59
Quatro	57	29,08
Cinco	126	64,29
Total	196	100,00

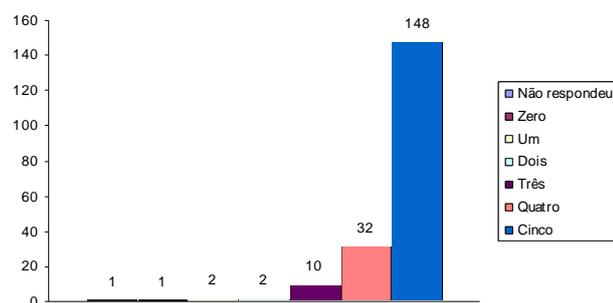


A catequese é avaliada de forma positiva. Contudo, a avaliação positiva é bem maior do que a da liderança

eclesiástica, vista com algumas restrições. Basta ver o índice da resposta 3: 4,49%. Respostas 4 e 5 manifestam um grau maior de satisfação e menor de restrição/crítica. Comparando-se com a resposta anterior, o clero está menos cotado do que os encontros de catequese.

Tabela 15: Catequista

Notas	Frequência	Porcentagem (%)
Não respondeu	1	0,51
Zero	1	0,51
Um	2	1,02
Dois	2	1,02
Três	10	5,10
Quatro	32	16,33
Cinco	148	75,51
Total	196	100,00

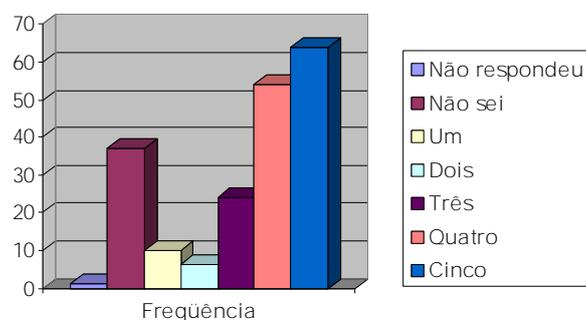


A avaliação feita da pessoa do catequista, supera em muito a avaliação feita da pessoa da liderança eclesiástica, o que é um fator complicador para o clero católico.

Catequistas têm sempre uma relação pessoal com os adolescentes. O clero nem tanto. Catequistas acompanham todo o processo de amadurecimento da fé dos adolescentes e o seu engajamento na comunidade. Isto se reflete na avaliação dada, sem dúvida. Tornam-se para os adolescentes, outros significativos, segundo a teoria de FOWLER (1992, p. 132). Por causa disto, muitos catequistas se tornam padrinhos.

Tabela 16: Discurso oficial sobre a sexualidade

Notas	Frequência	Porcentagem (%)
Não respondeu	1	0,51
Não sei	37	18,88
Um	10	5,10
Dois	6	3,06
Três	24	12,24
Quatro	54	27,55
Cinco	64	32,65
Total	196	100,00



A resposta "não sei" é a mais significativa isoladamente, já que resulta em 18,88%. Um desconhecimento alto e significativo. Este desconhecimento destoa dos resultados positivos das outras respostas conseguidas até agora. Isto poderia significar que muitos deles nem estão se importando para o que a ICAR diga a respeito de sexualidade? Ou que o assunto ainda não foi tratado na catequese até o dia da pesquisa? A causa não fica clara e pode ser tanto uma como outra. Ou as duas juntas.

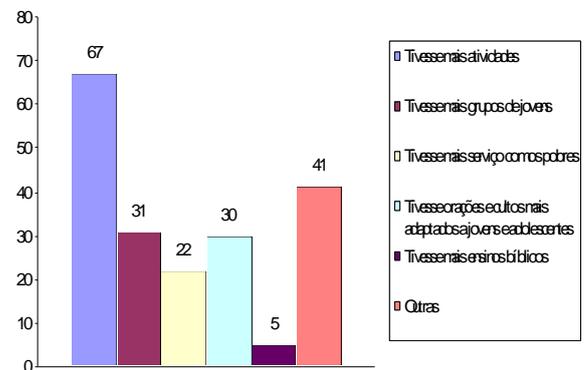
Se as notas 1 e 2 forem somadas com a nota 3 (positiva, mas com alto índice de rejeição), o índice negativo soma 20,04%. É a nota negativa mais alta conseguida até agora. O fato parece querer mostrar que adolescentes podem ser bem críticos quando seguem os seus interesses imediatos ou quando o assunto os interessa imediatamente.

Em termos sociais, o pensamento operacional-formal pode ser utópico. Com a sua capacidade de extrapolar ou imaginar a perfeição, a mente adolescente pode ser bastante dura ao julgar amigos, pais, condições sociais ou políticas, ou ao julgar a si mesma. (PIAGET, In: Estágios da fé, 1992, p. 68)

Mas não é só desconforto o que conta. Há também as notas 4 e 5, que são bem positivas e que somam 60,2%. Apesar disso, a contagem negativa, sendo tão alta, impressiona. Mesmo com esta taxa positiva.

Tabela 17: A igreja dos sonhos adolescentes

	Freqüência	Porcentagem (%)
Tivesse mais atividades	67	34,18
Tivesse mais grupos de jovens	31	15,82
Tivesse mais serviço com os pobres	22	11,22
Tivesse orações e cultos mais adaptados a jovens e adolescentes	30	15,31
Tivesse mais ensinamentos bíblicos	5	2,55
Outras	41	20,92
Total	196	100,00



Atividade é uma palavra chave para a leitura dos desejos adolescentes. O "ideal" de igreja é uma comunidade que promova encontros e eventos (34,38%). Importante seria saber que tipo de eventos seria importante promover.

A resposta "tivesse mais grupos de jovens" reflete a busca por espaço na sociedade que estão se iniciando.

Espaço democrático e de discussão não é uma coisa tão banal e deveria ser mais ouvida pela comunidade eclesial. É uma expectativa legítima e temos uma percentagem significativa (15,82%) de onde se poderia esperar o nascimento de novos grupos de jovens após a confirmação.

Uma liturgia mais em sintonia com a linguagem e o público jovem/adolescente é o desejo que vem a seguir (15,31%). Embora a igreja católica em Porto Alegre seja vista de forma positiva, no geral, uma liturgia mais em conformidade com a realidade seria de todo bem desejável. O desejo em si manifesta uma necessidade latente não muito bem formulada.

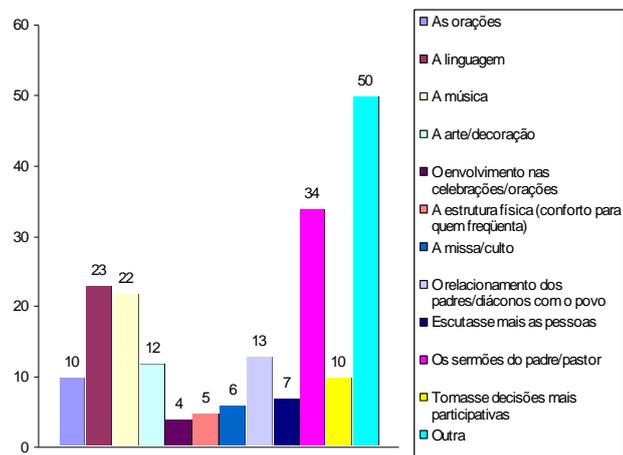
"Tivesse mais serviço com os pobres" (11,22%) manifesta um desejo de justiça social. A ICAR não é vista como uma igreja burguesa em Porto Alegre pelos adolescentes, mas eles têm a noção de que é preciso fazer mais pelos pobres.

"Ensinos bíblicos" é uma opção colocada e que não teve muita procura (2,55%). Foi uma opção que apareceu nas sondagens iniciais, que foram feitas também com adolescentes não-católicos.

"Outras" foi uma opção que teve uma procura bem maior (20,92%) e que mereceria uma outra pesquisa, já que não ficou clara a resposta, merecendo mais aprofundamento.

Tabela 18: Reformas na instituição eclesial

Melhoras	Freqüência	Porcentagem (%)
As orações	10	5,10
A linguagem	23	11,73
A música	22	11,22
A arte/decoração	12	6,12
O envolvimento nas celebrações/orações	4	2,04
A estrutura física (conforto para quem freqüenta)	5	2,55
A missa/culto	6	3,06
O relacionamento dos padres/diáconos com o povo	13	6,63
Escutasse mais as pessoas	7	3,57
Os sermões do padre/pastor	34	17,35
Tomasse decisões mais participativas	10	5,10
Outra	50	25,51
Total	196	100,00



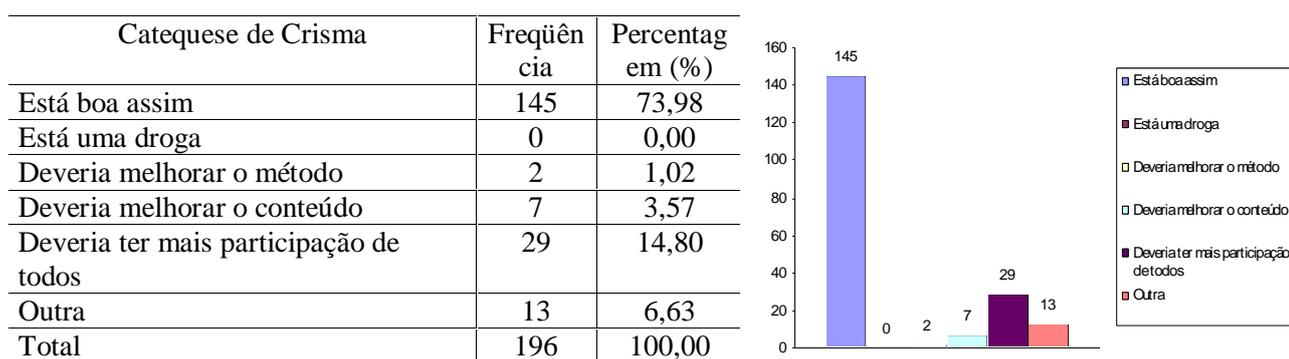
A resposta "outra" (25,51%) que ficou em primeiro lugar na expectativa dos adolescentes manifesta uma insatisfação vaga e indefinida. É como se quisessem dizer "a ICAR precisa de reformas, mas não sei onde".

Se somarmos as respostas individuais sobre "os sermões do padre/diácono", "as orações", "a música" e "a linguagem" (questão de linguagem, em suas diversas formas) temos um resultado assustador de 45,4% das respostas. Esta resposta conjugada parece responder à falta de foco da resposta "outra" dos crismandos. Por aqui, pode-se entender melhor a resposta da questão nº. 9, sobre o sermão do padre.

Depois disto, o "relacionamento do padre/diácono com o povo" (6,63%) e a "arte/decoração da igreja" (6,12%) também assumiram que isto precisa de alguma mudança. Isto parece refletir uma necessidade de maior inserção da liderança eclesial com os adolescentes crismandos e uma reforma estética no ambiente de culto. Contudo, pela percentagem obtida, não foram considerados tão importantes assim pelos crismandos.

Pode-se ler assim este item: se a liderança não estiver entre eles, mas estiver falando nas celebrações uma linguagem que eles entendam, então estará tudo bem. E ainda, se a estética das igrejas estiver mais adaptada ao gosto deles, melhor, mas não é nada que não dê para ser suportado por eles.

Tabela 19: Catequese de crisma – sentido estrito

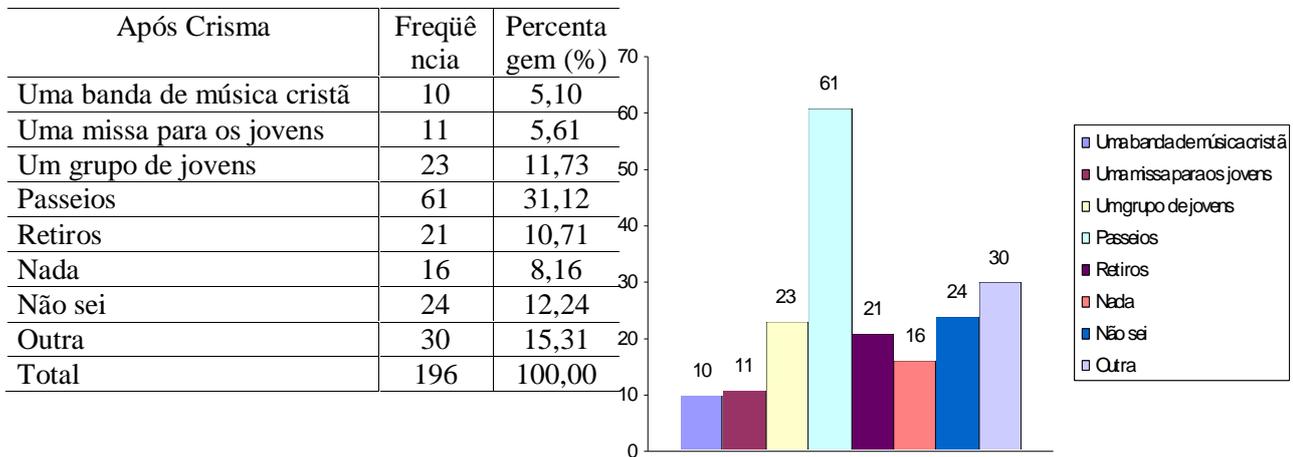


Pela resposta "está boa assim" (73,98%) se pode notar que os crismandos estão contentes mesmo com a sua

catequese, que foi a resposta da questão 13. Esta pergunta ajuda a conferir a veracidade das informações anteriores.

“Deveria ter mais participação de todos” (14,80%) manifesta o desejo que a palavra seja mais circular, sendo esta a única crítica (velada e concreta) à catequese. O/A catequista deveria falar menos e pedir mais a opinião e a livre manifestação das pessoas. Ou seja: correspondendo à teoria de FOWLER, os adolescentes desejam que a catequese também seja um fórum de discussão. E correspondendo à teologia de TORRES-QUEIRUGA (item 2.7.), a ICAR precisa ter espaço maior de participação entre as suas fileiras.

Tabela 20: Pós-crisma



“Passeios” (31,12%) é a opção mais procurada, sendo coerente com a opção de “mais atividades” na questão 16. A ICAR para atingir os adolescentes deverá investir em atividades culturais e turísticas. Passeios vocacionais,

caminhadas ciclísticas, viagens para retiros e encontros parecem opções conformes com a expectativa dos adolescentes de crisma pesquisados.

As respostas "não sei" (12,24%) e "outra" (15,31%) têm um índice muito grande, somando 27,55% de respostas sem nenhuma sugestão. O nível de dúvida e de incerteza permanece alto, mas é coerente com a idade cronológica e com a fase de indefinição pessoal que lhes cabe. Poder-se-ia ler isto como uma manifestação de falta de vontade de permanecer na Igreja⁸⁷? Ou como uma possibilidade nova ainda não pensada? Seja qual for a leitura feita, seria preciso um maior aprofundamento do assunto.

"Grupo de jovens" (11,73%) é uma opção viável e prática, que não está descartada por um número significativo de crismandos. O grupo possibilita a livre negociação e discussão dos adolescentes sobre assuntos ligados à sua vida diária e dá possibilidade de maior sociabilidade juvenil nas relações eclesiais. O objetivo da catequese de crisma deve ser este: *formar um grupo de jovens atuantes na comunidade eclesial*. É animador notar que já há um grupo (pequeno) que já percebeu isto e que

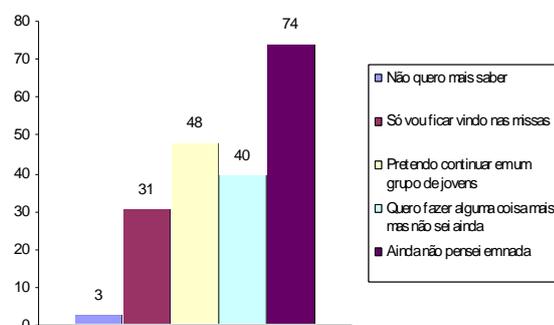
⁸⁷ A catequese não colabora com este aspecto da vida eclesial. Conforme DALLA-DÉA (1999, p. 176-177), os manuais de catequese de crisma tendem a deixar os assuntos sobre a permanência e o engajamento da vida eclesial para o último encontro, quando tratam do assunto. O fato só colabora para que seja visto rapidamente um assunto que será brevemente esquecido. Este é justamente o assunto que será o mais importante: de fato, alguém só é crismado porque já faz parte atuante da comunidade de fé. Ao inverter a posição e a discussão, os manuais de catequese colaboram para que os adolescentes não permaneçam na igreja depois da crisma.

poderia ser um fator de animação de outros adolescentes para a formação de um grupo.

A opção "banda de música cristã" (5,10%) e "missa para os jovens" (5,61%) são mais consagradas no imaginário coletivo católico. Desde a renovação conciliar e as incursões da rede Canção Nova pela mídia televisiva (incluindo músicas do Pe. Marcelo Rossi), bandas de músicas cristãs para jovens e missas temáticas são opções bastante assentadas na ICAR. O que dá para notar nestes números, é que não são opções que entusiasмам os adolescentes, já com tantas opções de diversão e entretenimento midiático.

Tabela 21: Compromisso pessoal pós-crisma

Após Catequese	Freqüência	Porcentagem (%)
Não quero mais saber	3	1,53
Só vou ficar vindo nas missas	31	15,82
Pretendo continuar em um grupo de jovens	48	24,49
Quero fazer alguma coisa mais, mas não sei ainda	40	20,41
Ainda não pensei em nada	74	37,76
Total	196	100,00



"Ainda não pensei em nada" (37,36%). O grupo não enfrentou ainda o problema, como já foi comentado na questão anterior, o que é coerente com o questionário dado. Também não foram confrontados com a perspectiva de médio prazo.

"Pretendo continuar em um grupo de jovens" (24,49%). É alta a porcentagem dos que respondem de improviso, sem refletir suficientemente. Mas é a partir de um substrato assim, que a PJ poderá nuclear novos grupos, engajando os membros da catequese a partir da catequese de crisma.

"Quero fazer uma coisa a mais, mas não sei ainda" (20,41%). Indefinição é palavra-chave para entender os adolescentes, que têm a dificuldade do luto do corpo e da vida das crianças e não adquiriram ainda o corpo e a vida dos adultos. Estes adolescentes podem ser incentivados a permanecer em um grupo de jovens, especialmente se forem convidados por outros adolescentes, seus pares (talvez pudessem ser os 11,73% da questão anterior?).

"Só vou ficar vindo nas missas" (15,82%). Esses são os adolescentes que já se assumiram "cristãos de missa". De alguma maneira, eles não se sentem nem comprometidos, nem agradecidos com a ICAR.

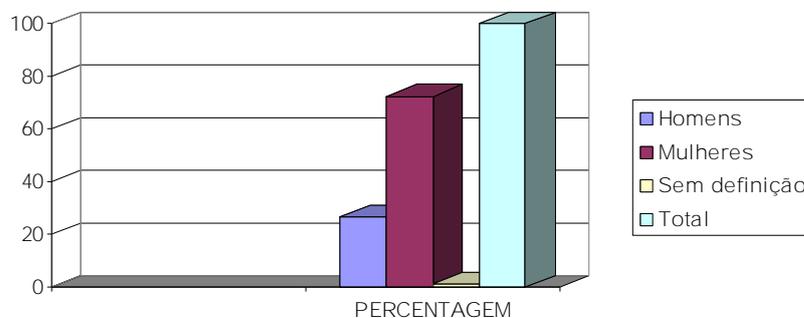
"Não quero mais saber" (1,53%). Esses adolescentes, mesmo numa atitude negativa, parecem se importar mais com a ICAR do que os anteriores. Assumir que não quer mais nada com ela é ser sincero e comprometido com a não-presença no meio eclesial.

4. 4. a. Adolescentes em livre expressão

As outras questões foram tabuladas por um sistema de contabilidade que fornece estatisticamente os números precisos e pode-se mensurá-los com precisão, comentando-se as respostas com brevidade e objetividade. Mas o que fazer com as respostas qualitativas da pesquisa?

Elas foram transcritas no anexo final e optou-se por comentar os resultados pertinentes à finalidade desta pesquisa.

Gênero das respostas

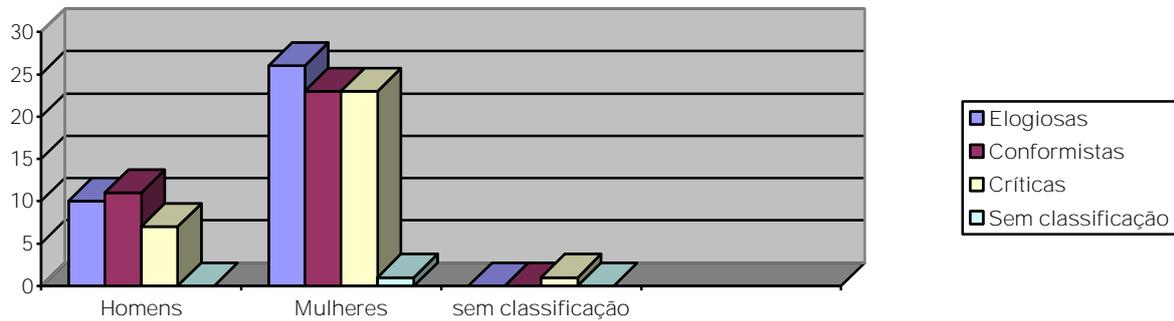


Foram 27 (26,47%) as respostas masculinas contra 74 (72,54%) de respostas femininas e 1 (0,99%) sem declaração de sexo. Ou seja: as mulheres resolveram declarar mais a sua opinião. Os homens mantiveram-se mais reservados.

Se a comparação for feita com resultados de gênero, vai-se ter o seguinte resultado:

- 23 (22,54% do total) mulheres tiveram respostas conformistas, contra 11 (10,78% do total) dos homens;
- 23 (22,54% do total) mulheres tiveram respostas críticas, contra 7 (6,86% do total) dos homens e 1 (0,98% do total) resposta crítica sem classificação de sexo;
- 26 (25,49% do total) de mulheres tiveram respostas elogiosas, contra 10 (9,80% do total) dos homens;
- 1 resposta feminina (0,98% do total) sem classificação possível.

Gênero e conteúdo as respostas



Se o olhar se dirigir à questão da qualidade das respostas, tem que se fazer uma classificação. Mesmo sabendo que qualquer classificação poderá ser contestada, optou-se após ler as respostas, por classificar as respostas em:

- conformistas: se o conteúdo apenas diz que gosta da ICAR como ela está;
- críticas: se o conteúdo sugere modificações a serem feitas;
- elogiosas: se o conteúdo apenas louva a ICAR e/ou a sua ação.

O resultado ficou assim configurado: conformistas 34 respostas (33,33%), críticas 31 respostas (30,39%) e elogiosas 36 respostas (35,29%) e 1 sem classificação possível (0,98%). O resultado mostra bem que - embora haja

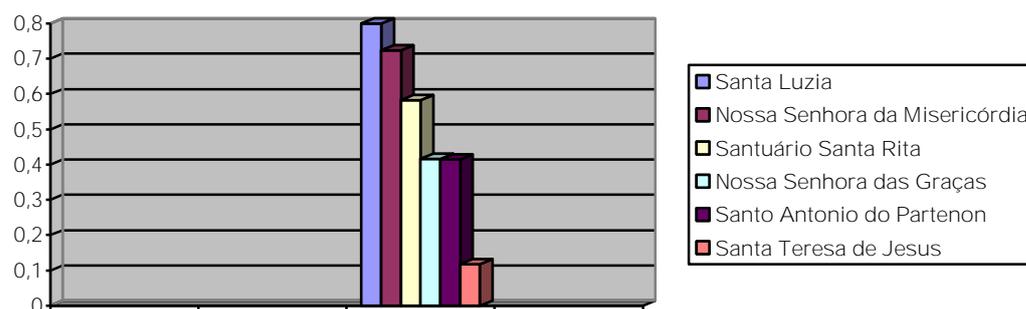
uma tendência dos entrevistados serem elogiosos, há um ténue equilíbrio de opiniões. Os homens tendem a ser menos críticos do que as mulheres, tendo mais respostas conformistas e elogiosas. A opinião feminina fica bem dividida entre elogios, críticas e conformidade.

Uma vez apontado no geral, pode-se passar para a análise das respostas no particular das comunidades pesquisadas.

Origem e interesse dos adolescentes

A tabela abaixo aponta o resultado das respostas qualitativas, segundo a origem das paróquias.

Paróquias	Questionários	Respostas qualitativas	Participação
Santa Luzia	15	12	80,00%
Nossa Senhora da Misericórdia	69	50	72,46%
Santuário Santa Rita	24	14	58,30%
Nossa Senhora das Graças	24	10	41,66%
Santo Antonio do Partenon	29	12	41,37%
Santa Teresa de Jesus	35	4	11,76%
Total	196	102	52,04%



Para se obter o percentual participativo, o pesquisador calculou a partir dos questionários obtidos o índice de participação. A comparação foi feita a partir da própria paróquia, calculando-se o índice de participação a partir do total de questionários respondidos em cada uma. O total de 52,04% é a média aritmética do número total de questionários e do número de respostas qualitativas conseguidas.

A paróquia Santa Luzia, embora tendo numericamente um número baixo de respostas, obteve uma percentagem incrivelmente alta de interesse de opinião dos crismandos. O fato parece ser bem interessante para a média das outras paróquias. A paróquia Nossa Senhora da Misericórdia, que teve um número numericamente bem mais alto de respostas, obteve uma percentagem de interesse de opinião bem menor. O fato pode dizer algo sobre a qualidade da catequese ou dos catequistas? As paróquias que tiveram um índice mais alto têm adolescentes mais motivados e poderiam pensar em desenvolver uma proposta de permanência deles após o sacramento da crisma, aproveitando a motivação que eles estão.

4. 4.b) Um balanço do que foi achado

Adolescentes são pessoas reais com problemas reais e precisam de um outro significativo que os oriente sem fazer o papel de pais (FOWLER, 1992, p. 132). Se esta função é conseguida pelos catequistas, pelos padres ou por outra pessoa, eles se engajam num projeto de vida que pode ser a porta de entrada para a igreja de Jesus Cristo.

É atrás desta pista que a pesquisa trabalha: a investigação das expectativas dos adolescentes de crisma da cidade de Porto Alegre pretende apontar ao pesquisador e à comunidade teológica o caminho a seguir para engajar os adolescentes e fazer a ponte entre a catequese de crisma e a formação de novos grupos de jovens.

Para tal, esta pesquisa de doutorado pretende abrir a trilha para que se possam fazer maiores progressos. Assim, focaliza a luz sobre o problema principal: sem saber o que o "público-alvo" quer, não se pode fazer nada que agrade e consiga ser minimamente pastoralmente pertinente. Por causa disto, vai-se resumir o que foi achado até aqui, nesta pesquisa, na cidade de Porto Alegre, no ano de 2005. Os adolescentes pesquisados:

1. São mais mulheres do que homens fazendo a catequese (63,78%);

2. A faixa etária maior é de 13 a 15 anos (83,17%);

3. A renda da maioria é de 1 a 3 salários mínimos (39,29%);
4. Tendem a ir à missa quase todos os domingos (52,04%), durante a etapa da catequese, mas não vão a outras reuniões na igreja (48,47%);
5. Declaram-se motivados a irem sozinhos à catequese (71,43%);
6. Tendem a avaliar bem as celebrações eclesiais (bom e ótimo: 76,53%) e o envolvimento que elas lhes proporcionam (bom e ótimo: 54,08%);
7. Tendem a avaliar mal os sermões do clero (ruim e regular: 44,9%);
8. Tendem a avaliar bem a música litúrgica das igrejas (bom e ótimo: 80,1%);
9. Avaliam positivamente o serviço aos pobres que as comunidades têm (bom e ótimo: 78,57%);
10. Embora tenham restrições com relação aos sermões, avaliam bem o clero católico das igrejas pesquisadas (bom e ótimo: 77,04%);

11. Avaliam bem a catequese (bom e ótimo: 93,37%) e muito bem a catequista que têm (bom e ótimo: 91,84%);
12. O discurso da sexualidade é o ponto mais crítico do discurso eclesial oficial (com 18,88% dos adolescentes declarando desconhecer o discurso da ICAR sobre o tema);
13. A igreja dos sonhos dos adolescentes pesquisados é uma igreja com mais atividades e com uma liturgia bem adaptada a seus gostos e linguagem (11,73%), incluindo os sermões dos padres (17,35%);
14. Para o período pós-crisma, eles desejariam que tivessem nas igrejas, passeios (31,12%) e mais grupos de jovens (11,73%), embora ainda não saibam bem se ficariam nestes grupos ou não.

No próximo capítulo, vai se tratar da construção de um novo método de catequese de crisma, comparando-se as descobertas das diversas pesquisas feitas até agora.

4.5. Defasagem entre as pesquisas fora do ambiente eclesial e a pesquisa com adolescentes da catequese

O leitor que chegou até aqui deve se estar perguntando, por que razão as pesquisas anteriores os adolescentes foram tão críticos e na pesquisa com

adolescentes crismandos as respostas mostraram tão poucas contribuições?

Todo o capítulo 3 desta tese reflete sobre o problema da ausência dos adolescentes mais críticos nas comunidades eclesiais da ICAR. Mas a pesquisa com adolescentes de crisma mostrava adolescentes bem conformistas, contentes com a Igreja, não vendo muitos problemas e apontando poucas soluções.

Como forma de fazer uma comparação boa entre as duas posições conseguidas, se colocou em uma tabela as posições dos adolescentes entrevistados. A coluna da direita ilustra as posições seguidas pelos adolescentes de crisma, que é a pesquisa principal e a esquerda mostra as posições assumidas pelos adolescentes do Colégio Santa Catarina, que é o grupo de controle.

	CRISMANDOS - grupo de estudo (GE)	Colégio Santa Catarina - grupo de controle (GC)
GENERO	Mais mulheres 63,78%	Mulheres e homens
IDADE	13 a 15 anos (83,17%)	14 a 19 anos
RENDA	1 a 3 salários mínimos (39,29%);	Sem declaração

		CRISMANDOS - grupo de estudo (GE)	Colégio Santa Catarina - grupo de controle (GC)
	PARTICIPAÇÃO NAS CELEBRAÇÕES	Quase todos os domingos (52,04%), durante a etapa da catequese, mas não vão a outras reuniões na igreja (48,47%);	Uma vez por mês e dias especiais (Natal, Páscoa, etc.)
	MOTIVAÇÃO	Automotivação de 71,43%	Sem declaração
	CELEBRAÇÕES	bom e ótimo: 76,53% e o envolvimento que elas lhes proporcionam (bom e ótimo: 54,08%);	Necessidade de maior participação e ritualismo
	SERMÕES	ruim e regular: 44,9%	Palavreado difícil e clássico, sem exemplos e testemunhos de vida
	MÚSICA	bom e ótimo: 80,1%	Necessidade de mel horas
SERVIÇO SOCIAL		bom e ótimo: 78,57%	Elogios

CLERO	CRISMANDOS - grupo de estudo (GE)	Colégio Santa Catarina - grupo de controle (GC)
	bom e ótimo: 77,04%,	Críticas a sermões longos e rispidez
	com algumas restrições	
CATEQUESE	bom e ótimo: 93,37%) e muito bem a catequista que têm (bom e ótimo: 91,84%);	Longa e com catequistas despreparadas
	SEXUALIDADE	18,88% desconhecem o discurso da ICAR
IGREJA DOS SONHOS	mais atividades	Liturgia adaptada; igrejas com mais conforto, catequeses mais intensivas e mais tarde; sermões interativos e com temas atualizados
	liturgia a seu gosto e linguagem (11,73%), incluindo os sermões dos padres (17,35%);	

PÓS-CRISMA

CRISMANDOS - grupo de estudo (GE)	Colégio Santa Catarina - grupo de controle (GC)
Passeios (31,12%)	Mais grupos de jovens; Retiros de final de semana;
grupos de jovens (11,73%)	Mais ação social;
	Mais visitas a doentes

Idade

A afirmação feita anteriormente de que grupos mais tradicionais na ICAR tendem a querer trabalhar com adolescentes mais novos, segundo foi afirmado anteriormente está confirmada, para o caso de Porto Alegre⁸⁸. Mas qual a razão de uma opção por adolescentes mais novos?

O n.º. 129 de CATEQUESE RENOVADA fala de educação permanente da fé.

⁸⁸ Mas o fato de Porto Alegre trabalhar com adolescentes mais novos pode ser revelador do trabalho da ICAR no Brasil? Uma pesquisa nacional poderia dar a real dimensão da oportunidade perdida ou da possibilidade de evangelização em bases mais críticas. Focalizando púberes, a ICAR pode estar perdendo uma oportunidade de investir em adolescentes mais "velhos" e mais críticos. E de ter uma catequese pertinente com seus problemas.

129. Sempre mais se impõe uma educação permanente da fé que acompanhe o homem por toda a vida e se integre em seu crescimento global. A comunidade catequizadora velará zelosamente para que isso aconteça de fato, estabelecendo uma organização adaptada e eficaz que empenhe na atividade catequética as pessoas, os meios, os instrumentos e os recursos financeiros necessários (CT 63; cf. Diretrizes Gerais da CNBB 1974-78, p. 59; P 998; Sínodo de 1977, proposição 15).

Este parágrafo, louvável na intenção e no esforço pastoral, pode ser interpretado como necessidade da catequese não deixar intervalo entre a primeira eucaristia e a crisma. Isto pode significar *diminuir a idade da catequese de crisma*, a fim de que a educação permanente da fé acontecesse. O parágrafo 129, sobre a educação permanente da fé, é um dos parágrafos mais conhecidos deste documento.

Se a primeira eucaristia é feita na base dos 11 - 12 anos, porque não fazer a crisma logo após, a fim de não dar espaço de intervalo e não perder estes adolescentes que já estão na catequese? Deste jeito, muitas comunidades (as paróquias de Porto Alegre pesquisadas também) tenderam a diminuir a idade de catequese de crisma, começando mais cedo a catequese crismal. O pesquisador pode afirmar isto a partir da sua experiência de anos trabalhando na catequese de crisma, na Pastoral de Catequese de sua diocese e como vigário em diversas partes do país, como relatado na introdução.

O problema que aqui se põe é que (nesta idade de 12 a 14 anos) os adolescentes são ainda púberes e estão - segundo FOWLER (1992, p. 128-129) saindo do estágio 2 (fé

mítico-litera) e iniciando o estágio 3. No estágio 2, a fé não admite grandes questionamentos, o que possibilita um grupo de adolescentes ainda bastante tímidos e com quase nenhuma crítica. Adolescentes em estágio 2 são ainda muito concretos nas suas afirmações e em suas falas (INHELDER & PIAGET, 1976, p. 250). Mas, para muitos párocos e muitas catequistas - de visão mais tradicional - são melhores para se trabalhar, porque não questionam muito e vêm tudo "cor-de-rosa", não tendo grandes perguntas e não fazendo grandes embates intelectuais.

Eles ainda não passaram pelas crises de amadurecimento e ficarão totalmente indefesos a elas quando chegarem, porque não terão uma fé que responda a eles. Diminuindo-se a idade exigida, pode se dar catequese na puberdade, que possibilita adolescentes mais "mansos" ou menos críticos. Esta se mostra uma falsa solução, já que não contempla os problemas reais que os adolescentes passam a partir daí e os deixa a deriva, quando as dúvidas surgem, com uma religião infantil que não mais dá suporte aos problemas e dúvidas adolescentes.

Embora tenha que se lembrar que o modo da pesquisa tenha sido diverso, pode-se ver que o GC mostrou-se mais crítico (duro algumas vezes), com mais opiniões independentes, com sugestões concretas e produtivas. O fato pode ser explicado em parte pela idade maior, que possibilita agora a assunção de perspectiva (FOWLER, 1992, p. 68-69), com a respectiva possibilidade de pensar e agir diferente.

Participação nas missas

O GE respondeu que vem à missa/celebração dominical quase todas as semanas, numa evidente diferença de ação do GC.

Isto pode ser explicado pelo fato de que os adolescentes do GE são muito novos (questão anterior) e ainda não conseguiram se separar da família, criando uma autonomia relativa. São ainda obedientes e dependentes demais da família, não tendo passado pela crise que leva ao estágio 3, que é a de estórias autoritativas (FOWLER, 1992, p. 129). Eles ainda precisam estar na companhia de seus pais, uma vez que ainda não se separaram deles. E a companhia de seus pais os levam à igreja.

Outra explicação possível - e não necessariamente excludente da anterior - é que em muitas paróquias é exigido para a recepção da confirmação - de que os adolescentes venham à missa dominical, participando de leituras, comentários e dinâmicas das liturgias. Onde isso não é obrigatório, sempre é incentivado, de forma que muitos vêm sempre porque tem atividades marcadas pelo grupo. O GC falou muito de atividades da Igreja, como sendo positivas e necessárias, na sua pesquisa.

Participação em outras reuniões fora da catequese

Mesmo a maioria dos participantes do GE declarando que não participa de outras coisas, fora da catequese e das missas, o índice de quase 30% dos que declararam no GE que vão para reuniões é bastante promissor, podendo deixar uma grande margem de esperança de que estes adolescentes sejam os primeiros a se engajar na paróquia, caso a comunidade eclesial tenha um plano e propostas para o engajamento pós-crisma. Aqui, tem-se uma espécie de *"reserva de mercado adolescente"* que, caso se tenha algum projeto de continuidade, se poderá começar a partir destes adolescentes, pois já vem regularmente à igreja.

Grande parte do GC respondeu que não vinha sempre às missas (muitos só uma vez por mês ou só em ocasiões especiais). Mas o GC é composto especialmente por adolescentes que - fazendo ou não a crisma - já estão com uma autonomia relativa maior e desenvolvida sem a participação da Igreja. Muitos foram adolescentes que fizeram a crisma e que acabaram saindo da Igreja já que a sua fé não estava mais respondendo aos problemas e situações cotidianas. Na linguagem de FOWLER, pode-se dizer que a figura de Deus sofreu uma reconfiguração (1992, p. 131-132) mas esta reconfiguração não foi para melhor com relação à Igreja.

Envolvimento celebrativo

A maior parte do GE respondeu (82%) que se envolve com as celebrações. O GC reclamou muito das celebrações que não são envolventes.

Púberes não são ainda adolescentes, como nos ensinam INHELDER & PIAGET (1976, p. 250), já que ainda não chegaram à criticidade e à assunção de perspectiva própria do pensamento formal adolescente. O GE parece - pela idade média e pela falta de assunção de perspectiva - ainda estar na classificação de púbere e não na de adolescentes. Por ainda não ter começado a crise de histórias autoritativas ainda não conseguem se ver fora do contexto. E pensar uma forma melhor de se envolver com a celebração.

Já o GC, com maior média de idade, consegue sair da situação e poder imaginar novas perspectivas da situação colocada.

Sermões

A grande percentagem de respostas 3 do GE marca uma tendência maior de crítica. Somando-se as notas 1 a 3 o

resultado é de 55,61%. O que caracteriza um problema para os adolescentes que responderam o questionário.

O GC também fez muitas críticas aos sermões do clero. Parece que há uma concordância entre o GE e o GC. Ambos não estão satisfeitos (em graus diferentes) com os sermões das celebrações. Seria importante que os sermões fossem mais elaborados, tendo-se em vista a assembléia que se tem. Para tal, seria mais produtivo se as assembléias fossem mais homogêneas, tendo-se missas e celebrações segundo a faixa etária, ou segundo outros critérios. O GC muitas vezes opinou que seria mais produtivo que existissem missas específicas para jovens e adolescentes, preparadas segundo os gostos e a temática específica.

Concordando com o GC, Michel ROSE (1998, p. 170) diz que:

O maior desafio para uma pregadora ou pregador muitas vezes não reside em o que ela ou ele deve dizer, mas em como. E muitas vezes o ouvinte assimila mais o que o pregador diz nas entrelinhas do que aquilo que ele comunica palavra por palavra. Nossa linguagem revela mais de nos mesmos do que as palavras que usamos.

Este princípio deveria ser levado a sério por todo aquele presidente da celebração que quer se fazer entender e ouvir pelos adolescentes e jovens das comunidades eclesiais. E se o princípio já é válido para adultos, no caso de adolescentes, ele se faz mais necessário ainda.

Música

O GE manifestou opinião bastante favorável à música cantada nas reuniões e celebrações da ICAR, sendo contrariado pelo GC.

A resposta positiva do GE aponta para o resultado de um trabalho global feito na música das celebrações da ICAR, enfocado a partir de um ponto-de-vista delicado, que é o relacionamento com uma faixa de idade bem sensível.

O GC opinando sobre as músicas das celebrações queria uma Igreja mais aos seus gostos, assim como exigiram uma estética mais adaptada. Pelo que se pode entender das entrevistas, o assunto Igreja se liga a um assunto ultrapassado para muitos deles, já que a Igreja parece se identificar com problemas e assuntos antigos, assumindo uma postura assim também na estética usada. A Igreja - para o GC - parece fazer parte de um tipo de mundo adulto que não se quer fazer parte. Ou que se quer deixar de lado.

Entretanto, para o GE, até a estética adulta não parece incomodar, mas dá uma sensação de se *estar em casa*. Um tipo de ambiente familiar a que estão ainda muito ligados.

Serviço social da comunidade

A avaliação positiva do GE impressiona: 78,57% responderam com notas entre 4 e 5. E apenas 20,92%, com notas entre 0 a 3. Isto parece mostrar que os crismandos do GE em questão têm conceito bastante bom com relação ao serviço aos pobres.

As críticas do GC não tem respaldo entre os crismandos do GE, podendo ser desqualificadas como críticas gratuitas, já que o GC não participa da comunidade eclesial que critica. O GC sugeriu que a Igreja trabalhasse com mais atividades de assistência aos pobres e doentes. O que é sempre uma boa proposta, mais pelas atividades que isto proporciona do que pela assistência direta aos pobres e doentes. Atividades como visitas a asilos e creches, a favelas e lugares atendidos pelo grupo dos Vicentinos ou pela Pastoral da Criança podem representar atividades lúdicas e de conscientização/sensibilização dos adolescentes envolvidos.

Liderança eclesiástica

O número de respostas 3 (15,82%) do GE pode dar certa sombra sobre a liderança eclesiástica, já que é uma resposta com restrições.

O GC avaliou bem pior a liderança eclesiástica, já que ela representa toda a instituição com a qual se está com problemas de relacionamento positivo. Segundo FOWLER (1992, p. 130):

O pensamento operacional formal pode conceber traços ideais de pessoas, comunidades ou outros estados de coisas. À luz dessas concepções ideais, pode ser idealística ou duramente julgador em relação às pessoas ou instituições reais.

Próprio do estágio 3, o GC tendeu a confundir a pessoa com a instituição que a pessoa representa.

O GE estando ainda no estágio 2 (fé mítico-literal) tende a avaliar mais positivamente a liderança eclesiástica, mesmo com restrições.

Grupo de estudo e Grupo de Controle

Confirmando a classificação feita por DAUNIS, (2000, p. 89-90) os adolescentes pesquisados na crisma (GE) são do tipo tradicional, porque têm uma visão de mundo muito menos

contrastante com relação à visão de seus pais e líderes eclesiais. A participação de muitos deles nas comunidades eclesiais parece ser consequência de uma *visão de mundo continuada* a partir de seus pais (FRAAS, 1997, p. 29). A catequese parece estar atingindo estes adolescentes mais novos, mais tradicionais, com uma visão mais conformista, segundo os dados da pesquisa.

A pesquisa preliminar procurou ouvir os adolescentes que já não estão na ICAR, fazendo um contraponto a esta visão tradicional que parece não acrescentar muito ao já conhecido. O que se nota é que a catequese como está formulada, na região metropolitana de Porto Alegre, trabalha com os adolescentes mais obedientes, comportados e dependentes.

Embora tudo pareça muito bem pela pesquisa, o problema da evasão e não participação dos adolescentes nas comunidades continua. A tabela a seguir mostra esta realidade do Brasil:

Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil – 1991/2000.

Religiões	1991 (%)	2000 (%)
Católica apostólica romana	83,0	73,6
Evangélicas	9,0	15,4
Espíritas	1,1	1,3
Umbanda e Candomblé	0,4	0,3
Outras religiosidades	1,4	1,8
Sem religião	4,7	7,4

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991/2000.
(http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/censo2000_amostra/gerais.html)

O dado do IBGE mostra que a catequese, embora esteja a contento para os adolescentes pesquisados, *não está gerando um nível de engajamento necessário para a renovação das comunidades e para a nucleação de novos grupos de jovens*. E o catolicismo romano embora seja ainda a igreja cristã majoritária vem perdendo força ano a ano por causa disto. E os adolescentes não estão encontrando suficiente espaço nas comunidades eclesiais. Pois se isto fosse verdadeiro, a ICAR não estaria decrescendo tanto como está na população brasileira.

Se 58,17% dos adolescentes do GE não sabem o que fazer, 15,82% declaram que só vão ficar vindo às missas e apenas 24,49% declaram que gostariam de estar em um grupo de jovens depois da crisma, *esta catequese está fracassando no mais fundamental, que é o engajamento dos jovens nas fileiras dos discípulos de Cristo*. A finalidade do

sacramento da confirmação é justamente esta: confirmar, solidificar a fé e a participação de alguém em uma comunidade cristã. Sem o engajamento pessoal da fé de um crismando a catequese se transforma em simples aula de religião, algo comparável ao Ensino Religioso Escolar que há hoje nas escolas públicas. E perde a dimensão do discipulado de BONHOEFFER (2002).

Michael LÖWY, seguindo Walter BENJAMIN (*O capitalismo como religião*, 18/09/2005), aponta para a constatação de que o próprio capitalismo é a religião que justifica e dá suporte teórico e prático ao sistema que temos. É por este viés que muitos adolescentes acabam criticando a religião e se desligando da sua prática religiosa, como os adolescentes pesquisados no GC. Antes de ser completamente integrados à *religião capitalista idôlatrica* (LÖWY, 2005), a Igreja precisa ser eficaz em dar uma alternativa para eles. E a chance que a Igreja tem de fazer isto é desenvolvendo o senso crítico dos adolescentes antes que o capitalismo o faça. Esta chance é dada a ICAR na catequese confirmatória, quando os adolescentes ainda estão achando tudo ótimo e têm uma visão positiva e receptiva da Igreja. É só ver os resultados da pesquisa.

Se a catequese fracassar em transformar os adolescentes em discípulos de Cristo, como gostaria BONHOEFFER, isso quer dizer que a ICAR estará entregando-os para que sejam apenas discípulos de uma sociedade idôlatrica e consumista. Atualmente, os adolescentes da crisma estão num patamar que permite que a ICAR - durante a catequese de confirmação - possa ir desenvolvendo aos

poucos o senso crítico pessoal, o gosto pela leitura da Bíblia a partir de uma leitura diferenciada da pessoa de Cristo e conseguindo um espaço diferenciado de atuação e pensamento ao sistema capitalista atual. Se perder esta chance, a ICAR pode não ter outra para fazer este trabalho de discipulado, apresentando Cristo aos adolescentes de forma a que eles se apaixonem por ele e por seu projeto.

Jovens gostam do Cristo, embora possam não gostar da Igreja que os apresenta, segundo DICK (In: VVAA, *Jesus de Nazaré, profeta da liberdade e da esperança*, 2000). Para que esperar que este quadro se estabeleça, quando a ICAR tem a chance de fazê-lo de forma diferente bem antes? Adolescentes de crisma estão bem mais motivados e abertos à influência positiva da Igreja, apresentando Cristo e dando alternativas de pensamento e ação.

As visões apontadas pelos dois grupos (Grupo de Estudo (GE), mais conformista e Grupo de Controle (GC), mais crítico) são complementares. A pesquisa com o GE mostra a opção enganosa da ICAR em optar por diminuir a idade e trabalhar com adolescentes mais conformistas, sem desenvolver-lhes a crítica e o discipulado de Cristo. É uma opção conservadora e pouco eficaz no contexto atual da sociedade.

Pesquisar adolescentes nas ruas e colégios é bastante interessante porque abre perspectivas bastante diferente dos adolescentes bem comportados e bom-mocistas da catequese crismal. O GC pode dar outra dimensão da fé e da visão de outros adolescentes nem tão conformistas e nem tão

simpáticos à Igreja. Para estes, a linguagem da Igreja precisa ser atualizada e inculturada.

O que foi descoberto nesta tese tem o mérito de apontar para as necessidades e opiniões dos próprios interessados. Fazer teologia pastoral/prática com base teórica apenas não ajuda a fazer ciência e nem a estar de acordo com o método de trabalho dela. Teologia pastoral/prática só pode ser feita tendo como base o método científico e a partir da realidade que se trabalha e teoriza.

Teologia prática é como chamam os teólogos de veia protestante e/ou pentecostal. *Teologia pastoral* é como chamam os teólogos de veia católica (sejam romanos ou não). O pesquisador desta tese, embora tendo veia católica romana, prefere a denominação *Teologia Prática* porque dá uma conotação menos filosófico-teórica. Teoria é sempre bom, mas na Teologia Prática temos que fazer *teoria-ação* e *ação-teorização*. Sem isto, a teologia prática fica bem defeituosa.

Nem todas as idéias apresentadas nesta tese são apenas de adolescentes urbanos de confirmação. Muitos adultos endossariam boa parte das afirmações das pesquisas. Mas sem uma pesquisa empírica sobre as idéias, as expectativas e as necessidades deles, fica bem difícil acertar o que e como fazer. E este é um fato bem explicado por FOWLER em sua teoria: adolescentes tem fé sintético-convencional, o que equivale a dizer de que ainda não

fizeram a crítica aos padrões vigentes, vivendo imersos neles.

Isto explica o fato da pesquisa do capítulo primeiro dar resultados tão bons sobre a ICAR e as pesquisas preliminares apontarem caminhos bem diferentes de crítica e até de rejeição por parte de alguns com relação à realidade eclesial. Quando os adolescentes começam a fazer a crítica da sua fé e da vivência de sua fé, eles passam a encarar a igreja pelo lado negativo, fornecido pela crítica da religião feita pela academia e/ou pela mídia.

Esta diferença de referencial mostra que a crítica da Igreja é feita mais tarde, apenas sendo esboçada por alguns crismandos durante a catequese de crisma, seguindo de perto a teoria de FOWLER.

As entrevistas feitas no Colégio Santa Catarina também possibilitavam uma oportunidade de sentir mais a subcultura juvenil, enquanto que o questionário feito para a pesquisa do GE dava a possibilidade de tabular mais objetivamente os dados necessários.

Assim, pôde-se perceber quais as expectativas que os adolescentes têm, que se forem atendidas, deverão ajudar a fazer com que permaneçam na comunidade de fé após o sacramento da confirmação. Isto tem a grande chance de chegar ao nível de eficácia máximo, que é sentirem-se bem e escolherem conscientemente participar das atividades de sua comunidade eclesial.

CAPÍTULO 5: BUSCAS DE NOVOS CAMINHOS

5. 1. Experiências de construção de novo método

Embora o pesquisador tenha se debruçado teórica e praticamente sobre o problema e tenha resultados satisfatórios para uma primeira experiência do gênero, há de se considerar algumas coisas.

Uma delas é que esta não é a única possibilidade de método usado que possa gerar resultados positivos e

animadores na pastoral. Para ser bem científico, deve-se reconhecer que pode haver outras propostas que também dêem resultados positivos.

Uma outra coisa que é importante dizer, é que a acolhida por parte da Igreja não é indiferente à catequese de crisma com adolescentes. Ercílio Simon, bispo da diocese de Passo Fundo, fazendo as considerações finais sobre a pesquisa realizada para a catequese de crisma, diz o seguinte sobre o assunto (KLEIN, 2003, p. 103-104):

Para mim, a pesquisa mostra que somos nós os culpados pela ausência dos jovens nas comunidades. Nós bispos, padres, catequistas, equipes de liturgia, membros dos conselhos de pastoral, administrativos, etc., todos nós! (...) Somos nós que não criamos espaço para os jovens participarem. Se não há grupo de jovens olhado com carinho pela comunidade, se não há um movimento de jovens apoiado pela comunidade, se não há espaço na liturgia para os jovens, se não há permissão para eles usarem os espaços físicos da comunidade, se não há criatividade em ocupar os jovens, se não gastarmos o tempo estando com os jovens, etc., onde é que eles irão participar? Certamente eles terão dificuldade de participar de nossas missas, adultas e com longos sermões.

De nada adianta o pároco e a equipe de catequistas se esforçarem muito para dar aos adolescentes momentos fortes que marquem a sua vida e que possam desafiar os adolescentes a ser discípulos de Cristo numa sociedade capitalista idolátrica, se - ao chegar na comunidade cristã após os retiros - os adolescentes forem discriminados e não tiverem espaço e incentivo para a participação. E esta é uma tarefa conjunta entre pais, padrinhos e comunidade cristã em geral. A comunidade cristã tem que fazer a sua

parte, acolhendo e dando espaço de moratória eclesial para que eles possam ser cristãos, sem deixar de ser adolescentes.

D. Ercílio reconhece, como bispo da ICAR, que esta Igreja precisa pensar a catequese de forma mais acolhedora e desafiante para o adolescente. É preciso pensar a catequese de forma mais evangelizadora e menos conservadora. A grande reviravolta será dada no dia que a catequese de crisma conseguir fazer o que se propõe: tornar os adolescentes adultos na fé e testemunhas de Cristo. Então, o discipulado terá sido uma realidade e não só um pio desejo. Mas para tal, será preciso muito esforço e dedicação de toda a Igreja para que a catequese deixe de transmitir uma fé recebida e passe a desenvolver a fé assumida em cada adolescente. Aí o método terá valido a pena, o conteúdo estará bem, o testemunho dos catequistas, o apoio dos pais e o esforço de todos não terá sido em vão.

O pesquisador não é o único que está preocupado com isto na Igreja do Brasil. Há também outras ações tendo em vista o mesmo problema. Elas serão enumeradas abaixo:

5. 1. a) Movimentos eclesiais

Há mais de um movimento eclesial que tem também a preocupação com os adolescentes das famílias cristãs. A RCC, já citada outras vezes, tem uma tendência de colocar jovens de sua espiritualidade para ser catequista de crisma, ajudando em algumas paróquias a minimizar o problema da evasão dos adolescentes tendo em vista a possibilidade deles empatizarem com os catequistas e fazerem retiros e encontros da RCC, ficando depois no movimento. O pesquisador crê que esta não é uma boa solução para os adolescentes, pois não os ajuda a desenvolver a autonomia⁸⁹, mas não pode deixar de reconhecer que é uma solução possível. Além dos encontros semanais, os adolescentes têm a possibilidade de fazer retiros, passeios e encontros (momentos fortes) para ajudar a desenvolver um discipulado.

Mas a RCC não é o único movimento a fazer isto. Há mais movimentos, regionais e nacionais, que têm a mesma postura pastoral. Há quem os acuse de fazer "lavagem

⁸⁹ Se a teologia do sacramento do crisma diz que, a partir daí a pessoa torna-se ADULTA NA FÉ, a autonomia de pensamento e ação (também de crença eclesial) tem que ser querida e possibilitada. Uma catequese crismal que forme cristãos dependentes está indo contra a sua própria finalidade. Um adulto dependente não é um adulto, mas uma criança crescida, que não desenvolveu relações adultas. Cristãos adultos são necessários para entabular diálogos e confrontos com um mundo que já se entende adulto e desligado das dependências das instituições eclesiais. Um mundo que pode ser idolátrico no culto do dinheiro e do mercado e que precisa de discípulos de Cristo que saiba ser profetas numa sociedade mundial desigual e geradora de exclusões.

cerebral” com adolescentes, mas isto é assunto para outra tese.

5. 1. b) Catequese de crisma da paróquia Santo Cura d’Ars – Campinas – SP.

No relato deste pesquisador colocado na introdução da tese, está uma experiência durante o mestrado na arquidiocese de Campinas – SP, na paróquia Cura d’Ars. Lá, enquanto pesquisava os manuais de catequese de crisma e analisava as suas propostas, este pesquisador deu assessoria para a pastoral de crisma.

Como era um grupo já organizado de 20 catequistas, fez-se alguns dias de formação com os catequistas e se propôs um esquema de trabalho que contemplava retiros de um final de semana. Um no início do ano (março) e outro no meio do mesmo ano (julho), além de encontrões mensais com todas as 15 turmas de crismandos e uma gincana bíblica anual. O resultado foi muito interessante, porque alavancou a participação e o interesse dos crismandos. Mesmo sendo os encontros semanais nos domingos pela manhã. A participação nos encontros semanais e nos encontrões mensais passou a ser desejada pelos adolescentes. E houve ainda um aumento de engajamento em grupos e atividades da comunidade.

O resultado destes encontros e atividades está sendo permanentemente documentados na Internet: (<http://crisma2005.zip.net/>, 13/04/2006) A documentação já tem dois anos e é feita semanalmente pela equipe, com fotos, textos e comentários do que é feito. O trabalho começou com este pesquisador e está continuando, sendo que à distância ainda se dá assessoria para que o movimento iniciado cresça em resultados.

Esta é uma experiência mista: *não se aboliu os encontros semanais, mas se reformulou toda a catequese tradicional da crisma*. Em vez de se basear em uma educação bancária e conservadora, calcada em conteúdos doutrinários, a paróquia Cura d'Arms apostou em uma educação participativa e feita por jovens e adolescentes, com muita animação, com momentos fortes de oração e convivência. Uma catequese crismal que possibilitasse uma caminhada integrada em um grupo de vivência.

Também esta tem sido uma experiência positiva e que integra a maioria dos elementos necessários (*modus*) para uma catequese de qualidade com adolescentes.

5. 1. c) Dioceses de São Carlos – SP e Passo Fundo – RS

A preocupação com a catequese de crisma não é apenas acadêmica: joga-se aqui uma importante página da evangelização da sociedade brasileira. Sem uma catequese de confirmação que seja satisfatória não se irá aprofundar bem a primeira camada de evangelização feita na primeira Eucaristia. E o crescimento da fé não passará de um piedoso desejo, resultando em um cristianismo de fachada, tão superficial como uma pintura em parede. Uma casca que irá desbotar e sair com de sol forte e chuva.

Por isto, há varias dioceses e setores pastorais preocupados com isto. Talvez este pesquisador seja o primeiro a ter coragem de enfrentar cientificamente este problema, mas o problema tira o sono de muita gente⁹⁰. A Pastoral Bíblico-Catequética da CNBB (www.cnbb.org.br, 15/04/2006) já há três anos vem discutindo e se preocupando com a catequese de adultos, como os pressupostos de FOWLER e KOHLBERG.

Desde o ano de 1998, a diocese de São Carlos – SP, da qual este pesquisador fez parte por mais de 10 anos, vem refletindo neste sentido. Naquele ano, contratou o Frei Faustino Paulo, OFM Cap., para dar assessoria teológica na área. O texto emanado desta reunião diocesana de estudo

⁹⁰ A famigerada piada dos morceguinhos mostra a preocupação dos padres com relação ao problema dos "morcegos voando pela igreja". Em linguagem própria deste gênero literário, a piada afirma que os adolescentes estão bem distraídos e sem ter o que fazer na igreja.

está em (www.diocesesaocarlos.org.br,15/04/2006) e pode ser facilmente baixado para leitura (home> documentos eclesiais > crisma). É um texto mais de reflexão teórico-teológica do que prático pastoral, mas manifesta a preocupação de toda uma diocese e seus agentes de pastoral em pensar melhor e qualificar o processo.

A diocese de Passo Fundo - RS também enfrentou o problema desde o ano 2000. Numa primeira etapa, foi feita uma pesquisa em toda a diocese, perguntando muitas coisas aos crismandos. Conseguiu-se 315 questionários devolvidos pelas paróquias. Depois, foi até produzido um livrinho como o título *Adolescentes e a evangelização*, organizado por Otávio José KLEIN, com o resultado da pesquisa e com reflexões mais teóricas a partir dela. Este livrinho, que tem reflexões de teóricos e de pastoralistas sobre o evento, também manifesta o desconforto de uma evangelização se vê estar fora de foco em muitos lugares.

5. 1. d) Anglicanos

Este pesquisador tem notícias que os anglicanos também estão enfrentando problemas com a relação entre a IEAB e os seus adolescentes e jovens.

Em fevereiro de 2.004, este pesquisador foi chamado para fazer uma pesquisa semelhante à desta tese com

adolescentes anglicanos da diocese de Pelotas - RS. Este pesquisador fez a pesquisa no retiro de carnaval, na Casa de Retiros Rev. Severo da Silva. Foi feito um texto e publicado no 1º Simpósio de Teologia Anglicana, em Londrina - PR, no mês de 13 a 16 de julho de 2004 (www.ieab.org.br, 15/04/2006; link CEA - centro de estudos anglicanos), com o título "*Igreja e adolescentes*".

Após este esforço inicial, foi constituída uma comissão da diocese anglicana de Pelotas - RS para escrever e propor um novo método de catequese de confirmação.

A IEAB é uma igreja pequena no Brasil. Mesmo assim, está enfrentando um problema sério com a sua manutenção e reprodução em membros mais jovens. Os adultos continuam anglicanos, mas o mesmo não se está podendo dizer dos membros adolescentes e jovens. A médio prazo, a continuidade da IEAB pode ficar comprometida.

Na página na Internet que documenta todas as posições oficiais e notícias da IEAB se pode encontrar notícias e documentos no link CEA - Centro de Estudos Anglicanos. Aí há um *link* para arquivo de textos.

Este é um exemplo muito diferente da arquidiocese de Campinas - RS, onde o esforço está dando certo. Na IEAB, há a preocupação e a procura de soluções do mesmo problema que aflige a ICAR. Mas ainda não se tem notícias de iniciativas que deram certo, só da procura tateante por soluções.

5. 1. e) Breves comentários

As iniciativas pastorais e/ou acadêmicas apontam para a realidade eclesiológica e para a realidade dos adolescentes. É a partir destas duas forças que a academia tem que pensar - de forma competente e pertinente - a realidade para interagir com ela. A teologia pastoral só é verdadeira teologia se for construída a partir do chão da vida. Diferentemente da teologia sistemática, a teologia prático-pastoral não pode ser uma teoria a partir de cima, com aplicações de princípios para a realidade, como pensam alguns desavisados.

O fato de duas dioceses católicas de estados diferentes, de uma paróquia da arquidiocese católica de campinas e da Igreja Anglicana estarem preocupadas com a mesma realidade só aponta para a pertinência do problema e para o desconforto que ele está suscitando. Este pesquisador desconhece outras iniciativas, que sem dúvida, devem estar acontecendo ainda de forma isolada nos diversos rincões do Brasil.

Não se há de duvidar que outras iniciativas e reflexões estejam acontecendo simultaneamente com a escrita desta tese. Se forem científicas, virão à luz logo, numa explosão de formas e cores diferentes. Em textos dos mais variadas, apontando a emergência e a urgência do tema a ser pesquisado em outros enfoques e outras teses a partir da mesma realidade, que é a evangelização de adolescentes e

jovens. Para que não sejam apenas "fiéis", mas se tornem "leigos"⁹¹.

Uma catequese boa e um processo de integração comunitário positivo transforma um fiel em leigo. A catequese tradicional não faz esta distinção, nem a procura. Assim, não dá espaço para uma maior democratização da igreja e contribui para que o clero seja o maior fator decisivo numa comunidade eclesial.

Só uma catequese que se preocupe com isto vai ajudar a Igreja a crescer em qualidade, mais do que em quantidade. A ICAR é o maior grupo eclesial apontado pelo IBGE em suas estatísticas. Mas é o grupo mais qualificado? Os seus membros têm sentimento de pertença? Estas questões fogem muito desta tese, mas precisariam ser pesquisadas com mais cuidado. A isto leva a pergunta pela expectativa dos adolescentes, que trouxe este pesquisador até aqui.

⁹¹ Este pesquisador faz uma diferença conceitual entre fiel, leigo e agente de pastoral. Fiel é entendido como uma pessoa que - mesmo tendo sido batizada e recebido outros sacramentos - apenas vai à Igreja e participa de suas liturgias, de forma freqüente ou esporádica. Leigo é o membro da igreja que se sente participante, contribuindo econômica e pastoralmente. Leigo participa e dá de si, colaborando em construir, não de forma esporádica, a comunidade eclesial. Agente de pastoral é o leigo que tem poder de decisão e coordenação de alguma pastoral. Não só constrói a comunidade, mas também participa de instâncias de representação local e regional.

Só uma catequese boa e um processo de integração comunitário positivo transforma um fiel em leigo. A catequese tradicional não faz esta distinção, nem a procura. Assim, não dá espaço para uma maior democratização da igreja e contribui para que o clero seja o maior fator decisivo numa comunidade eclesial.

5. 2. Uma nova proposta de trabalho na catequese de crisma

Uma vez achados os resultados e tendo visto que este não é um problema só acadêmico, mas se insere na busca tateante e necessária de uma solução na ICAR do Brasil , é preciso agir para que a pesquisa se transforme em instrumento de ação junto com os adolescentes e jovens. O que fazer, então? Como formar adolescentes na crisma que não abandonem a comunidade eclesial? O pesquisador optou por construir um método novo. É preciso propor algo novo como projeto de continuidade e engajamento para atender às necessidades e expectativas dos adolescentes, já que os atuais manuais de catequese crismal não apontam nada de mais significativo (DALLA-DÉA, 1999, p. 174-175)

Adolescentes urbanos precisam de novos métodos para engajá-los nas comunidades eclesiais, promovendo uma renovação mental e etária das mesmas comunidades. Um método que transforme adolescentes passivos na catequese em adolescentes ativos na comunidade eclesial que freqüentam. Adolescentes que acabem se tornando catequistas de outros, dando novas forças para a pastoral da comunidade e nucleando novos grupos de jovens.

Enquanto reunia todas as informações bibliográfico-teóricas e as fenomenológico-pastorais, o pesquisador optou por enfrentar o problema na prática pastoral. Convidado pelo pároco de Santo Inácio, em São Leopoldo - RS, reuniu um pequeno grupo de catequistas e começou a preparar os retiros, como experiência prática da tese e como ajuda

concreta a uma paróquia de periferia. Por isto a nova proposta, de retiros periódicos em vez de aulas semanais, trabalha com os seguintes elementos que se irá expor a seguir:

5.2. a) *Modus operandi*: Retiros em vez de encontros

Sobre o método, deve-se trabalhar com o que há de melhor no tratamento de adolescentes: os retiros⁹². Em

⁹² O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (<http://houaiss.uol.com.br>, 15/03/2006) define retiro assim:

“Datação: 1789 cf. MS¹ Acepções: substantivo masculino
1 ato ou efeito de retirar(-se); retirada
2 lugar solitário, afastado em relação aos centros urbanos
2.1 sítio ermo, remoto, onde se procura descanso, paz, recolhimento
3 estado ou condição do que se encontra só; retraimento 3.1
afastamento pelo qual um indivíduo se isola temporariamente do
habitual convívio com outrem Ex.: nas férias, ninguém o veria,
estava determinado a fazer um r. 3.1.1 o tempo que dura esse
afastamento 4 Rubrica: religião. clausura de religiosos, em
conventos, mosteiros etc. Obs.: cf. *retiro espiritual* 5
Derivação: por metonímia. Rubrica: religião. local onde é feito
esse retiro espiritual 6 Regionalismo: Brasil. fazenda onde
se põe o gado durante certas épocas do ano; rancho para guarda do
gado durante o inverno 7 Regionalismo: Mato Grosso do Sul, Mato
Grosso. na fazenda, lugar onde se cria o gado 8
Regionalismo: Mato Grosso do Sul, Mato Grosso. local onde as
reses são reunidas para contagem, marcação e para alimentar-se de
sal 9 Regionalismo: Minas Gerais. lugar mais ou menos
distante da sede da propriedade pastoril, onde se solta o gado para
engorda 10 Regionalismo: Minas Gerais. rancho de borracheiro
ou mangabeiro 11 Regionalismo: Minas Gerais, Mato Grosso.
moradia dos empregados encarregados de vigiar uma fazenda, situada
nos fundos desta 12 Regionalismo: Rio Grande do Sul. fundo
de campo, afastado de estrada Locuções
r. espiritual 1 Rubrica: religião. em determinadas religiões,
prática comum de piedade que consiste no afastamento voluntário de
um indivíduo, esp. se religioso, que se isola do restante dos homens
e do que considera mundano, para dedicar-se totalmente às preces, à
meditação e mesmo à penitência 2 *qualquer afastamento mais ou menos
temporário pelo qual um indivíduo procura dedicar-se a uma vida
considerada mais saudável, mais equilibrada, em contraposição aos
hábitos comuns e ger. nocivos da vida cotidiana.*

O pesquisador entende por retiro esta última opção (colocada em negrito e sublinhado) e não um encontro de lazer qualquer. O retiro que se propõe neste texto é um encontro – embora coletivo – em que se contempla as dimensões litúrgico-espiritual, grupal, de lazer, de estudo e catequese, de leitura crítica da Bíblia. Não é um encontro para se preencher o final de semana, mas se constitui numa catequese séria, metódica e que avança em conteúdos sobre a catequese de Primeira Eucaristia.

retiros, os adolescentes estão separados de suas famílias (lógica da ruptura) e integrados em um novo grupo de amizades (necessidade adolescente).

Muitas paróquias têm retiros de um dia para crisma, algumas no começo e outras no final da catequese. Mas a proposta de ação é outra: a catequese de crisma seja em retiros, não havendo mais as "aulas semanais". Embora muitos adolescentes pesquisados tenham respondido que gostavam dos encontros e das catequistas, isso não é suficiente para manter os novos membros confirmados nas comunidades da ICAR.

É necessário trabalhar com o elemento de surpresa e novidade. O retiro, ao sair da rotina do adolescente introduz um elemento novo à catequese confirmatória: o lazer, dando sabor a um conteúdo catequético. O adolescente vai para um retiro motivado pelo passeio, pelas novas amizades e pela novidade que isso vai proporcionar. Em um grupo de iguais, o adolescente está livre para agir, relacionar-se com os outros e crescer em relação a Cristo.

Está se falando de retiros de mais de um dia completo, com direito a dormir no local do retiro. A transformação da catequese confirmatória em retiros periódicos de adolescentes transformará necessariamente a equipe de trabalho, que deixará de atuar individualmente para uma equipe de preparação e realização de retiros.

Os catequistas terão que pensar, atuar e trabalhar em equipes reais. Encontros semanais ou quinzenais da equipe servem para preparar os retiros para os crismandos. O que deve possibilitar um novo estilo de formação e atuação dos catequistas de crisma: não mais individualmente, mas em grupos. Os grupos de catequistas devem deixar espaço para novos membros que já foram crismados, a fim de renovar a equipe e contribuir para a formação de futuros catequistas. Formação na prática, que não exclua a teoria.

O método não é de todo novo: já os movimentos de retiros e a Renovação Carismática Católica o adotam. Este é um modelo que dá certo por ir a favor da lógica do adolescente. *A novidade fica por conta de transformar toda a catequese confirmatória em encontros periódicos de retiros.*

Qualquer catequista de crisma sabe que tudo muda para melhor assim que os adolescentes fazem o retiro. Por isso, algumas paróquias adotam o retiro no início da catequese, usando a inércia a favor da sua catequese. Especialmente onde os adolescentes candidatos à confirmação sejam oriundos de famílias sem muita vivência eclesial, esse método funciona porque mistura bem pessoas de classes e formações diferentes, fazendo que alguns influenciem outros.

Ao retirar os adolescentes de suas famílias e introduzi-los em grupos de pares, os retiros trabalham com a lógica da ruptura para a formação de um discipulado (BONHOEFFER) efetivo.

Há mais uma razão para se proceder em retiros em vez de encontros semanais. E a razão está na própria qualificação dos catequistas: ao dar catequese sozinho, o catequista o faz em nome da Igreja, mas dá a sua visão da Igreja e da "doutrina" que passa. Ao trabalhar de forma colegiada (em time) os catequistas têm que se confrontar consigo mesmos e com a sua visão particular da fé, passando uma fé menos individualizada e mais comunitária. A partir da própria equipe de trabalho, o discurso e a prática são mudados. Não porque alguém voluntariamente decidiu assim, mas porque agora este método de trabalho faz parte integrante da catequese. O que é um avanço com relação à qualidade do trabalho e do testemunho dado: uma proposta comunitária da fé tem maior chance de ser mais fiel a Jesus e à sua proposta do que uma proposta individualizante. Na chamada "*crise da Galiléia*" (Mc. 8,27-33), Jesus re-estrutura toda a sua pastoral, que era de multidões e passa a focalizar mais um grupo de discípulos, após a multiplicação dos pães⁹³. Foi isto que possibilitou a sobrevivência da proposta de Jesus.

⁹³ A crise pastoral de Jesus é provocada após as duas narrativas de Marcos sobre a multiplicação dos pães. Jesus começa com uma entrevista dos discípulos sobre a opinião pública de sua pessoa e sua ação, que culmina na declaração de Pedro: "Tu és o Cristo!". É a partir daí que Jesus impõe condições para segui-lo (Mc. 8,34-38) e, após o episódio da transfiguração (Mc. 9,2-13), começa a trabalhar mais e melhor o grupo de discípulos. Este movimento de ruptura de uma pastoral com as multidões para trabalhar com uma pastoral mais endereçada a um grupo, vai até o início do capítulo 11, na entrada de Jesus em Jerusalém.

5.2. b) *Modus temporalis*: Periodicidade bimestral em vez de semanal

A periodicidade bimestral dos encontros parece ser suficiente e não sobrecarrega a agenda dos adolescentes. Se os encontros acontecerem a cada dois meses, há a possibilidade de haver seis num ano: *abril* (após a Páscoa), *junho*, *agosto*, *outubro*, *dezembro* e *fevereiro*. Começando após a Páscoa, há a possibilidade de preparar o primeiro encontro e ainda fazer a divulgação nas escolas e igrejas da comunidade. As datas são hipotéticas, para ilustração. Cada comunidade deve se ajeitar conforme suas necessidades, expectativas e opções pastorais.

Após o 5º encontro pode vir já a celebração da confirmação. O 6º encontro será apenas de nucleação e abertura de caminhos práticos. Os adolescentes que caminharam cinco encontros juntos, já têm suficientes histórias e amizade para continuar caminhando unidos como um grupo eclesial (BORÁN e COMBLIN). O último encontro é o que faz a ponte entre a catequese confirmatória e a pastoral de juventude: um novo grupo de convivência, trabalho, oração e lazer deverá ser formado.

Como a catequese de confirmação, o grupo de jovens também tem um período de vida. Após este período, é preciso que os adolescentes (já amadurecidos na caminhada no grupo de jovens) sejam engajados novamente na catequese de crisma, agora como catequistas.

O tempo conta a favor da nucleação e fortalecimento de novos grupos, formando um círculo virtuoso na comunidade eclesial, onde os crismados podem se engajar na catequese de novos crismandos. Assim, fecha-se o círculo e se faz uma renovação na catequese e na comunidade eclesial.

Não se deve esquecer que todo retiro, pela dinâmica interna de tempo e de espaço, representa uma ruptura com a realidade que envolve o adolescente. Quando acaba o retiro, acaba a ruptura e se retorna para a realidade da qual se saiu. O retiro é uma forma de ruptura monitorada com a realidade, com a possibilidade de fazer com que as pessoas cresçam e possam ir amadurecendo. FOWLER ensina (1992, p. 147):

Freqüentemente, a experiência de 'sair de casa' – em sentido emocional ou físico, ou em ambos – precipita o tipo de avaliação do próprio eu, do background e dos valores orientadores para a vida que dá origem à transição de estágio a esta altura.

Assim temos que a passagem de um estágio de fé para outro, dando-se a partir de crises, gera forças novas, em novas configurações, fazendo com que a fé se desenvolva, indo a um outro estágio. O retiro é um modo de tirar o adolescente de sua casa, sem que ele precise se mudar e ter todos os transtornos resultantes disto.

5.2. c) *Modus spatialis*: A ruptura controlada com o espaço da casa

O ideal parece ser encontrar um espaço que não fique caro e que os adolescentes possam dormir no local. Assim, eles estarão devidamente rompendo com os seus pais (BONHOEFFER e FOWLER). É nestes encontros que se desenvolverá uma autonomia de suas vidas (COMBLIN). Através de histórias, trabalhos de grupos e vivências várias nos retiros que eles podem se desenvolver e concretizar a sua fé cristã.

O lugar não deve ser caro, mas confortável e que proporcione espaço para oração, trabalhos de grupos e palestras. Pode-se ser algum colégio público cedido para tal ou uma comunidade rural onde se possa trabalhar em um final de semana.

O importante é que os crismandos possam passar o fim-de-semana, pernoitando fora de casa. Isso faz com que a autonomia se desenvolva e que eles se sintam mais adultos, rompendo com os laços infantis e ajudando a formar um grupo de iguais.

O espaço a se criar não é apenas o espaço geográfico, mas o espaço interior e de pensamento. É preciso não tutelar o adolescente, mas criar uma atmosfera adulta de responsabilidade onde todos participem e dêem a sua

opinião, sendo escutados. Sobretudo não se pode agir como pai ou mãe. Ao espaço externo, é preciso criar um espaço interno e de relacionamento social verdadeiro e adulto. Onde eles se sintam valorizados e responsáveis pelas próprias decisões. Numa palavra, é preciso dar espaço de vivência e convivência eclesial e vital.

Se as comunidades têm dificuldade de entender e de levar a sério as dificuldades e as propostas dos adolescentes, excluindo-os de uma cidadania eclesial verdadeira, os retiros precisam ser um espaço de moratória eclesial onde eles aprendam a ser igreja, primeiro entre si e depois de algum tempo como grupo de jovens, integrando-se aos poucos no espaço de convivência comunitária da grande paróquia, onde há vários grupos com várias propostas e diferentes níveis de entendimento e de caminhada.

5.2. d) *Modus discursivus*: O conteúdo deve aprofundar a vivência cristã

Os trabalhos catequéticos devem variar entre palestras maiores, menores, orações, brincadeiras e trabalhos de grupo. Não se pode pregar um retiro para adolescentes como para adultos. Adolescentes estão em outra fase da fé e da vida. É preciso ser algo mais interativo e menos discursivo. É preciso usar vários recursos possíveis. Bibliodramas, teatros, textos poéticos e filmes podem ser de grande ajuda nos trabalhos para discussões em grupo.

Um problema encontrado pelo pesquisador na sua vida pastoral é que, na catequese de crisma, tende-se a repetir o conteúdo da primeira eucaristia de forma mais forte. Como se os adolescentes de crisma fossem burros ou não tivessem aprendido nada. Assim, não se consegue avançar.

Catequese para adolescentes crismandos envolve coisas novas, numa linguagem que eles entendam. De forma que possam conhecer melhor a Bíblia, aprendendo a orar com ela e a manuseá-la. Assim, os retiros não podem ser lugar de lazer, mas *lugares onde se tenha lazer*. O clima de espiritualidade deve propiciar momentos fortes para que possam rezar a partir da Bíblia, coisa que não é comum aprender na catequese da primeira Eucaristia. Liturgias contextualizadas serão de grande ajuda.

5.2. e) *Modus servientis*: O trabalho em grupo não deve ser tutelado

Os catequistas precisam aprender a trabalhar em grupos. Os agentes da catequese serão os catequistas com os adolescentes. O que não se exclui a participação de outros adultos e adolescentes que possam trabalhar nas tarefas de limpeza, infra-estrutura, secretaria, etc. Ideal é que os adultos não sejam os mesmos pais dos adolescentes, para não os constranger e para que não tolham a autonomia que estão criando e desenvolvendo longe deles.

Mas os adolescentes podem ser escalados para pequenos trabalhos de limpeza e organização do encontro. Não é preciso que eles recebam tudo pronto, pois isto pode acostumá-los a uma dependência infantil que não se quer suscitar. É preciso que eles se sintam co-responsáveis pelo bom andamento do encontro, sem deixar tudo na mão deles.

Também os tarefas em grupo devem ser levados a sério no trabalho e nos resultados. Liturgias podem ser preparadas pela equipe do encontro com grupos de crismandos. A catequese não deve ser um segredo, mas eles são chamados a ir assumindo mais as preparações dos encontros. Como adolescentes, eles não podem ter apenas os trabalhos menores, mas devem opinar sobre a organização das coisas maiores também.

5.2. f) *Modus digestivus*: O alimento é uma forma de comprometimento dos pais

Pais e mães poderiam ajudar na alimentação de seus filhos e filhas. Poderiam trazer os alimentos prontos ou ajudar a cozinhar no local. Mas sem a participação direta nos encontros, como foi dito no item anterior.

Pais poderiam ser escalados para trazer o lanche de seus filhos em horários e dias diferentes, de forma a contribuir e a baratear os custos. Especialmente onde as famílias sejam de classe mais baixa, os custos não podem ficar altos. Dividir a alimentação entre as famílias dos crismandos ajuda a baratear e a não fazer nada fora do padrão alimentar e cultural do público-alvo. O padrão alimentar é um componente cultural importante: sair fora demais do padrão alimentar é desenraizar as pessoas de seu meio vivencial cotidiano.

Evidentemente, esta é uma proposta de que se deverá fazer longas experimentações. O pesquisador já a testou na paróquia Santo Inácio, no Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo - RS, nos anos de 2003-2004. O resultado foi considerado muito bom, porque engajou mais de 73% dos adolescentes 42 crismados, nucleando 3 novos grupos de jovens.

É este o nó que falta dar na pastoral da catequese de crisma: ligar e amarrar a catequese de crisma com uma proposta tal que gere uma nucleação de novos grupos de jovens.

Este foi um trabalho paralelo à confecção da tese, testando a teoria na prática a fim de conseguir a proposição de um método novo de trabalho. Realizando uma pesquisa-ação que era do inteiro conhecimento da comunidade: dos catequistas, do padre responsável e dos crismandos. Os esquemas de horário e de conteúdo utilizados foram colocados no Apêndice 4 desta tese.

Pelo que se pôde constatar, o esquema deu bastante certo, faltando ajustar pequenos detalhes. Mas o trabalho mais grosso foi feito e este pesquisador avaliou como sendo bem positivo na prática.

O pesquisador optou por transcrever aqui, o horário adotado pelo grupo nos retiros de crisma.

5.3. Esquemas de trabalhos dos retiros de crisma realizados em 2003-2004 na Par. Santo Inácio, S. Leopoldo – RS.

Paralelamente aos estudos bibliográficos, o pesquisador empenhou-se em fazer uma pesquisa participante (BRANDÃO, 2000) onde a teoria e a prática poderiam estar juntas, numa interação de ajuda mútua. Assim, a periferia de São Leopoldo – RS ajudou num projeto de incentivo e desenvolvimento de um método novo de trabalho, segundo as descobertas que se ia fazendo nas pesquisas junto aos adolescentes.

Procurou-se usar o método da PJ que são retiros para jovens e estruturar a catequese de crisma a partir daí, com o conteúdo mais bíblico possível e com os pressupostos teóricos do capítulo 2 desta tese. Desta forma, a teoria não seria diferente da prática, porque seria testada *in loco*.

Assim, começou-se com um retiro de final de catequese de crisma, em outubro de 2003. Este mesmo retiro foi usado depois, no mês de dezembro, para começar o 1º Retiro com os crismandos que iriam começar uma nova turma. Desta maneira, pôde-se testar o método uma vez só com uma turma que logo iria ser crismada, para ver a resposta da turma de adolescentes. O retiro foi bom e resultou que 3 jovens ajudassem no ano seguinte, fazendo parte da equipe de catequistas da turma do ano de 2004.

Na turma seguinte, começou-se em dezembro de 2003 com o 1º retiro, já anteriormente testado pela turma anterior. Posteriormente, houve encontros em março (2º retiro), em maio (3º), final de junho (4º), agosto (5º). Houve a crisma no mês de outubro e posteriormente a PJ da paróquia organizou um encontro pós-crisma, resultando na nucleação de dois novos grupos.

Nem tudo foi aqui elencado, porque muita coisa acabou-se perdendo, fruto da iniciativa e do esforço da equipe de catequistas. Também muita coisa poderá ser mudada e adaptada para retiros nas mais diversas realidades.

Os cinco primeiros retiros estão elencados nas páginas seguintes. O último foi totalmente deixado a cargo da elaboração e da construção da Pastoral da Juventude da paróquia. E não foi feita uma memória confiável, já que o pesquisador não esteve presente e não foi passado o esquema para ser anexado nesta tese.

O fato, embora possa ser criticado, poderá ser explicado, tendo-se em vista que este retiro final apenas visa o engajamento do grupo de adolescentes, nucleando novos grupos de jovens. A pastoral de juventude tem larga experiência em fazer isto, de formas diferentes, variando de estado para estado do país.

O que foi feito foi uma primeira construção de um método, que produziu mais resultados do que se estava obtendo pela maneira tradicional de catequese crismal. Este

esquema de retiros foi produzido mediante toda a bibliografia usada para gerar a escrita desta tese, mediante a experiência pastoral do pesquisador e o trabalho de equipe dos catequistas que participou organizando os encontros. É o resultado prático-pastoral da construção de uma proposta nova que atenda expectativas dos adolescentes e que atenda à possibilidade de se engajá-los, que é a expectativa da ICAR.

1º RETIRO DE PREPARAÇÃO PARA A CRISMA
Paróquia Santo Inácio, São Leopoldo - RS (14/09/2003)

8h – Chegada
8h 15 - Oração (Responsável???)
8h45 – A VOCAÇÃO PROFÉTICA - Palestra (Responsável?)
<i>Abordar os temas seguintes:</i>
<i>1. Profeta e poetas: movidos pelo Espírito de Deus.</i>
<i>2. Esquema vocacional nos textos proféticos (chamado, surpresa, recusa, promessa divina, aceitação, envio)</i>
<i>3. A vocação do profeta: anunciar e denunciar</i>
<i>4. Há profetas hoje? Precisamos deles?</i>
<i>5. A unção profética e o crisma</i>
9h30 - Divisão em grupos - (responsável?)
9h50 - Plenário dos grupos: apresentação dos profetas em mímica
10e15 – Café
10h30 - JESUS: O PROFETA DO REINO DE DEUS - Palestra (Pe. Paulo)
<i>Abordar os temas:</i>
<i>1. Jesus, Profeta do Reino: gestos e palavras proféticas de Jesus.</i>
<i>2. Jesus: um carinho doce? ou um homem com proposta de mudança?</i>
<i>3. A quem interessa um Jesus adocicado?</i>
<i>4. A proposta de Jesus: o Reino de Deus</i>

5. <i>A radicalidade do Reino para nós hoje</i>
6. Missa: um aperitivo do que está para chegar?
11h30 – Deserto
Providenciar (moedinhas de 1 centavo para todos) e bíblia (se eles não trouxerem de casa)
Textos bíblicos: Lc 18,18-30 - jovem rico
- Qual seria a tua atitude diante do mesmo pedido de Jesus?
- O que te atrapalha em seguir o Mestre?
- Qual é a tua riqueza? O que fazer com ela?
- Jesus hoje te chama para que?
Outros textos possíveis: Mc 3,13-18; Mc 10,35-45; Mc 6,6b-12; Mt 20, 29-34; Mt 4,18-22; Mt 25,14-30; Mc 13,10-17; Lc 6,12-15; Jo 4,1-42;
12h – Almoço
13h30 - JESUS E O CHAMADO - Palestra (Responsável?)
<i>Abordar os temas:</i>
1. <i>Jesus e as multidões</i>
2. <i>Jesus e a Crise da Galiléia</i>
3. <i>Jesus, os 12 (72), as mulheres e o grupo de apoio</i>
4. <i>Jesus x discípulos: a falta de entendimento da proposta de radicalidade de Jesus</i>
5. <i>A fidelidade ao projeto leva Jesus à Cruz. A ressurreição como resposta do Pai à Cruz de Jesus</i>
6. <i>Jesus nos questiona? Qual nossa resposta ao chamado de Jesus?</i>
14h30 - Textos e questionamentos (para rezar e compartilhar em duplas)
15 h - Divisão em grupos - ESCRITA DA CARTA DE PEDIDO DE CRISMA
<i>Providenciar papel e caneta</i>
16h – Café
16h15 - Leitura das cartas e votação. Proposta de monitoria.
16h45 - Celebração de encerramento
Leituras: Ez 47, 1-2.8.9.12
1Pd 2,4-10
Jo 4,19-24
<i>Material necessário: sala grande, tapete ou toalha no meio, cruz de papel pardo (cruz grega c/ cristo vazado), canetas, bacia com água e círio pascal, bíblia grande. Pão sírio (para a consagração) e vinho (para missa), cálice e patena. Para a bênção final: tinta guache vermelha.</i>

2º RETIRO DE CRISMA

	HORAS	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	OBSERVAÇÃO
6ª Feira	19 – 20	Chegada e divisão de grupos	?	
	20	Ofício das comunidades	Jolimar ?	Preparar livros para todos
	20 e 30	Palestra - Dinâmica de grupo (45 minutos)	?	Ver anexo
	21 e 15	Regras de Trânsito	Pe. Paulo	Discutir com o grupo todo
	21 e 45	Café		
	22	Distribuição das tarefas e escala de serviços	Pe. Paulo	Ver anexo
	22 e 15	1ª Votação do sociograma: Quais são as 2 pessoas que você gostaria de trabalhar?	?	Preparar papelinhos de votação
SÁ BA DO	8	Café	Louça: Sabedoria	
	8 e 30	Preparação das tarefas	Responsáveis	
	9	Ofício das comunidades	Equipe de Liturgia	
	9 e 30	Palestra: Jesus e os 12 apóstolos (30 minutos)	Pe. Paulo	
	10	Dinâmicas e brincadeiras	Equipe de animação	
	10 e 15	Café		
	10 e 30	Palestra: Tipos de Liderança (45 minutos)	?	Ver anexo (Laissez-faire, autoritária e paternalista)
	11 e 15	Grupos : Quais as 5 características de um líder?	Crismandos	Anotar respostas
	11 e 30	Palestra: Liderança democrática	?	Ver anexo (só liderança democrática)
	12	Grupos: Quais as vantagens e os problemas da liderança democrática?	Crismandos	Anotar respostas
	12 e 15	Almoço	Louça: Fortaleza	
	13 e 45	2ª Votação do sociograma: Quem são as 2 pessoas que você gostaria de conhecer melhor?	?	Preparar papelinhos de votação
	14	Grupos: Teatros de liderança	Sabedoria e entendimento: liderança autoritária; conselho e fortaleza: liderança paternalista; ciência e piedade: liderança laissez-faire; temor de Deus: liderança democrática	
	15	Apresentação dos teatrinhos	Crismandos	
	15 e 30	Ensaio de cantos e brincadeiras	Equipe de animação	
	16	Café		
	16 e 15	3ª Votação do sociograma: Quais são as 2 pessoas que podem contribuir com o grupo e mais se omitem?	?	Preparar papelinhos para todos
16 e 30	Palestra: Os jogos da vida – como manipulamos e nos deixamos manipular pelos outros? (45 minutos)	???	Contatar um psicólogo (a) para a palestra	
17 e 15	Intervalo da palestra	Eq. Animação		

	17 e 30	Os jogos da vida (continuação de + 45 minutos)	?	
	18 e 15	Tira-dúvidas	Crismandos	
	18 e 30	Banho		
	19 h	Ofício das comunidades	Equipe de liturgia	
	19 e 30	Jantar	Louça: Entendimento	
	20	Revisão do dia (Plenário dos grupos) + micos e multas	?	
	20 e 30	Vídeo: O TODO PODEROSO	?	Quando terminar o filme, analisar a solução individual e a em grupo
	22	Oração de final de dia	Equipe de liturgia ?	
DO MIN GO	8	Café	Louça: Piedade	
	8 e 30	Elaboração das Tarefas	Crismandos	
	9	Oração	Equipe de liturgia	
	9 e 30	Palestra: Pais e Filhos: uma relação gratificante ou fonte de dependências? (45 minutos)	?	Convidar psicólogo (a) ou gente especializada
	10 e 15	Café		
	10 e 30	Tira-dúvidas	Crismandos	
	11	Parábola do Filho Pródigo ou Pai Misericordioso	Pe. Paulo	Aproveitar a palestra anterior para fazer uma leitura contextualizada do texto bíblico
	11 e 20	Dinâmicas	Eq. Animação	
	11 e 30	Tempo livre		
	12	Almoço com os padrinhos	Louça: Temor de Deus e Ciência	
	13 e 30	Ensaio de cânticos e dinâmicas	Eq. Animação	
	14	Dinâmica: MIOPIA SOCIAL	Jolimar	Providenciar quadro / pintura
		14 – 15	Palestra com os padrinhos: ACOMPANHAMENTO DO CRESCIMENTO NA FÉ E DA VIDA	Pe. Paulo
	14 e 30	Método Ver – Julgar – Agir (45 minutos)	PJ	Ver um resumo em xérox para que eles tenham
	15 e 15	Café		
	15 e 30 – 16 e 15	Celebração de encerramento com crismandos, padrinhos e convidados	Equipe de catequistas	Fazer uma celebração bem criativa, que não seja missa.

3º RETIRO DE CRISMA

	HORAS	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	OBSERVAÇÃO
6ª Feira	19	Chegada (SEM DIVISÃO DE GRUPOS)		
	19 h e 30	Ofício das comunidades	PJ	Preparar livros e cantos para todos
	20	Eleição de um casal coordenador do encontro, Preparação das tarefas.	Grupos por sexo, Equipes de animação (preparar brincadeiras e músicas), Ambientação (limpar a sala de palestra), Jornal Mural (confeção do jornal), Liturgia (preparar orações do dia)	
	20 e 45	Jantar	Louça	Entendimento
	21 e 30	Vídeo: DEUS É BRASILEIRO		
		Discussão em grupos	Casal coordenador	- O que gostou e o que não gostou do filme? - Qual a mensagem que o filme lhe trouxe? - Para que serve um milagre? Dá pra acreditar sem milagres? - É possível que Deus acredite em vc sem que vc acredite em Deus? Como? Pq?
	Sábado	7 h e 30	Oração	PJ e Eq. de Liturgia
	8 h	Café	Louça	Sabedoria

	9	Leitura de Lc 24,13-35 - Os discípulos de Emaús descobrem Jesus na leitura da Bíblia e no partir do pão	Nana	Preparar bibliodrama ou uma leitura popular do texto
	10 e 15	Café		
	10 e 30	Palestra: O Espírito Santo: sua ação na Igreja e no cristão	Ildo Bohn Gass	Cebi
	11 e 30	Regras para a boa convivência nos retiros e penalidades a serem aplicadas	Casal coordenador	
	12 e 15	Almoço	Louça:	Ciência
	13 e 30	Teatrinhos (3 grupos)	Grupos dos crismandos	
	15	Ensaio de cantos e brincadeiras	Equipe de animação	
	15 e 15	Apresentação dos teatrinhos		
	16	Café		
	16 e 30 as 17 e 30 – 17 e 30 as 18 e 30	1) At. 2,37-47 (Mauro) : Ascensão de Jesus como chave para a missão 2) At. 9,1-19 (Nana): A conversão de quem perseguia		PREPARAR 3 SALAS AO MESMO TEMPO Os Bibliodramas serão dados simultaneamente, na troca de horários os grupos irão para o número à sua frente (p.ex.: quem está na sala 1 vai para a 2, quem está na 2, para a 3, quem está na 3 para a 1...) Desta forma, será preciso repetir os mesmo sociodrama 3 vezes.
	18 e 30	Banho		
	19 h	Ofício das comunidades	Equipe de liturgia + PJ	

	19 e 30	Revisão do dia (Plenário dos grupos)		
	20	CEIA PASCAL JUDAICA	Jolimar e Edinho	Preparar jantar com ritual judaico
		Organização do refeitório		Fortaleza
	7 e 30	Oração	PJ e Eq. Liturgia	
	8	Café	Louça:	Temor de Deus
	8 e 30	Elaboração de Tarefas	Crismandos	Pe. Paulo
Domingo	9	Testemunho: O ESPIRITO SANTO NA MINHA VIDA	Ir. Jolimar	
	10 e 15	Café		
	10 e 30	Avaliação	Coordenação	
	11	Celebração Final	PJ e Eq. de Liturgia	
	12	Almoço	Louça: conselho e piedade.	

4º RETIRO DE CRISMA

DIA	HORAS	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	OBSERVAÇÃO
Sábado	9 h	Chegada		
	9 h e 30	Oração	PJ	Tema missionário
	10	Café		
	10 h e 30	Leitura bíblica de Lc 9, 1-6.10-17 – dramatização	Nana?	
		Estudo Bíblico dirigido:		
	11 h	Missão nos Evangelhos e Atos dos Apóstolos	Jolimar	
	12 h	Almoço	A, B e C	
	13 e 30	Preparação para visitação nas casas	Edinho	
	15 h	Visitação nas casas da redondeza		
	17	Retorno e cafezinho	D e F	
	17 h e 15 até 18 h e 30	Banho		
	18 h e 30	Oração da tarde	Lisiane, Nana e Cleci	
	19	Jantar	G, H, I e J	
20 h	Partilha de experiências e tabulação dos questionários	Paulo e Rosângela	Texto de Lc 9, 1-6.10-17 Divisão em 4 grupos; tabulação dos dados Grande grupo – teatro	
21 h e 30	Filme: A corrente do bem Ou A missão	Lisiane e Cleci		
23 h	Oração final	Lisiane, Nana e Cleci	Oração curta para encerramento do dia	
Domingo	7 h e 30	Oração	Lisiane, Nana e Cleci	
	8 h	Café	L, M e N	

8 h e 30	Grupos: Mt 25, 1-13; Mt 25, 13-30; Mt 25,31-46	6 grupos 2 grupos cada texto	- Quais as partes do texto? Como se divide o texto? - Qual o versículo principal do texto? - Por que Jesus conta esta parábola? - Como seria esta história hoje?
9 h e 30	Apresentação dos teatros		
10 h e 15	Café	O, P e Q	
10 h e 30	Estudo dirigido: A missão da Igreja na sociedade	Roque	
11 h e 30	Teatrinhos (3 grupos)	Grupos dos crismandos	- O que a Igreja pode fazer para melhorar a sociedade? - música - O que a Igreja faz para melhorar a sociedade? - jornais - O que a Igreja não deve fazer para melhorar a sociedade? - teatro - O que a Igreja não faz para melhorar a sociedade? - notícias de rádio
12 h e 15	Almoço	R, S, T, U e V	
13 h e 30	APRESENTAÇÃO TEATRAL PARA OS PADRINHOS	CRISMANDOS	
14 h	Conversa com os padrinhos	Paulo	
14 h	História de vida pessoal	Jolimar + Edinho	cobrar confecção pesquisa da história da comunidade eclesial
15 h e 30	Cafezinho	X, Y e Z	
16 h	Oração Final com crismandos e padrinhos	Lisiane, Nana e Cleci	

CONVERSA COM OS PADRINHOS – Roteiro

1. Oração Inicial

2. Perguntar sobre acompanhamento dos crismandos
 - última conversa: os padrinhos assumiram a responsabilidade de ser OUTRO SIGNIFICATIVO para os seus afilhados?;

 - ver dificuldades do acompanhamento;

 - perguntar sobre o engajamento na comunidade (listar possibilidades);

 - ver padrinhos que possam acompanhar um grupo de jovens nas comunidades;

3. Oração final

5º RETIRO DE CRISMA

DIA	HORAS	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	OBSERVAÇÃO	
Sábado	9 h	Chegada	PJ	Tema sobre simbolização	
	9 h e 30	Oração			
	10	Café			
	10 h e 30	Leitura bíblica:			Leitura bíblica em 3 grupos separados. Gestos e sinais proféticos nos profetas
		1. Jeremias 18, 1-6;			
		2. Jer. 13,1-11			
	11 h	3. Jer 24,1-9			Salientar Jesus como SACRAMENTO DE DEUS e a graça que passa através dos sentidos, explicando a noção de sacramento como sinal e canal da graça de Deus
		Estudo Bíblico dirigido: Jesus e os 5 sentidos (gestos e sinais proféticos de Jesus)			
	12 h	Almoço			Teatro bíblico: os 3 grupos devem representar os teatros e fazer uma ligação com a palestra da manhã... (= Teatro em 2 partes: representação e ligação com a palestra)
	13 e 30	Teatro bíblico:			
os 3 grupos devem representar os teatros e fazer uma ligação com a palestra da manhã...					
15 h	(= Teatro em 2 partes: representação e ligação com a palestra)				
17					
17 h e 15 até 18 h e 30	Banho				
18 h e 30	Oração da tarde				
19	Jantar				
20 h					
21 h e 30	Filme: Cidade dos Anjos	Na discussão, explorar a questão da recepção da experiência através dos sentidos e do livre-arbítrio.			
23 h	Oração final	Oração curta para encerramento do dia			
Domingo	7 h e 30	Oração			
	8 h	Café			

8 h e 30	Grupos:	- Quais as partes do texto? Como se divide o texto? - Qual o versículo principal do texto? - Por que Jesus conta esta parábola? - Como seria esta história hoje?
9 h e 30		
10 h e 15	Café	
10 h e 30	Estudo dirigido:	
11 h e 30		
12 h e 15	Almoço	
13 h e 30		
14 h	Conversa com os padrinhos	
14 h		
15 h e 30	Cafezinho	
16 h	Oração Final com crismandos e padrinhos	

CONVERSA COM OS PAIS – Roteiro

4. Oração Inicial
5. Perguntar sobre acompanhamento dos crismandos e ver dificuldades do acompanhamento;
 - Perguntar sobre o engajamento na comunidade (listar possibilidades);
 - Ver padrinhos que possam acompanhar um grupo de jovens nas comunidades;
6. Oração final

5.4. Depoimentos sobre os retiros

O pesquisador recebeu este e-mail de uma catequista que ajudou muito na organização e desenvolvimento dos retiros. Não foi possível encontrar e refazer os contatos perdidos com os crismandos e equipe de catequistas, uma vez que a paróquia Santo Inácio foi dividida e entregue a outro padre, que não quis dar os endereços.

From: *nanagrasel* <*nanagrasel@ig.com.br*>
To: *paulo_fernando@hotmail.com*
Subject: *Re: Retiros de crisma*
Date: *Sun, 9 Oct 2005 23:04:40 -0300*

Oi Paulo, tudo bem? Aqui está o depoimento de um dos meninos:

"Foi um bom retiro de altos e baixos, de nossa área foram apenas 10. Alguns continuaram trabalhando na comunidade. A animação estava boa, só que poucos participaram das palestras e brincadeiras, a comida era boa. E os temas que foram abordados serviram para muitos de nós. Foi muito bom, e eu procurei entender mais a minha vida."

Fernando, 15 anos, da Vila Brás.

Particularmente, gostei do método, entretanto ele precisa de alguns ajustes, porque trabalhar com adolescentes pobres em sua realidade é complexo. Em nossa área (Brás e Santos Dumont) houve um grupo de jovens, que se desfez oito meses após seu início. Um outro grupo se fez na comunidade do Ir. Jolimar, mas não sei como está. Ele pode te informar. Em minha comunidade alguns meninos colaboram até hoje. O Mauricio me ajuda no crisma, toca violão

e diz que gostaria de refazer novamente os retiros de crisma. Os retiros são bem-vindos, os adolescentes amam estar com outros de sua "espécie" e precisam de alguém que os oriente e de horizontes.

Gostei de te conhecer. Paz e bem em sua tese e em tudo mais. Beijos.

Amiga Leroni Grasel (Nana)

Há algumas coisas a se notar, deste e-mail pequeno:

Uma delas é que o adolescente crismado reconhece que esta metodologia serviu muito para ele, em sua vida. Outra, é que se formaram dois grupos de adolescentes, segundo áreas geográficas, já que a Paróquia Santo Inácio é grande (este ano foi até dividida em duas). Uma terceira coisa, é que o adolescente citado, quer voltar a fazer os retiros. O que significa que para adolescentes, este é um método interessante, necessitando de reajustes. Isto mesmo é afirmado no final pela catequista.

O depoimento justifica, de forma bem prática, a teoria e o método usado, segundo a tese deste pesquisador.

De:	cepa-se@ibest.com.br
Para:	dalla-dea@uol.com.br
Data:	17/10/2005 23:24
Assunto:	apreciação dos retiros de crisma

EXCLUSIVO! Publique os e-mails e imagens diretamente no Blog e Fotoblog. [Saiba mais.](#)

Publicar mensagem:

Anexo(s): apreciacao_do_crisma.doc (29628 bytes): [Copie já](#) ou [examine com antivírus](#)

Caro Amigo, Pe. Paulo

Boa sorte e não se esqueça de nos mandar a sua nota.
Farei força de ir até Santa Maria para passar um final de semana contigo.
Abraços,

Ir. Jolimar (CEPA)

São Leopoldo, 14 de Outubro de 2005.

Apreciação sobre o processo de formação para os Crismandos
da Paróquia Santo Inácio no ano de 2004.

De antemão destacamos como sendo um processo vitorioso, por três principais motivos:

O primeiro sobre a relação das seqüências de retiros: neste item tenho plena convicção que até agora tem sido a melhor forma de cativar a juventude, os jovens que trabalhamos, número inicial de 43, todos ficaram satisfeitos com o modelo proposto, algumas dificuldades com os pais, mas não com os jovens. O fato de saírem do espaço doméstico e defrontarem com um espaço que levaram a interagirem com outras mentalidades e convicções mesmo tendo pessoas da mesma faixa etária de idade, percebi que provocava a cada um o desejo de continuar; os retiros continuados fez com que pudessem viver experiências que

marcaram sua caminhada, onde tiveram que tomar decisões sozinhos e também coletivas, tudo que precisavam sentir autonomia dos pais, crescendo com responsabilidade.

O segundo ponto: é que este método não é rígido, mas permite que mudemos e até reformulemos o processo de educação cristã, conforme a necessidade do grupo e as possibilidades de quem está facilitando este processo, neste caso as/os catequistas.

O terceiro ponto se refere aos resultados: neste processo percebi alcançamos um resultado satisfatório, tanto quantitativamente quanto qualitativamente, quantitativamente, dos 43 inscritos seis não terminaram o processo de um ano de formação, dos seis desistentes, um pediu transferência por mudança de domicílio, dois desistiram logo no início, motivo desconhecido, um chegou a conclusão que não estava preparado para receber o sacramento e outro não se adequou ao processo. Esses dados nos mostram que tivemos uma evasão de menos que 14% em todo processo, e destes 86% que permaneceram até o final 50% estão engajados em suas comunidades ou em alguma pastoral ou movimento da igreja, a maioria está na Pastoral da Juventude e um pouco destes estão na catequese tanto de primeira comunhão como na crisma.

Em termos quantitativos e qualitativos estamos felizes com o resultado, o problema está no valor de cada retiro que de certa forma teve um custo elevado para as famílias de nossa realidade. E num aprimoramento dos conteúdos propostos.

Sem mais para o momento subscrevo o presente,

Irmão Jolimar – orientador do Crisma.

Após a leitura do e-mail do Ir. Jolimar é preciso considerar algumas coisas. Uma delas é que ele era o responsável pela catequese de toda a paróquia Santo Inácio e acompanhou o desenvolvimento de todos os encontros, conhecendo os adolescentes antes, durante e depois do processo. Ele era a figura chave que coordenava a casa de retiros (Centro de Evangelização Padre Arturo - CEPA) em que foram feitos todos os encontros.

Também se há de considerar que ele é irmão consagrado e estudante de teologia na Escola Superior de Teologia Franciscana (ESTEF), tendo uma boa base teológica e um olhar mais apurado para perceber as qualidades e os defeitos do processo.

O único defeito que ele aponta no e-mail é o de ter ficado caro para a realidade daqueles adolescentes e suas famílias. O encarecimento do custo se deve ao fato de se ter optado por fazer tudo em uma casa de retiros, mais cômoda, mas também mais cara. Se tivesse usado uma chácara particular ou uma escola emprestada, o custo ficaria menor.

Em todo o caso, o custo pode ser reformulado com pais ajudando mais na confecção dos alimentos, o que não foi o caso para o que foi feito na paróquia Santo Inácio. Com uma reformulação administrativa mais eficiente, os custos poderiam ser cortados, sem invalidar ou dificultar o processo pedagógico em questão.

O Ir. Jolimar observa que é preciso aprimorar os conteúdos propostos. O que é plena verdade. Mas este aprimoramento deve ser feito a partir da realidade dos adolescentes que se vai trabalhar e a partir da equipe de catequistas que se tem, usando os recursos humanos de cada comunidade. Os recursos humanos que se tinha foram usados e se chegou a um resultado bem mais eficiente do que se tivessem sido catequizados pelo método tradicional.

Acabou-se a catequese com 86% de permanência, um índice alto. E obteve-se um índice de 50% de engajamento dos adolescentes nas comunidades. Um índice ainda insuficiente, mas já muito mais alto do que o obtido pela catequese tradicional, visto que é muito baixo. Se a catequese tradicional tende a produzir adolescentes sem muitos problemas, mas com fé frágil e passível de abandono quando chega uma crise; o método usado produziu adolescentes muito mais críticos e com fé mais ética do que estética.

Pelos testemunhos de e-mails que chegaram, embora não sendo muitos em número, pode-se ver que o sucesso do método pode ser comprovado, mesmo estando sujeito a aperfeiçoamento. O e-mail da catequista (NANA), reproduzindo o testemunho do adolescente crismado (Fernando - 15 anos, Vila Brás) e o e-mail do responsável pela catequese (Ir. Jolimar) dão aval prático de que o método precisa para conquistar a sua aprovação científico-teológico-pastoral.

a acaba sendo patamar para outras mais.

CAPÍTULO 6: CONCLUINDO SEM FINALIZAR

No capítulo final da tese, deve-se poder retomar as coisas vistas e refletidas, de forma resumida. O problema principal que move esta monografia é a evasão dos adolescentes das fileiras eclesiais. A atual forma tradicional de catequese de crisma, com catequistas mais velhos e com aulas semanais não está resolvendo o problema principal que é o engajamento deles nas comunidades. E a confirmação tem se tornado o sacramento de despedida da Igreja para a maioria dos adolescentes.

Pelas pesquisas bibliográficas feitas, pelas pesquisas empíricas e pela experiência pastoral do pesquisador, viu-se que para trabalhar com adolescentes, resolvendo este problema da catequese é preciso usar um instrumental teórico preciso, sem deixar de refletir sobre a teoria na prática.

Foi usado o instrumental teórico de J. FOWLER⁹⁴, auxiliado por outros autores, já que uma teoria só não cobre os problemas apresentados pela complexidade da prática pastoral. Assim, trabalhou-se também com P. SUESS, P. FREIRE, J. BORÁN, H. DICK, D. BONHOEFFER, J. COMBLIN, A. TORRES-QUEIRUGA e R. ALVES. Isto sem esquecer os problemas básicos da relação Igreja - adolescentes, refletidos pela experiência do pesquisador.

Baseados em aportes teóricos e reflexões prático-pastorais, foi-se chegando a algumas indicações de ação, que deveriam ser comprovadas e testadas. A partir daí procurou-se ouvir os adolescentes fora das fileiras eclesiais e dentro delas. O fato gerou duas pesquisas em tempos e lugares diferentes, onde se pôde comparar as posições de uns e outros. O grupo fora das fileiras eclesiais (chamado de Grupo de Controle - GC) foi o mais crítico e o que deu mais sugestões de mudanças. O grupo de adolescentes crismandos (chamado de Grupo de Estudo - GE) mostrou-se menos crítico e com poucas contribuições.

A idade dos dois grupos era diferente e isto possibilitou que o GC fosse mais crítico, assumindo uma

⁹⁴ No seu parecer da banca de doutorado (03/03/2006), o Dr. Evaldo E. Pauly questionou as bases teóricas de Fowler. A opção de Fowler é consciente por parte deste pesquisador, mas este mesmo pesquisador sabe das carências da teoria de James W. Fowler para esta tese. Os outros teóricos apontados e citados aqui dão a possibilidade de preenchimento teórico das lacunas apresentadas. Não será aqui o espaço de fazer esta discussão, mas isto seria já uma outra tese de doutoramento.

postura diferente. Também o GE se ajudou pouco a pensar as coisas de forma diferente, mostrando que a ICAR acaba mesmo apostando em adolescentes mais novos, mais calmos e menos questionadores. Isto serviu para reforçar as certezas de que de uma catequese de modelo tradicional não se poderá esperar muita coisa de novo.

Como os aportes teóricos e as reflexões do pesquisador já apontavam, a maneira de se trabalhar com adolescentes deve ser outra. Tudo apontava para a possibilidade de uma construção catequética nova, baseada em retiros bimestrais de imersão total. Então se conseguiu a possibilidade concreta de testar a teoria na prática, através da Paróquia S. Inácio de Loyola, na periferia de São Leopoldo. Comunidade que já pertenceu ao Pe. Orestes Stragliotto e que recentemente foi dividida.

Com um grupo de catequistas e com a assessoria teórica e teológica do pesquisador, montaram-se cinco retiros que foram usados como catequese de crisma para todos os adolescentes da paróquia. Os retiros tiveram alguns reajustes na caminhada e - infelizmente - nem tudo se pode documentar, pois não se esperava ainda que fizesse parte integrante da tese de doutorado. Apenas se queria testar a teoria na prática, sem tanta pretensão. No máximo, esperava-se que fosse parte de anexos da tese.

Os retiros foram tão bons que mereceram fazer parte do conteúdo da tese, já que era isto que se necessitava: um método novo e mais circular de participação de adolescentes, pais, padrinhos e catequistas. A teoria

estava testada na prática, contrariando o dito popular (senso comum) na prática a teoria foi a mesma coisa. Como a paróquia foi dividida e se encontra aos cuidados de outro padre, ficou difícil reunir as pessoas. Então, e-mails compensaram a parte faltante.

No final da escrita desta tese, precisa-se apontar que ela queria apenas iniciar a construção de um método de catequese novo. Mas não quer dar uma receita de bolo, pronta e válida para tempos e lugares diferentes. Outras iniciativas, existem no Brasil. Algumas muito boas, que valeram ser mencionadas neste texto. Outras nem tanto. Contudo, todas apontam para a necessidade de se refletir de forma pertinente com o problema apontado.

Retomar-se-á, no final desta tese alguns pontos que devem ficar claros o bastante para todos.

1. Os adolescentes da crisma das paróquias de Porto Alegre não se mostraram necessitados de uma mudança tão grande no método e nos conteúdos, mas muitas das respostas na pesquisa apontam para a possibilidade de um novo método mais participativo, que gere mais atividades e mais passeios em grupos. É isto que eles estão esperando para depois da crisma, mas que se pode começar já antes dela.

2. O que fica é que o adolescente está esperando uma oportunidade de ser levado a sério, tendo um espaço e um método de trabalho com proposta séria para levá-los a um engajamento que os façam permanecer na Igreja. Eles querem

pessoas que pensem e ajam a sério para resolver o problema dos "morceguinhos na Igreja". Para tal, a catequese mais tradicional com encontros semanais e educação bancária não tem dado as respostas que se precisa para superar o problema do engajamento dos adolescentes nas fileiras da Igreja. Quase se pode desconfiar se não foi esta mesma catequese que provocou a situação. Mas esta é uma afirmação e uma pesquisa que daria outra tese.

3. A catequese crismal não pode ser o sacramento da despedida da Igreja, mas tem que ser o que pretende: um trabalho que atinja os adolescentes de forma que eles possam amadurecer e crescer na fé, tornando-se adultos na fé, comprometidos com Jesus, o Cristo. Sendo apóstolos dele numa sociedade secularizada e com propostas de vivência bem diferentes do Evangelho.

4. Este é um método possível, que leva em conta a dificuldade e as expectativas por uma catequese mais dinâmica, menos autoritária e bancária. Não é o único método possível, mas foi através da pesquisa teórica e da pesquisa direta com os adolescentes (fora e dentro da igreja) que se pôde construir um método assim.

5. A catequese tradicional está esgotada e cada vez mais vai produzindo um trabalho equivocado ao focalizar crianças e gastar forças e pessoas com elas. Hoje a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) reconhece em parte o erro de foco, incentivando as comunidades a trabalhar melhor uma catequese de adultos (Documento 80 da

CNBB: Com adultos, catequese adulta). O próprio DIRETÓRIO GERAL DA CATEQUESE (1998) diz assim:

nas situações dos países de tradição cristã que requerem uma 'nova evangelização', a figura do catequista dos jovens e a do catequista dos adultos, tornam-se imprescindíveis para animar a catequese de iniciação. Esses catequistas devem fornecer também a catequese permanente. (nº. 232)

6. Um novo método de catequese de crisma é requerido e ele precisa ser construído a partir de uma escuta séria e sincera das expectativas dos adolescentes. É isto que se fez nesta pesquisa: trabalhou-se a partir da realidade pastoral que se tinha a pesquisar, relacionando-se teoria e prática, desembocando numa proposta concreta possível de um novo método de trabalho.

7. O novo método trabalha os adolescentes em retiros periódicos de final de semana, possibilitando entrosamento entre adolescentes, formando um time e fazendo que os catequistas também trabalhem em time. É uma nova forma de trabalhar com os jovens e com os catequistas. Uma forma menos individualista e mais criadora de comunidade. O método de retiros é antigo na Igreja e se tornou popular após os movimentos de espiritualidade. Especialmente com os Cursilhos de Cristandade. Mas também a RCC e outros movimentos usam o método com sucesso. A novidade está em usá-lo como forma normal de dar catequese, adicionando lazer e aquisição de autonomia a eles. Está também em permitir uma catequese que possibilite ajudar o adolescente a crescer e a ter uma fé mais forte e mais crítica, sem repetir o conteúdo e a forma da Primeira Eucaristia.

8. O método foi testado na prática pastoral de uma periferia e mostrou-se eficaz para o que se pretendia: o engajamento dos adolescentes da catequese crismal. O e-mail de testemunho do responsável pela catequese da paróquia comprova isto. Usado pelas comunidades, este método pode ajudar a resolver o problema da falta de renovação eclesial de muitas comunidades.

9. A ação de engajar adolescentes como novos membros acaba nucleando novos grupos de jovens, auxiliando a Pastoral de Juventude, como resultado secundário. E possibilitando um maior espaço de atuação da juventude na Igreja. Em médio prazo (2 a 5 anos) deve ajudar a renovação da equipe de catequese da comunidade, gerando um círculo virtuoso.

10. Por último, mas não menos importante, se deve dizer que as iniciativas esparsas e individuais das igrejas e das comunidades eclesiais espalhadas pelo Brasil, devem ser recolhidas por uma equipe de pesquisa especializada. Ou pela CNBB, que tem especialistas para trabalhar a pastoral catequética nacional. Ou por uma linha de pesquisa de teologia prático-pastoral que pudesse ser ecumênica e teologicamente competente, focalizando o adolescente não como objeto de evangelização, mas como sujeito e protagonista dela. Uma linha de pesquisa teológica que possa se abrir para pensar também sistemática e epistemologicamente uma teologia etária. Isto seria, não só uma grande contribuição prático-pastoral, mas também um avanço teológico-científico em uma área ainda virgem. Uma nova teologia contextual poderá surgir daí, a partir da

base, como toda boa teologia prático-pastoral. Com ramificações e implicações exegético-bíblico, antropológico-sistemáticas e com reflexos na espiritualidade.

APÊNDICE 1: TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS QUALITATIVAS DA PESQUISA COM ADOLESCENTES DA CATEQUESE DE CRISMA

1. Paroq. Santa Luzia, mulher, 17 anos, 2 a 3 sal ári os.

"A igreja Católica, para mim, do jeito que está, está bom. Só na parte em que o padre fala às vezes demais do que deveria. Para a posição do padre - que ele ocupa - meio que pega no pé das pessoas."

2. PSL, mulher, 17 anos, 1 a 2 sal ári os.

"A Igreja Católica é uma bênção para mim, porque me sinto com gosto de ir à missa".

3. PSL, homem, 17 anos, 10 a 15 salários.

"A Igreja eu acho que é importante para quem gosta de ir e quem não gosta não sei o que vai ser aqui mais tarde, se não tiver alguma coisa na sua própria vida. Tem que ter alguma coisa que complementa a Igreja Católica."

4. PSL, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"A Igreja Católica está muito boa assim e eu adoro ir nas missas."

5. PSL, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"A Igreja em si está boa assim, mas poderia ter horários para jovens."

6. PSL, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"Eu frequento a igreja desde que nasci. Sempre venho com a minha família e acho que a igreja católica é a melhor igreja porque foi criada por Deus."

7. PSL, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"Com o novo ou o velho Papa, a igreja melhorou no aspecto da conversa com os jovens e em seus conceitos sobre a vida atual, não a do tempo da Bíblia."

8. PSL. Mulher, 13 anos, 10 a 15 salários.

"Acho que a igreja católica é um refúgio, pois não pensamos nos problemas diários. Só em Deus."

9. PSL, mulher, 14 anos, 5 a 10 salários.

"A igreja católica nos permite escolher, não nos ordena nem manda, dá o livre-arbítrio. Pretendo sempre seguir esta religião, pois me sinto bem participando das missas."

10. PSL, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"Adoro tudo isto! Desde quando comecei a entender o que é a igreja e o que ela faz, quero vir sempre que eu puder, quero ajudar a fazer o bem."

11. PSL, mulher, 14 anos, 5 a 10 salários.

"A Igreja Católica é a casa de Deus, onde todo mundo pode vir para rir, chorar ou mesmo se confessar. Neste lugar as pessoas precisam ter respeito, mas também conforto, pois é a casa de Deus."

12. PSL, homem, 15 anos, não sabe a renda familiar.

"A igreja católica é importante, pois é uma das várias maneiras que a pessoa tem como botar a sua fé em dia; é um jeito para poder se salvar também a ele (próprio)."

13. Santuário Santa Rita, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"Bem, como eu sou umbanda, eu adoro a igreja. Me sinto bem vindo na catequese (e) conversando sobre Deus."

14. SSR, mulher, 11 anos, 3 a 5 salários.

"O que eu mais gosto na igreja católica é as músicas cristã e os retiros."

15. SSR, mulher, 11 anos, não sabe a renda familiar.

"Está bom."

16. SSR, mulher, 11 anos, 2 a 3 salários.

"Eu queria que tivesse mais ânimo nos grupos de jovens."

17. SSR, mulher, 10 anos, não sabe a renda familiar.

"Legal."

18. SSR, homem, 13 anos, 3 a 5 salários.

"Eu acho que é a melhor e a única igreja porque só nela acontecem milagres para nós acreditarmos nela."

19. SSR, mulher, 18 anos, sem renda familiar.

"Tem que ter grupos formados por jovens."

20. SSR, homem, 14 anos, 1 a 2 salários.

"A igreja católica é uma das melhores religiões."

21. SSR, mulher, 19 anos, 1 a 2 salários.

"A igreja católica é uma casa que leva as pessoas ao nosso pai, para sermos felizes a ele e termos um coração nobre e fiel."

22. SSR, mulher, 15 anos, não sabe a renda familiar.

"A igreja está muito boa, os jovens estão participando. Essa é a igreja que eu sempre desejei participar."

23. SSR, mulher, 14 anos, 3 a 5 salários.

"O padre é ótimo, ele tem uma maneira ótima de falar com o povo. Eu gosto muito dele."

24. SSR, homem, 16 anos, 1 a 2 salários.

"A igreja para mim é um lugar para minha meditação. Tranqüilidade para que eu posso fazer meus pedidos e orações, pedir perdão dos meus pecados, pedir ajuda para mim, meus familiares e amigos e ficar olhando para minha santa de devoção."

25. SSR, homem, 13 anos, 2 a 3 salários.

"A Igreja deveria voltar-se mais para os jovens. Pois seremos o futuro."

26. SSR, mulher, 14 anos, 1 a 2 salários.

"Que a igreja tem que ter mais jovens."

27. Nossa Senhora da Misericórdia (NSM), homem, 14 anos, 5 a 10 salários.

"Ela é ótima."

28. NSM, mulher, 15 anos, não sabe a renda familiar.

"Tem que ter madre para celebrar a missa."

29. NSM, mulher, 15 anos, não sabe a renda familiar.

"Gostaria que continuasse assim como está."

30. NSM, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"Que ela continuasse assim como está e que melhorasse os assuntos da Igreja. E que os padres seguissem o folheto da missa."

31. NSM, mulher, 15 anos, 1 a 2 salários.

"Eu acho que a Igreja católica mostra muitas coisas sobre a palavra de Jesus Cristo. Eu aprendi muito sobre a palavra dele e cada vez mais estou aprendendo mais. É muito bom poder rezar e orar para Jesus Cristo."

32. NSM, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"Eu gosto de vir. Se as pessoas têm dúvida sobre algo é só perguntar para o padre. É isso que eu penso sobre a igreja católica. Bom, apesar de nunca ter freqüentado outra igreja."

33. NSM, homem, 15 anos, 2 a 3 salários.

"Quero que continue tudo assim."

34. NSM, sem definição de sexo, 14 anos, 1 salário.

"Eu gosto da igreja, mas não gostei da história de transformar o ex-papa virar santo."

35. NSM, mulher, 15 anos, 2 a 3 salários.

"A igreja católica está muito boa como está, pois os jovens entendem tudo."

36. NSM, mulher, sem idade, 1 a 2 salários.

"Eu acho a igreja católica a melhor religião, por isso escolhi essa religião. É muito boa."

37. NSM, mulher, 14 anos, não sabe a renda familiar.

"Eu acho que a igreja católica é melhor que as outras."

38. NSM, mulher, 14 anos, 1 a 2 salários.

"É muito bonita, espero que continue assim."

39. NSM, mulher, 13 anos, 2 a 3 salários.

"A igreja católica é muito boa e também bonita e preconceituosa com as outras religiões."

40. NSM, mulher, 15 anos, 2 a 3 salários.

"Preconceituosa diante das outras religiões."

41. NSM, homem, 13 anos, 1 a 2 salários.

"Eu adoro vir à missa."

42. NSM, mulher, 14 anos, 2 a 3 salários.

"Eu gosto da Igreja Católica, mas tem vezes que me perguntam se eu sou católica e respondo sim e me fazem várias perguntas sobre a igreja e tem coisas que não sei e falam então você não é católica".

43. NSM, mulher, 13 anos, 5 a 10 salários.

"Que tenha mais participação, que haja mais atividades envolvendo os jovens".

44. NSM, mulher, 13 anos, 3 a 5 salários.

"Eu acho a igreja é muito legal e boa para nós e para as pessoas em volta".

45. NSM, mulher, 13 anos, 1 a 2 salários

"Essa igreja é a melhor de todas".

46. NSM, homem, 13 anos, 1 a 2 salários

"Essa igreja é muito boa".

47. NSM, homem, 12 anos, 3 a 5 salários.

"Para mim a igreja é boa como está; só precisa melhorar em algumas coisas e eu vou ajudar em algumas delas".

48. NSM, mulher, 17 anos, 3 a 5 salários.

"A Igreja Católica está aqui para levar nós até Jesus. Ela me faz bem vir a missa e os encontros".

49. NSM, mulher, 11 anos, 2 a 3 salários.

"Eu gostaria que todos fossem mais amigos".

50. NSM, mulher, 13 anos, 1 a 2 salários.

"A igreja Católica é uma das melhores daqui da sociedade, o ambiente é um pouco bom e um pouco desagradável".

51. NSM, mulher, 13 anos, 0 salários

"A igreja é muito legal eu adoro os Padres"

52. NSM, mulher, 13 anos, 5 a 10 salários.

"Eu acho a igreja católica muito legal assim como ela é não precisa mudá-la".

53. NSM, homem, 12 anos, não sabe a renda familiar.

"Eu acho que a igreja fica ainda melhor na comunidade".

54. NSM, mulher, 13 anos, 0 salários.

"Eu queria que tivesse muitos grupos de jovens para nós podermos saber mais o que queremos e que não houvesse brigas".

55. NSM, mulher, 11 anos, 1 a 2 salários.

"Mais atividades com os grupos de jovens"

56. NSM, mulher, 13 anos, 1 a 2 salários.

"Eu acho que a missa está boa assim tinha que ter mais a Bíblia nem que demorasse um pouco mais".

57. NSM, mulher, 13 anos, 1 a 2 salários.

"Eu acho que a igreja está boa assim só que tinha que ter 2 ou 3 missas por semana".

58. NSM, mulher, 12 anos, 1 a 2 salários.

"A igreja está muito boa, muito legal. Eu gosto de tudo na igreja".

59. NSM, mulher, 12 anos, não sabe a renda familiar.

"Assim está bom"

60. NSM, homem, 15 anos, 2 a 3 salários.

"Gosto da Igreja Católica porque é liberativa as nossas escolhas e tem muitas coisas legais que a gente pode fazer como frequentar o grupo de jovens".

61. NSM, mulher, 13 anos, 3 a 5 salários.

"Que está muito boa."

62. NSM, mulher, 13 anos 1 a 2 salários.

"Eu vou continuar na igreja, pois eu acho muito bom".

63. NSM, mulher, 14 anos, não sabe a renda familiar.

"A Igreja Católica é uma boa influência para os jovens de hoje."

64. NSM, mulher, 13 anos 1 a 2 salários.

"A igreja católica é muito legal."

65. NSM, homem, 13 anos, 3 a 5 salários.

"Está ótima porque todo mundo está participando".

66. NSM, mulher, 13 anos, 5 a 10 salários.

"Eu acho legal e interessante".

67. NSM, homem, 15 anos, 1 a 2 salários.

"Eu acho a igreja legal como é."

68. NSM, mulher, 17 anos, 3 a 5 salários.

"Está bom assim."

69. NSM, mulher, 12 anos, não sabe a renda familiar.

"A igreja tem algumas dificuldades, mas assim está bom."

70. NSM, homem, 13 anos, 5 a 10 salários.

"Eu gostaria de que tenha dois padres."

71. NSM, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"É bom ter grupos de jovens."

72. NSM, homem, 13 anos, 1 a 2 salários.

"Eu queria que a igreja seja mais boa."

73. NSM, homem, 13 anos, 3 a 5 salários.

"Eu quero me casar aqui, já que eu acho que eu não sou crente. Eu sou católico."

74. NSM, mulher, 14 anos, não sabe a renda familiar.

"A igreja é ótima com o que estão fazendo: como brincadeiras, gincanas, ajudando as pessoas necessitadas. Isso é muito bom. As missas são bem legais, os padres, os (as) catequistas são bem legais. E se puder continuar assim como está será ótimo."

75. NSM, mulher, 14 anos, 1 a 2 salários.

"A igreja católica é uma das religiões que acolhe e ajuda a todos. Eu adoro a minha igreja."

76. NSM, mulher, 15 anos, não sabe a renda familiar.

"A igreja está boa."

77. Paróquia Nossa Senhora das Graças (NSG), homem, 14 anos, mais de 15 salários.

"Gosto dela, gosto do jeito que acolhe as pessoas."

78. NSG, homem, 15 anos, 3 a 5 salários.

"A Igreja é aonde as pessoas vão para receber os ensinamentos de Jesus."

79. NSG, mulher, 17 anos, 10 a 15 salários.

"É uma organização que auxilia espiritualmente as pessoas que a procuram, além de prestar serviços à comunidade."

80. NSG, mulher, 17 anos, 3 a 5 salários.

"Eu gosto da igreja católica e me sinto bem aqui."

81. NSG, homem, 14 anos, mais de 15 salários.

"Ela é legal, pois ajuda os pobres."

82. NSG, mulher, 13 anos, mais de 15 salários.

"Eu gosto dela, pois é um momento muito sagrado."

83. NSG, homem, 13 anos, 10 a 15 salários.

"Eu acho que a igreja precisa de renovação."

84. NSG, mulher, 15 anos, não sabe a renda familiar.

"Está muito boa. Está sabendo passar os ensinamentos de Deus."

85. NSG, mulher, 15 anos, 2 a 3 salários.

"A igreja católica é muito boa e tem muitas coisas boas."

86. NSG, mulher, 16 anos, 3 a 5 salários.

"É um lugar onde você pode se ouvir e ouvir Cristo. E pode aprender mais."

87. Paróquia Santa Teresa de Jesus (STJ), homem, 14 anos, 2 a 3 salários.

"É muito boa."

88. STJ, homem, 13 anos, 3 a 5 salários.

"Não quero mais nada. Está boa assim."

89. STJ, mulher, 15 anos, 1 a 2 salários.

"A igreja católica é uma igreja muito boa, porém é pouco que eu preciso de seu apoio. Está muito bom."

90. STJ, mulher, 17 anos, 1 a 2 salários.

"Faz parte de mim."

91. Paróquia Santo Antonio do Partenon (SAP), homem, 15 anos, mais de 15 salários.

"A igreja católica é muito bem organizada, com papa, cardeais, bispos, padres e freiras, etc. Na minha opinião, ela deveria ser mais liberal. Afinal quem não comete pecados?"

92. SAP, homem, 16 anos, 10 a 15 salários.

"A igreja católica, como muitas outras igrejas, quer ensinar os ensinamentos de Cristo e ajudar todos em busca da paz interior. Na minha opinião, a igreja católica busca reconhecimento (para) que as outras pessoas consigam seguir a sua religião e não outra."

93. SAP, homem, 15 anos, 10 a 15 salários.

"Eu queria que a igreja católica tivesse mais horas vagas para as pessoas poder ir nas igrejas e se confessar. Meu pai saiu do seu serviço e gosta de ir na igreja para agradecer o dia dele e para agradecer as cirurgias que ele faz todos os dias."

94. SAP, mulher, 17 anos, não sabe a renda familiar.

"Ter um tempo de missa mais reduzido, para que assim não fique tão cansativo."

95. SAP, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"Apesar de muitas injustiças que a igreja católica tenha cometido em séculos passados, hoje ela se torna importante na vida de muitas pessoas. Alguns jovens encontram nos grupos de jovens da igreja o seu entretenimento, onde fazem amigos, se divertem mas também levam a fé muito a sério."

96. SAP, mulher, 14 anos, 1 a 2 salários.

"A igreja católica é uma boa igreja. Eu acho que todos os católicos deveriam ir sempre à missa para encontrar a paz."

97. SAP, mulher, 14 anos, 2 a 3 salários.

"A igreja católica é uma das melhores, gosto muito do jeito e das pessoas que trabalham nela. Gosto de vir às missas. Só que as vezes enjoa. Não que seja ruim, só não é ótimo."

98. SAP, mulher, 14 anos, 3 a 5 salários.

"Sobre a igreja católica eu acho uma boa: 1º para as pessoas se dedicarem a Deus, 2º no futuro se quiser se casar da igreja, etc."

99. SAP, mulher, 14 anos, não sabe a renda familiar.

"A igreja procura o diálogo com as pessoas que a freqüentam, mas existem muitas coisas que não agradam aos fiéis, como normas e etc."

100. SAP, mulher, 14 anos, 3 a 5 salários.

"A igreja católica precisa ser mais flexível, menos radical, menos machista. As missas devem ser mais envolventes e participativas com os fiéis."

101. SAP, mulher, 13 anos, não sabe a renda familiar.

"Eu acho que a igreja católica é bem legal, pois adoro fazer parte dela."

102. SAP, mulher, 14 anos, não sabe a renda familiar.

"Eu acho que a igreja é legal, mas eu acho que deveriam fazer missas só para jovens, para os jovens prestarem mais atenção nas missas. Eu acho que tem que ter coisas que nos atraiam como mais conversa, etc."

BIBLIOGRAFIA FINAL:

SAS. Statistical Analysis System: Programa de Computador, Ambiente VM. Cary, 1993. Versão 6.08.

A. CD-ROM

ALMANAQUE ABRIL: a enciclopédia da atualidade: 2003: cd-rom 10 anos – 10ª edição São Paulo: Abril, 2003. <http://www.uol.com.br/almanaque>

BÍBLIA SAGRADA – trad. feita a partir dos textos originais. Petrópolis: Vozes & Seafox engenharia de software, 1996.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, São Paulo: Paulinas Multimídia, 2003 (Série Documentos da Igreja: 12414-1).

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, versão 1.0, Instituto Antonio Houaiss/Editora Objetiva, dezembro de 2001.

ENCICLOPEDIA MICROSOFT ENCARTA 2000. © 1993-1999 Microsoft Corporation, 1099. Peça nº. X04-81309 XC. <http://microsoft.com/encarta/br>

FOLHA 98 - São Paulo: Publifolha Multimídia, 1998. <http://www.uol.com.br/fsp>

SUPERINTERESSANTE CD-15 ANOS (06 discos) – 14669/1 ed. 001. São Paulo: Abril. Peça 7893614012384 <http://www.uol.com.br/super>

B. LIVROS

AGOSTINHO – *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*, trad. do original latino e notas por Maria da Glória Novak, introd. Hugo de V. Paiva, prefácio de Frei Almir R. Guimarães, OFM. Petrópolis: Vozes, 1973. 126 p. (Coleção Fontes da Catequese)

ALVES, R. - *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação* – 5ª edição, Loyola: São Paulo, 2001.

_____ – *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos)

ANSELMO DE CANTUÁRIA - *Cur Deus Homo? Por que deus se fez homem?* – trad. Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2003.

BECKER, D. - *O que é adolescência* - 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 102 p. (Primeiros Passos, 159).

BOBSIN, O. – *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: Pastoral Popular Luterana/CEBI/IEPG, 2002.

BOFF, C. – *Pode o povo fazer teologia?* In: ITER – *Pode o povo fazer teologia?* Recife/São Paulo: ITER/Paulinas, 1984. (Coleção Perspectivas teológico-pastorais – 5).

BOFF, C. – *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____ - *Como trabalhar com o povo: metodologia do trabalho popular* - 11ª ed. Petrópolis: Vozes. 1994.

_____ - *Teoria do método teológico* – 2ª ed. revista. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, L. - *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* – 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____ – *Igreja: carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante* – 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

- BOFF, _____ - *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BONHOEFFER, D. – *Discipulado* – 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- _____ – *Ética* – ed. Eberhard Bethge e trad. Herberto Michel, 5ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- _____ – *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão* – ed. Christian Gremmels, Eberhard Bethge, Renate Bethge e Ilse Töth, tradução de Nélio Schneider e revisão de Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- BORÁN, J. – *O futuro tem nome: juventude – sugestões práticas para trabalhar com jovens*. São Paulo: Paulinas, 1994 (Coleção Igreja Dinâmica).
- BRANDÃO, C. R. (Org.) – *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- CASTELLS, M. - *A era da informação: economia, sociedade e cultura, volume I: A sociedade em rede* – trad. Klaus B. Gerhardt e Roneide V. Majer – 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (trad. da edição típica vaticana). Vozes, 1992.
- CENTRO CATEQUÉTICO DIOCESANO DA DIOCESE DE OSASCO – *Livro da crisma: confirmados e comprometidos* – 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. – *Metodologia científica* – 4ª edição, São Paulo: Makron Books, 1996.
- COMBLIN, J. - *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*. São Paulo: Paulus, 1998.
- _____ - *Vocação para a liberdade* – 3ª edição. São Paulo: Paulus, 1998.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II - constituições, decretos, declarações - 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983. 744 p.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO - *Conclusões de Medellín* - 8ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987. 170 p. (Coleção Sal da Terra, 7).
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – *Catequese Renovada: orientações e conteúdo* – 20ª ed. São Paulo: Paulinas, 2001 (Coleção Documentos da CNBB – 26)
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – *Diretório geral para a catequese*, Loyola/Paulinas: São Paulo, 1998.

- COX, H. – *A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica* – trad. Jovelino P. Ramos e Myra Ramos. São Paulo: Paz e Terra, 1968 (Série Encontro e diálogo – vol. 7). 304 p.
- DA SILVA, W. R. A. – *Tribos urbanas, você e eu: conversas com a juventude*. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Espaço Jovem - Série Formação)
- DALLA-DÉA, P. F. – *Tornar-se adulto na fé: As diferentes propostas de continuidade e engajamento dos adolescentes urbanos nos manuais de catequese de crisma mais vendidos na Igreja do Brasil, iluminados por literatura a respeito e por documentos eclesiais*. São Paulo: UNIFAI, 1999, mimeo.
- DAUNIS, R. – *Jovens – desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- DE SOUZA, L. A. G. & FERNANDES, S. R. F. (Orgs.) – *Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: CERIS/PAULUS, 2002.
- DENCKER, A. F. M. & DA VIÁ, S. C. – *Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)* – 2ªed. São Paulo: Futura, 2002.
- DERRIDA, J. & VATTIMO, G. (Orgs.) – *A religião: o seminário de capri* – trad. Tadeu Mazzola Verza. São Paulo: Liberdade, 2000.
- DICK, H. – *O divino no jovem: reflexões sobre uma teologia do jovem*. Porto Alegre: IPJ, 1997.
- DUSKA, R. e WHELAN, M. – *O desenvolvimento moral na idade evolutiva: um guia a Piaget e Kohlberg*. São Paulo: Loyola, 1994.
- DREHER, M. – *Para entender o fundamentalismo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. (Coleção Aldus n.º 1)
- FEIRE, P. - *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* - 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____ – *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* – 9ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 1998.
- _____ - *A importância do ato de ler em três artigos que se completa* - 23ª ed. São Paulo, Cortez, 1989.
- _____ – *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* – 21ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002 (Coleção Leitura).

- FOWLER, J. W. – *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. 280 p.
- FRAAS, H.-J. – *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião* – trad. Ilson Kaiser e Werner Fuchs. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1997. 132 p.
- GEERTZ, C. – *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____ – *Nova luz sobre a antropologia* – trad. Vera Ribeiro e revisão téc. Maria C. P. Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GEERTZ, C. – *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa* – 6ª ed., trad. Vera M. Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOMES, R. – *Crítica da razão tupiniquim* – 12ª ed. Curitiba: Criar, 2001.
- III CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO - *Puebla - A evangelização no presente e no futuro da América Latina* - texto oficial da CNBB. Petrópolis: Vozes, 1979.
- INHELDER, B. e PIAGET, J. - *Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais* (trad. Dante Moreira Leite). São Paulo: Pioneira, 1976.
- IV CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO - *Santo Domingo - texto oficial*, - 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 1992. 264 p.
- JOÃO PAULO II – *Exortação Apostólica CHRISTIFIDELIS LAICI*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- KALIL, G. – *Chic homem: manual de moda e estilo* – 7ª ed. [fotos Thales Trigo; ilustrações Fernando Lion] São Paulo: SENAC, 1998.
- KLEIN, O. J. (Org.) – *Adolescentes e a evangelização: reflexões a partir de uma pesquisa na diocese de passo fundo* – 2ª ed. Passo Fundo: Diocese de Passo Fundo – RS, 2003. (Coleção Cadernos de Formação nº 9)
- KÜNG, H. – *Por que ainda ser cristão hoje?* trad. Carlos Almeida Ferreira. Campinas: Verus Editora, 2004.
- LEVIN, J. & FOX, J. A. – *Estatística para ciências humanas* – 9ª ed., trad. Alfredo A. Farias e ver. téc. Ana Maria L. de Farias. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- LIBÂNIO, J. B. - *A igreja na cidade* – Revista Perspectiva Teológica, Belo Horizonte: Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, ano XXVIII, n.º 74, jan./abril de 1996. p. 11- 43.

- MAFFESOLI, M. - *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* – 3ª ed., trad. Maria de L. Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. de L. (orgs.) – *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.
- MESTERS, C. – *Deus, onde estás? curso de bíblia*, 5ª ed. Belo Horizonte: Veja, 1976.
- MORIN, E. - *A religião dos saberes: o desafio do século XXI* – 2ª ed., trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- OLIVEIRA, L. S. – *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, tgi, tcc, monografias, dissertações e teses*. São Paulo: Pioneira, 1997.
- PAULO VI – *Exortação Apostólica EVANGELII NUNTIANDI*. São Paulo: Paulinas, 1995 120 p. (A Voz do Papa, 85).
- PIERRARD, P. – *História da igreja* – 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- PIAGET, J. – *Seis estudos de psicologia* - trad. Nina Constante Ferreira – 7ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.
- QUAPPER, K. D. & SOLANO, B. T. – *Rotundos invisibles: ser jóvenes en sociedades adultocéntricas*. La Habana: Editorial Caminos, 2003 (Cuadernos Teológicos. Pastoral; 4)
- RAHNER, K. – *O desafio de ser cristão: textos espirituais* – trad. Frei Álvaro M. da Silva. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SIEPIERSKI, P. & GIL, B. M. - *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Estudos da ABHR)
- STRAGLIOTTO, O. J. – *Memorandum! "A minha caminhada às vezes atrapalha a dos outros. Eu quero atrapalhar menos..."* – São Leopoldo: mimeo, 08/04/2002.
- SUESS, P. – *Inculturación*. In: ELLACURRIA, I. & SOBRINO, J. – *Mysterium liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Trotta: Madrid, 1990. Vol. I, p. 377 - 422.
- TILLICH, P. – *A coragem de ser* – trad. Eglê Malheiros, 6ª ed. – Paz e Terra: São Paulo, 2001.
- _____ – *Dinâmica da fé* - 6ª ed. – trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- _____ – *Teologia sistemática* - 2ª ed. – trad. Getúlio Bertelli - São Leopoldo: Sinodal, 1987.

TORRES-QUEIRUGA, A. – *Fim do cristianismo pré-moderno – desafios para um novo horizonte* – trad. Afonso Maria Ligório Soares. São Paulo: Paulus, 2003.

VVAA - Jesus de Nazaré, profeta da liberdade e da esperança, São Leopoldo: Unisinos, 2000.

ZECKER, I. (org.) - *Adolescente também é gente!* – 2ª ed. SP: Sumus, 1985.

C. Artigos

ALEMANY, J. J. - *Dietrich BONHOEFFER: responsabilidad cristiana en un mundo adulto*. Revista Sal Terrae, septiembre 1997, tomo 85/8, numero 1004, p. 675-685.

AMARAL, L. – *Deus é pop: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular de consumo*, p. 103. In: SIEPIERSKI, P. & GIL, B. M. - *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Estudos da ABHR).

DALLA-DÉA, P. F. – *Brincando de cabra-cega: a igreja cristã e os adolescentes urbanos*. In: REB (Revista Eclesiástica Brasileira) nº. 63, fasc. 252, outubro de 2003, p. 921-929.

DALLA-DÉA, P. F. – *Igrejas e adolescentes: relatório parcial de pesquisa com adolescentes de ensino médio*. São Leopoldo: mimeo, 2003, 25 p.

DICK, H. – *O imaginário religioso do estudante da universidade do vale do rio dos sinos – UNISINOS*. CADERNOS IHU, ano 1, nº. 1, ano 2003, 47 p.

HAMMES, E. – *Cristologia e seguimento em Dietrich BONHOEFFER*. Revista Teocomunicação: Porto Alegre, v. 21, nº. 94, dez. 1991, p. 497-515.

LIRIO, S. – *No reino da alma*. In: Carta Capital, 23 de junho de 2004, ano X, nº. 296, p. 12-19.

ROSE, M. – *Homilética*. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. (Org.) - *Teologia prática no contexto da América Latina*. Aste/Sinodal, 1998, p. 143-171.

D. Internet:

ALMANAQUE TERRA – Censo das cidades. Disponível na Internet: http://educaterra.terra.com.br/almanaque/miscelanea/censo_cidades.htm, 02/07/2004.

ALVES, R. – *A escola da ponte*. Disponível na Internet: http://www.revistaeducacao.com.br/r_alves.php, 02/02/2004.

ALVES, R. - *Aprendendo das cozinheiras*. Disponível na Internet: http://www.releituras.com/rubemalves_cozinheiras_imp.asp, 03/09/2005.

CORBIC, A. - Dietrich BONHOEFFER Cristo, Señor de los no-religiosos Disponível na Internet: www.servicioskoinonia.org/relat.#292.htm, 24/04/2004.

DALLA-DÉA, P. F. – *Igrejas e adolescentes: relatório parcial de pesquisa com adolescentes urbanos de ensino médio*. Disponível na Internet: <http://www.servirtual.org/sejuvi/index.htm>, 25/04/2004.

_____ - *Igrejas e adolescentes: problemas de base*. Disponível na Internet: www.ihu.unisinos.br/areas/iii/index.php?val=downloads, 25/04/2004 .

DALLA-DÉA, P. F. – *Princípios mínimos de teologia pastoral*. Disponível na Internet: <http://servicioskoinonia.org/relat/212.htm> , 15/10/2005.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO. Disponível na Internet: <http://www.uol.com.br/aurelio>, 24/03/2003.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível na Internet: <http://houaiss.uol.com.br>, 15/03/2006.

FERNANDES, S. R. A. - *Censo 2000 - breve comentário dos dados sobre religião - CERIS (Centro de Estudos Religiosos e Investigações Sociais)*. Disponível na Internet: <http://www.ceris.org.br/textos/busca.asp?codDoc=15> , 15/10/2005.

IBGE – *Censo populacional 2000*. Disponível na Internet: www.ibge.gov.br, 02/07/2004.

IBGE – *Censo populacional 2000I: primeiros resultados*. Disponível na Internet: www.ibge.gov.br/home/estatística/população/censo2000/primeirosresultados_amostra_brasil/pdf/tabela_1_1_2.pdf), 15/10/2005.

INSTITUTO PAULO FREIRE – Disponível na Internet: <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/principal.jsp>, 15/10/2005.

LIBÂNIO, J. B. - *Panorama da teologia da américa latina nos últimos anos*. Disponível na Internet: <http://www.servicioskoinonia.org/relat/229.htm#b53>, 02/03/2004.

MARCO REFERENCIAL DA PASTORAL DE JUVENTUDE NO BRASIL – 2ª edição, 70 p. Disponível na Internet: www.cnbb.org.br/pj, 25/04/2004.

O MODELO DO CUIDADO. Disponível na Internet – <http://www.bioetica.ufrgs.br/modcuid.htm>, 14/09/2005.

LÖWY, M. – *O capitalismo como religião* – trad. de Luis Roberto Mendes Gonçalves. Jornal Folha de São Paulo, caderno FolhaMais! Disponível na Internet: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1809200508.htm>, 18/09/2005.

SOUZA, L. A. G. de – *Desafios urbanos para a igreja na atualidade*. Disponível na Internet: <http://www.ceris.org.br/textos/busca.asp?codDoc=100>, 20/10/2004).

VIEIRA, A. – *Sermão da sexagésima* – Disponível na Internet: <http://bocc.ubi.pt/pag/vieira-antonio-sermao-sexagesima.pdf>, 15/10/2005.

TOMKINS, R. - *Unilateralismo trará prejuízos para empresas americanas?* *Jornal New York Times*, 27/03/2003. Disponível na Internet: <https://www.fte.com.br/forumfte/print.php?sid=94>, 15/10/2005)